

LORENA BEGHETTO

**Aventura e Alteridade: O domínio de outros territórios na literatura de  
aventura de Emilio Salgari (1862-1911)**

CURITIBA  
2014

LORENA BEGHETTO

**Aventura e Alteridade: O domínio de outros territórios na literatura de  
aventura de Emilio Salgari (1862-1911)**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor, pelo Curso de Pós-Graduação em História, Área de História, Cultura e Sociedade, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marion Brephol de Magalhães.

CURITIBA  
2014

Catalogação na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Beghetto, Lorena

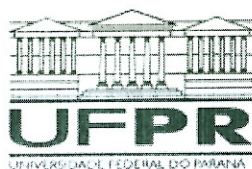
Aventura e alteridade : o domínio de outros na literatura de aventura de Emilio Salgari (1862-1911) / Lorena Beghetto – Curitiba, 2014.  
330 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marion Brephol de Magalhães

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Aventura e aventureiros - Literatura. 2. Eurocentrismo. 3. Alteridade.  
4. Salgari, Emilio, 1862-1911. I. Título.

CDD 853



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

**E-mail:** cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

### **PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

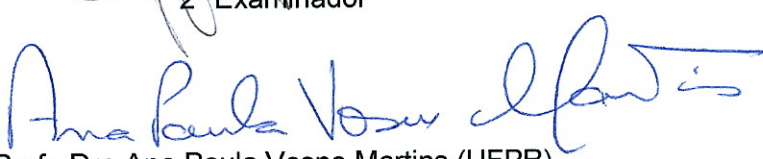
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LORENA BEGHETTO** intitulada: **Aventura e Alteridade: O domínio de outros territórios na literatura de aventura de Emilio Salgari (1862-1911)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.


Curitiba, treze de junho de dois mil e quatorze.

  
Prof. Dra Marionilde Brepohl Magalhães (Orientadora)  
Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dra Márcia Regina Capelari Naxara (UNESP)  
1º Examinador

  
Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva (UNICENTRO)  
2º Examinador

  
Prof. Dra Ana Paula Vosne Martins (UFPR)  
3º Examinador

  
Prof. Dra Renata Senna Garraffoni (UFPR)  
4º Examinador

**Ó Capitão! Meu Capitão!**

Walt Whitman

Ó Capitão! Meu Capitão! Finda é a temível jornada,  
Vencida cada tormenta, a busca foi laureada.  
O porto é ali, os sinos ouvi, exulta o povo inteiro,  
Com o olhar na quilha estanque do vaso ousado e austero.  
Mas ó coração, coração!  
O sangue mancha o navio,  
No convés, meu Capitão  
Vai caído, morto e frio.

(...)

Capitão, querido pai,  
Dormes no braço macio...  
É meu sonho que ao convés  
Vais caído, morto e frio.

Aos meus queridos pais,  
Maurílio (em memória) e Geni.

## Agradecimentos

À CAPES, pela bolsa de pesquisa, que proporcionou dedicação exclusiva a este trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Marion Brepohl de Magalhães, pela orientação, compreensão e apoio na pesquisa e em várias questões pessoais que dividiram minha atenção ao longo do doutorado.

Às Professoras Doutoras Ana Paula Vosne Martins, Miriam Adelman e Renata Senna Garraffoni, cujas discussões e contribuições foram fundamentais para o resultado desta tese.

Aos Professores Doutores Artur Freitas e Renata Senna Garraffoni por participarem da minha banca de qualificação.

Aos professores e colegas da Pós-graduação em História da UFPR, e à Maria Cristina Parzowski, sempre atenciosa para com todos.

À Corinne D'Angelo, “*La Perla di Labuan*”, pesquisadora da obra salgariana e fundadora do site [www.emiliosalgari.it](http://www.emiliosalgari.it). O seu trabalho de divulgação e pesquisa sobre a literatura salgariana, levantamento de periódicos, ilustrações e pesquisas acadêmicas sobre o autor italiano foram de suma importância para o primeiro e mais importante contato com Emilio Salgari. *Grazie tantissimo*.

Aos pesquisadores que disponibilizaram o resultado dos seus trabalhos em acesso livre na internet. Como vocês, acredito que a pesquisa só terá a crescer quando o acesso não for controlado por grandes editoras.

Ao querido Carlos Augusto Ferraro Miorim, que acreditou em mim e esteve ao meu lado nas situações mais difíceis da minha vida. Sem ele, não teria começado o doutorado. Não tenho palavras para agradecer tudo o que fez por mim, obrigada, obrigada e obrigada!

Aos queridos amigos Pérola Gonçalves de Paula Sanfelice, Ismael Gonçalves Alves e Juliana Fleig Bueno. Agradeço aos almoços, cafés, conversas, risadas, conselhos, carinho, apoio, amizade e compreensão, principalmente com o meu modo peculiar de manter os amigos...

À querida Mariana Corção, com quem dividi as minhas alegrias, tristezas, sonhos, esperanças e projetos, com quem pude conversar e aprender infinitamente sobre o amor cristão e a fé. Sou muito grata a Deus por tê-la conhecido.

Ao longo deste doutorado, a minha vida transformou-se de um modo inimaginável. Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram e torceram por mim nesse período, principalmente a Paulo Henrique Beghetto, Adriana Fernandes Beghetto, Vera Regina Correia, Manoel Pedro Correia, Fernando Beghetto, Leila Arruda e Maria Ximena Alvarez. Amo vocês.

Finalizo com as pessoas mais próximas e mais importantes da minha vida: aos meus pais: Maurílio Beghetto, gostaria muito que estivesse na defesa, e Geni Beghetto, tudo o que tenho de bom devo a eles! À minha irmã Cassiana Beghetto e à minha afilhada Maria Eduarda Beghetto Sueki, minha família de coração e alma, “Remember I love you...”; e ao Tiago Santos de Lima, meu primeiro e grande amor, agradeço o amor, a liberdade, a confiança e o apoio para as minhas decisões.

Finalizo com um agradecimento especial ao leitor, principalmente se o seu nome não foi citado acima. Boa Leitura!

## RESUMO

Nesta tese apresento uma análise sobre a relação existente entre o tempo e o espaço e a aventura, a partir de dois aspectos que se inter cruzam. O primeiro reflete sobre a utilização da palavra aventura, com valor positivo, em uma interpretação do passado europeu, que associa determinados eventos, principalmente de domínio e exploração de outros povos e territórios, à aventura. A consequência dessa interpretação é valorizar o eurocentrismo e amenizar a violência do imperialismo. O segundo aspecto analisa algumas obras da literatura de aventura escrita por Emilio Salgari, autor que também constrói outras alternativas para esse gênero literário. Escolhemos estudar como o autor representou a dominação colonial europeia na Ásia e na América em três situações distintas. Na primeira, presente no livro “*I Robinson Italiani*”, encontramos um discurso favorável à dominação de um território desocupado, transformado em uma colônia italiana. Na segunda situação, nos livros “*Il Corsaro Nero*” e “*La Regina dei Caraibi*” o autor criticou a violência da conquista espanhola através da personagem Yara, uma indígena que assistiu o massacre da sua tribo. A última situação refere-se a uma terra já conquistada pelo império britânico, no livro “*Le tigri di Mompracem*”, no qual o personagem Sandokan lutava para reconquistar o seu território, tomado pelos ingleses. Analisamos os diferentes locais onde os personagens viveram a aventura e quais os perigos que encontravam ante a natureza selvagem. Para compreender a relação entre a aventura e a alteridade, analisamos os heróis, os antagonistas e os outros da aventura – personagens secundários que interagiram com o aventureiro ao longo da narrativa – a fim de perceber se o texto de Salgari relacionava-se com o discurso racista e eurocentrista do período.

**Palavras chaves:** literatura de aventura, eurocentrismo, Emilio Salgari, alteridade



## RÉSUMÉ

Dans cette thèse, nous présentons une analyse de la relation entre le temps et l'espace et l'aventure, à partir de deux aspects se croisent. Le premier correspond à l'utilisation du mot aventure comme une valeur positive dans une interprétation du passé européen, associant certains événements, notamment la domination et l'exploitation d'autres peuples et territoires, à l'aventure. La conséquence de cette interprétation est de valoriser l'eurocentrisme et d'atténuer la violence de l'impérialisme. Le deuxième aspect analyse quelques œuvres de la littérature d'aventure écrites par Emilio Salgari, l'auteur qui construit également d'autres alternatives à ce genre littéraire. Nous avons choisi d'étudier la façon dont l'auteur a représenté la domination coloniale européenne en Asie et en Amérique dans trois situations différentes. Dans la première, présente dans le livre « I Robinson Italiani », nous avons trouvé un discours favorable à la domination d'un territoire non occupé, en le transformant dans une colonie italienne. Dans la seconde situation, dans les livres « Il Corsaro Nero » et « La Regina dei Caraibi » l'auteur a critiqué la violence de la conquête espagnole à travers le personnage de Yara, une indienne qui a assisté au massacre de sa tribu. La dernière situation se réfère à un terrain déjà conquis par l'Empire britannique, dans le livre « Le tigre di Mompracem », dans lequel le personnage Sandokan lutait pour reconquérir son territoire, pris par les Anglais. Nous analysons les différents endroits où les personnages ont vécu, l'aventure et quels dangers auxquels ils sont confrontés par rapport à nature sauvage. Pour comprendre la relation entre l'aventure et de l'altérité, nous analysons les héros, les antagonistes et les autres de l'aventure – personnages secondaires qui ont interagi avec l'aventurier au long du récit – afin de comprendre si le texte Salgari est lié au discours raciste et eurocentrique de la période.

**Mots-clés:** littérature d'aventure, l'eurocentrisme, Emilio Salgari, altérité.

# ABSTRACT

In this thesis we present an analysis on the relationship between time and space and adventure, from two aspects which intersect. The first reflects on the use of the word adventure in an interpretation of the European past, having a positive value and associating certain events, especially the domination and exploitation of other peoples and territories, to adventure. The consequence of this interpretation is to value Eurocentrism and mitigate the violence of imperialism. The second aspect analyzes some works of adventure literature written by Emilio Salgari, the author also builds other alternatives to this literary genre. We chose to study how the author represented the European colonial domination in Asia and America in three different situations. At first, this in the book "I Robinson Italiani", we found a favorable domination of an unoccupied territory, transformed into an Italian colony discourse. In the second situation, in the books "Il Corsaro Nero" and "La Regina dei Caraibi", the author criticized the violence of the Spanish conquest through the character Yara, an Indian who witnessed the massacre of his tribe. The third situation refers to a land already conquered by the British Empire in the book "Le tigri di Mompracem", in which the character Sandokan struggled to regain their territory, taken by the English. We analyze the different places where the characters lived the adventure and what dangers they faced before the wilderness. To understand the relationship between adventure and otherness, we analyze the heroes, antagonists and the other in adventure – secondary characters who interacted with the one who lives the adventure throughout the narrative – to understand if the work of Salgari was related to racist discourse and Eurocentric period.

**Keywords:** adventure literature, Eurocentrism, Emilio Salgari, otherness

## Lista de ilustrações

01. Capa da primeira edição do livro “ <i>Il Corsaro Nero</i> ”, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba, publicada em 1898 por Donath Editore .....	101
02. Capa da terceira edição do livro “ <i>Il Corsaro Nero</i> ”, ilustrada por Alberto Della Valle, publicada em 1904 por Donath Editore .....	103
03. Capa da primeira edição do livro “ <i>I Robinson Italiani</i> ”, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba, publicado em 1896 .....	145
04. Capa da terceira edição do livro “ <i>I Robinson Italiani</i> ”, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba, publicado em 1905 .....	148
05. Capa da primeira edição do livro “ <i>Le tigri de Mompracem</i> ”, publicado em 1900, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba .....	178
06. Capa do livro “ <i>Le tigri de Mompracem</i> ”, publicado em 1906, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba .....	179
07. Capa do livro “ <i>Le tigri de Mompracem</i> ”, publicado em 1911, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba .....	180
08. Preparo de carne humana em episódio canibal. Gravura em cobre. Theodore De Bry em <i>Americae</i> . Tertia pars. 3º volume de <i>Grands Voyages</i> , Frankfurt, 1592 .....	231
09. Ilustração interna da Primeira edição do livro “ <i>Il Corsaro Nero</i> ”, feita por Giuseppe Gamba, publicado em 1898 por Donath Editore .....	263
10. Ilustração interna da Primeira edição do livro “ <i>Il Corsaro Nero</i> ”, feita por Giuseppe Gamba, publicado em 1898 por Donath Editore .....	267
11. Capa de Pipein Giuseppe Gamba para a primeira edição do livro “ <i>La Regina dei Caraibi</i> ”, publicado em 1901 por Donath Editore .....	274
12. Ilustração interna de Pipein Giuseppe Gamba para a primeira edição do livro “ <i>La Regina dei Caraibi</i> ”, publicado em 1901 por Donath Editore .....	275

## Lista de abreviaturas

RI – SALGARI, Emilio. **I Robinson Italiani**. Edição de 1896. Disponível em <http://www.emiliosalgari.it/testi/testionline.htm> Consultado em 19/06/2013.

CN – SALGARI, Emilio. **O Corsário Negro**. São Paulo, Iluminuras, 2011.

RC – SALGARI, Emilio. **A Rainha dos Caraíbas**. São Paulo, Iluminuras, 2010.

TM – SALGARI, Emilio. **Os tigres de Mompracem**. São Paulo, Iluminuras, 2008.

# Sumário

<b>I. Introdução .....</b>	<b>16</b>
I.I. Definição de aventura, do local da aventura e do aventureiro .....	16
I.II. Emilio Salgari e a literatura de aventura .....	25
I.III. A aventura, a alteridade e a crítica pós-colonial .....	38
I.IV. Metodologia .....	43
I.V. Divisão dos capítulos e sinopse das obras .....	48
<b>1. Capítulo – A Europa e a aventura .....</b>	<b>51</b>
1.1. O etnocentrismo, o eurocentrismo e a alteridade .....	51
1.2. O colonialismo, o imperialismo e a dominação de outros territórios .....	69
1.3. A aventura e a Europa: questionamentos pós-coloniais .....	81
<b>2. Capítulo – Os aventureiros .....</b>	<b>87</b>
2.1. O três náufragos .....	87
2.2. Uma <i>robinsonade</i> italiana .....	102
2.3. O Corsário italiano .....	106
2.4. Wan Guld, o inimigo europeu .....	135
2.5. Justiceiros e bons cidadãos .....	143
<b>3. Capítulo – O local da aventura .....</b>	<b>151</b>
3.1. Nasceu uma colônia italiana .....	152
3.2. Piratas na América espanhola .....	164
3.3. A reação dos nativos à invasão do europeu .....	182
3.3.1. A impossibilidade dos indígenas lutarem contra o domínio espanhol na América .....	183
3.3.2. Sandokan e a Malásia inglesa .....	187
3.4. O imperialismo italiano .....	220
<b>4. Capítulo – Os outros da aventura .....</b>	<b>232</b>

4.1. Os outros homens .....	233
4.1.1. Os animais humanizados .....	233
4.1.2. Os Tagali .....	240
4.1.3. Os indígenas .....	243
4.1.4. O africano Moko .....	255
4.2. As mulheres .....	260
4.2.1. As noivas dos colonizadores .....	261
4.2.2. Yara e o impossível romance inter-racial .....	264
4.2.3. O amor entre os aventureiros e as jovens europeias .....	271
4.3. Relações raciais e de gênero na Itália colonialista .....	298
 <b>5. Considerações finais .....</b>	 <b>306</b>
 <b>6. Fontes e referências bibliográficas .....</b>	 <b>317</b>

“Eu já disse a vocês, os tigres são muito inteligentes. Sabendo que os homens possuem armas, enquanto eles são jovens, ágeis e têm o ritmo necessário para atacar os animais da floresta, os deixam em paz. Às vezes, porém, impulsionados pela fome, fazem vítimas humanas, mas preferem os homens negros e, possivelmente, as mulheres e as crianças, pois já conhecem o poder das armas de fogo dos homens brancos.”

**Senhor Emilio Albani, personagem principal do  
livro *I Robinson italiani*.**

## **I. Introdução**

Acreditamos que existe uma relação muito estreita entre o conceito de aventura e o conceito de alteridade. A ideia de aventura aproxima-se muito da ideia de viajar para lugares distantes, onde se conhece pouco sobre o lugar e as pessoas que lá habitam. O inesperado encontro com o outro desperta o estranhamento e permite que a coragem do aventureiro seja testada. Resolvemos estudar esta relação por meio de duas perspectivas. A primeira verifica esta relação em várias obras de Emilio Salgari. A segunda perspectiva aborda a relação, construída por alguns intelectuais das Ciências Humanas, entre o passado europeu e a aventura. Alguns acontecimentos históricos específicos, como as Cruzadas, as Grandes Navegações, os Descobrimentos e o Imperialismo foram adjetivados como “aventura” com bastante frequência por intelectuais das Ciências Humanas.

Esta tese interpreta a literatura de aventura como transmissora de valores políticos de domínio de povos mais potentes econômica e militarmente a rapazes em processo de transformação à idade adulta. Escolhemos pesquisar a obra de Emilio Salgari, um dos principais autores europeus desse gênero literário. Nas suas narrativas, mais precisamente nos personagens e nos cenários, encontramos representações do europeu e de membros dos povos colonizados no período que correspondeu ao Imperialismo europeu, entre o final do século XIX e início do século XX. O recorte espacial abrange as representações dos espaços coloniais.

### **I.I. Definição de aventura, do local da aventura e do aventureiro**

A palavra aventura caracteriza determinados acontecimentos ou ações humanas, considerados singulares, imprevisíveis e extraordinários, que se relacionam com o inesperado, a surpresa, a novidade e o acaso, e que por isso estão submetidos aos



designios da sorte ou do destino. Soma-se a isso o fato de aquele que realiza uma aventura arriscar a vida para o sucesso de um objetivo. Realizar uma viagem para um lugar desconhecido, sobreviver a uma tempestade em alto-mar, encontrar um tesouro ou pessoas perdidas<sup>1</sup> em lugares inóspitos, e, na atualidade, praticar esportes radicais são exemplos de situações consideradas aventura.

Essa explicação geral concorda com as definições a seguir. De acordo com o “*Longman Dictionary of Contemporary English for Advanced Learners*” (2009, 26), o substantivo “adventure” possui dois significados complementares: “1. uma experiência emocionante na qual coisas perigosas ou incomuns acontecem (...); 2. espírito ou sentido de aventura, vontade de tentar coisas novas, arriscar-se, etc (...)”<sup>2</sup>. A partir do substantivo encontramos o adjetivo “*Adventurous*”, que, em português, poderia ser traduzido como aventureiro ou aventureira, “(...) 1. não ter medo de arriscar-se ou tentar coisas novas (...). 2. bravo, desejoso de ir a novos lugares e fazer coisas perigosas ou emocionantes.”<sup>3</sup> Quem vive essas situações é o aventureiro, “(...) 1. alguém que gosta da aventura (...), 2. alguém antiquado que tenta se tornar rico ou socialmente importante usando métodos desonestos ou imorais – termo usado para mostrar desaprovação.”<sup>4</sup>

Para o “*Collins Cobuild English Dictionary*” (1992, 21-22), o substantivo “*Adventure*” significa “(...) algo que você faz ou uma situação em que você se envolve que é incomum, emocionante, e um tanto perigosa”<sup>5</sup>; o adjetivo “*Adventurous*” aplica-se

<sup>1</sup> Me refiro aqui às histórias reais de expedições realizadas para encontrar homens perdidos no continente africano. A mais conhecida delas foi realizada por Henry Morton Stanley, jornalista norte-americano que em 1871 realizou uma expedição na região da atual Tanzânia, na costa oriental da África, para encontrar o explorador britânico David Livingstone, para muitos dado como morto. Stanley, quando voltou aos Estados Unidos, em 1872 escreveu e publicou um livro sobre a expedição e o encontro com Livingstone chamado “*How I Found Livingstone: Travels, Adventures and Discoveries in Central Africa: Including an Account of Four Month's Residence with Dr. Livingstone*”. O livro tornou-se *best-seller* e Stanley ficou famoso nos Estados Unidos e na Europa. Esse tema também foi trabalhado na literatura. Como exemplo destacamos a obra “*As minas de Salomão*”, escrita por Henry Rider Haggard e publicada em 1885. Nessa história o aventureiro Allan Quarterman foi contratado para encontrar o irmão desaparecido de um aristocrata inglês que partiu para o interior da África em busca das minas do Rei Salomão.

<sup>2</sup> “1. an exciting experience in which dangerous or unusual things happen (...) 2. sense / spirit of adventure willingness to try new things, take risks.”

<sup>3</sup> “(...) 1. not afraid of taking risks or trying new things (...) 2. brave, eager to go to new places and do exciting or dangerous things.”

<sup>4</sup> “(...) 1. someone who enjoys adventure (...), 2. old-fashioned someone who tries to become rich or socially important by using dishonest or immoral methods – used to show disapproval.”

<sup>5</sup> “(...) something you do or a situation you become involved in that is unusual, exciting, and rather dangerous.”

para alguém “(...) disposto a assumir riscos e tentar novos métodos”<sup>6</sup>; e o indivíduo “*Adventurer*” é “(...) 1. uma pessoa, especialmente um homem, que tenta se tornar rico ou poderoso por meio do uso de métodos desonestos ou imorais; usado para mostrar desaprovação. (...) 2. uma pessoa que gosta de aventura.”<sup>7</sup>

Complementamos ainda essas informações, bastante similares, com o conteúdo do “*Oxford Dictionary*” (Oxford), que nos apresenta a origem da palavra “*adventure*”: “Inglês Médio: do francês antigo *aventure* (substantivo), *aventurer* (verbo), baseado na palavra do latim *adventurus* ‘prestes a acontecer’ ‘o que está por vir’, de *advenire* chegar”<sup>8</sup>

Na língua portuguesa, o Dicionário Houaiss também nos apresenta definições parecidas para o substantivo feminino “aventura”:

1 circunstância ou lance acidental, inesperado; peripécia, incidente (...); 2 empresa de desfecho incerto, que incorre em risco, em perigo (...); 3 conjunto de fatores que determinam um acontecimento ou um fim qualquer; contingência, eventualidade; 4 relacionamento amoroso passageiro; 5 façanha de cavaleiro andante ou de cavalaria. (Houaiss, 2009)

O adjetivo “Aventureiro” descreve “(...) 2 que ou quem se compraz em aventura (‘peripécia’), que a ela se expõe ou que a procura; 3 que ou quem é atraído pelo incerto, pelo perigo, e propenso a se envolver em empresas arriscadas; temerário; 4 que ou quem não tem meios de vida estáveis e vive de expedientes, golpes, ou confia tudo à sorte.” (Houaiss, 2009)

A palavra aventura usualmente designa ações inesperadas, arriscadas, perigosas, que exigem peripécia, esperteza e inteligência do aventureiro, o indivíduo que realiza a aventura. Por isso ela já designou tanto ações moralmente consideradas positivas como negativas. O exemplo de uma aventura considerada positiva foi a “descoberta”<sup>9</sup> das

<sup>6</sup> “(...) willing to take risks and to try new methods.”

<sup>7</sup> “(...) 1. a person, especially a man, who tries to become rich or powerful by using dishonest or immoral methods; used showing disapproval. (...). 2. a person who enjoys adventure.”

<sup>8</sup> “Middle English: from Old French *aventure* (noun), *aventurer* (verb), based on Latin *adventurus* ‘about to happen’, from *advenire* ‘arrive’.”

<sup>9</sup> Utilizamos a palavra descoberta no sentido irônico, pois sabemos que o Doutor Livingstone não descobriu as Cataratas. Ele foi apenas o primeiro ocidental que as mapeou, por isso acreditou possuir o direito de nomeá-las.

Cataratas Vitória, situadas na foz do Rio Zambeze, fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe. A vida tumultuada de Giacomo Casanova, famoso sedutor veneziano, foi considerada, não só pelos seus contemporâneos como por muitos da atualidade, um grande exemplo de uma aventura negativa. Seu comportamento inapropriado e as sucessivas ações imorais, arriscadas e inescrupulosas fizeram com que se tornasse praticamente um mito de conquistador. Como suas peripécias amorosas ficaram famosas, a aventura também serve para designar um homem ou uma mulher que teve ao longo da sua vida uma vasta experiência sexual, considerada imoral para a sua época.

Sylvain Venayre, nos seus estudos sobre a representação da aventura na França entre o final do século XIX e início do XX, analisou a história do discurso sobre a aventura, estudando os eventos que foram considerados como tal, bem como os homens classificados como aventureiros. A aventura, entre o final do século XVIII e início do século XIX, estava associada ao risco e o aventureiro era um personagem mais próximo de um ladrão que vivia nas fronteiras da legalidade do que um explorador. Se ele viajava, era apenas dentro da Europa<sup>10</sup>. Já no século XIX o aventureiro passou a se aproximar da figura do viajante e do conquistador, longe da Europa, das cidades e da civilização. Nesse momento, a aventura transformou-se em um valor que diferenciava um acontecimento extraordinário de um acontecimento cotidiano. A partir de então, a aventura foi utilizada para agregar valor a ações, acontecimentos, indivíduos, e até mesmo a vida de um indivíduo. O valor agregado à aventura passou a ser suficiente para justificá-la.

Só então a aventura se tornou a sede de uma série de virtudes supremas que justificam que podemos chamar do surgimento de uma “mística” da aventura. Estas virtudes são: a autorrealização, a apreensão de seu próprio destino, revelando o significado oculto do mundo. A aventura já estava sendo procurada por essas virtudes fundamentais. Ela era uma ação que não tinha mais um objetivo, mas um sentido. Ela tornou-se uma modalidade poética da existência. (Venayre, 2002b, 5)<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Um exemplo é Giacomo Casanova que teve vários casos amorosos e viajou e por vários reinos europeus durante a sua vida.

<sup>11</sup> “Alors seulement l'aventure apparut comme le siège d'un certain nombre de vertus suprêmes, qui justifient que l'on puisse parler de l'émergence d'une "mystique" de l'aventure. Ces vertus sont les suivantes : accomplissement de soi, saisie de son propre destin, dévoilement du sens caché du monde. L'aventure devait dorénavant être recherchée pour ces vertus fondamentales. Elle était une action qui n'avait plus un but, mais un sens. Elle devenait une modalité poétique de l'existence.”

Para viver uma aventura, o indivíduo deve arriscar a sua vida por algum motivo. Porém, escapar de um assalto, situação que ocorreu em uma cidade, não é considerado uma aventura. Muito menos encontrar um objeto antigo, que possui grande valor de venda, em um sótão da casa de um parente falecido. Tais fatos, relacionados ao perigo ou ao desejo de encontrar algo precioso, relacionam-se ao ambiente urbano. Uma das principais características desse ambiente é estar regido por regras de controle em pleno funcionamento. Voltando ao primeiro exemplo, no ambiente urbano, o assaltante cometeu uma infração, uma tentativa de assalto, e pode ser punido. Da mesma maneira, o familiar que encontrou o objeto desconhecido no sótão, se não mostrar para os outros parentes, pode ser acusado de ter cometido uma infração e, se descoberto, sofrer as consequências do seu ato.

A aventura acontece, na maioria das vezes, durante uma viagem ou em um local cuja maior característica é possuir algumas regras, costumes e hábitos diferentes de onde o aventureiro nasceu e passou a maior parte da sua vida. Por isso, se para a realização da aventura fosse necessário cometer alguma infração, o aventureiro teria a liberdade para satisfazer seus objetivos, não se importando com as consequências. Como exemplo, destacamos o britânico Richard Francis Burton, linguista, escritor, tradutor das “Mil e uma noites” para o inglês (na qual incluiu várias notas pessoais), explorador (dentre suas viagens, ele foi o primeiro europeu a visualizar o lago Tanganica, na África), agente secreto e oficial britânico que serviu nas colônias da Ásia e da África. Um dos seus feitos foi ser o primeiro europeu a fazer a peregrinação, disfarçado como médico muçulmano, para a cidade de Meca.

O espaço preferido da aventura é selvagem e exótico, pois nas cidades, estradas ou cercanias, os espaços já são conhecidos e mapeados. Ainda que existam situações de perigo e risco para a vida, elas não são consideradas aventura porque o espaço onde ocorre o evento singular já é conhecido por várias pessoas da mesma cultura que o aventureiro. Como consequência, as viagens de exploração, de mapeamento, ou mesmo aquelas realizadas para conhecer um lugar exótico, dominado pela natureza, podem ser consideradas uma aventura.

Normalmente uma aventura acontece em lugares onde as regras e os costumes são

diferentes. Sendo assim, na existência de medidas punitivas para contravenções, elas não conseguem atingir o aventureiro. Em alguns casos isso ocorre porque embora esteja em uma sociedade que possui regras de punição, o aventureiro não está submetido a elas por ser estrangeiro ou por pertencer a um país que exerce algum tipo de domínio sobre aquela sociedade. Em outros, há ainda o fato de o aventureiro ignorar (tanto no sentido de desprezar, como de não conhecer) quem governa ou quem controla a região e estabelece as regras de convivência e punição para as contravenções. Por isso, o aventureiro se sente livre para agir conforme os seus impulsos ou desejos.

O espaço da aventura (Venayre, 2002a, 47) deve ser desconhecido não só pelo aventureiro, mas também pela sociedade em que ele vive; além disso, ele é impreciso, pois está representado nos mapas pelos espaços em branco. Nesse espaço, muitas vezes dominado pela natureza hostil, o perigo é eminente: existem doenças exóticas, os animais são selvagens e perigosos, a sobrevivência é dificultada pelo clima inóspito. Ali, o aventureiro não pode contar com a lei nem com os órgãos de controle estatal para ajudá-lo.

Definido fundamentalmente pelo seu distanciamento da Europa e da civilização, o espaço da aventura foi, portanto, essencialmente um espaço sonhado, um espaço totalmente imaginado – e não um espaço vivido, ou seja, uma representação produzida a partir da experiência que se poderia ter tido da realidade – como o “Oriente” estudado por Edward W. Saïd, *Orientalismo*, o Oriente criado pelo Ocidente (...) (Venayre, 2001, 97) <sup>12</sup>

Esse lugar também é chamado de “zona de contato”: expressão definida por Mary Pratt para “(...) referir ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada.” (Pratt, 1999, 31)

No espaço da aventura, quando há outros seres humanos além do próprio aventureiro e do seu grupo (no caso de não estar sozinho), ele acredita que esses homens

---

<sup>12</sup> “Défini fondamentalement par son éloignement de l’Europe et de la civilisation, l’espace de l’aventure était donc d’abord un espace rêvé, un espace entièrement imaginé – et non un espace vécu, représentation produite de l’expérience qu’on aurait pu avoir de sa réalité – De même que « l’Orient » étudié par Edward W. Saïd, *L’Orientalisme*, *L’Orient créé par l’Occident*(...)”

não o compreendem, pois não falam a mesma língua nem se comportam de uma maneira similar à dele. A partir do Descobrimento da América, mas principalmente no século XIX, muitos acreditavam que o espaço da aventura:

Era na maior parte um espaço povoado de selvagens – os quais se distinguiam apenas por muito pouco, em última análise, da natureza que os rodeava. Eram os homens primitivos e perigosos, que tinham seu arquétipo na figura daquele que matou por gosto – esse gosto toma um significado singular no caso da figura particularmente repulsiva do canibal. (Venayre, 2001, 97)<sup>13</sup>

Nesse lugar, diante do perigo, alguns sentimentos se sobressaem a outros, “(...) as paixões humanas elementares: o medo, a coragem, a abnegação, o amor, o instinto de sobrevivência, a vontade de poder (...)” (Tadié, 1982, 09)<sup>14</sup>. Nas situações arriscadas e perigosas, todo o aventureiro ou toda a pessoa que se interessa por aventuras deve ter coragem, sangue frio, astúcia, força, bravura e equilíbrio para controlar suas emoções, principalmente o medo.

Por essas características, percebemos que o lugar onde acontecia a aventura não estava nem na Europa, nem nas grandes cidades já urbanizadas da América Latina ou dos Estados Unidos. Uma aventura acontecia distante da civilização ocidental, nas colônias e nas regiões inexploradas pelo homem branco.

Ao observarmos os exemplos de situações consideradas aventura, bem como o elenco de sentimentos despertados pela aventura, dentre os quais destacamos a coragem para vencer o medo, o instinto de sobrevivência e a vontade de poder, percebemos que até o início do século XX, esses valores eram atribuídos a homens. Durante o colonialismo e o imperialismo, não era muito comum as mulheres europeias viajarem para outros continentes, considerados exóticos.

Os homens europeus mapeavam continentes, catalogavam espécimes, viajavam a serviço diplomático, militar ou religioso, descobriam regiões, dominavam populações, conheciam territórios, pesquisavam possibilidades de comércio, caçavam animais

<sup>13</sup> “C’était surtout un espace peuplé de sauvages – si sauvages qu’ils ne se distinguaient que fort peu, en définitive, de la nature qui les environnait. C’étaient des hommes primitifs et dangereux, qui trouvaient leur archétype dans la figure de celui qui tuait par goût – ce goût prenant une acception singulière dans le cas de la figure particulièrement répulsive du cannibale.”

<sup>14</sup> “(...) celle des passions humaines élémentaires, la peur, le courage, la volonté de puissance, (...)”

selvagens. Deste elenco resumido de ações relacionadas à aventura, nenhuma delas poderia ser praticada por mulheres.

Sylvain Venayre (2002a, 2006) é um dos autores que aponta um dos possíveis motivos para a quase totalizante presença masculina na literatura de aventura nos seus livros “*La gloire de l’aventure. Gênese d’une mystique moderne. 1850-1940*”, e “*Rêves d’aventures. 1800-1940*”. Ao considerar a aventura como um dos mitos da modernidade, Venayre apresenta uma breve reflexão sobre a relação da aventura e os valores masculinos. Para o autor, não só a literatura, mas todo material que verse sobre aventura, difundido na comunicação de massa francesa do final do século XIX e início do XX, estabeleceu um ideal de masculinidade que valorizava o homem forte, ousado e corajoso, em suma, viril.

Ao longo do século XIX, o desejo de aventura foi considerado como algo pertencente ao universo masculino. Um aventureiro não poderia ser sensível nem possuir qualquer atributo considerado feminino por estar exposto a riscos, perigos e violência de toda ordem, tendo, muitas vezes, que enfrentar a própria morte. Nas imagens e representações do aventureiro, os traços da aventura estavam marcados não só pelo caráter masculino, mas pelos seus corpos: suas peles eram bronzeadas pelo sol e o seu corpo estava repleto de cicatrizes, o que comprovava os perigos vividos no mundo selvagem.

Como a aventura representava um ideal masculino, toda a produção de revistas, livros, cartazes e materiais sobre esse tema, transmitida nos materiais educativos e de recreação, nos textos e nas imagens do escotismo, na literatura de aventura e de viagem, era destinada aos meninos e aos jovens. Todas essas representações possuíam um modelo de narrativa: descrever as peripécias e os perigos que um adolescente, prestes a entrar na idade adulta, vivenciava em algum lugar considerado exótico para os padrões europeus do século XIX. Nessas representações, o lugar destinado às mulheres era muito restrito.

A explicação para o predomínio masculino na aventura, encontrada por Venayre, é a lógica social. As profissões que se associavam às práticas aventureiras, como as pertencentes às forças armadas ou às atividades científicas e geográficas de exploração,

eram atividades masculinas. Isso explica o fato do espírito aventureiro<sup>15</sup>, que fora alimentado durante a infância dos europeus, ser utilizado na vida adulta nas atividades coloniais de exploração, conquista, domínio e administração das terras longínquas. Ao homem caberia conquistar e dominar o estrangeiro, nesse sentido ele nunca deixaria a aventura, dando continuidade ao espírito aventureiro infantil. Por outro lado as mulheres, naquela sociedade, estavam associadas aos ideais de amor e maternidade. No lugar das fronteiras distantes das colônias imperiais, suas fronteiras eram as da intimidade. Venayre, entretanto, encontrou algumas mulheres que optaram por romper com a norma vigente.

Até a metade do século XIX, a palavra aventureira era utilizada para nominar cortesãs, prostitutas e mulheres que possuíam vários amantes. Porém, a partir do final do século XIX houve uma transformação na utilização da palavra devido à atuação das primeiras mulheres em viagens a lugares exóticos que, como os homens, começaram a vivenciar a aventura em contato com a natureza ou com povos exóticos. Percorrendo as modificações no significado da palavra aventureira, Venayre analisou a trajetória de vida de mulheres como Esther Stanhope, que entre o final do século XVIII e início do XIX teve várias aventuras amorosas com homens importantes, viajando pela Europa e pelas colônias europeias localizadas no Mediterrâneo; e Isabel Burton que, acompanhada do marido, experienciou aventuras por onde viveu.

Houve outras mulheres, como Isabella Bird ou Ida Pfeiffer, que escreveram sobre suas viagens, consideradas aventura. Suas publicações eram bem vendidas pelas editoras e, como seguiam as convenções sociais do período, chegaram a ser reconhecidas pela sociedade em que viveram como exploradoras. O autor mostra ainda a história de outras mulheres, naturalistas e cartógrafas, que foram consideradas aventureiras.

Em todo o texto Venayre relaciona a aventura e os aventureiros a valores masculinos e, ao apresentar as poucas exceções de mulheres consideradas aventureiras, ele reforça a relação da masculinidade com a aventura ao mostrar que essas mulheres não possuíam atributos femininos como graça e beleza. Com isso percebemos que a

---

<sup>15</sup> É interessante notar que essa dicotomia de gênero ainda está presente na definição de aventureiro presente no Collins Cobuild English Dictionary.



feminilidade não poderia participar do universo masculino e viril da aventura.

Nos exemplos mencionados por Venayre percebemos que as mulheres, para serem consideradas aventureiras, deveriam adequar-se aos valores morais da sua sociedade. As poucas mulheres reconhecidas como tal possuíam uma vida sentimental estável: as mulheres casadas viajavam por causa dos seus maridos e as solteiras acompanhavam os pais. Além das biografias, o exemplo literário encontrado por Venayre comprova tais afirmações. Na literatura de aventura o autor encontrou apenas Jack London, que escreveu dois romances cuja personagem principal é uma heroína: “*Fille des neiges*” e “*L’Aventureuse*”. O segundo exemplo, analisado pelo autor, narra a história de uma mulher feminina e delicada, porém não tão bonita, que sempre sonhou em viver aventuras. A heroína torna-se uma exploradora, e mesmo não desejando no princípio casa-se com um companheiro de viagens, unindo a aventura e o amor. Isso quer dizer que a personagem não precisou deixar de viajar, pois encontrou um companheiro para suas aventuras.

Com esses argumentos podemos delimitar qual é a imagem do aventureiro: um homem viril, que vive em um território não familiarizado, distante dos seus valores e de civilização. Ele faz parte de uma nação que exerce algum tipo de domínio em outro território, por isso é europeu, mesmo que hifenizado<sup>16</sup>, e está mergulhado nos valores e ideais do eurocentrismo.

## **I.II. Emilio Salgari e a literatura de aventura**

Ao longo do século XIX, os aventureiros foram retratados nas artes plásticas, na ópera, na literatura, em cartazes publicitários, nos brinquedos infantis, nas exposições e feiras universais e em vários outros bens da cultura, porém, dentre todos eles, a literatura de aventura foi o que melhor representou o aventureiro e as suas ações em outros continentes. Isso se explica porque o apogeu da literatura de aventura correspondeu ao

<sup>16</sup> Palavra utilizada por Mary Pratt para designar as pessoas, fruto da zona de contato, que possuem ascendência europeia através de um ancestral direto ou indireto, porém não muito distante. É importante frisar que o *europeu*, aqui, designa as grandes potências europeias que desde o século XVI conquistaram domínios territoriais, principalmente a França e a Inglaterra.

período do imperialismo, momento em que o poder e a riqueza dos países eram medidos conforme o número de colônias em outros continentes. A literatura de aventura, por meio da imaginação dos seus autores, retratou várias possibilidades de acontecimentos relacionados ao domínio europeu em outros territórios, narrando a exploração da população colonizada, a extração de recursos naturais e em alguns casos a revolta da população local ante o domínio violento do estrangeiro. Isto se dá porque o autor de um texto literário é uma figura imersa em um tempo histórico. Ele sofreu influências do meio em que viveu, do que escutou, leu, se preocupou, sentiu, desejou e de tudo o que experimentou ou quis ter experimentado. No seu texto encontramos não só os seus valores, suas expectativas, críticas, crenças, visões de mundo, como da sociedade e do tempo em que viveu.

Nesse sentido, como a literatura é uma obra produzida em um tempo e um espaço específico, ela pode ser uma ferramenta para se pensar a história de uma determinada sociedade ou de uma determinada cultura. Isso é possível porque a literatura reflete os costumes, as possibilidades do mundo e os acontecimentos que poderiam fazer parte da realidade, imaginados por um indivíduo de seu tempo.

Antes de analisarmos como Salgari construiu as relações entre europeus e não europeus na sua literatura, apresentamos uma breve caracterização da literatura de aventura, bem como uma rápida biografia de Emilio Salgari.

O estudo da literatura de aventura justifica-se primeiramente pela sua importância na história da cultura moderna devido ao impacto sobre o público leitor; e pela sua extrema contemporaneidade. Parques temáticos<sup>17</sup>, histórias em quadrinhos, obras literárias, filmes, séries televisivas e jogos de videogame remetem aos clássicos referenciais deste gênero: a penetração da selva, a ocupação do oeste norte-americano e as explorações de lugares desconhecidos e exóticos. Nos cinemas este imaginário

---

<sup>17</sup> Como exemplo, citamos o interessante artigo de Jeanne van Eeden sobre um parque temático chamado “O Mundo Perdido”, construído na África do Sul, e sua relação com o mito do imperialismo. Segundo a autora, os parques temáticos de entretenimento constroem um passado mítico e distorcido da realidade, baseado em um imaginário tradicional que evita questionamentos. No caso do parque estudado, a autora percebeu o reforço da imagem exótica da África, que reforçava a África como o “Continente Negro”, habitado por selvagens que viviam em tribos, nos mapas, na nomenclatura das atrações e na propaganda. (EEDEN, 2004).

movimenta fortunas e ainda leva milhares de espectadores, em todo o mundo, às salas de exibição, para assistir filmes da série “Indiana Jones”<sup>18</sup> ou “Os Piratas do Caribe”<sup>19</sup>. O interesse que a aventura desperta também é o tema para diversas exposições em alguns países da Europa.<sup>20</sup>

Essa popularidade também se transformou em uma ferramenta eficiente aos objetivos patrióticos das nações europeias do século XIX. Desde a publicação de “Robinson Crusoe”, os romances de aventura aproveitavam suas histórias para ensinar sobre a flora, a fauna, a geografia e a etnologia dos lugares não europeus. Várias obras também valorizavam a colonização europeia ao mostrar, como referências simbólicas, personagens que serviam ao exército ou à marinha e que desfrutavam de aventuras.

As bases da literatura de aventura remetem-se aos folhetins jornalísticos e aos romances de ‘capa e espada’ produzidos no século XVIII. Essa literatura estava ancorada em uma tradição literária europeia que, com a exaltação viril, cultuava heróis em romances de cavalaria, ao mesmo tempo em que convivía, “(...) na literatura picaresca, em culto paródico do anti-herói heroico, transgressor e desafiador de uma ordem que o rejeita, mas que acaba por acolhê-lo pela sua excentricidade insistente.” (Rêgo, Castelo-Branco, 2003). Com estes antecedentes, a literatura de aventura tem a sua origem propriamente dita ainda no século XVIII, com a publicação das obras “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe, e de “Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, e ganha sua máxima expressão nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, com a publicação dos romances de Robert Louis Stevenson, Mark Twain, Emílio Salgari, Jack London, entre outros.

Neste período, o romance de aventura transformou a terra e os seus espaços distantes e desconhecidos no seu tema central, protagonizado por jovens que testam seus

---

<sup>18</sup> Série de filmes dirigida por Steven Spielberg e protagonizada por Harrison Ford cujo personagem principal é um explorador de relíquias históricas e professor universitário de arqueologia, o qual participa de uma série de aventuras para proteger objetos sagrados da ganância de saqueadores e de membros dos grandes regimes totalitários contemporâneos.

<sup>19</sup> Série de filmes dirigidos por Gore Verbinski e protagonizados por Johnny Deep, inspirada em um popular parque de diversões homônimo da Disney, cujo enredo basicamente trata das aventuras de piratas lutando contra o Império Britânico pelo domínio dos mares.

<sup>20</sup> Destacam-se as exposições realizadas pela Biblioteca Nacional de Lisboa intitulada “Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal”, no ano de 2003; e “Tarzan! Ou Rousseau chez les Waziri”, realizada pelo Museu do Quai Branly, na França, em 2009.

limites para alcançar um objetivo. Na conquista por tesouros, relíquias históricas ou descobrimento de espetáculos naturais, o protagonista enfrenta uma série de obstáculos capazes de agregar ao herói a coragem e a bravura, valorizando a singularidade da meta a ser alcançada.

A maioria dessas obras apresenta a seguinte característica: a necessidade de viajar até um lugar remoto, muitas vezes impreciso geograficamente, em uma região na qual a natureza ainda não fora devidamente explorada e conhecida, percorrendo um caminho repleto de perigos, sempre com o objetivo de conquistar algum benefício, seja material ou moral. Da grande quantidade de obras publicadas destacamos: “Kim”, de Rudyard Kipling, “As minas do Rei Salomão”, de Rider Haggard, “Volta ao mundo em oitenta dias”, de Jules Verne, “As quatro penas brancas”, de Alfred E. W. Mason, “Os tigres de Mompracem”, de Emilio Salgari, etc.

Quanto ao enredo, partilhamos da análise de Franco Moretti (2003) sobre os romances de aventura cujas histórias se passaram na África. Segundo o autor, o trajeto que as personagens percorrem corresponde à linearidade do enredo, no qual não há qualquer possibilidade para que o caminho planejado seja modificado. Não importa onde o caminho se inicie, em um porto ou entreposto comercial, ao longo da costa ou coincidindo com o lugar onde iniciou a conquista europeia, o enredo só tem um sentido: o homem branco deve seguir com o auxílio de um guia, um velho mapa e ou da tecnologia ocidental, atrás da conquista de um objetivo. Os únicos obstáculos são os antagonistas: “(...) leões, calor, vegetação, elefantes, moscas, chuvas, doenças – e nativos. Todos misturados e, no fundo, todos intercambiáveis em sua função de obstáculos: todos igualmente desconhecidos e ameaçadores. Confusão (...) que expressa a mensagem final dos romances coloniais: os africanos [e todos os nativos] são animais.” (Moretti, 2003, 70). Para nós, a linearidade do enredo não se aplica apenas à literatura de aventura que se passa no continente africano, mas em todos os continentes, pois encontramos trajetos lineares em obras cuja aventura aconteceu em regiões como a América e a Ásia.

Diante dos perigos o personagem só encontra duas opções: seguir adiante ou voltar. Se o percurso for vencido, no final da viagem, além das conquistas morais e do crescimento pessoal, sempre há espólios, apresentados na forma de matérias-primas,

marfim, ouro, minas de diamantes ou outras pedras preciosas, além de muitos seres humanos prontos para serem escravizados.

O requisito fundamental de qualquer aventura é afastar-se não só da Europa Ocidental como de qualquer lugar que apresente referências à civilização. Participar de uma aventura também significa arriscar a vida e desafiar o destino em situações de risco e inusitadas. Por isto, ao contrário do mundo burguês e urbano, onde as ações cotidianas poderiam ser previsíveis e, por isto até monótonas, o distanciamento das normas sociais, ocorrido nos confins do planeta, oferecia aos personagens a plena liberdade para desfrutar de qualquer experiência em um lugar onde não há regras (Arendt, 2000, 221). Na sua análise sobre o imperialismo, Arendt percebeu a semelhança existente entre os antigos aventureiros e os homens supérfluos enviados às colônias. Porém, ao contrário dos aventureiros, eles eram homens sem caráter que, movidos pela ganância e cobiça, utilizavam violência para alcançar seus objetivos. No mundo colonial eles se sentiam livres e por isso poderiam realizar todas as suas fantasias criminosas em nome da diversão. A autora percebeu nos romances ingleses o melhor retrato desses homens, principalmente na obra “*Heart of darkness*”, de Joseph Conrad. Nela, o autor expressa muito bem como o europeu se sentia superior diante daquela gente ausente de civilização, de natureza incompreensível e de pessoas que agiam como loucas.

De um modo geral, a literatura de aventura produzida entre o final do século XIX e início do século XX descrevia as experiências individuais de europeus, ligados ao imperialismo, realizadas em regiões da África, América ou Ásia. Junto a estas narrativas existe uma descrição detalhada de lugares, pessoas, valores, comportamentos e atitudes, ora apreciadas, ora menosprezadas, as quais são ricas fontes de informações sobre o imaginário da sociedade em que foi escrita. Uma vez que estas histórias agradam o grande público, significa também que os conteúdos transmitidos correspondem aos interesses e aos posicionamentos dos seus leitores.

Devido às claras relações com o Imperialismo, os pesquisadores da cultura imperialista tenderam a associar a literatura de aventura à difusão de valores imperialistas e coloniais entre a juventude leitora de suas obras. Uma das razões para tal fato, no caso francês por exemplo, resultou da ligação dos primeiros aventureiros, inspiradores de

vários personagens dos romances de aventura, às práticas coloniais francesas. As histórias de aventura também foram amplamente utilizadas para valorizar a participação no sistema colonial, em narrativas que os personagens conquistavam o triunfo ao participar do avanço e das conquistas do império, justificando e ao mesmo tempo atraindo mais entusiastas à causa imperialista.

Entretanto, uma visão reducionista tende a constatar na literatura de aventura apenas uma visão ideológica, a qual enaltece o imperialismo e o colonialismo europeu, ao mesmo tempo em que dissemina valores preconceituosos e racistas quando se refere aos habitantes dos países não europeus, considerados selvagens, exóticos e não civilizados. Outros críticos tendem ainda a detectar nestas obras “(...) uma subcultura microburguesa escapista, alienante e massificada, apostada em reduzir os efeitos da anomia resultante do nascimento da nova sociedade industrial.” (Rêgo, Castelo-Branco, 2003, s/p). Críticas como esta se desmoronam com o conhecimento dos clássicos desse gênero, nos quais se destacam a presença de heróis oriundos dos povos colonizados ou considerados fora da lei, como Capitão Nemo ou Sandokan.

Emilio Salgari é considerado pelos críticos e analistas como um dos maiores escritores da literatura juvenil e de aventura do final do século XIX e início do século XX (Rêgo, Castelo-Branco, 2003; Venayre, 2002a, Moura, 1998). Desde o final do século XIX a sua obra fez grande sucesso na Itália e foi traduzida para várias línguas, sendo muito popular na Europa e na América Latina<sup>21</sup>. No Brasil, encontramos algumas edições na Biblioteca Nacional, as mais antigas publicadas pela editora portuguesa J. Romano Torres em 1900. Ao longo do século XX, várias editoras brasileiras publicaram os maiores sucessos de Salgari, como Editora Nacional, Abril Cultural, Círculo do Livro, Ediouro, Nova Cultural e Civilização Brasileira<sup>22</sup>. Entre seus leitores famosos encontramos pessoas de diferentes ideologias, gerações ou nacionalidades como Umberto

---

<sup>21</sup> Apenas as traduções em língua inglesa tardaram a acontecer. As primeiras obras foram traduzidas para editoras norte-americanas na década de 1950.

<sup>22</sup> Na atualidade, a partir de 2008 a editora brasileira Iluminuras começou a publicar todos os Livros das séries “Os Piratas da Malásia” e “Os Corsários das Antilhas”, traduzida a partir da publicação das obras completas de Emilio Salgari pela editora italiana Fabbri em 2001. Novas traduções também foram produzidas na França, Portugal, Espanha e na América Latina.

Eco, Sergio Leone, Giacomo Puccini, Federico Fellini, Antonio Gramsci, Norberto Bobbio, Che Guevara, Isabel Allende, Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marquez e Jorge Luis Borges, dentre tantos outros. Felice Pozzo (2000), um dos maiores estudiosos da vida e obra de Salgari, elenca vários depoimentos de intelectuais, artistas, cineastas, jornalistas e escritores, na grande maioria italianos, que foram ávidos leitores de Salgari. Vários deles, inclusive, destacaram a influência da literatura salgariana nas suas obras.

Emilio Carlo Giuseppe Maria Salgari foi um dos romancistas mais lidos na Itália e um dos autores italianos mais traduzidos para outras línguas. Ele nasceu em 21 de agosto de 1862 em Verona. Filho de um comerciante de tecidos, teve uma infância modesta. Na juventude, Salgari leu vários romances, principalmente da coleção chamada “*Biblioteca dei Viaggi*” publicada pela editora milanese Serafino Muggiani. Dessa coleção faziam parte os grandes clássicos do romance de aventura, a começar pela obra “Robinson Crusoe”, escrita por Daniel Defoe. Por meio das leituras da coleção, Salgari conheceu os personagens aventureiros presentes nas viagens marítimas, nas explorações geográficas e nas descobertas científicas e naturais, criados por Jules Verne, Gustave Aimard, Thomas Mayne-Reid, James Fenimore Cooper. A mesma coleção publicou textos sobre as descobertas geográficas e os relatos de viagens famosos, como dos italianos Marco Polo e Cristóvão Colombo, e apresentou aos leitores os relatos das recentes explorações da África e das viagens às regiões polares.

Tendo em vista sua paixão por viagens, Salgari tentou tornar-se capitão. Buscou uma vaga no Instituto Náutico de Veneza mas não obteve resultados satisfatórios. Encontrou uma vaga na Escola Técnica de Verona mas abandonou os estudos. Salgari passou a trabalhar como jornalista e escritor. Em 1883, publicou um conto no Jornal ilustrado “*La Valigia*” em Milão. Neste mesmo ano tornou-se redator no jornal “*La Nouva Arena*” em Verona. Em 1885, tornou-se redator do “*L'Arena*”. Nesses jornais, Salgari também trabalhou como crítico de ópera lírica<sup>23</sup> e teatro, e comentarista de política internacional (Gallo, s/d.).

---

<sup>23</sup> Simonetta Petruzzi Satraggi analisou relações entre os livretos de várias óperas e a obra salgariana. No livro de Salgari, “Tay-See”, depois chamado de “La Rosa del Dong”, a autora encontrou aproximações de linguagem com as óperas “Aida”, “Rigoletto” e “Lucia di Lammermoor”. (GUALERZI, 2011, p. 21).

Em 1887, publicou seu primeiro romance: “*La Favorita del Mahdi*”. Em 1892, casou-se com Ida Peruzzi, atriz amadora a qual chamava carinhosamente por Aida. Nesse mesmo ano, abandonou os trabalhos jornalísticos para dedicar-se à literatura, quando começou a escrever para a Editora Treves, de Milão. A partir de então, Salgari publicou para várias editoras, rompendo e firmando novos contratos com outras três. Em 1898, publicou um dos seus livros mais famosos, “*Il Corsaro Nero*”. Entre 1904 e 1906, fundou e dirigiu o jornal semanal “*Per Terra e per Mare*”, pelo editor Donath em Genova, momento em que Salgari mais uma vez mudou de editora, passando a escrever para Bemporad, localizada em Firenze. Nesse período, o autor já fazia grande sucesso dentro e fora da Itália.

Ao longo de sua vida, Emilio Salgari produziu uma obra extensa: mais de oitenta romances e cem contos, alguns deles publicados com pseudônimos<sup>24</sup> para driblar os contratos de exclusividade com as editoras (Colombera, 2011), além de cinquenta apócrifos lançados por seus filhos após sua morte. A sua produção literária foi marcada pela exploração de seus editores. Para sobreviver, Salgari escrevia entre três e quatro livros ao mesmo tempo e em troca recebia valores irrisórios. Exausto pelo esforço cotidiano, Salgari descreveu os seus dias de trabalho da seguinte maneira.

A profissão do escritor deveria ser cheia de satisfações morais e materiais. Eu, ao contrário, estou preso na minha mesa por muitas horas ao dia e algumas da noite, e quando descanso, estou na biblioteca para referenciar os estudos. Eu devo escrever a pleno vapor pastas e pastas, para enviar imediatamente aos editores, sem ter tido tempo para reler e corrigir. (Colombera, 2011, s/p)<sup>25</sup>

Não foi apenas o esforço diário de trabalho para cumprir as exigências de suas editoras que esgotou Salgari, vários problemas financeiros também o prejudicaram. O autor não se tornou um homem rico, principalmente se comparado aos dois maiores romancistas franceses da literatura de aventura: Jules Verne que, dentre outros bens,

<sup>24</sup> Como Guido Landucci, Guido Altieri, Antonio Quattrini Garibaldi, H. Barry, W. Churchill, Capitano Weill, Cap. J. Wilson, Massa, R. Hornill. Cap. G. Wattling, H. Aubin, R. Bonsac, Jules Lecomte, Cap. G. Vallariol, R. Cabryol, W. Hill e John Staar.

<sup>25</sup> “La professione dello scrittore dovrebbe essere piena di soddisfazioni morali e materiali. Io invece sono inchiodato al mio tavolo per molte ore al giorno e alcune della notte, e quando riposo sono in biblioteca per documentarmi. Debbo scrivere a tutto vapore cartelle su cartelle, e subito spedire agli editori, senza aver avuto il tempo di rileggere e correggere.”



adquiriu um iate, e Alexandre Dumas, que conseguiu adquirir uma ilha para si – bens extremamente caros ainda hoje. “Somente nos últimos anos de sua carreira veio a ganhar um bom dinheiro, como um funcionário do governo, ou seja, 10 mil libras por ano (tendo em conta, com aproximação, dos não quantificáveis direitos do autor para as traduções no exterior)” valor que corresponderia a 34.000 euros anuais, calculados em 2001 (Pozzo, 2006, s/p)<sup>26</sup>. Mesmo com um salário razoável, Salgari passou por dificuldades econômicas: em vida nunca recebeu pelos direitos autorais de suas obras. Perdeu os direitos autorais de suas obras na Itália e no exterior em contratos fraudulentos. Alguns desses contratos foram anulados em 1928, quando seus filhos conseguiram recuperar os direitos autorais das obras escritas pelo pai, ainda em mãos das editoras, após um extenso processo judicial promovido pelo sindicato dos autores. O processo, conhecido na Itália como “Il caso Salgari” ganhou repercussão nacional devido ao escândalo dos contratos.

Todo mundo sabia que [Salgari] tinha vendido a propriedade de suas obras literárias sem qualquer limite de tempo por uma remuneração fixa e muitas vezes com valores irrisórios. Isso também se refere aos contratos esporádicos assinados com diversas editoras. Mesmo com os contratos exclusivos assinados com Donath em Gênova e depois, em 1906, com Bemporad de Florença. Nenhum desses contratos previa que a propriedade do trabalho seria devolvida ao autor depois de um certo número de anos, como já previam os contratos feitos com muitos outros escritores. (Pozzo, 2006, s/p)<sup>27</sup>

Os valores recebidos pela venda de suas obras – que se tornaram sucesso dentro e fora da Itália – não foram suficientes para sustentar sua esposa, seus filhos e a numerosa família de sua esposa. Além disso, sofria com inúmeras obras falsas publicadas em seu nome e com as incontáveis reedições de seus livros, cujos valores resultantes da venda iam exclusivamente para as editoras.

---

<sup>26</sup> “Soltanto negli ultimi anni della sua carriera arrivò a guadagnare discretamente, diciamo come un funzionario statale, e cioè sulle 10.000 lire all'anno (tenendo conto, con approssimazione, dei non quantificabili diritti d'autore per le traduzioni all'estero).”

<sup>27</sup> “Tutti sapevano infatti che aveva venduto la proprietà letteraria delle sue opere senza limiti di tempo per compensi forfettari e spesso irrisori. Anche dopo i primi, sporadici contratti firmati con editori diversi. Anche, vale a dire, con i contratti in esclusiva stipulati con Donath di Genova e poi, nel 1906, con Bemporad di Firenze. Nessuno di quei contratti prevedeva infatti che la proprietà dei lavori tornasse all'autore dopo un certo numero di anni, come già allora prevedevano invece accordi stipulati da numerosi altri scrittori.”

“O Rei da Montanha” (Turim, Speirani 1895), por exemplo, tem a segunda edição poucos meses após a publicação, a terceira edição foi impressa em 1896, a quarta em 1897, e assim a cada ano até 1901; e em 1903 a editora publicou a nona edição e, ainda uma nova a cada ano até 1906, quando a obra foi vendida para outra editora, que continuou a temporada de sucesso: tudo debaixo do seu nariz, por assim dizer, e sem nenhuma renda para ele, a não ser algumas poucas liras recolhidas em 1895 para a assinatura do contrato. Poderia expor muitos outros exemplos similares. (Pozzo, 2006, s/p)<sup>28</sup>

Os problemas financeiros, o agravamento da doença mental da esposa e a dificuldade para pagar o seu tratamento, a pressão para escrever várias obras, e mesmo com o sucesso de público, o fato de nunca ter recebido o reconhecimento da crítica ajudaram para que o autor desenvolvesse uma grave depressão que o levou ao suicídio em 25 de abril de 1911. Dois anos antes já havia tentado o suicídio, fato esse que agravou a saúde mental de sua esposa e que a levou ao internamento em um manicômio (Pozzo, 2000, 2006). Antes de se matar, o autor deixou duas cartas, uma destinada a todos os seus editores, outra aos filhos. Na primeira, deixou claro todo o seu ressentimento por anos de exploração do seu trabalho: “A vocês que enriqueceram com a minha pele, mantendo eu e minha família em uma contínua semi-miséria, ou até mais, eu só peço uma compensação pelos ganhos que eu vos dei, pensem no meu funeral. Saúdo-vos quebrando a caneta. Emilio Salgari.” (Luzi, 2011, s/p).<sup>29</sup>

Os leitores de Emilio Salgari eram crianças e jovens adultos. Ann Lawson Lucas nos mostra o contexto literário italiano no qual Salgari se inseriu:

Na Itália do final do século XIX, a literatura infantil burguesa conscientemente contribuiu para a progressiva criação da nação e para o sentimento de nacionalidade. Isso foi caracterizado pela narrativa educacional fundamentada na realidade doméstica contemporânea, e por contos de fada e fábulas com animais (embora ambos sejam menos proeminentes que em outros países); os dois mais notáveis – e mais singulares – exemplares desses gêneros foram “*Cuore*” de De Amici (1886) e “*Le avventure di Pinocchio*” de Collodi (1883).

<sup>28</sup> “*Il Re della Montagna* (Torino, Speirani, 1895), ad esempio, ottenne la seconda edizione pochi mesi dopo la pubblicazione; la terza edizione fu stampata nel 1896, la quarta nel 1897 e così ogni anno sino al 1901; nel 1903 si pubblicò la nona edizione e poi ancora una ogni anno sino al 1906 quando l'opera fu ceduta al altro editore, che continuò la fortunata corsa: tutto ciò sotto il suo naso, per così dire, e senza alcun introito per lui oltre alle poche lire incassate nel 1895 alla firma del contratto. Si potrebbero esporre moltissimi altri esempi analoghi.”

<sup>29</sup> “A voi che vi siete arricchiti colla mia pelle, mantenendo me e la famiglia mia in una continua semi-miseria od anche di più, chiedo solo che per compenso dei guadagni che io vi ho dati pensiate ai miei funerali. Vi saluto spezzando la penna. Emilio Salgari.”

(Lucas, 2003, 81-82)<sup>30</sup>

Salgari iniciou a carreira como escritor de contos para crianças e adolescentes publicados em periódicos infantojuvenis. O autor sempre se preocupou em ensinar um pouco de história, geografia e ciências naturais sobre regiões distantes da Europa, como faziam vários autores do mesmo período. Seus romances descreviam características da fauna e da flora de regiões exóticas e selvagens, localizadas além das fronteiras europeias: no Extremo Oriente asiático, na Malásia, nas Caraíbas, nas florestas do Ceilão, no Brasil, no Oeste dos Estados Unidos, na ilha de Madagascar e na África.

Esse aspecto foi destacado por Lucas na análise da literatura de aventura salgariana como uma característica comum à literatura infantil e juvenil:

(...) na realidade, cada volume continha em abundância duas variedades de material didático. Em primeiro lugar sempre havia informações abundantes sobre história, geografia e biologia. Em segundo lugar, suas narrativas eram tipicamente dependentes de uma forte estrutura moral abrangendo personagens claramente definidos como bons e maus; não havia papéis ambíguos para encantadores vilões. A moralidade na história era muitas vezes sua própria razão de ser, (...) mercenários a fim de derrotar o mal e restaurar o bem; as buscas, a caça ao tesouro e os resgates em outros lugares são todos empreendidos por razões morais. (Lucas, 2003, 83)<sup>31</sup>

Um dos motivos que justificaram tantas mudanças de editoras era a liberdade criadora. Escrever para crianças e jovens implicava na adoção de valores e comportamentos adequados para pais, educadores e religiosos. Quando Salgari conquistou sucesso entre os leitores e uma certa independência à pressão das editoras, centralizou uma boa parte da sua produção para adultos – seu público preferido. A partir de então criou seus personagens mais famosos: Sandokan e o Corsário Negro – homens

<sup>30</sup> “In late nineteenth-century Italy, the burgeoning children's literature consciously contributed to the progressive creation of the nation and of a sense of nationhood. It was characterized by education storytelling grounded in contemporary domestic reality, and by fairy tales and animal fables (though both these less prominent than in other countries); the two most notables – and most individual – exemplars of these genres were De Amici's *Cuore* (1886) and Collodi's *Le avventure di Pinocchio* (1883).”

<sup>31</sup> “(...) for, in reality, each volume contained in abundance two varieties of didactic material. First, there was always bountiful information on historical, geographical, and biological matters. Second, his narratives were typically dependant upon a strong moral structure embracing clearly defined good characters and bad characters; there were no ambiguous roles for charming villains. The morality of the stories was often their very *raison d'être*; (...) wages wars in order to defeat evil and restore good; elsewhere, quests, treasure hunts, and rescues are all undertaken for moral reasons.”

adultos, passionais, que não mediam esforços para atingir seus objetivos. Essas histórias, repletas de “Amores, sangue, batalhas: impensável tratar-se de uma narrativa dirigida aos jovens.” (Pozzo, 2000, 14)<sup>32</sup>

Por esses motivos o autor não foi reconhecido como um bom escritor infantil e juvenil por parte do público pelos valores presentes em suas obras. Apesar do sucesso entre o público, “(...) foi definitivamente maltratado: por educadores, professores, religiosos, críticos pretensiosos, hipócritas. Como assim? Escola e Igreja condicionavam fortemente a literatura para a juventude.” (Pozzo, 2006, s/p)<sup>33</sup>. Seus heróis mais famosos eram piratas e suas obras valorizavam a vingança, a violência e as ações movidas pelas paixões românticas, valores considerados inadequados para jovens. Apesar dessa oposição, Salgari nunca abandonou a escrita para crianças publicando vários contos e romances de aventura infantis, assinados por ele ou publicados com pseudônimos. Várias crianças escreveram cartas para o jornal infantil “*Per Terra e Per Mare*”, dirigido pelo próprio Salgari, dizendo que as histórias publicadas pelo “Capitão Salgari” eram suas preferidas (Pozzo, 2000).

Em relação aos laços sociais, nas histórias de Salgari a união entre os homens não era baseada em laços religiosos e militares. Por isso pedagogos, professores e religiosos não indicavam sua leitura, considerada uma influência perigosa para meninos (Ruganti, 2011). Antonio Faeti destacou a opinião de Zannoni, um estudioso da literatura infantil, publicada em 1931, sobre a literatura salgariana: “(...) o valor absolutamente negativo em termos de educação. Os inúmeros romances de Salgari, de fato, não tem outra virtude que aquela de exaltar a imaginação, de arrastar a mente da criança em um mundo paradoxal extremamente longe da realidade, e aquele que é o pior, deixar impressões cruéis e sanguinárias.” (Faeti, 1992, 2)<sup>34</sup>

Ann Lawson Lucas (2003) nos acrescenta outros motivos para que algumas pessoas não apreciassem a obra salgariana como uma boa literatura infantil. Nas obras do

<sup>32</sup> “Amori, sangue, battaglie: nemmeno pensabile trattarsi di una narrazione rivolta ai giovani.”

<sup>33</sup> “(...) fu decisamente maltrattato: da educatori, insegnanti, religiosi, critici spocchiosi, benpensanti. Come mai? Scuola e Chiesa condizionavano fortemente la letteratura per la gioventù.”

<sup>34</sup> “(...) il su valore assolutamente negativo in fatto di educazione. I numerosissimi romanzi del Salgari infatti non hanno altra virtù che quella di esaltare la fantasia, di trascinare la mente del fanciullo in un paradossale mondo estremamente lontano dalla realtà, e quel che è peggio, lasciare impressioni crudeli e sanguinare.”

autor italiano não havia lugar para fábulas nem contos de fada. Os animais não falavam e a natureza não era mágica, características comuns em grande parte dos livros para crianças e jovens da época. Como não havia nada fantástico, as situações assustadoras estavam na natureza exuberante, nos animais perigosos, em areias movediças, nas tempestades, nas matas e nos desertos que os personagens encontravam ao longo da aventura. Lucas também destacou o fato de que Salgari não abordava relações familiares nas suas histórias. Não existem personagens infantis, mães, filhos ou famílias. Por isso Lucas considera Salgari um autor muito próximo da literatura adulta. Lucas ainda encontrou vários pontos em comum entre a obra salgariana e o *Verismo* e o *Decadentismo*, movimentos literários italianos cujo apogeu era contemporâneo a Salgari.

Ao contrário dos seus personagens, Salgari nunca viajou para além do Mar Adriático. Nas suas histórias sobre piratas, naufragos e expedições a lugares distantes, sempre havia descrições da natureza ou de algumas curiosidades dos povos que habitavam estas regiões. Porém como ele não conhecia tais lugares baseava-se em enciclopédias, na literatura de viagem e em jornais estrangeiros.

Pozzo (2000, 4) iniciou o seu livro sobre a vida e a recepção da obra salgariana, “*Emilio Salgari e dintorni*”, com a seguinte reflexão: “o que levou esse autor a se tornar um escritor de aventuras?” Havia outros gêneros literários em voga no período. Se o desejo era escrever para crianças, poderia ter optado pela fábula, por exemplo. A resposta relaciona-se ao desejo de viajar. A viagem é o início de uma aventura. Textos e informações, ficcionais ou não, sobre as expedições, as viagens de exploração, as descrições de paisagens exóticas onde aconteciam as aventuras, os combates em alto-mar, o comércio e o trabalho missionário em outras terras, todos ajudaram a formar em Salgari o desejo de viajar para lugares distantes. Somam-se a isso as leituras infantis e juvenis dos clássicos da literatura de aventura e da literatura de viagem, feitas por Salgari (Pozzo, 2000, 10-11)<sup>35</sup>. Pozzo destaca ainda a influência exercida pelos trabalhos dos geógrafos e exploradores italianos na África, e dos padres e freiras membros da Congregação das Pias Mães da África, os quais desenvolveram trabalhos missionários na região do Mahdi.

---

<sup>35</sup> Como *Il Giro del Mondo*, *La Valigia* e *L'Emporio Pittoresco*.

Para sobreviver, Salgari primeiro foi crítico e jornalista, até poder dedicar-se plenamente ao ofício de escritor. Para realizar o seu desejo de viajar e viver aventuras, Salgari criou histórias sobre aventuras incríveis em outros continentes. Mas o que faz esse autor se destacar entre tantos outros?

Ao contrário dos autores britânicos e franceses, que valorizavam as ações imperialistas em outros continentes, Emilio Salgari apresentou outra visão do imperialismo por meio dos seus personagens oriundos das colônias europeias. Aqui está a principal questão em relação à obra de Salgari. Em pleno ápice do imperialismo, o autor criou um pirata chamado Sandokan, herdeiro do trono de uma ilha conquistada pelo império britânico. Cabe então, verificar os desejos, as ações e as vozes que Salgari atribuiu aos europeus e aos não europeus, mostrando diferentes visões das ações imperialistas.

Já adiantamos que o fato de Salgari construir personagens oriundos dos povos colonizados em luta contra o domínio europeu, relaciona a obra desse autor à proposta dos estudos pós-coloniais. Como os intelectuais influenciados por essas reflexões nos mostram, a dominação imperial não foi pacífica. Houve várias formas de resistência – pacífica, armada e cultural – que culminaram com os processos de descolonização no século XX.

Não se pode pensar o “contrato imperial”, diz Said, sem que seja reservado um espaço na reflexão para as práticas históricas pelas quais foi impossível a “relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo” – o que seria o desejado pela ação e pela imaginação europeias. Como diz o próprio Said, “sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando”. (DO Ó, 2005, 114).

É interessante perceber que Salgari não apenas se interessou pela resistência colonial como a retratou em um dos seus personagens mais famosos, em pleno século XIX.

### **I.III. A aventura, a alteridade e a crítica pós-colonial**

Nas principais histórias de aventuras, temos personagens europeus que sobreviveram a perigos em outros territórios. Nesses lugares, eles entravam em contato com homens e mulheres que nasceram nas regiões conquistadas e dominadas. Esses personagens, os colonizados, ora auxiliavam, ora dificultavam as missões e os objetivos dos personagens principais, os colonizadores, e mesmo que tentassem atrapalhar, nunca conseguiram impedir a missão dos heróis europeus. Acreditamos que isso se deu porque, conforme o conhecimento ocidental da época, todos os povos que não habitavam a Europa do Leste eram considerados inferiores política, econômica, cultural e biologicamente. Na literatura de aventuras, pouquíssimos foram os casos nos quais os personagens não europeus se tornaram personagens principais – e Emilio Salgari criou um desses, um dos seus personagens mais famosos, o pirata Sandokan.

Uma das primeiras constatações que podemos fazer é perceber a presença do outro, do não europeu, na literatura de aventura. Mesmo antes do nascimento do romance moderno, ele estava presente nas crônicas, nos relatos de viagem, nas peças de teatro.<sup>36</sup> Esse outro fez parte de uma história que por muito tempo foi escrita por intelectuais do “Velho Mundo”, centralizada na experiência europeia de conquista e domínio de outros territórios, iniciada no século XVI, com o Descobrimento da América.

(...) no mundo moderno, pode-se compreender o processo de colonização como a tomada de um território, o que inclui a exploração da terra, e consequente apropriação de recursos do povo enquanto mão de obra por parte da metrópole imperialista, bem como a interferência dela nos aspectos políticos, econômicos e culturais locais. Já o imperialismo seria um sistema global de dominação – levado a efeito pelo que se chama de potências ou superpotências econômicas e/ou militares – e interferência em países em vários níveis, os quais podendo ser colônias de fato ou não da metrópole imperialista. (Dias, 2008, s/p)

Dentre as várias vertentes de estudo sobre as relações estabelecidas entre a metrópole europeia<sup>37</sup> e suas colônias, os estudos pós-coloniais formam a base teórica

<sup>36</sup> Vários textos clássicos da literatura anglo-saxã e francesa fazem referência ao colonialismo e ao imperialismo. Dentre eles destacamos a peça “A tempestade”, de William Shakespeare, o romance “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe, e o conto “Coração das trevas”, de Joseph Conrad. Essas obras foram analisadas e reinterpretadas dentro da perspectiva pós-colonial.

<sup>37</sup> Entendo metrópole europeia como os reinos e países europeus que estabeleceram colônias e impérios em outros continentes, a partir do século XVI. Os que mais se destacaram foram a Inglaterra, a Espanha e a França.

metodológica desta tese por refletirem sobre a dominação colonial e imperial e o seu legado – tanto nas colônias como nas metrópoles. A relação entre a aventura e a alteridade na literatura de Emilio Salgari, como demonstramos ao longo da tese, ora repetia, ora criticava os discursos eurocentristas, colonialistas, racistas e imperialistas, difundido na academia e na sociedade italiana e europeia. Nesse sentido, foi importante utilizar os estudos pós-coloniais como base para compreender as relações de domínio de outros povos na formação dos impérios coloniais que não se limitassem exclusivamente às questões econômicas, mas que abrangessem as relações entre a cultura humanista, as Ciências Naturais e as produções culturais metropolitanas com o imperialismo e o colonialismo. Nessa perspectiva, as reflexões pós-coloniais, no que diz respeito às questões de gênero, raça e classe presente nos discursos coloniais foram úteis para analisar a construção dos personagens da literatura salgariana.

As bases intelectuais do pós-colonialismo estão nos trabalhos de crítica literária e de antropologia, na maioria escritas por autores de origem hifenizada do império Britânico e das ex-colônias, principalmente da Índia. Os intelectuais indianos, educados nos moldes britânicos, assumiram suas identidades híbridas e começaram a questionar o domínio europeu e os valores eurocentristas. Dentre eles, destacam-se os trabalhos de Salman Rushdie e Frantz Fanon. Na base francesa estão Aimé Césaire, Albert Memmi e Patrick Chamoiseau.

Dentre todos os intelectuais que se dedicaram aos estudos pós-coloniais, destacam-se primeiramente Edward Said como a referência fundadora devido à publicação do seu livro “Orientalismo” em 1978, e posteriormente Homi K. Bhabha (2013), com uma vasta publicação teórica sobre o assunto.

O termo pós-colonial se consolidou em 1989 com a publicação da obra “*The Empire Whites Back: Theory and practice in Post-Colonial Literatures*”, escrita por Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin. Desde então, “... o termo “Estudos pós-coloniais”, geralmente aceito, é o estudo das interações entre as nações europeias e as sociedades que elas colonizaram no período moderno.” (Bonnici, 2005, s/p). Ele se aplica, historicamente, aos estudos desenvolvidos sobre as relações coloniais e imperiais,



o qual abrange o período que se inicia desde a conquista da América até as relações posteriores à descolonização, ocorridas a partir da segunda metade do século XX.

Como o pós-colonialismo analisa as formas pelas quais o controle e a dominação foram pensados, desenvolvidos e efetivados nas colônias, bem como as reações ou o silêncio estabelecido nas metrópoles em relação a suas colônias, acreditamos que ele “(...) pode significar uma posição contra o imperialismo e o eurocentrismo.” (Bonnici, 2005, s/p). No caso desta tese, cujo objetivo central é analisar a relação entre aventura e alteridade, acreditamos ser fundamental desassociar a figura do aventureiro da imagem do herói colonial, construída e reforçada pelo imaginário relacionado à aventura. Fizemos isso por meio de duas formas, a primeira mostrando a permanência da associação da palavra “aventura” aos valores do eurocentrismo, e a segunda apresentando a obra de Emilio Salgari como uma literatura de aventura que mostrou os dois lados do domínio europeu exercido sobre outros territórios e outros povos.

Ao discorrer sobre os estudos pós-coloniais realizados na França, Béatrice Collignon (2007) nos mostra um posicionamento político na obra desses intelectuais. Na proposta desses estudos existe um projeto político que questiona a existência da dominação Ocidental no resto do mundo. Essa dominação está presente principalmente nas Ciências Humanas e em outras áreas do conhecimento, nas artes e na cultura como um todo. O projeto político levado pelos intelectuais dos estudos pós-coloniais aparece nas escolhas dos temas de estudo e na análise da construção da história mundial. Para eles, é necessário questionar a escolha dos conteúdos e o enfoque que lhes são dados nas áreas das Ciências Humanas.

Nesta tese, questionamos o uso da palavra “aventura” na academia. Na leitura de várias pesquisas sobre o eurocentrismo e o imperialismo, encontramos a constante presença da palavra “aventura”. Porém, foi intrigante perceber que essa palavra era utilizada em situações que não tratavam propriamente da aventura, da literatura de aventura, nem mesmo de aventureiros, tal como foi definido anteriormente. Na grande maioria dos casos a palavra aventura foi utilizada para adjetivar vários fatos históricos. Com o auxílio da literatura pós-colonial, questionamos a produção do conhecimento sobre o eurocentrismo, o colonialismo e o imperialismo, suas relações com o adjetivo

“aventura” e as possíveis implicações desse uso nas Humanidades.

A partir dos Descobrimentos, os intelectuais europeus definiram vários critérios para explicar a diferença cultural e social que os colonizadores encontraram quando se depararam com os moradores das colônias. Por isso Collignon nos mostra que o pós-colonialismo estabeleceu

(...) uma perspectiva de ruptura radical com a leitura linear, cronológica e sequencial da história. O historicismo como esquema evolucionista sustentado pela ideia de progresso é questionado. O objetivo é criar uma relação diferente com o passado, o presente e o futuro pela instauração de uma visão mais crítica com base mais na distância espacial que na distância temporal. Daí o significado do “além” em vez de “depois” do prefixo “pós”. (Collignon, 2007, s/p)<sup>38</sup>

A produção intelectual produzida e realizada a partir da dominação territorial pelas potências europeias resultou em uma divisão de grande parte do mundo na qual faziam parte as potências imperiais e suas colônias. Poucos países ficaram de fora dessa divisão e o resultado foi “(...) uma divisão geográfica que organiza o mundo em continentes, dominados intelectualmente, economicamente e culturalmente pela Europa, um continente à parte.” (Collignon, 2007, s/p)<sup>39</sup>. Dentro dessa classificação, a Europa, bem como a sua sociedade, cultura e valores, foi considerada como o continente melhor e mais poderoso. Edward Said nos mostra que a dominação colonial, além de política e econômica, foi (e ainda é) cultural e de conhecimento, filosófica e psicológica.

Todo esse pensamento permitiu o desenvolvimento de um projeto de dominação política colonial que até hoje estabelece a Europa e seus correlatos como centros de pesquisa, conhecimento, cultura, valor e arte. O resto é classificado como periferia.

Nessa construção do mundo a Europa – e, em seguida suas extensões, América do Norte, Austrália, Nova Zelândia – está sempre no centro, organizando de

<sup>38</sup> “(...) une perspective de rupture radicale avec la lecture linéaire, chronologique et séquentielle de l'histoire. L'historicisme comme schéma évolutionniste sous-tendu par l'idée de progrès est remis en cause. Le but recherché est la création d'un autre rapport au passé, au présent et au futur par l'instauration d'un regard critique fondé davantage sur la distance spatiale que sur la distance temporelle. D'où le sens “d'au-delà” plutôt que “d'après” du préfixe “post”. Todas as traduções feitas da língua francesa para o português que aparecem ao longo da tese foram feitas pela autora.

<sup>39</sup> “(...) une partition géographique qui organise le monde en continents, dominés intellectuellement, économiquement et culturellement par l'Europe, continent à part.”

acordo com os seus interesses o resto do mundo, na maior parte como periferia. O binômio centro / periferia como uma chave de leitura do mundo, e também de ação neste mundo, aparece como uma importante ferramenta conceitual do paradigma colonial. Sair desse último implica em renunciar a esse quadro interpretativo. (Collignon, 2007, s/p)<sup>40</sup>

Diante dessa situação, apresentamos o projeto político que permeia os estudos pós-coloniais e influenciou profundamente a elaboração dessa tese: reavaliar a construção dos conteúdos nas Ciências Humanas e na Literatura, para então reescrever e até mesmo introduzir os conteúdos considerados anteriormente menos importantes. Cabe ao intelectual ser responsável por mudar e abandonar os velhos padrões de “nós” em relação aos “outros”. Abandonar as categorias simplificadoras de análise para compreender o mundo em toda a sua pluralidade. Nessa tese, isso se aplica na escolha do autor Emílio Salgari por ter apresentado uma visão diferente dos outros autores da literatura de aventura sobre os personagens que habitavam os territórios conquistados pelos europeus, e na revisão bibliográfica sobre os eventos históricos relacionados ao colonialismo e ao imperialismo classificados como “aventura”.

## **I.IV. Metodologia**

Na análise da fonte literária, a base metodológica escolhida foram os estudos sobre a leitura (Jouve, 2002), a condição de existência de um texto literário. O texto literário está diretamente ligado ao seu autor, por ser criador do seu conteúdo; e ao leitor, cuja função é imbuir vida ao conjunto de palavras que, após o processo de leitura, ganha existência e significado. A partir dessas considerações, temos formada uma tríade autor, texto e leitor, base da análise literária desenvolvida nesta tese. A partir da percepção da importância dos três juntos, o autor, o texto e o leitor, percebemos que o texto literário se transforma em discurso. Por isso, não pensamos a literatura apenas como obra de um

---

<sup>40</sup> “Dans cette construction du monde l'Europe – et par la suite ses prolongements, Amérique du Nord, Australie, Nouvelle Zélande – est toujours au centre, organisant en fonction de ses intérêts le reste du monde en autant de périphéries. Le binôme centre/périphérie comme clé de lecture du monde, et donc d'action sur ce monde, apparaît ainsi comme un outil conceptuel majeur du paradigme colonial. Sortir de ce dernier implique de renoncer aussi à ce cadre interprétatif.”

autor, nem como resultado da interpretação de um leitor, muito menos como só um texto de ficção. Os três agentes – autor, texto e leitor – relacionam-se entre si e com o contexto histórico e social em que estão inseridos.

Admitimos que a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das reações e sensibilidades dos homens em um certo momento da história. De seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. (Pesavento, 2006, 8)

O autor de um texto literário é uma figura imersa em um tempo histórico. Ele sofreu influências do meio em que viveu, do que escutou, leu, se preocupou, sentiu e de tudo o que experimentou ou quis ter experimentado. No seu texto encontramos não apenas os seus valores, expectativas, críticas, crenças e visões de mundo, mas também da sociedade e do tempo em que viveu.

O autor de uma obra literária, ao criar um ou vários personagens, expressa várias maneiras de interpretar e se colocar diante do mundo. As falas, os posicionamentos e as vontades de um personagem não correspondem necessariamente aos sentimentos e desejos do seu autor. A única certeza que podemos ter em relação aos desejos dos personagens é que eles expressam uma possibilidade de mundo correspondente ao período e à sociedade em que eles foram criados e lidos.

Essa independência entre os personagens e o seu autor é facilmente perceptível quando nos deparamos com autores que criaram vários personagens cujas personalidades são completamente diferentes entre si. Diante desta situação não é possível acreditar que um ou outro personagem representaria a vontade do autor. Como pensar que Ricardo III, Henrique V, Hamlet, Otelo, Lady Macabeth, Ofelia, Julieta e tantos outros, tão complexos e singulares em suas personalidades e caráter, refletiriam as características e os desejos de William Shakespeare?

O autor possui a singularidade de perceber as possibilidades de existência de seus personagens, formados a partir das vozes presentes na sociedade e no mundo. O resultado dessa criação, o personagem, torna-se independente e é alimentado pelos leitores que,

através dos seus sentimentos, dão vida àquela criatura. Por isso o autor não possui o controle da recepção do seu personagem entre os leitores.

Os textos literários são criados conforme o desejo do autor em expressar algo ou, de uma forma mais simples, em contar uma história. Para tanto, o autor sempre parte de suas relações com a realidade e das regras do próprio meio artístico-literário. Tais regras determinam critérios de linguagem, mercado editorial, estilo, estética e expectativas de público, entre outros.

Mesmo que pertença a uma cultura e a uma tradição específica, o texto passa a ter uma história própria e uma existência distinta da sua cultura e do seu autor. Por isso, a abrangência do texto literário pode ultrapassar, na maioria das vezes, os limites espaciais e temporais da vida do seu criador ao circular por lugares diferentes, independente do passar do tempo. Além disso, o texto pode ser interpretado de um modo diferente a cada leitura realizada. Tal dinâmica confere ao texto literário um contexto social e histórico distinto.

Qualquer obra literária é feita com o objetivo de ser lida por outras pessoas além do próprio autor. Por isso quando escreve o seu texto, imagina um leitor abstrato, direcionando seu discurso a ele.

(...) o leitor, antes de ter uma realidade histórica (individual ou coletiva), é antes de mais nada, (...) uma figura virtual: o destinatário implícito para o qual o discurso se dirige. Essa imagem do leitor definida pelo texto não só é instituída pelo gênero ao qual a obra pertence, mas também pela enunciação particular de cada obra. (Jouve, 2002, 37)

O leitor é diretamente influenciado pela história da obra a ser lida. Isso quer dizer que a partir do momento em que um autor se transforma em um gênio literário, ou uma obra passa a fazer parte do panteão dos clássicos da literatura, o leitor será influenciado por essa classificação. Tais questões demonstram como uma obra pode ser percebida de diferentes maneiras, a cada geração de leitores.

Por mais que existam mecanismos capazes de orientar a leitura, o leitor tem liberdade criativa para construir e dar forma à criação do autor. Porém, nos estudos históricos e literários, o que se deve considerar? A total liberdade do leitor ou os

mecanismos impostos pelo autor com o objetivo de controlar essa liberdade? Acreditamos ser produtivo analisar tanto os mecanismos presentes no próprio texto como, quando possível, verificar as interpretações dos leitores em relação ao texto. “Segundo essa perspectiva, o ato de ler situa-se estrategicamente no ponto de aplicação (...) onde a interpretação da obra termina na interpretação do eu.” (Chartier, 1993, 214-5)

A partir disso, consideramos que cada leitor interpreta um texto de uma forma única. Interesses particulares, a existência ou não de conhecimentos sobre o assunto abordado, bem como o motivo da leitura interferem de alguma forma na interpretação do texto. Por isto, tanto os autores como os editores das publicações estabelecem algumas formas de orientar a leitura, “(...) como é caso dos títulos antecipadores ou dos resumos recapitulativos, ou ainda das gravuras, que funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória no texto” (Chartier, s/d, 130).

Para evitar que o leitor fuja dos critérios mínimos estabelecidos na obra literária, como as características de um personagem, a idade, a aparência física ou o caráter; o autor ou o editor estabelecem critérios de validação para limitar a liberdade do leitor e evitar qualquer interpretação inadequada da obra. O autor também define normas e sequências lógicas das ações para ordenar o caminho percorrido pelo leitor, “(...) como é caso dos títulos antecipadores ou dos resumos recapitulativos, ou ainda das gravuras, que funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória no texto.” (Chartier, 1993, 214-215)

Ao ler uma narrativa, é juntando as ações esparsas em sequências lógicas que o leitor vai poder se orientar no universo narrativo. É porque os acontecimentos, num romance, são ligados por relações de complementaridade ou de consequência que o leitor dispõe de lugares de ancoragem para sua leitura. (Jouve, 2002, 71)

Os valores, sentimentos e parâmetros que influenciam a tríade autor / texto / leitor fazem parte do imaginário, que está presente nas experiências concretas da vida cotidiana. Por isso, o imaginário abrange as percepções da realidade quanto ao espaço, à temporalidade, às ações e às inspirações dos indivíduos, organizando o mundo e impelindo os agentes históricos para a ação por meio da identificação, classificação e

valorização de todas as situações que abrangem a esfera humana.

Além de identificar, o imaginário também produz pensamentos e imagens, abrangendo as esferas racionais, emocionais e intelectuais. O olhar e o contato dos indivíduos com o mundo e com a realidade é orientado e filtrado pelas lentes do imaginário. “Ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituir-se a ela, tomando o seu lugar. O mundo passa a ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos.” (Pesavento, 2006, 3). O imaginário social, portador de diversas referências simbólicas sobre a sociedade, constrói uma determinada identidade coletiva, regula os agentes sociais e as relações estabelecidas entre os homens, e entre eles e a política, informando

(...) acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. (Baczko, 1985, 311)

Acreditamos que a Cultura é um saber, uma forma estética e literária, que compõe a identidade de um indivíduo. A cultura constrói e afirma uma tradição, por isso se relaciona à política e à economia de sua época. (Said, 1995, 12)

(...) ler e escrever textos nunca são atividades neutras: acompanham-nas interesses, poderes, paixões, prazeres, seja qual for a obra estética ou de entretenimento. Mídia, economia, política, instituições de massa, – em suma, as marcas do poder temporal e a influência do Estado – fazem parte do que chamamos de literatura. (Said, 1995, 390)

A escrita não é um processo neutro, desprovido de influências. Por isso, acreditamos ser fundamental verificar como os autores, romancistas ou intelectuais, manifestaram posicionamentos políticos e ideias de superioridade e inferioridade, nos seus trabalhos.

A análise da literatura de aventura, escrita por Emilio Salgari, nos permite compreender como uma obra cujo objetivo central era o entretenimento pôde funcionar

como ferramenta de transmissão de valores e sentimentos que valorizavam a aventura e as ações de europeus em outros continentes, mas que ao mesmo tempo mostravam a contestação desse domínio pelos povos nativos. Como a literatura dialoga com os sentimentos e a emoção do leitor, por meio do interesse pela história e pelos desejos dos personagens, pode haver uma identificação do leitor com a narrativa e com os valores que ela transmite, influenciando a sua maneira de interpretar o mundo. Como exemplo, destacamos o depoimento de Fausta Cialente, jornalista e escritora italiana, que destacou a influência de Emilio Salgari na sua profissão, sobretudo na sua própria vida.

(...) mas o escritor definido por Cialente como seu primeiro “mestre” é Salgari, de quem a escritora reconhece a capacidade de ter estimulado a sua curiosidade nos confrontos com as culturas estrangeiras, promovendo o conhecimento e “a simpatia indiscriminada para todos os povos da terra, independentemente da sua religião ou da cor da sua pele”. (RAMSEY-PORTOLANO, 2012, 239)<sup>41</sup>

São os valores políticos relacionados à ideia de aventura presentes na literatura de aventura e nos textos acadêmicos que utilizam essa palavra na associação de fatos históricos, capazes de formar opiniões como esta, que estudamos ao longo dessa tese.

Finalmente apresentamos a estrutura dos capítulos. Todo o estudo partiu da preocupação de verificar a existência de relações entre a aventura e a alteridade. A partir das definições de aventura, acreditamos que a condição de existência de uma aventura é agir e interagir com o desconhecido e o estranho. Nesse sentido, a alteridade é a condição de existência da aventura.

## **I.V. Divisão dos capítulos e sinopses das obras**

Iniciamos a tese com uma análise da relação entre a aventura, a Europa e o Imperialismo. Os ideais do eurocentrismo, construídos ao longo do século XIX e ainda encontrados em trabalhos de intelectuais da atualidade reforçam relações de poder e domínio

<sup>41</sup> “(...) Però lo scrittore definito da Cialente come il suo primo “maestro” è Salgari, di cui la scrittrice riconosce la capacità di aver stimolato la sua curiosità nei confronti delle culture straniere, favorendone la conoscenza e “l’indiscriminata simpatia per tutti i popoli della terra, qualunque fosse la loro religione o il colore della loro pelle”.”



exercidos pelos países ricos ocidentais. A interpretação do passado europeu como uma aventura causa o mesmo efeito. Por isso refletimos sobre as razões da utilização da palavra “aventura” para adjetivar alguns fatos históricos.

Em relação à literatura salgariana, nos interessa analisar como os personagens escolhidos se relacionam com o local e o “outro” da aventura – nativos, animais selvagens e mulheres. A partir desse critério, escolhemos quatro obras que mostram três aspectos distintos das ações de europeus em relação à conquista e domínio de territórios.

No primeiro caso, escolhemos livro “*I Robinson Italiani*” (Salgari, 1896), obra que foi e ainda é extremamente popular por ser a versão italiana mais famosa do livro sobre Robinson Crusoe, e traduzida para vários idiomas – sendo uma das poucas obras salgarianas já traduzidas para a língua inglesa. Nesta história, os três personagens italianos sobreviveram a um naufrágio em uma pequena ilha no mar Asiático e com o passar dos dias aprenderam a sobreviver nesse ambiente selvagem.

O segundo aspecto analisado está presente nos dois primeiros livros da série “Os corsários das Antilhas”. A coleção narra, em cinco volumes, as aventuras do Corsário Negro e seus descendentes nos mares da América e da Ásia. Escolhemos analisar apenas a história do Corsário Negro, um nobre italiano, Cavaleiro Emilio de Roccanera, Senhor de Ventimiglia, presentes nos dois primeiros volumes da coleção, “*Il Corsaro Nero*” (Salgari, 1898, 2011) e “*La Regina dei Caraibi*” (Salgari, 1901, 2010). O famoso flibusteiro partiu para a América Espanhola com o objetivo de encontrar e vingar-se do homem que matou seus três irmãos. A história se passa no final do século XVII, período em que a coroa espanhola era um dos reinos mais poderosos do mundo ocidental graças às riquezas oriundas das colônias americanas. A escolha desses livros justifica-se por retratar uma visão negativa da colonização espanhola na América devido à violência da conquista e à subjugação dos nativos, presente na fala e nas ações dos personagens indígenas.

O terceiro aspecto analisado apresenta uma visão negativa do imperialismo britânico, retratado no primeiro livro da série “*Le tigri de Mompracem*” (Salgari, 1900, 2008). Na metade do século XIX, momento correspondente às ações imperialistas inglesas no sul e no sudeste asiático, o pirata Sandokan, protagonista da obra, era um nobre malaio

que se tornou pirata para reconquistar o seu trono, usurpado pelos ingleses, responsáveis pelo assassinato cruel de sua família.

Como as quatro obras apresentam questões similares, as analisamos em conjunto. Os três capítulos sobre a análise literária foram divididos em três partes: quem eram os aventureiros, como era descrito o local da aventura e quem eram os outros da aventura. O segundo capítulo, “Os aventureiros”, contém a análise dos personagens oriundos do Velho Continente.

No terceiro capítulo, “O local da aventura”, analisamos como esse espaço foi retratado nos romances analisados. Nessas obras, exploramos as três situações construídas por Salgari em relação à conquista e ocupação do território colonizado pelos europeus. Na primeira delas, narrada no livro “*I Robinson Italiani*”, Salgari construiu uma terra selvagem, dominada pela natureza, em uma ilha desabitada que foi ocupada por italianos após um naufrágio. Já nas histórias do Corsário Negro, a aventura acontece em um território já conquistado pelos europeus, a América Espanhola. Nestas histórias analisamos as ações dos personagens nas colônias espanholas, bem como a reação dos nativos à presença colonial europeia. Salgari também mostrou a face exótica da América, descrevendo em detalhes a exuberância das florestas, o perigo dos animais selvagens e da própria natureza, com areias movediças, pântanos, mosquitos e plantas venenosas.

Finalizamos o terceiro capítulo com a análise das características e aventuras do personagem Sandokan, devido a sua relação com a ilha de Mompracem, sua residência desde que se tornou pirata; e de Lorde James Guillonk, o grande antagonista desta história. Apesar do forte domínio inglês, Sandokan conseguiu estruturar uma resistência armada à dominação europeia. Nesse sentido, mostramos como o descontentamento do nativo ante o domínio europeu foi um ponto de destaque na caracterização de Sandokan, característica mais marcante do personagem entre seus leitores.

Finalizamos a tese com a análise, no quarto capítulo, dos “outros” da aventura, figurantes e coadjuvantes que conviveram com o herói no decorrer das histórias. Dentre eles, encontramos homens, mulheres e animais que, com exceção das mulheres, tiveram participação reduzida nas histórias. Como eram personagens secundários, Salgari não descreveu suas personalidades com tanto esmero nem em dar-lhes tantas falas.

# **1. Capítulo**

## **A Europa e a aventura**

A partir da segunda metade do século XIX, o conceito de aventura tornou-se um valor positivo na sociedade europeia. Neste capítulo, nós veremos que alguns intelectuais europeus e latino-americanos usaram o conceito de aventura para descrever alguns fatos relacionados à história da Europa, como as viagens dos antigos gregos, os Descobrimentos e o Imperialismo. Tais textos foram produzidos a partir da segunda metade do século XX.

Essa associação valoriza e atribui uma conotação positiva a tais fatos. Ela reforça, direta ou indiretamente, o eurocentrismo e transforma a ideia de domínio e exploração de outros territórios em um valor positivo. A partir dessa constatação, nos interessa saber como os intelectuais construíram uma relação entre o eurocentrismo e a aventura.

### **1.1. O etnocentrismo, o eurocentrismo e a alteridade**

O conceito de etnocentrismo utilizado nessa tese baseia-se na obra de Tzvetan Todorov, *“Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine”* (1992), no qual autor analisa as bases do pensamento francês, no que diz respeito à relação com o outro. Para tanto, Todorov escolheu filósofos e intelectuais que estudaram este tema, entre o século XVI e o século XX.

Para o autor, existem dois grandes modos de interpretar a diversidade humana. Ou se parte da unidade humana, na qual existem valores universais, presentes em qualquer grupo humano; ou se constata a diferença entre os grupos, diferenças essas de valores, crenças e capacidades. Nesse último caso, a diversidade humana é interpretada a partir de valores relativistas.

Dentre as variações do pensamento universalista, a mais comum é o etnocentrismo. O etnocentrismo acredita na existência de alguns valores comuns para toda a humanidade. Porém, em uma comparação com o outro, o etnocentrismo analisa esse fato a partir de valores e características oriundas da sociedade da qual pertence. Sua singularidade está em acreditar que os seus valores e as suas características sempre são melhores do que as dos outros (Todorov, 1992,21-22). Todorov encontra variações no etnocentrismo, algumas vezes o pensamento etnocentrista pode valorizar a sua cultura, a sua moral, a sua filosofia (a razão, a política), a sua economia ou mesmo as características físicas do seu povo para estabelecer critérios de valores de julgamento em relação ao outro. E mesmo que alguns intelectuais não se percebessem como tal, no seu discurso ficava clara a utilização dos seus valores para julgar o outro.

As ações, atitudes, pensamentos e práticas políticas, intelectuais e culturais, que encontram na Europa um modelo e um ideal de civilização superior a qualquer outro na humanidade, são chamadas eurocentristas. Essas ações estabelecem a história europeia como universal através de comparações qualitativas com a história dos povos não europeus.

O termo eurocentrismo abrange todos os mitos e imaginários que estabelecem a superioridade europeia, e tem como referência o contato do europeu com o outro, na conquista do Novo Continente. Nesse momento, a América foi construída como um espaço geográfico, portador de uma população singular, e de uma identidade política e cultural própria. Em oposição a essa identidade, estaria a Europa, que se construiu em relação ao outro<sup>1</sup>.

O eurocentrismo também se relaciona com a maneira que a história da Europa foi construída e interpretada. Nesse sentido, acreditamos que há um motivo para o

---

<sup>1</sup> Peter Johann Maikas encontra as bases para a formação da Europa, principalmente em relação ao outro, na Antiguidade Clássica. A partir dos textos de Heródoto, as guerras entre os gregos e os persas marcam as diferenças entre os dois povos nas quais os gregos representavam valores positivos da liberdade e da democracia, e os persas, a tirania e a servidão. Segundo o autor, o que deve ser percebido é "... o fato de que a identidade europeia foi construída diante dessa oposição ao mundo bárbaro da Ásia." A construção da identidade europeia em torno de um inimigo ameaçador, desde então, tornou-se um instrumento político que sempre esteve presente ao longo da história desse continente. Como exemplo de confrontações, o autor cita a expansão islâmica e árabe, que ameaçou a Europa cristã e medieval, desde a formação do islamismo; no século XII com as invasões mongólicas, e nos tempos Modernos com as expansões turcas. (Maikas, 2011, 59-60)

estabelecimento da cultura greco-romana, na construção do conhecimento histórico, como o berço da civilização europeia, e por consequência, centro da cultura e da história mundial. Essa questão particular nos interessa porque vários historiadores e intelectuais associaram alguns fatos históricos da Antiguidade ao conceito da aventura.

Essa interpretação da história da Europa apresenta diversas fragilidades, porém uma das maiores é menosprezar os efeitos dos contatos estabelecidos com as outras culturas e os outros povos, ao longo da história. O momento exemplar que melhor apresenta essa questão se deu no processo de conquista da América e a consequente interpretação desse fato pelos povos europeus ao longo da modernidade.

Como esse tema já foi extremamente debatido por vários intelectuais das Ciências Humanas que, desde antes do Iluminismo, já se preocupavam em legitimar o papel de liderança que alguns reinos, e posteriormente nações europeias, teriam em relação ao resto do mundo. Até o século XX, poucos foram os intelectuais que questionaram as ações colonizadoras europeias nos outros continentes. São essas questões que trataremos nesse item.

O livro de Zygmunt Bauman “Europa: uma aventura inacabada” sobre a União Europeia, inicia com o mito grego sobre o rapto da musa Europa por Zeus para pensar sobre o Velho Mundo. Nesse mito, Cadmon, irmão de Europa, tentou resgatá-la sem sucesso mas, “nessa busca pelo infinito”, ele fundou a cidade de Tebas. A partir dessa narrativa o autor constrói uma relação entre a Europa e a aventura – relação esta já destacada no subtítulo da obra.

Para ele, desde os contos míticos sobre a Europa, o continente sempre foi tratado mais como um território com a missão de se criar algo novo, do que um simples espaço a ser ocupado. As viagens, segundo o autor, também seriam tão importantes para a Europa quanto a sua missão. Com o exemplo de Ulisses (considerado por ele e pela literatura eurocentrista como uma das obras fundadoras da literatura europeia – e por consequência, da literatura mundial), o autor afirma que as viagens se destacam porque seus atores, tanto da literatura como da história, enfrentaram obstáculos em busca do desconhecido. Por isso, Bauman acredita que os viajantes partiram e ainda partem da Europa ou para

ela, sempre em busca de algo inalcançável, pois “(...) a Europa existe mediante a sua busca pelo infinito – e é isso que eu chamo de aventura.” (Bauman, 2006, 7)

Segundo Bauman, a Europa é uma entidade delimitada no espaço. Por isso a representação cartográfica do território europeu não comporta a essência europeia. Segundo o autor, a essência europeia está associada à aventura de ser, desde o princípio, uma região prometida; de possuir uma essência expansionista, alérgica a obedecer e limitar-se a qualquer fronteira; e finalmente, a aventura de desejar conhecer, a qualquer custo, o outro. Esta última relação é considerada por Bauman o ideal europeu, chamado também de “europeísmo”, marcado pela ambiguidade perpétua de, ao mesmo tempo estar interessado e atraído pelo outro, em seguida ter a intenção de separar e repelir.

Para Bauman, o passado e a própria ideia de civilização europeia permitiram criar uma imagem (com força de verdade) do que é a Europa e a essência europeia (Bauman, 2006, 10). A essência europeia seria então o conjunto de valores, crenças, experiências, expectativas e ações defendidas e realizadas pelas potências europeias dentro e fora do seu próprio continente, a partir do século XV.

No curso dos cinco últimos séculos, a mentalidade quase universal do globo se desenvolveu à sombra de padrões, valores e critérios identificados com a cultura europeia. O domínio militar e econômico da Europa era encimado por sua posição incontestável como ponto de referência para a avaliação, o louvor ou a condenação de qualquer outro modo de vida humano, passado ou presente, e como a suprema corte em que essa avaliação era proclamada com autoridade, sem direito a apelação. (Bauman, 2006, 34)

Entretanto, ao longo do texto, Bauman não afirma claramente qual Europa se refere, uma vez que a essência europeia não corresponde às fronteiras políticas e geográficas. Da mesma maneira, o autor destaca a dificuldade de delimitar quais seriam as características da identidade europeia. Lembrando o historiador Norman Davies, Bauman afirma que “(...) sempre foi difícil decidir onde começa e termina a Europa – geográfica, cultural ou etnicamente.” (Bauman, 2006, 11). E afirma:

Quando ouvimos alguém pronunciar a palavra “Europa”, não fica imediatamente claro se esta se refere a uma realidade territorial delimitada, presa ao solo, dentro das fronteiras estabelecidas e meticulosamente

desenhadas por tratados políticos e documentos jurídicos ainda não revogados, ou a uma essência livremente flutuante que não conhece divisões territoriais e que desafia todos os vínculos e limites espaciais. E é essa dificuldade, quase impossibilidade, de falar da Europa estabelecendo uma separação clara e nítida entre a questão da essência e os fatos da realidade que distingue o debate sobre a Europa da maioria das discussões a respeito de entidades dotadas de referências geográficas. (Bauman, 2006, 12)

Na continuidade, Bauman aborda dois aspectos importantes em relação à essência europeia: ao mesmo tempo em que possui um ímpeto conquistador e civilizatório, a Europa exerce uma “função globalizante” no sentido de inventar uma civilização na qual o resto do mundo tentou (e ainda tenta) ou foi obrigado a imitar. Porém, o autor lembra que qualquer elogio ao papel histórico do velho continente está associado, nas suas próprias palavras, “ao pecado do eurocentrismo”:

Trata-se, é verdade, de uma acusação séria, mas que deve ser dirigida à antiga tendência européia ao solilóquio quando o recomendado era o diálogo; a sua preferência pela autoridade do professor e sua indignação com o papel de aprendiz; aos notórios abusos da superioridade militar e econômica que assinalaram a conspícua e secular presença da Europa na história mundial; ao tratamento arrogante que a Europa reservou a outras formas de vida humana e ao seu desprezo em relação aos desejos e às vozes daqueles que a praticavam; ou às atrocidades cometidas sob o disfarce de uma missão civilizatória – mas não a uma avaliação sóbria da função da Europa como espírito fermentador e mobilizador da longa, tortuosa e amplamente inacabada unificação da humanidade planetária. (Bauman, 2006, 15-16)

Alexandre Molina (2011) concorda com Bauman ao visualizar a Europa como “uma aventura inacabada”, no sentido de nunca parar de se reinventar e redescobrir-se; no sentido de, como o mito, ser levada em busca da sua identidade e de suas capacidades criadoras e globalizadoras. Para ele, a Europa foi “(...)o centro e a estrutura do pensamento e da cultura ocidental” (Molina, 2011, 105)<sup>2</sup>, e a criação da União Europeia representa uma continuidade para a sua aventura. Molina diz:

A Europa não deve e nem pode perder seu rumo missionário, como uma forma de vida, pela capacidade de viver com os outros e de não ter fronteiras fixas. Sua essência enraíza-se no fato de não existir uma Europa e sim, ‘várias Europas’. Com desacertos terríveis e funestos, acusada de eurocentrismo e com realizações perenes e universais. A Europa continua sua trajetória e sua

<sup>2</sup> “(...) el centro y fulcro del pensamiento y de la cultura occidental”.

‘aventura’, relacionando-se com sua capacidade humana, primitiva, criadora e globalizadora. (Molina, 2011, 106)<sup>3</sup>

A associação da Europa com a aventura, construída por Bauman e Molina a partir da mitologia grega, nos chama a atenção por apresentar vários problemas. O primeiro deles relaciona-se à presença marcante do discurso eurocêntrico. Quando Bauman trata a Europa e a essência europeia como “uma entidade repleta de ímpeto civilizacional”, cuja excepcionalidade é ser uma “região prometida”, com características “expansionistas” (por isso seus viajantes em constantes partidas e chegadas) em busca do “inalcançável” e do “infinito”, percebemos claramente uma tendência a valorizar a “civilização europeia”, repetindo os tradicionais aspectos do eurocentrismo. Em nenhum momento Bauman questiona o fato da Europa ser considerada um lugar de supremacia cultural, fonte de conhecimento para o mundo. Na verdade ele (e Molina também) absorve esse pensamento como verdade ao acreditar que a Europa continua na vanguarda criadora, ao estabelecer um novo modelo de unidade e de civilização para o resto do mundo: a União Europeia.

Por mais que Bauman reconheça o eurocentrismo como um “pecado”, ele afirma, no mesmo parágrafo que, “uma avaliação sóbria” observa a “função da Europa como espírito fermentador e mobilizador da longa, tortuosa e amplamente inacabada unificação da humanidade planetária.” Molina, concordando com Bauman, deixa ainda mais clara sua tendência eurocentrista ao acreditar que a Europa é “uma forma de vida”, com “realizações perenes e universais”, portadora de um “rumo missionário”, de uma “capacidade globalizadora” e de “capacidade de viver com os outros”. Ora, essa Europa idealizada por Molina, foi “acusada” de eurocentrismo. Porém, quais seriam as “realizações universais” europeias que mostram sua “capacidade de viver com os outros”? Com certeza ele não pode estar se referindo ao colonialismo, ao imperialismo e aos regimes totalitários.

O segundo problema encontrado está no fato de Bauman estabelecer uma ligação

---

<sup>3</sup> “Europa no debe ni puede perder su rumbo misionero, como una forma de vida, por la capacidad de vivir con los otros y de no tener fronteras fijas. Sua esencia radica en que no existe una Europa sino “variadas Europas”. Con desaciertos terribles y funestos, acusada de eurocentrismo y con logros perennes y universales, Europa continúa su periplo y “aventura”, relacionándose con su capacidad humana, primigenia, creadora y globalizadora.”



entre o passado grego e a essência europeia. Quando Bauman se refere ao mito da musa Europa e cita o Ulisses como um exemplo de viajante europeu que “parte” “incansável” “em busca do infinito” e “retorna” à Europa, ele na verdade repete uma construção histórica, feita ao longo do século XIX, que estabelecia a Europa como continuidade dos gregos antigos. Isso nada mais é do que repetir “(...) a ideia de Ocidente com uma entidade autossuficiente e continua desde os primórdios da humanidade. Em outras palavras, para muitos críticos atuais, não existem fatos históricos suficientes que justifiquem uma visão da Grécia Antiga como a origem de uma suposta “civilização ocidental” (Barbosa, 2008, 9). Como nos mostra José Henrique Bortoluci, a partir de Dussel, Shohat e Stam, e de Martin Bernal, o discurso eurocêntrico construiu

(...) o mito da Grécia como lugar “onde tudo começou” (...), não encontrando uma verdadeira identidade com a realidade histórica. Porém essa proximidade deve ser apontada exatamente por este motivo: o fato de os modernos se identificarem com gregos e romanos (ou com suas instituições [...]) faz com que sejam mobilizadas formas de pensar e ideais de sociedade que pretensamente existiam na “Antiguidade Ocidental”, inclusive a dicotomia civilização/barbárie, que lhe era própria e tão impactante na filosofia, nas artes e na política. (Bortoluci, 2009. 55-56)

No caso do texto de Bauman, o problema está em construir uma relação entre o mito grego da Europa e a aventura. Esse é o terceiro ponto problemático encontrado. O conceito de aventura que Bauman associa à “infinita busca pelo infinito” se assemelha muito ao valor positivo que Sylvain Venayre encontrou na palavra aventura entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse período, segundo Venayre, a palavra aventura significava a ideia de arriscar-se em busca de algo surpreendente, excitante, singular e inovador, carregando o valor extremamente positivo e enobrecedor de orientar a existência de um indivíduo, de decidir o seu destino (Bauman, 2006, 7-8). Venayre conclui que a aventura se tornou um valor extremamente positivo a ponto de agregar em torno de si desejos e sonhos de pessoas dispostas a ter uma existência extraordinária, em locais distantes não só da Europa, como de qualquer lugar onde haja referências à civilização (Venayre, 2002a, 17).

Ora, quando Bauman, já no título de sua obra, trata a Europa como “uma aventura inacabada”, ele está utilizando o conceito de aventura como esse valor positivo, capaz de orientar a existência daquele continente. O problema aqui está tanto em considerar a Europa, um espaço geopolítico, como algo capaz de orientar a existência de um indivíduo que deseja viajar e realizar ações extraordinárias em outros territórios; como em considerar que a função e o destino da aventura europeia é orientar a existência da “unificação da humanidade planetária”.

Ao contrário desses autores, outros intelectuais não interpretam o passado da Europa, ou “a aventura europeia”, da mesma maneira. Desde o período histórico associado às descobertas geográficas, a Europa<sup>4</sup> passou a encarar o resto do mundo como um lugar cujas fronteiras não deveriam ser obedecidas, transformando o planeta na sua área de pesquisa, exploração e lazer. Sua antiga tendência impositiva sobre outros povos do mundo, no início do século passado, “como observou Paul Valéry (...), refletia o impulso da Europa em *refazer* o resto do planeta, sem culpa na consciência, de acordo com suas próprias finalidades.” (Bauman, 2006, 18). Para o espírito aventureiro europeu, o mundo também era pensado como um lugar para se praticar infinitamente a busca por tesouros materiais, científicos e culturais; além de ser o espaço mais adequado para despejar o seu excesso populacional.

Nesse processo de construção de identidade, a Europa encontrou e classificou como inferiores, primitivos ou simplesmente diferentes todos os outros povos. Por isso “El *eurocentrismo* aparece de esta forma estrechamente relacionado com el *racismo*.” (Verdú, 2010, 3)<sup>5</sup>. Nas comparações com o outro, a Europa tornou-se modelo e ideal, e a diferença entre os povos foi vista como algo natural e como prova irrefutável dos diferentes graus de evolução da humanidade. Dessa maneira, questões relativas ao poder, ao desenvolvimento tecnológico e à concentração de força bélica no processo de dominação de outros povos foram deixadas de lado, da mesma maneira que nunca foi falado sobre o posicionamento do outro.

---

<sup>4</sup> Aqui o autor não delimita de qual Europa se refere (se é a fronteira política ou geográfica, por exemplo). Por isso acreditamos que, mais uma vez, ele refere-se a Europa como o conjunto de países que possuem uma essência comum.

<sup>5</sup> “O Eurocentrismo aparece dessa forma estreitamente relacionado com o racismo.”

Dentre os autores que discutem o eurocentrismo, destacamos Josep Fontana (2005) porque detecta um dos principais elementos europeus pertinentes à pesquisa: a Europa sempre se definiu em contraste com o outro. Através de um olhar crítico direcionado ao espelho, que analisa a si mesmo em comparação ao outro, ao longo da história, o europeu sempre encontrou diferentes outros: o bárbaro, o herege, o selvagem, o primitivo ou o oriental. Nesse jogo de espelhos, até mesmo alguns europeus foram classificados: eram os pobres, os doentes, os operários, as mulheres, os imigrantes.

Ao questionar os processos de construção histórica daquele continente, Fontana observa que todos esses outros foram estudados e controlados de um modo deformado, tendo como finalidade última a justificativa de sua superioridade racial, econômica, militar, tecnológica e cultural. Em relação aos não europeus, a partir do século XVI, quando se rompeu a unidade linguística e religiosa do velho continente, a Europa passou a pensar-se em relação ao outro a partir de referências morais e intelectuais que destacam a sua superioridade em relação aos demais. Como resultado da comparação, a diferença baseada em parâmetros culturais classificou o outro como selvagem, mais próximo à natureza do que à humanidade. Por isso os habitantes dos outros continentes poderiam se tornar escravos, ser comercializados e até mortos.

Todas essas reflexões podem ser observadas no encontro e na posterior conquista da América, durante o movimento de expansionismo ocorrido entre os séculos XV e XVI. Esse foi o principal fator de ruptura do pensamento teocrático medieval, o qual permitiu uma nova maneira de ver o homem e a sociedade, mais centrada no antropocentrismo e no experimentalismo. Para Francisco Iglesias (1992), esse momento é singular. O movimento expansionista permitiu ao homem europeu ampliar os valores da sociedade medieval, pois o novo conhecimento espacial do mundo resultou em transformações econômicas, políticas e culturais. O choque do contato com o outro, o não europeu, permitiu a construção de uma nova visão de mundo mais centrada no Homem e na Natureza.

Iglesias também destaca a importância do melhor modo de nomear esse singular evento. Para o autor,

A palavra descobrimento, empregada com relação a continentes e países, é um equívoco e deve ser evitada. Só se descobre uma terra sem habitantes; se ela é ocupada por homens, não importa em que estágio cultural se encontrem, já existe e não é descoberta. Apenas se estabelece seu contato com outro povo. A expressão descobrimento implica em uma idéia imperialista, de encontro de algo não conhecido; visto por outro que proclama sua existência, incorporando-o ao seu domínio, passa a ser sua dependente. (Iglésias, 1992, 23)

Outra consequência extremamente importante resultante da conquista da América foi o choque do contato com o outro, devido às gigantescas diferenças entre o ibérico e o índio. Esse tema foi discutido por Jacob Buganza no seu artigo “La Otredad o Alteridad en el Descubrimiento de America y la Vigencia de la Utopia Lascasiana”, no qual o autor demonstra que, para ele, alteridade e *otredad* são sinônimos e servem para referir ao que não é meu nem do grupo do qual faço parte, ao o que não conheço, ao que não fala de nós mesmos. (Buganza, 2006-2007, s/p)

A alteridade inicia no momento em que o indivíduo se depara com outros indivíduos. É um julgamento para qualificar o outro: se igual, superior ou inferior ao sujeito que julga. Na conquista da América, era essencial se perguntar, no sentido filosófico, quem eram os habitantes do novo continente. Eles eram homens como os europeus, eram criaturas de Deus? No início do século XVI, Juan Ginés de Sepúlveda no seu “*Tratado de las justas causas de la guerra contra los indios*”, classificou os índios como inferiores.

Nesse pensamento, o índio, considerado inferior, deveria submeter-se ao domínio do superior, o colonizador. Para ele, a superioridade europeia estava calcada na religião católica. Como consequência, os índios eram considerados inferiores e deveriam se submeter ao domínio espanhol por terem uma religião considerada como demoníaca por realizar sacrifícios humanos. Além disso, os índios não conheciam Cristo, nem a religião católica.

Soma-se a esse pensamento a ideia de paternidade do descobrimento: ao descobrir a terra, os espanhóis desejavam garantir o seu direito sobre tudo o que havia nela. Inclui-se aí o direito de governar os povos americanos. No mesmo período, Bartolomeu de Las Casas defendeu a igualdade e a humanidade dos índios americanos quando contrariou os argumentos filosóficos de Sepúlveda. Para Las Casas, os índios eram iguais aos europeus

porque eram homens, nem melhores nem piores, mas iguais em humanidade. Entretanto, o seu posicionamento em defesa dos índios contra a brutal exploração e dominação espanhola, não alcançou resultados efetivos nas colônias<sup>6</sup>.

Iglesias, relacionando a expansão colonial do século XVI com o nascimento do capitalismo, nos lembra de que toda forma de dominação é brutal:

O expansionismo geográfico foi uma face da nascente situação capitalista, em sua forma agressiva do imperialismo. Ele se verificou por uma fatalidade da economia de mercados em crescimento, com a classe burguesa em seu *élan* inicial, atenta apenas ao lucro, com a urbanização, a agonia da estrutura feudal e o impulso dominador da colonização. Ora, todo colonialismo é selvagem, desumano. (Iglesias, 1992, 27)

Percebemos que por trás da “aventura do descobrimento”, temos um processo de conquista e dominação colonial de um povo, iniciado devido ao processo de expansão marítima em busca de riquezas. Além disso, muitos colonizadores transformaram os povos nativos em escravos. Para Iglesias, se existem semelhanças entre a “aventura americana” do século XVI, e a “aventura africana e asiática” dos séculos XVIII e XIX, elas estão na busca de riquezas e na exploração de outras regiões e de outros povos (Iglesias, 1992, 28). E o desprezo pelo outro não se limitou à exploração de suas riquezas, ele estava também na maneira como o outro era tratado em relação à forma de conhecimento.

No século XIX há interessantes colocações sobre a América entre vários expoentes do pensamento. Seria o caso de lembrar, por exemplo, Hegel, em suas *Lições sobre a filosofia da história universal*. Reconhecendo ser "o Mediterrâneo o eixo da História Universal", exclui a Ásia remota e a Europa setentrional; "o que entendemos propriamente por África é algo isolado e sem História". Mais: "a América deve afastar-se do solo em que, até hoje, se desenvolveu a história universal"; "a América não nos interessa" Sem dúvida, uma estranha forma de pretender a história universal, excluindo quase tudo. Entre os seguidores do Evolucionismo, pensamento dominante então, é comum a atitude de menosprezo relativamente não só à América, mas a quase todo o mundo, pois se trata de modo de ver que mais privilegia a Europa, em perfeito exemplo de etnocentrismo, ou melhor, de provincianismo: o provincianismo europeu. (Iglesias, 1992, 34-35)

---

<sup>6</sup> É importante destacar que Las Casas é reconhecido como um dos fundadores do direito internacional moderno devido às suas denúncias dos abusos cometidos pela Coroa Espanhola e a sua luta contra a violência e a exploração dos indígenas.

Na contramão desse pensamento, outros intelectuais interpretaram a Conquista da América como a realização de uma aventura. O primeiro que destacamos é Afonso Armas Ayala.

Quando Cristóvão Colombo escrevia em uma de suas cartas aos Reis Católicos as primeiras notícias do Novo Mundo descoberto, não estava somente se comportando como um conquistador que narra seus feitos – transformados para melhor ou pior para seu benefício pessoal – senão, além disso, estava ditando a primeira lição de americanização. Uma lição aproveitada por todos os historiadores da América que o sucederam, pelos historiadores, e pelos criadores desta história. Esta lição foi de aventura. Colombo não sabia onde havia chegado, não tinha uma ideia muito clara da conquista e – se deixa de lado os problemas meramente científicos da questão do descobrimento – mas, sim, tinha um olhar claro, uma impressão direta de algo que todos os seus sentidos estavam percebendo. (Armas Ayala, 1968-1969, 157)<sup>7</sup>

Ayala afirma que o espírito aventureiro de Colombo estaria no descobrimento de um novo espaço, com o meio ambiente e a população completamente diferente de tudo o que viu até então. Para Ayala, a América representava uma aventura para o colonizador até sua emancipação. Não importa qual era a missão dos colonizadores: a evangelização da população da América ou a exploração do novo continente, a base de todos eles era a mesma, a aventura.

O aventureiro estará impulsionado por fins espirituais ou materiais. Irá vestido de túnica, cota de malha ou armadura de metal. Não importa. Atrás do rio estava a aventura. E com a aventura, as 'Jornadas', as 'Relações'. Nelas, em prosa nada correta, mas sim muito viva e muito apaixonada, está o relato – entrelaçado de fantasias – das expedições. Em busca de ouro ou de almas, mas, no final das contas, narradoras de coisas novas, enfrentadas com a crosta áspera do solo conquistado. Onde o homem e a natureza se confundiam; ou onde a natureza absorvia o homem. E onde, assim mesmo, viviam os naturais, em cabanas, com alimentos pobres, com uns costumes bárbaros e não civilizados, sendo asilo de homens perdidos. (Armas Ayala, 1968-1969, 159)<sup>8</sup>

<sup>7</sup> “Cuando Cristóbal Colón escribía en una de sus cartas a los Reyes Católicos las primeras noticias del Nuevo Mundo descubierto, no sólo se estaba comportando como un conquistador que da cuenta de sus hechos – mejor o peor desfigurados para su beneficio personal –, sino, además, estaba dictando la primera lección de americanidad. Una lección aprovechada por todos los sucesivos historiadores de América; por los historiadores, y por los hacederos de esa historia. Esa lección fue la de la aventura. Colón no sabía a donde había llegado, no tenía idea muy clara de la conquista – y se deja a un lado los problemas meramente científicos del problema del descubrimiento –, pero sí que tenía una retina clara, una impresión directa de algo que todos sus sentidos estaban percibiendo.”

<sup>8</sup> “El aventurero estará movido por fines espirituales o materiales. Irá vestido de saya o con la cota y la malla. No importa. Detrás del río estaba la aventura. Y con la aventura, las "Jornadas", las "Relaciones".

Quando Ayala afirma que não importa a finalidade da ação dos colonizadores, uma vez que iguala tudo a “aventura” o autor abrande toda a violência cometida pelos colonizadores da América. Ainda mais, o autor aproxima o ato da conquista ao valor positivo que a aventura adquiriu a partir do século XIX.

Não é só Colombo que teve seus feitos adjetivados como aventura. Para Margarida Maria da Silva Corrêa, Bartolomeu Dias, Vespúcio, Fernão de Magalhães, entre outros argonautas dos “Descobrimentos”, vivenciaram a aventura marítima de vencer os medos medievais e romper as fronteiras em direção ao desconhecido. Nas palavras de Margarida Maria da Silva Corrêa, “Essas arrojadas aventuras oceânicas – que acabaram por estabelecer inéditos contornos do planeta, inclusive acrescentando-lhe um novo continente – também cumpriram seu papel histórico na construção do mundo moderno ao aproximarem a Europa de outras civilizações e culturas.” (Corrêa, 1997, 22-23). No caso de Corrêa, entretanto, a utilização da palavra aventura para descrever as transformações cartográficas e culturais decorrentes das Grandes Navegações não é um problema por que a autora associa um acontecimento que não está diretamente relacionado ao domínio de outros territórios a um valor positivo.

A relação do conquistador europeu com o continente latino-americano, principalmente no que tange a maneira como os conquistadores estabeleceram contato com os índios que habitavam a Meso-América, é o tema central do livro de Tzvetan Todorov, chamado “A conquista da América” (1983). O autor divide o contato que aconteceu ao longo do século XVI em três atos: Descobrir, Conquistar e Conhecer.

O ato de descobrir as novas terras coube a Cristóvão Colombo. Desde o início ele já se interessou mais na terra e nas riquezas que poderia obter através da posse e exploração do novo continente, do que na população que ali habitava. Por isso, não se interessou em estabelecer uma comunicação com os índios nem se esforçou para aprender a língua deles. O resultado desse desinteresse pelo outro foi a incompreensão, às vezes

---

En ellas, en prosa nada correcta, pero sí muy viva y muy apasionada, está el relato – entretejido de fantasías – de las expediciones. Buscadoras de oro o de almas, pero, al fin de cuentas, narradoras de cosas nuevas; enfrentadas con la rugosa costra del suelo conquistado. En donde el hombre y la naturaleza se confundían; o en donde la naturaleza absorbía al hombre. Y en donde, asimismo, vivían los naturales, en “chozas”, con pobres alimentos, con unas costumbres “bárbaras” e “incivilizadas”; siendo “asilo de hombres perdidos.”

admitida, às vezes não.

Desde os primeiros contatos, Colombo interpretou as ações dos índios baseando-se nos seus conhecimentos e crenças. Como ele não compreendia, nas relações de trocas, que os produtos possuíam valores diferentes na América e na Europa, classificou o comportamento dos indígenas como generosos. Todorov então nos mostra que a percepção de Colombo em relação aos indígenas possui dois componentes: ou ele é igual (com os mesmos valores e interesses dos europeus) ou é diferente, inferior, de preferência não humano. Esta relação se manteve em toda relação colonizador / colonizado: “Estas duas figuras básicas da experiência de alteridade baseiam-se no egocentrismo, na identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu *eu* com o universo; na convicção de que o mundo é um.” (Todorov, 1983, 41)

As dificuldades de comunicação entre os índios e os espanhóis também fizeram parte do processo de conquista do Império Asteca, feita por Hernán Cortés. Desde o princípio, a comunicação estabelecida entre Cortés e o imperador Montezuma nunca foi eficiente. A sociedade asteca baseava-se em um tempo cíclico, no qual o futuro e o passado eram os mesmos, por isto todos os acontecimentos deveriam estar previstos. A chegada e a permanência de Cortés fogem desse sistema. Por isso Montezuma tem dificuldades de agir em situações de improviso. Como exemplo, Todorov mostra que os envios de presentes feitos pelo imperador asteca aos espanhóis eram para fazê-los ir embora. E ele não entendia porque eles ficavam.

Por outro lado, Cortez, interessado em conquistar aquele império, buscou conhecer os signos dos índios para poder conquistá-los em tempos de paz. Com acesso às informações sobre aquele povo, devido a sua intérprete, ele se beneficiou de todas as informações favoráveis à conquista. Assim, utilizou vários recursos, como se associar a um deus local, para facilitar a dominação. “É definitivamente graças ao domínio dos signos dos homens que Cortez garante seu controle sobre o antigo império asteca.” (Todorov, 1983, 115).

A conquista e a dominação da América foram um processo extremamente violento e devastador, causando um genocídio no continente americano de milhões de índios. Um século depois da conquista, dos 80 milhões de habitantes, restaram apenas 10 milhões



devido aos assassinatos, aos maus tratos e à transmissão de doenças. Toda a violência da conquista foi justificada na cobiça dos colonizadores. Outra justificativa para a dominação estava na diferença entre índios e espanhóis, estabelecida pelos conquistadores:

Primeiramente, um julgamento de valor (...): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima ...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação, ou de distanciamento em relação ao outro (...): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (...); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (Todorov, 1983, 183)

O tema da conquista da América e as relações de alteridade também ocupa uma importante parte da dissertação de mestrado de Margarida Maria da Silva Corrêa (1997). Para a autora, as iniciativas dos argonautas a serviço das coroas espanhola e portuguesa, chamadas por ela de “essas arrojadas aventuras oceânicas” (Corrêa, 1997, 22) foram extremamente importantes para a formação da modernidade por modificar a cartografia planetária e por proporcionar o encontro do europeu com outros povos, completamente diferente do que ele já conhecia.

Para ela, o choque entre tão diferentes civilizações fez com que o europeu avaliasse qual seria o seu papel, suas responsabilidades e os seus direitos sobre o resto do planeta. Nesse processo de reconhecimento da própria identidade, o europeu, a partir de critérios ideológicos, considerou ser superior aos outros povos, por não reconhecer a diversidade social, cultural e étnica do outro. Assim o “Velho Mundo” passou a se considerar “o centro” do mundo, e todas as outras regiões formariam a periferia.

Esses posicionamentos foram extremamente favoráveis ao mercantilismo. A classificação estabelecida pelos europeus, que reconhecia os povos americanos como inferiores, serviu não só para justificar a dominação de um povo sobre outro, como também para transformar esse outro em escravo.

Por conseguinte, a construção da idéia da “diferença” – criada convenientemente pelos conquistadores como justificativa para subjugar aqueles povos que viviam nas florestas em contato direto com a natureza, evocando um gênero animal, e opondo portanto a animalidade à humanidade (...) – ocorreu *pari passu* à necessidade de integrá-los ao sistema mercantil por meio do domínio, revelando assim as duas faces de um mesmo processo. (Corrêa, 1997, 29)

A partir do século XVIII, a razão prevaleceu como elemento norteador do pensamento filosófico, enaltecendo o progresso como ideal, alcançável apenas através do pensamento crítico. Porém, Corrêa nos mostra como o pensamento iluminista, tão desejoso de combater os preconceitos e velhos dogmas com a emancipação da razão, não partiu dos mesmos parâmetros em relação ao continente americano. Para ela, o pensamento iluminista reforçou o lugar da Europa como centro propagador de cultura, conhecimento e progresso para o resto do mundo, considerado como local de ignorância e barbárie. Por isso, o movimento iluminista também foi eurocentrista. O exemplo escolhido por ela para marcar esse fato é a obra *Esboço de um “Quadro Histórico do Progresso do Espírito Humano”*, do Marquês de Condorcet:

Nossas esperanças na futura condição da raça humana podem ser sumariadas em três tópicos principais: a abolição da desigualdade entre as nações, o progresso da igualdade dentro de cada nação e o verdadeiro aperfeiçoamento da humanidade. Atingirão todas as nações um dia, esse grau de civilização que as mais esclarecidas, as mais livres, as menos preconceituosas, como os franceses e os anglo-americanos já alcançaram? Desaparecerá aos poucos o enorme abismo que separa esses povos do cativo das nações regidas por monarcas, da barbárie das tribos africanas, da ignorância dos selvagens? (Corrêa, 1997, 51)

A partir desse e de outros exemplos, como a obra do naturalista Buffon e a análise sobre a Filosofia da História, de Hegel; o eurocentrismo, segundo Corrêa, é apresentado como um problema de estima e de ponto de vista. As interpretações dos europeus, quando se deparavam com outras culturas e outros povos, partiam sempre de seus valores, conhecimentos, crenças e experiências. Assim, a fascinação que o outro causava decorria de uma baixa estima que o europeu possuía da sua sociedade. Por outro lado, a rejeição do outro acontecia devido a uma grande valorização da sua própria experiência, a ponto

de bloquear o surgimento de qualquer interesse positivo em relação ao latino-americano. (Corrêa, 1997, 52)

Por isso, se a Europa era a portadora dos valores referentes a conhecimento, ao progresso e a cultura, os europeus dificilmente interessar-se-iam em aprender algo com os habitantes de outros continentes. A justificativa para esse pensamento estava na inferioridade do não europeu, seja o europeu do Mediterrâneo, o francês, ou o anglo-americano.

Fundamentada numa concepção de modernidade sustentada pela ideia de que o Velho Mundo era o “centro” e o “fim” da história mundial, a soberba eurocêntrica não desqualificava somente a América, “inculta e imatura”, mas também a África vista como bárbara, bestial e no umbral da humanidade e a Ásia, cuja civilização foi reduzida ao mero papel introdutório do desenvolvimento da História Mundial. Nas primeiras décadas do século XIX eram essas as ideias que ainda circulavam pela Europa e, surpreendentemente, não se limitavam ao imaginário popular, mas eram igualmente compartilhadas por pensadores do meio erudito. (Corrêa, 1997, 62)

A partir do século XIX, durante o imperialismo europeu, o imaginário de superioridade europeia foi afirmado através de uma comparação feita com os povos não europeus, a partir de critérios definidos pelos seus intelectuais, como a existência ou não de instituições políticas, econômicas, religiosas, intelectuais e artísticas, todos usados como parâmetro para destacar sua superioridade moral e intelectual em relação aos demais povos. Com a comparação, embasada em um discurso científico, estabelecia-se em seguida uma trajetória de evolução temporal baseada no progresso intelectual e material, encabeçada pela própria Europa, seguida de outros continentes. Nesta classificação, a África ocupou a última colocação. “Quem navega em direção aos cantos mais distantes do globo – escrevia um viajante em 1800 – viaja de fato ao longo da rota do tempo. Viaja ao passado.” (Fontana, 2005, 120). Nestas circunstâncias, a classificação de indivíduos como “primitivos” foi extremamente adequada aos impérios europeus dispostos a levar o progresso aos outros povos desde que trouxessem benefícios econômicos e financeiros.

Novamente diante do espelho, Josep Fontana nos mostra que o europeu encontrou o outro e o classificou como primitivo. Diferentemente do selvagem, esse outro agora é

detentor das mesmas potencialidades dos europeus, porém são diferentes por ainda não conhecerem o progresso. Assim, o atraso legitimou a exploração do outro que, baseando-se no paradigma científico, passou a ser considerado pertencente ao estágio infantil da humanidade. Dessa maneira, os colonizadores foram substituídos pelos missionários, que ensinariam como deveria ser a história dos povos primitivos, uma vez que, como europeus, sabiam o caminho em direção ao progresso material e intelectual. Com isto, a própria história universal transformou-se em uma história da Europa.

Os europeus sempre afirmaram sua superioridade, principalmente econômica. Uma das principais afirmações estava relacionada a uma interpretação da teoria evolucionista, que encarava a luta pela sobrevivência como um mecanismo essencial do progresso, justificando os aspectos mais violentos do capitalismo. Da mesma maneira, o paradigma científico global sustentou a superioridade europeia através de uma visão linear da história natural e humana, sustentada na ideia de progresso e de conhecimento científico, que permitiu ao europeu dominar os meios técnicos de utilização de recursos energéticos e construções de máquinas.

Esta galeria de espelhos deformantes que permitiram ao europeu afirmar sua pretensa superioridade sobre o selvagem, o primitivo e o oriental é a base na qual se fundamenta a concepção de história de 'sua' civilização e 'seu' progresso e com a qual se explicam seus êxitos. Ou, melhor, com a qual se tenta explicá-los, porque evidente que algo está errado nesta interpretação das causas que deram lugar ao 'crescimento econômico moderno'. (Fontana, 2005, 148)

Toda a discussão levantada por Josep Fontana converge para o mesmo fato: a superioridade europeia foi construída ao longo dos séculos pelos seus intelectuais, políticos, pensadores, artistas, entre outros, como forma de justificar o seu poder e a sua dominação sobre outros povos.

No caso da nossa pesquisa, a construção da história da Europa como uma aventura nos abre para vários questionamentos. Se a trajetória histórica da Europa é vista como uma aventura, ela pode ser uma trajetória em busca de algo, de algum benefício para ela mesma. Se a Europa é uma aventura, os europeus em outros continentes são considerados aventureiros. Cabe agora analisarmos como os europeus realizaram suas aventuras em

outros continentes.

## **1.2. O colonialismo, o imperialismo e a dominação de outros territórios, outros povos, outras culturas**

Se existe um momento histórico que pode ser diretamente relacionado à aventura, esse período é o Imperialismo. Esse foi o momento em que as nações europeias exerceram domínio militar e econômico na maior parte do planeta. Foi esse o momento por excelência, do aventureiro. Explorador, caçador de recompensas ou de animais, viajantes em busca de espetáculos naturais, navegadores, marinheiros, piratas, todos eles foram personagens atuantes do imperialismo. Assim, se, segundo alguns autores, a Europa é uma aventura, ela também seria imperialista? Se a aventura relaciona-se a exploração de outros territórios e povos, a Europa também estaria relacionada ao domínio e a exploração de outros povos? Finalmente, se a própria história da Europa foi vista e interpretada como uma aventura, será que a construção do conhecimento histórico também pode ser considerada uma maneira de justificar a dominação e a exploração de outros povos?

O imperialismo pode ser definido como o período em que as grandes potências europeias exerceram domínio econômico, político, cultural e militar sobre grande parte do planeta, entre o final do século XIX e início do XX<sup>9</sup>. Para exercê-lo de fato, as potências utilizaram a força militar, apoiando-se em uma base teórica de conhecimento que afirmava ser a Europa o lugar em que os valores de civilização atingiram o ápice devido aos avanços tecnológicos e culturais; ao mesmo tempo em que defendia a tese sobre a inferioridade de outros povos.

---

<sup>9</sup> A definição e o recorte cronológico utilizado nessa pesquisa baseiam-se em Eric Hobsbawn. Para ele, o imperialismo inicia em 1875 e termina em 1914, justificado o início no momento de expansão ilimitada do capitalismo e o fim no consequente fortalecimento de suas contradições internas, no início da Primeira Guerra Mundial. Kalina Vanderlei Kiva e Maciel Henrique Silva, no verbete *imperialismo*, utilizam o mesmo recorte de Hobsbawn, e associam o imperialismo à expansão do capitalismo monopolista, o qual culminou na Partilha da África. Porém é importante dizer que nesse verbete, os autores afirmam que as práticas de dominação, política ou cultural, que determinadas potências exercem em outros Estados independentes, persistem até a atualidade. (Hobsbawn, 1998; SILVA, SILVA, 2009).

Entre as nações europeias, a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, a Bélgica, a Holanda e a Itália<sup>10</sup> partilharam entre si praticamente todo o território do continente africano, além de parte da Ásia e dos territórios banhados pelo Oceano Pacífico. Nesse momento “(...) o *status* de grande potência se associou, assim, à sua bandeira tremulando em alguma praia bordada de palmeiras (ou, mais provavelmente, em áreas cobertas de arbustos secos), a aquisição de colônias se tornou um símbolo de *status* em si, independente de seu valor.” (Hobsbawn, 1998, 102).

Um dos objetivos dos países imperialistas do século XIX foi buscar o permanente crescimento econômico (produtivo e comercial) na expansão além das fronteiras nacionais, tendo como consequência a divisão territorial do globo entre as maiores potências. A política movida pelo lucro foi o resultado do crescimento econômico e industrial da burguesia europeia, a qual, interessada em aumentar infinitamente seus ganhos, passou a investir recursos financeiros em outras regiões distantes de seus países de origem. Para efetivar sua empresa e não perder seus investimentos, a burguesia conseguiu todo o apoio militar e humano necessários dos seus governos, que passaram a administrar terras já habitadas por povos nativos, tornando comum o uso da violência para o sucesso de tal empreitada.

No entanto, em vez de conquistar territórios e absorver a população local, as nações imperialistas faziam questão de manter e reforçar um distanciamento, pois em hipótese alguma consideravam africanos, americanos e asiáticos como pertencentes à mesma humanidade e possuidores de direitos iguais, uma vez que estes já eram classificados como seres inferiores. Este imaginário, extremamente difundido em todos os grupos sociais e em todos os meios culturais dos países imperialistas, estava ancorado no orientalismo, nas representações literárias para consumo interno, no desejo exacerbado da expansão, na disseminação do racismo e na afirmação da superioridade europeia, tanto intelectual como biologicamente, em relação aos outros povos, principalmente os colonizados.

As referências anteriores ao imperialismo já alimentavam o imaginário europeu de

---

<sup>10</sup> Hobsbawn também acrescenta os Estados Unidos e o Japão no grupo de nações imperialistas. (Hobsbawn, 1998, 88).

superioridade em relação ao outro e da valorização espacial e territorial ao destacar a importância da pátria e do lar, o bom comportamento e os valores morais dos seus cidadãos. Com o imperialismo, a autoimagem europeia, considerada como superior, foi reforçada, ao apresentar seres humanos e terras distantes consideradas exóticas o suficiente para despertar a curiosidade dos olhos ocidentais.

O imperialismo ocupou importante papel na sociedade por oferecer à população europeia sentimentos de glória por conquistar territórios exóticos de outras raças, ajudando a criar uma identificação e um vínculo afetivo desta população com o seu Estado e a sua nação. O imaginário do imperialismo foi amplamente utilizado na educação e na literatura juvenil para transmitir uma imagem favorável à causa imperialista, além de trazer novos participantes ao jogo mundial de domínio e expansão dos “superiores” e “civilizados” sobre os “primitivos”. Um grande exemplo era a popularidade das feiras, mostras e exposições coloniais realizadas nos países europeus.

O interesse dos cidadãos europeus pelo imperialismo também era despertado por novidades como a ocupação do espaço geográfico nos confins do planeta, pelos romances de aventura, e pelos já conhecidos relatos de viagens. Não só a literatura, mas também os depoimentos dos viajantes e dos participantes ativos do sistema imperial transmitiram histórias de pessoas interessadas em conhecer regiões, consideradas pelos europeus, “em branco” ou “vazias nos mapas”.

Hannah Arendt, nas pesquisas sobre os regimes totalitários, publicadas no livro “As Origens do totalitarismo” (2000), desenvolveu um capítulo sobre a expansão do poder europeu durante o Imperialismo. Para ela, as narrativas literárias tiveram um importante papel na atribuição de sentido para a expansão e a dominação de outros povos. Como exemplo, demarcou o império Britânico, que utilizou um passado lendário para justificar as ações imperialistas e o racismo. Este seria capaz de orientar as atitudes, pois

As explicações lendárias da história sempre serviram como tardias correções de fatos e eventos reais, necessárias precisamente porque a própria história iria responsabilizar o homem por fatos que ele não havia cometido e por consequências que não tinha previsto. (...) Apenas através das narrativas francamente inventadas, o homem consentia em assumir a responsabilidade

pelos acontecimentos e em considerar os eventos passados como o *seu* passado. As lendas davam-lhe o domínio sobre o que não fora obra sua, e a capacidade de lidar com o que não podia desfazer. (Arendt, 2000, 279)

O senso de superioridade étnica e cultural dos europeus propagou-se como um sentimento coletivo. Para explicar a força deste sentimento, Arendt recorreu à análise de alguns romances europeus de aventura, encontrando neles o passado lendário que atribuiu significado para as ações racistas e imperialistas. Nesta, a autora acreditava que os romances, por não tratarem de verdades absolutas e universais, mas sim da vida do “homem da multidão”, que não foi herói nem participou da vida pública, eram os responsáveis pelas manifestações grandiosas das ideias e dos valores imperialistas. Nestes romances, o acaso se transformou no principal “árbitro final da vida”, ou seja, “num mundo sem ação”, o drama não teria mais significado, já que o romance passou a retratar o destino do homem que ora era atingido pela sorte, ora agia de acordo com as suas necessidades. Como o homem da sociedade industrial passou a aceitar a ideia de destino e sorte ou azar, encontrou nos romances de aventura as narrativas que refletiam esses sentimentos, identificando-se com eles. (De Decca, 1995, 37)

Arendt utilizou na sua discussão alguns romances de aventura escritos por Joseph Conrad e Rudyard Kipling, gênero literário em evidência no século XIX, na Europa. Estas narrativas logo despertaram o interesse dos leitores que, cansados da sua rotina e do seu cotidiano, passaram a interessar-se por histórias cheias de emoção e aventura vividas em lugares “exóticos” como a África e a Ásia. Os protagonistas destas histórias, repletos da superioridade branca europeia diante de povos considerados racialmente inferiores e repugnantes, sentiam-se livres para conseguir os seus objetivos, não importando se para tanto cometessem crimes e utilizassem a violência.

Outros leitores, bem como cidadãos das nações imperiais ainda estavam dispostos a trabalhar pelo império, para enriquecer e alcançar um meio de promoção social ou, em nome de iniciativas humanistas de controle, para levar a civilização aos povos atrasados. Entretanto, a maioria dos europeus envolvidos direta ou indiretamente no imperialismo, dificilmente percebia suas ações como imperialistas, racistas, dominadoras e violentas.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> As primeiras críticas ao colonialismo começaram a ser produzidas entre o final do século XIX e início do século XX. Eram sátiras, reportagens e obras literárias que não tiveram grande impacto na sociedade



O imperialismo construiu em torno de si um imaginário de glória pela conquista de outros territórios, de grandeza nacional pela expansão do território nacional, e de superioridade em relação aos outros povos. Uma das bases desse imaginário era a aventura. A aventura estava presente nas ações militares de conquista e de expansão, na ocupação e no domínio de terras selvagens, onde a natureza imensa, exótica, perigosa, dominava a região recém-conquistada e tornava-se uma ameaça para o homem moderno. Por isso ele deveria controlá-la, caçando seus animais, conhecendo o segredo das plantas, mapeando os rios. Todas essas ações remetem ao imaginário da aventura.

Sylvain Venayre, no seu estudo sobre o desejo da aventura e suas representações na sociedade francesa do final do século XIX e início do XX (Venayre, 2002a, 34), encontrou em um dicionário desse período, quatro exemplos de aventureiros. Todos tinham em comum o desejo de construir e comandar um império. Como não era possível conquistar um império na Europa, eles partiram para espaços distantes e desconhecidos no planeta. Os franceses Gaston de Raousset-Bouébon criou um estado independente no México; Antoine de Tournens tentou estabelecer um reino francês no Chile; e Charles-Marie David de Mayreana estabeleceu um reinado na Ásia, nas montanhas da Indochina; bem como o inglês James Brooke, que se tornou raja na Malásia; todos são exemplos do aventureiro típico do século XIX, conquistadores e expansionistas, “... ao ponto que o aventureiro rei se torna, no final do século XIX, uma figura ideal da aventura.” (Venayre, 2002a, 56)<sup>12</sup>

O mesmo livro de Venayre também nos mostra uma íntima relação entre a valorização dos desejos de aventura, com os ideais franceses patrióticos. Nesse sentido, a aventura tornou-se uma ferramenta pedagógica para desenvolver o desejo, nos jovens franceses, de participarem ativamente do imperialismo, trabalhando na conquista de novos territórios e na administração das colônias.

O domínio imperial também esteve presente na maneira como o conhecimento sobre os povos dominados era produzido. Desde o período colonial, efetivado após a conquista da América, as nações que exerciam domínio em outras regiões criaram um

---

(Moura, 1998, 87-92).

<sup>12</sup> “(...) au point que l’aventurier-roi devient, à la fin du XIXe siècle, une figure idéale de l’aventure.”

discurso sobre o povo dominado. Esse discurso, utilizado para justificar e legitimar a dominação, estava presente nas artes, na literatura, nos estudos acadêmicos, nos textos religiosos. Porém, ao mesmo tempo em que acontecia o movimento de descolonização, passou a existir um novo olhar sobre a interpretação dada ao passado europeu em relação aos povos dominados. E o centro do questionamento está na teoria pós-colonial.

Nesta linha, Edward Said (1995, 2007) é a referência fundamental para, entre outras questões, analisar o conhecimento produzido dentro das academias e universidades europeias sobre os outros continentes. Desde a Idade Média, mas com maior intensidade a partir do século XVIII, os viajantes, intelectuais, historiadores, mercadores e cientistas europeus, ao mesmo tempo em que aumentaram seu interesse pelo Oriente, produziram cada vez mais um discurso que defendia a supremacia europeia em detrimento dos povos orientais, o qual auxiliava o controle e a exploração territorial ultramarina desses territórios. O Orientalismo, ou seja, o discurso europeu utilizado para referir-se à história, à cultura, à sociedade e à vida material dos orientais, baseado apenas em suas convenções, estabeleceu um imaginário de inferioridade daqueles em relação à Europa, ajudando este continente a se definir como superior o suficiente para ter o direito de descrever, dominar e colonizar outros territórios, conforme sua vontade.

Para Said, “... o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros.” (Said, 1995, 37) para a efetivação desse domínio, o autor encontrou a existência de uma consciência espacial e de uma geografia imaginativa (Said, 2007, 60)<sup>13</sup> que criou distinções políticas, econômicas, culturais e sociais arbitrárias entre o Ocidente e o Oriente, onde o primeiro estabelece seu poder sobre o segundo. O seu livro “Orientalismo” nos mostra como um conjunto de ideias, conceitos e representações sobre o Oriente foram construídos e reconstruídos pelos europeus durante toda a sua história, estabelecendo esta região como um contraponto inferior do Ocidente, mais precisamente do Oeste europeu. Tais representações – que abrangem diversos discursos, como a filosofia, a literatura, a filologia, a teologia, a história e a ciência – não buscavam conhecer de fato toda a

---

<sup>13</sup> Ou seja, a maneira como as grandes potências europeias, ao longo do imperialismo, construíram um conhecimento geográfico sobre as regiões colonizadas. Esse conhecimento foi extremamente importante no processo de dominação imperial. Também em Driver (1992).

diversidade dos povos que habitavam outras regiões a leste da Europa; mas dominar a região, utilizando para isso um discurso generalista e, principalmente, distante da realidade.

Dentre as principais obras que exemplificam os estudos Pós-Coloniais no Ocidente está “Orientalismo” (2007), livro escrito por Edward Said e publicado em 1978. Essa obra, inspirada na utilização de regimes de verdade que constroem práticas e discursos com pretensões à verdade, utilizada por Michael Foucault nas suas obras “Arqueologia do Saber” e “Vigiar e Punir”, analisou a construção do conhecimento sobre o Oriente, desenvolvido por ocidentais.

Nessa obra, o autor nos apresenta uma análise metodológica inovadora, na qual questiona a autoridade textual e intelectual europeia, presente nos textos clássicos da área de Humanidades, escritos por europeus sobre o Oriente<sup>14</sup>. Ao analisar textos filosóficos, literários, filológicos e religiosos, tratados de política e economia, literatura de viagem, entre outras obras da cultura erudita, o autor percebe a construção de um discurso, carregado de valores de autoridade e de verdade, no qual serviram e ainda servem para formar uma opinião pública favorável às ações de dominação imperial das grandes potências sobre o Oriente.

Em um intercâmbio entre os intelectuais, artistas, eruditos e homens da ciência, e os interesses políticos e econômicos dos grandes impérios europeus e americano, o posicionamento do intelectual e do artista foi descrever, analisar e interpretar o Oriente, sempre a partir dos valores e crenças do Ocidente. O resultado foi a construção de um pensamento binário, no qual os valores positivos de civilização, economia, política e cultura foram representados pelo Ocidente, e os valores negativos, opostos, estavam representados no Oriente. Tal representação, além de servir aos interesses políticos e econômicos ocidentais, ajudou a construir e a fortalecer a cultura e a identidade europeia.

Tomando o final do século XVIII como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o

---

<sup>14</sup> O autor deu continuidade nessa pesquisa, acrescentando outros territórios ultramarinos europeus e norte-americanos, no seu livro “Cultura e Imperialismo” (1997), publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (Said, 2007, 29)

Tais representações, além de fortalecer o poder político ocidental, auxiliaram a construir e a afirmar a crença de que a Europa e os Estados Unidos seriam portadores de uma superioridade cultural, científica e artística.

Portanto, o Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é uma grande e difusa coletânea de textos sobre o Oriente; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”. É antes a *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é a *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais, o Oriente e o Ocidente), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa *vontade* ou *intenção* de compreender, em alguns casos controlar, manipular, e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é sobretudo um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como um regime imperial ou colonial), o poder intelectual (como as ciências dominantes, por exemplo, a linguística ou a anatomia comparadas, ou qualquer uma das modernas ciências políticas), o poder cultural (como as ortodoxias e os cânones de gosto, texto, valores), o poder moral (como as idéias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles não podem fazer ou compreender como” nós fazemos e compreendemos). (Said, 2007, 40-41)

Dessa maneira, percebemos que não só os bens culturais, mas também as teses, as obras filosóficas e intelectuais estão imersas nos valores políticos e culturais da sociedade na qual foi produzida. Por isso, o estabelecimento de valores, verdades e de cânones de valor e de gosto não só correspondem às práticas políticas imperiais, mas também auxiliam na manutenção do domínio imperial sobre outros povos.

Nesse sentido, podemos afirmar que toda produção intelectual em relação ao Oriente é portadora de posicionamentos políticos. Como considerar a produção historiográfica que, mesmo que seja em comentários rápidos ou em livres associações, adjetiva o passado europeu como uma aventura? A tese de doutorado de Fábio Adriano Hering é um importante exemplo no sentido de verificar como o passado se tornou uma

ferramenta para justificar a dominação imperial britânica. Nessa pesquisa, o autor utilizou como base teórica, dentre outros autores, o legado intelectual de Said e os estudos pós-coloniais.

Hering apresenta um estudo sobre os usos do passado em relação à Antiguidade Clássica na sua tese de doutorado sobre o desenvolvimento dos Estudos Clássicos durante a consolidação do Imperialismo Britânico (Hering, 2006). Tendo como base teórica o trabalho de Edward Said sobre o modo como foram construídas as disciplinas sobre o Oriente, organizadas pelos países imperialistas ocidentais; bem como os estudos pós-coloniais, o autor da tese estabeleceu uma relação entre o Helenismo e a dominação imperial britânica, a partir da análise da obra de Heródoto.

Para ele, situações como a transformação do Helenismo como um tipo de conhecimento, tipicamente ocidental, considerado importante para ser estudado não só nas academias, como também pelos oficiais britânicos; bem como a busca arqueológica de vestígios materiais, feita pelos oficiais britânicos na região do Mediterrâneo, e o estabelecimento da obra de Heródoto como uma obra digna de ser lida e estudada, relacionam-se com o processo de consolidação do Império Britânico (Hering, 2006, 29). Nesse sentido, o Helenismo seria um conhecimento, produzido pelos povos ocidentais, que serviu para ajudar a conhecer e efetivar a dominação de outros povos.

Hering faz uma análise, inspirada em Michel Foucault, chamada monumentalização, que pretende compreender como a obra foi lida e transformada em clássico pelos seus leitores, tradutores e comentadores. Nesse método, ele analisa o processo de transformação de Heródoto e de sua obra “Histórias”, em um autor importante para o conhecimento histórico, fato ocorrido ao longo do século XIX. Nesse período, a obra de Heródoto se transformou em monumento.

Heródoto é o autor de uma História das Guerras Médicas que buscou descrever o mundo bárbaro assim como o grego, e que se debruçou por sobre o tema da Guerra com uma preocupação etiológica e, no mais das vezes, pronto para abdicar do caráter absoluto de sua cultura (helênica) em favor da avaliação da cultura do outro (bárbaro). Meu argumento é que um processo de avaliação e apreciação positiva de Heródoto (como um autor digno de ser lido) desenvolveu-se *pari passu* com a formação do Império Britânico e com a necessidade de estudar e compreender os territórios e os povos das regiões

conquistadas (como uma forma de fornecer um modelo acerca de como entender o outro e efetivar a conquista): no período do desenvolvimento das ditas ciências do passado, como a História e a Arqueologia, e do outro, como a Antropologia. (Hering, 2006, 30)

Nesse sentido, a História e a Arqueologia foram as ferramentas utilizadas para construir um passado ideal para as nascentes nações imperiais, consideradas por elas mesmas superiores às outras. Esse passado idealizado formaria uma continuidade entre os alguns povos da antiguidade, e os impérios modernos. Ao mesmo tempo, ambas as áreas do conhecimento auxiliariam na construção de rótulos de inferioridade sobre as nações conquistadas durante o processo imperial. Dessa maneira, a história dos povos greco-romanos foi considerada o conteúdo mais importante da História Antiga e, no caso da pesquisa do autor, esse conteúdo ajudou a construir uma ideologia de continuidade entre o passado glorioso grego e o imperialismo inglês.

Durante o processo de conquista e domínio de outros povos, baseados na ideologia de que as grandes nações imperiais levariam o progresso e os valores da civilização para os povos considerados bárbaros e inferiores, as nações imperialistas começaram a associar suas ações com o passado imperial e hegemônico greco-romano. Dessa maneira, foi estabelecida, ideologicamente, uma continuidade histórica para as ações imperiais europeias em outros continentes, capaz de naturalizar suas ações em outros territórios. Nesse sentido, o estudo dos textos greco-romanos foi selecionado ideologicamente, valorizando aqueles que deixavam clara a existência de diferenças entre os povos gregos e ou romanos, e os bárbaros. Dentre os autores, Hering centralizou sua análise em Heródoto. A obra de Heródoto, “Histórias” foi interpretada pelos intelectuais britânicos do XIX como tendo duas fases: a digna de confiança, sobre o seu relato da Guerra entre Gregos e Persas, e a outra, que deveria ser considerada com cuidado, porque tratava, com simpatia, dos povos não gregos.

As *Histórias* são representativas de uma dinâmica analítica e expositiva que está principalmente a serviço da afirmação da identidade grega e que opera em seu texto por meio de uma “lógica da alteridade”. Nessa lógica, um grego seria avaliado positivamente não apenas por habitar o espaço isonômico da *polis* ou por lutar equipado e ordenado em falanges, mas principalmente pela afirmação do que ele não é: aquele que não corre as estepes sobre o pelo de seu cavalo –

como o faz o cita – e que não deve obediência a um déspota – como deve fazer o persa. A operação de delimitação e nomeação de um território conhecido em contraposição a um outro território desconhecido, que ordena a narrativa grega em questão, obedece, via de regra, uma lógica arbitrária de reconhecimento entre o que é “familiar” e o que não o é. Tal divisão é levada a termo recorrentemente no seio dos mais diversos grupos sociais, e tem validade “universal” principalmente para um “nós” dentro de um “nosso” território, em uma rotina de diferenciação de um “eles” em um outro território particular adjacente.(...) Esse pensamento que opõe os gregos aos outros, como definição de cultura de povo, e que nessa distinção um é superior ao outro, “vai ser reativada modernamente e tomada como uma bem-estabelecida, natural e ancestral rotina intelectual ocidental nos séculos XIX e XX. (Hering, 2006, 36-37)

A visão presente nos textos gregos clássicos em relação aos outros povos foi extremamente estudada pelos intelectuais britânicos durante o século XIX e XX. A definição grega de civilização, baseada na relação de ser grego por não se comportar como um bárbaro, foi apropriada e re-significada com o objetivo de legitimar a dominação imperialista britânica sobre suas colônias. Um dos exemplos analisados por Hering é a tradução do texto de Heródoto, mais famosa da língua inglesa, feita durante o período vitoriano. Essa tradução da obra foca em uma interpretação de Atenas, na sua atuação na guerra contra os persas, de uma maneira favorável ao contexto de nacionalismo e imperialismo britânico do século XIX e início do XX.

Se tomarmos como exemplo o processo de tradução e interpretação britânica de Heródoto, teremos de admitir que o “reconhecimento” de sua qualidade como historiador coincidiu com a supressão da autoridade de seu relato acerca dos “bárbaros”. O Heródoto refutado pela tradição (que representa porção significativa de sua narrativa), portanto, é aquele que chama os sacerdotes egípcios de “sábios em discurso” e que pinta Hércules como um deus bárbaro. (Hering, 2006, 61)

Para Hering, a fragmentação da obra de Heródoto, na qual foi desvalorizada a parte na qual o autor grego descreve com simpatia os povos bárbaros, coincide com o momento em que as nações europeias imperialistas precisavam justificar o seu domínio sobre outros povos, também considerados bárbaros. Se a Grécia, desde o estudo sobre a Filosofia da História, de Hegel, é considerada a matriz cultural e étnica das nações europeias modernas, era fundamental demonstrar que aquela nação também soube diferenciar-se do outro, o bárbaro.

Um dos pontos mais interessantes da tese de Hering é ver como ele constrói o modo como a obra de Heródoto foi traduzida e interpretada, com o imperialismo e o nacionalismo europeu. Para ele, a dominação imperial se efetivou no mesmo momento em que se construiu e se efetivou a ideia de nação, nos países imperialistas europeus. Para ele, o contexto de formação dessas nações aconteceu ao mesmo tempo em que elas buscavam expandir o seu comércio para outros continentes, e necessitavam definir suas fronteiras culturais, políticas, sociais e econômicas, em relação ao outro. Assim,

... a partir de dois princípios gerais, dos quais a ideia de nação vai se articular: a premência por se afirmar uma identidade de grupo, por um lado; a busca por novos mercados e/ou recursos naturais, por outro. Se tivermos em conta que, em finais do século XIX e inícios do XX, todas as narrativas acerca de uma certa “tradição nacional”, de um passado ao redor do qual os indivíduos de um certo “núcleo social” estariam na órbita, foram formadas a partir de uma certa “visão expansionista”, compreenderemos que a nação – como ideologia política – só adquiriu significado a partir do confronto com “outros mundos”. (Hering, 2006, 47)

Assim, o imperialismo seria o momento em que as nações que partilhavam um território metropolitano, precisavam definir quem elas eram, pois estavam estabelecendo contato com outros grupos, habitantes de territórios periféricos.

Podemos dizer que, em certa medida, o processo de sujeição política e ideológica da “colônia” autorizou uma extensa transformação na forma como a metrópole passou a definir a si mesma. O ocidente, então, passou a se entender cada vez mais como o herdeiro de uma ideia de civilização que legitimaria seu exercício de poder não só no espaço geográfico colonial, mas na edição e elaboração de sua própria cultura. (Hering, 2006, 51)

Ao longo do século XIX, ao mesmo tempo em que as grandes potências europeias efetivavam o seu domínio em outros territórios, o conhecimento histórico efetivava-se como disciplina científica. A disciplina da história, com o auxílio da arqueologia e da filologia, foi utilizada para construir um passado comum e glorioso para essas potências imperiais, que passaram a se considerar como herdeiras da civilização grega. Nesse sentido, o discurso produzido sobre o passado serviu para dar legitimidade para a missão civilizadora europeia, realizada em outros continentes.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Gostaríamos de citar outro exemplo sobre os usos da história nas questões políticas. O artigo sobre os



Se existe uma relação entre a Europa e a aventura, esta relação se materializa no imperialismo, uma vez que o desejo de aventuras também foi útil para a dominação colonial. Sabemos do perigo de se estabelecer relações simplificadas para a construção do conhecimento histórico. Porém o que nos chama a atenção é verificar que inúmeros intelectuais aproximaram alguns fatos da História de alguns países europeus com o conceito de aventura. Acreditamos que, da mesma maneira que foi construída uma aproximação entre o passado grego e romano com o imperialismo britânico, a utilização da palavra “aventura” para classificar não só alguns eventos específicos, como toda a trajetória do continente europeu, também pode valorizar esse passado, obscurecendo questões políticas de domínio político, econômico e cultural que as nações mais ricas do continente europeu exercem sobre outros povos.

### **1.3 A aventura e a Europa: questionamentos pós-coloniais**

Sylvain Venayre acredita que a aventura é uma representação historicamente datada. Para ele, a aventura se relaciona aos eventos excepcionais, ela é “(...) o fruto de um olhar colocado sobre o acontecimento, uma representação da realidade, e não o fato em si.” (Venayre, 2002a, 14)<sup>16</sup> Mesmo que o significado da palavra aventura tenha se modificado um pouco com o passar do tempo, ele define aventura da seguinte maneira: “(...) um valor extremamente positivo, o que enobrece tudo o que toca, um sonho suscetível de elaborar as grandes orientações de uma existência, de decidir um destino.” (Venayre, 2002a, 17).

Segundo as considerações do autor, podemos ver a aventura como um adjetivo, utilizado para qualificar positivamente um acontecimento. Acreditamos que os intelectuais que utilizaram a palavra aventura para alguns fatos históricos, bem como

---

usos do passado, feito por Glaydson José da Silva (2007), nos mostra que a antiguidade ainda está sendo usada na contemporaneidade para justificar posições políticas. Nele, o autor nos mostra como os atuais grupos da extrema direita francesa fazem referências a um suposto passado indo-europeu ou ao passado gaulês da França, que estaria ameaçado pelos valores humanitários de igualdade e pela presença de imigrantes.

<sup>16</sup> “(...) le fruit d’un regard pose sur l’événement, une representation du fait plutôt que le fait lui-même.”

aqueles que viram a missão europeia como uma grande aventura, pensaram da mesma maneira. Nesse sentido, as cruzadas foram interpretadas como uma aventura, da mesma maneira que as viagens realizadas por Heródoto ou por Marco Polo, as navegações realizadas a partir do final do século XV e a conquista da América. Como foi o imperialismo, e como ainda é o impulso europeu de buscar algo infinitamente, conforme acredita Bauman.

Porém todos os fatos históricos classificados como aventura foram eventos vivenciados por dois povos: os europeus e os não europeus, os europeus e os outros, os bárbaros, os colonizados, os selvagens. Será que eles interpretam essa trajetória histórica da mesma maneira? Será que, para eles, a aventura europeia foi positiva? Será mesmo que foi uma aventura?

Da amplitude de temas tratados pela teoria pós-colonial, reforçamos sua proposta política de questionar a existência da dominação Ocidental no resto do mundo, dominação esta não só política e econômica, mas também presente nas áreas das Ciências Humanas, nas Artes e na Cultura como um todo. Para intelectuais como Frantz Fanon, Edward Said, Homi H. Bhabha, Aimé Césaire e tantos outros, esse projeto político aparece nas escolhas dos temas de estudo e na construção da história mundial.

Uma das propostas defendidas pela teoria pós-colonial é questionar os conteúdos das áreas das Ciências Humanas. É redefinir quem são os autores e os livros clássicos, por exemplo. Nesse sentido, é fundamental questionar e sair do paradigma colonial que, a partir do colonialismo, avaliou todos os moradores dos outros continentes como inferiormente diferentes dos europeus.

Um artigo de Françoise Vergès (2008) segue essa tendência teórica. A autora nos mostra o silêncio existente na historiografia francesa contemporânea sobre a questão colonial e a escravidão. O motivo seria a dificuldade de tratar assuntos delicados como a importância da questão da raça, na construção da identidade nacional; ou ainda a presença de escravos na mesma pátria que proclamou o direito dos homens e defendia valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Para ela,

A “colônia” (...) não é, porém, uma “memória”. É o cadáver no armário da

história europeia, o fantasma que incomoda, o espectro que assombra a história de uma Europa que traz luz e civilização. A Europa não quer vê-lo ou tentar domesticá-lo através de uma integração que apaga as arestas da história as condições de sua produção. (Vergés, 2008, 49)<sup>17</sup>

Para Vergés, a “economia de predação”, cuja característica é tornar os indivíduos supérfluos, não considerando os efeitos nocivos resultantes da aplicação de uma política econômica devastadora, que enriquece poucos e prejudica muitos, ainda está presente no cenário internacional. Os agentes históricos não eram apenas os aventureiros, mas sim grupos e instituições que utilizavam a seu favor a legislação para efetivar a dominação. Como exemplo, a autora nos traz:

Leopoldo II, rei da Bélgica, se presenteia com uma colônia pessoal, o Congo, o qual estabelece, enquanto realiza conferências internacionais com grande pompa contra a escravidão, o trabalho forçado. Seus empregados obrigam aldeias inteiras a coletar borracha no momento em que este se torna um produto valorizado; se a taxa não for respeitada, as mãos ou pés dos moradores são cortadas. Milhões de mortos depois, Leopoldo II revende sua colônia ao Estado belga, voltando a realizar um gigantesco ganho econômico... Os habitantes dessa colônia mereciam seu destino, ele dizia, não conhecendo o esforço, o trabalho forçado foi a melhor escola para transformá-los em trabalhadores. (Vergés, 2008, 51)<sup>18</sup>

Françoise Vergés cita uma série de fontes, como uma declaração feita pelos insurgentes negros do Haiti entregue aos dirigentes da colônia, na qual reivindicam a liberdade por serem homens iguais aos brancos; e a entrada da palavra “negro” no vocabulário francês no século XVI, no momento em que a França começa a traficar escravos, na qual afirma “Através de vários séculos, percebe-se que os autores franceses e europeus prejudicaram a figura do negro com determinação, convicção e vontade. Nada

<sup>17</sup> “La “colonia” (...) no es sin embargo una «memoria». Es el cadáver en el armario de la historia europea, el fantasma que molesta, el espectro que acosa el relato de una Europa que trae luz y civilización. Europa no quiere verlo, o bien intenta domesticarlo a través de una integración que borra las asperezas de la historia, las condiciones de su producción.”

<sup>18</sup> “Leopoldo II, rey de Bélgica, se dota de una colonia personal, el Congo, donde instaura, mientras que recibe con gran pompa congresos internacionales contra la esclavitud, el trabajo forzado. Sus empleados obligan a pueblos enteros a recolectar el caucho en el momento en que éste se convierte en una mercancía preciosa; si no se respeta la cuota, a los aldeanos se les cortan las manos o los pies. Millones de muertos más tarde, Leopoldo II revende su colonia al Estado belga, volviendo a realizar una fabulosa ganancia económica... Los habitantes de esta colonia merecían su suerte, decía, no conociendo el esfuerzo, el trabajo forzado era la mejor escuela para convertirlos en trabajadores.”

positivo é concedido a ele: ou é uma criança ou um selvagem, não criou nada, não contribuiu em nada para a humanidade (...)” (Vergés, 2008, 54-55).<sup>19</sup>

No caso da abolição da escravatura, a autora nos mostra que a França foi a única potência escravista europeia que teve duas abolições: em 1794 e em 1848. Tanto essa singularidade como a situação de vida dos escravos não são debatidas nas pesquisas historiográficas. “Dando o melhor papel aos abolicionistas franceses, a historiografia republicana liquida com as situações que a explicitam: o tráfico, as resistências, as revoltas, as rivalidades entre as potências escravistas, o seu enriquecimento.” (Vergés, 2008, 57)<sup>20</sup>

Através da oposição entre memória coletiva (a memória clandestina, esquecida, secreta) e memória pública (a memória oficial, comemorada em datas e presente nos monumentos públicos), apresentada pelo antropólogo Johannes Fabian, Vergés destaca a atuação dos imigrantes franceses descendentes dos escravos. Nas manifestações culturais, como a música, a arte, a dança, eles reivindicam o reconhecimento da sua memória e do seu papel como participantes da modernidade francesa.

A dominação territorial dos povos do Oeste europeu permitiu que os seus cientistas e intelectuais dividissem e classificassem o mundo em blocos, continentes ou territórios. Dessa classificação resultou em denominações como o “Primeiro Mundo”, o “Segundo Mundo”, e o “Terceiro Mundo”, posteriormente substituída por os “Países Ricos” e os “Países Pobres”, ou ainda os “Países Desenvolvidos”, os “em Desenvolvimento” e os “Subdesenvolvidos”. Quanto aos seus moradores, também foram classificados, destacando aspectos considerados pelos europeus como “inferiores”. O resultado transformou o outro, o não europeu, em bárbaro, selvagem, inferior, ou racialmente diferente.

Nessa construção de pensamento, a Europa tornou-se melhor que todos os outros continentes. Como ela era o centro irradiador de toda a produção intelectual, dela

<sup>19</sup> “A través de varios siglos, se constata que los autores franceses y europeos se encarnizan sobre la figura del negro con determinación, convicción y voluntad. Nada positivo le es concedido: es o un niño o un salvaje, no ha creado nada, en nada ha contribuido a la humanidad (...)”

<sup>20</sup> “Dando el mejor papel a los abolicionistas franceses, la historiografía republicana liquida las situaciones que la explicitan: la trata, las resistencias, las revueltas, las rivalidades entre potencias esclavistas, su enriquecimiento.”

partiram os grandes colonizadores, ela dominou praticamente todos os territórios e um grande número de seres humanos. Eram os seus cidadãos os maiores intelectuais, artistas, escritores, filósofos, cientistas. E como os europeus estavam melhores preparados tecnologicamente, cientificamente e militarmente, eles poderiam estudar todos os outros territórios. Ao questionar essa estrutura, Edward Said nos mostra que a dominação colonial, além de política e econômica, é também cultural e de conhecimento. Ela é filosófica e psicanalítica.

Toda essa estrutura de conhecimento e pensamento permitiu a dominação colonial e até hoje coloca a Europa e seus correlatos como centros de pesquisa, conhecimento, cultura, valor e arte. O resto é classificado como periferia.

A teoria pós-colonial nos chama para avaliar o processo de construção do conhecimento e questionar os temas de estudo, os personagens e os bens culturais. Com isso, compreendemos que analisar as áreas do conhecimento a partir desses questionamentos é um projeto político no qual os intelectuais contemporâneos, hifenizados ou não, devem participar.

A partir do conceito da alteridade, a teoria pós-colonial pretende estabelecer uma nova maneira de pensar o mundo. Nesse sentido, ela defende o abandono dos velhos padrões em relação aos outros, substituindo-os pela ideia de hibridismo nas identidades, nos lugares, nas fronteiras, devendo-se abandonar as categorias simplificadoras de análise para compreender o mundo em toda a sua pluralidade.

As categorias simplistas que atribuem a cada um apenas uma identidade nacional, social, cultural, de gênero, etc., são refutadas porque não são operacionais: elas oferecem soluções para o confronto com a alteridade, mas não para a definição de identidade. Ao invés disso, deve-se ter um outro olhar, ver o mundo através do prisma do movimento em todas as suas dimensões para, então, entender que as identidades são múltiplas e constantemente redefinidas na prática, tanto pelos indivíduos como pelos grupos (eles mesmos voláteis). (Collignon, 2012, s/p) <sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> “Les catégories simples qui assignent à chacun une seule identité nationale, sociale, culturelle, de genre, etc. sont battues en brèche car elles ne sont pas opératoires: elles offrent des solutions à la confrontation à l'altérité, mais pas à la définition de l'identité. Il faut au contraire ouvrir les yeux autrement, voir le monde à travers le prisme du mouvement dans toutes ses dimensions, et comprendre alors que les identités sont multiples et constamment redéfinies dans la pratique, par les individus comme par les groupes (eux-mêmes volatiles).”

Edward Said, no seu livro “Cultura e Imperialismo”, afirma que o passado, e por consequência a história, são utilizado para explicar o presente. Por isso o passado e o presente estão diretamente ligados. Assim, “... a maneira como formulamos ou representamos o passado molda nossa compreensão e nossas concepções do presente.” (Said, 1995, 35)

A partir dessa afirmação e das bases da teoria pós-colonial, colocamos em cheque a classificação do passado europeu como uma aventura. Acreditamos que o intelectual possui um papel político, capaz de influenciar outras pessoas e, por isso, deve ter muito cuidado com as palavras que utiliza na construção do seu texto. Afirmar que alguns eventos históricos foram uma aventura estabelece um juízo de valor desnecessário para a pesquisa histórica.

## 2. Capítulo

### Os aventureiros

Ao longo desse capítulo analisamos alguns aventureiros criados por Emilio Salgari. Escolhemos os protagonistas e os antagonistas das narrativas, pois interessa saber quais eram suas qualidades e quais eram os valores que defendiam. No livro “*I Robinson Italiani*”, os protagonistas eram três italianos que sobreviveram a um naufrágio. Como a maior dificuldade era manter-se vivo em uma ilha deserta, a natureza era o antagonista. Poucos foram os seres humanos que conviveram com os personagens, cuja participação foi tão pequena a ponto de se assemelharem mais a figurantes do que a personagens coadjuvantes. Nos dois livros da série “Os corsários das Antilhas”, o personagem principal é o Corsário Negro, um nobre italiano que se tornou corsário na América espanhola para vingar-se do seu maior inimigo, o duque flamengo Wan Guld, o antagonista que traiu sua pátria e matou os três irmãos do Corsário Negro.

#### 2.1. Os três náufragos

No primeiro capítulo do livro, “*I Robinson Italiani*”, um navio chamado Liguria, que partiu de Singapura em 24 de agosto de 1840, afundou devido a um incêndio criminoso e houve apenas três sobreviventes. O primeiro deles era um dos tripulantes do navio que embarcou naquele porto com recomendações bem positivas do embaixador da Holanda. Era o Senhor Emilio Albani, o protagonista da história.

Era um veneziano que estava estabelecido em Borneo já fazia alguns anos, onde fez fortuna com o comércio de cânfora. Antigo oficial da Marinha, depois explorador pago pelo governo holandês. Depois que ficou riquíssimo, decidiu torna-se explorador por conta própria nas ilhas do grande Oceano. Homem instruíssimo, amável, energético como capitão, manteve boas relações com

todos, fazendo-se amável com os marinheiros e os oficiais. (RI, 22)<sup>42</sup>

Na hora de construir esse personagem, Emilio Salgari emprestou o seu nome (Emilio), a sua idade e suas características físicas a ele. Como já foi dito na introdução, o maior desejo de Salgari era viajar, tendo, inclusive, ingressado na Escola Naval, sem concluir o curso. Para seu sustento, escrevia sobre viajantes, capitães navais e exploradores que viajavam por todos os continentes. Salgari assinava em alguns contos do jornal “*Per Terra e per Mare*”, como “O capitão”. Aqui está mais uma referência ao desejo não realizado de ser Capitão e viajar pelos mares – saciado nos seus personagens, como o Capitão Emílio Albani.

Que homem, ele devia ter atravessado os trinta anos, era de estatura baixa e tinha um peitoral bem desenvolvido, ombros largos e pernas musculosas, mas não era massivo. Seu rosto era largo e um pouco anguloso, queixo pontudo, era pálido, levemente bronzeado pelo sal e pelo vento do mar, e sua testa larga, apenas marcada por rugas precoces, indicava naquele homem uma tendência reflexiva; os seus olhos, encimados por duas grossas sobrancelhas em arco, eram profundos, mas às vezes brilhavam e parecia então que eles queriam penetrar nos corações mais profundos; seus lábios estreitos, sombreados por um bigode avermelhado, indicavam que o estranho deveria ter uma energia inabalável. (RI, 14-5)<sup>43</sup>

O outro sobrevivente era Enrico, um jovem marinheiro que

(...) não deveria ter mais de vinte e cinco ou vinte e seis anos, com a pele do rosto bem bronzeada, as feições nítidas, os olhos negros e vivazes, os cabelos e a barba negra. Um desses caras que se encontram frequentemente na costa Leste ou Oeste da Liguria, verdadeiros tipos de marinheiros cheios de ousadia e fogo. Embora tenha escapado temendo o perigo eminente, sozinho no mar

<sup>42</sup> “Era un veneziano da parecchi anni stabilitosi nel Borneo, dove aveva fatto una considerevole fortuna trafficando in canfora. Antico ufficiale di marina, poi esploratore per conto del governo olandese, quindi negoziante ricchissimo, si era imbarcato per fare delle esplorazioni per conto proprio, nelle isole del grande Oceano. Uomo istruitissimo, amabile, energico quanto il capitano, tenne buona compagnia a tutti, facendosi amare dai marinai e degli ufficiali.” Nas citações dessa fonte, utilizamos a abreviatura com as iniciais do livro (RI), seguido do número da página.

<sup>43</sup> “Quell'uomo, che doveva aver varcato la trentina, era di statura bassa e aveva un petto assai sviluppato, spalle larghe e membra muscolose ma non massicce. Il suo viso largo, un po' angoloso, col mento appuntito, era pallido, leggermente abbronzato dalla salsedine del vento marino; la sua fronte ampia, appena segnata da una ruga precoce, indicava in quell'uomo una tendenza alla riflessione; i suoi occhi, sormontati da due sopracciglia folte, dall'ardita arcata, erano profondi, ma talvolta scintillavano e pareva allora che volessero penetrare nel più profondo dei cuori; le sue labbra strette, ombreggiate da un paio di baffi rossicci, indicavano che quello sconosciuto doveva possedere una incrollabile energia.”



que provavelmente era habitado por tubarões ferozes, monstros muito comuns nas águas da China e da Malásia, parecia calmo. (RI, 26)<sup>44</sup>

O terceiro sobrevivente era Ubando, também chamado de Pequeno Tonno, ou “*mozzo*”<sup>45</sup>:

(...) um rapaz de quinze ou dezesseis anos, ágil como um macaco, bem desenvolvido, com um rosto inteligente e astuto. Ele tinha olhos grandes e negros, amendoados, um perfil muito regular que lembrava aqueles das raças greco-albanesas, uma boca de mulher com dois lábios vermelhos, bochechas bronzeadas e cabelos negros.

Havia aproximadamente três anos que o Capitão Falcone o embarcou, quando o encontrou quase morto de fome, em uma praia no litoral de Ischia. Ele não conheceu nem o pai nem a mãe, e apenas se lembrava de ter vivido alguns anos com um velho pescador, até o dia em que o pobre homem morreu. Ficou completamente sozinho, por imprevisto errou nas margens e nos campos das ilhas, vivendo de caranguejos e de frutos roubados durante a noite; até que, quando o inverno chegou, ele estava exausto, reduzido a pele e ossos, caiu morrendo na praia, onde foi encontrado pelo capitão. (RI, 32-3)<sup>46</sup>

Além de detalhar mais a descrição do senhor Emilio, o narrador deixou claro porque o Capitão Emilio era o protagonista no terceiro capítulo, “*L'assalto del pescecane*”. Assim que os sobreviventes do naufrágio se aproximaram, boiando, dentre os destroços do navio, o senhor Emilio avistou um tubarão. Ele “(...) ex-oficial da marinha, que devia ser um forte nadador (...)” (RI, 30)<sup>47</sup>, com uma manobra rápida salvou Enrico do ataque do animal conseguindo ferir o tubarão com a faca que estava presa ao mastro

<sup>44</sup> “(...) non doveva avere più di venticinque o ventisei anni, colla pelle del viso assai abbronzata, i lineamenti marcati, occhi neri e vivaci, capelli e barba neri. Uno di quei tipi che s'incontrano spesso nella riviera ligure di levante o di ponente, veri tipi di marinai pieni d'audacia e di fuoco. Quantunque appena sfuggito al temendo pericolo e solo, su quel mare che era forse abitato dai feroci pescicani, mostri comunissimi nelle acque della Cina e della Malesia, pareva tranquillo.”

<sup>45</sup> A palavra, em italiano, significa rapaz, menor de idade, que embarcou em um navio para aprender a ser marinheiro. Conforme **Dizionario Italiano**. Consultado em <http://www.dizionario-italiano.it/>

<sup>46</sup> “(...) un ragazzetto di quindici o sedici anni, agile come una scimmia, bene sviluppato, con un viso intelligente e furbesco. Aveva occhi grandi e neri, tagliati a mandorla, un profilo regolarissimo che rammentava quello delle razze grecoalbanesi, una bocca da donna con due labbra vermiglie, guance abbronzate e capelli neri. Era stato imbarcato tre anni prima dal defunto capitano Falcone, il quale lo aveva raccolto morente di fame sulle spiagge d'Ischia. Non aveva conosciuto né il padre, né la madre, e solo si ricordava di aver passato qualche anno in compagnia d'un vecchio pescatore, vivendo con lui fino al giorno in cui quel poveraccio era morto. Rimasto solo, aveva errato a capriccio sulle sponde o nelle campagne delle isole, vivendo di granchi e di frutta che rubava di notte; finché, sopraggiunto l'inverno, estenuato, ridotto a pelle ed ossa, era caduto morente sulla riva, dove era stato trovato dal capitano.”

<sup>47</sup> “(...) l'exufficiale di marina, che doveva essere un forte noutatore (...)”.

do navio.

Essa situação se repetiu várias vezes ao longo da história. O senhor Emilio ajudou Enrico e o Pequeno Tonno a se salvarem do monstro marinho gigante que os atacou na caverna, assim que eles alcançaram a terra firme. Graças à coragem de Emilio, eles conseguiram sobreviver ao ataque da lula gigante.

O senhor Albani, desde o início, também auxilia os meninos com palavras de ânimo e encorajamento. Na primeira noite, eles estavam apavorados ante a possibilidade de ter que viver naquela ilha sem armas e mantimentos. O senhor Albani, que já conhecia a região, os acalmou.

‘Sentem-se e escutem-me, meus amigos’, disse Albani. ‘Eu não sei em qual ilha atracamos, mas eu acho que é uma daquelas que formam o Arquipélago de Sulu e é desabitada. Talvez esteja enganado, mas temo que nós estejamos destinados a viver como os Robinson e a empreender uma verdadeira luta, para ser capaz de sair dos apuros. Este mar pouco conhecido, mal navegado por navios, uma vez que estamos longe das rotas comuns dos veleiros das ilhas de Sonda em direção às Filipinas, não nos oferece muito em breve a oportunidade de sermos resgatados, e quem sabe por quanto tempo vamos ser forçados a ficar aqui. Felizmente, se esta ilha parece deserta, é rica em plantas, e a flora da Malásia pode proporcionar, para aqueles que sabem tirar proveito dela, mil coisas suficientes para as necessidades da vida.’ (RI, 73-4)<sup>48</sup>

De fato o senhor Emilio tinha razão ao afirmar que a flora e a fauna da Malásia poderiam lhes proporcionar uma vida confortável e farta. Como foi explorador naquela região, conhecia a fauna e a flora local e por isso sabia como aproveitar todos os recursos oferecidos pela natureza.

Ao longo da história, o Senhor Emilio tornou-se o mentor dos dois jovens. Exemplo de homem trabalhador e líder nato, ele mostrava-lhes que as dificuldades eram passageiras e que era preciso trabalhar duro para sobreviver. Sempre que possível transmitia os seus conhecimentos para os meninos e nunca os deixava cair no desânimo.

---

<sup>48</sup> “Sedetevi ed ascoltatevi, amici miei », disse Albani. « Io non so in quale isola siamo approdati, ma credo che sia una di quelle che formano l'Arcipelago di Sulu e che sia disabitata. Forse m'ingannerò, ma temo che noi siamo destinati a fare la vita dei Robinson e ad intraprendere una vera lotta, per poterci trarre d'impiccio. Questo mare poco noto, poco frequentato dalle navi, essendo noi lontani dalle linee ordinarie dei velieri che dalle isole della Sonda si recano alle Filippine, non ci offrirà tanto presto l'occasione di venire raccolti, e chi sa per quanto tempo saremo costretti a rimanere qui. Fortunatamente, se quest'isola sembra deserta, è ricca di piante, e la flora malese può procurare, per chi sappia approfittarne, mille cose sufficienti ai bisogni della vita.”

No período das chuvas, comum naquela região, o

(...) senhor Albani dava aulas de escrita para os dois marinheiros, que faziam um progresso extraordinário, embora em um primeiro momento, como nunca haviam segurado entre os dedos uma caneta, mostraram-se muito relutantes. Pode parecer estranho que eles tivessem provisões de papel, tinta e canetas; mas Albani não se demonstrou muito incapacitado para encontrar tudo naquela ilha deserta. A floresta, sempre a floresta, ela fornecia tudo. (RI, 340)<sup>49</sup>

O senhor Albani não só ensinava os jovens a sobreviver na ilha e a aproveitar todos os recursos que a natureza poderia lhes fornecer (como o papel), mas também os instruía para a vida ao ensinar a eles a ler e escrever. Mesmo que a alfabetização não fosse extremamente necessária naquelas condições, o mestre daqueles meninos os preparava para a vida.

O senhor Emilio não tinha receio diante dos perigos. Para ajudar os jovens, enfrentava animais perigosos, piratas, tempestades e naufrágios com a serenidade de um capitão do mar. Por isso, diante de qualquer dificuldade, os jovens corriam pedir o seu auxílio. Como exemplo, destacamos o momento em que Albani salvou Enrico da picada de uma cobra, no momento em que Enrico entrava em uma caverna. O capitão matou o animal e tentou salvá-lo de todas as maneiras possíveis.

Sem perder um instante, deitou-o em uma pilha de folhas secas, arregaçou as calças expondo a panturrilha, arrancou o único lenço que tinha e o amarrou bem apertado na perna, por cima da ferida. Feito isso, sem pensar que poderia envenenar-se, colocou os lábios na ferida, no lugar onde viu dois leves pontinhos de sangue, e aspirou fortemente, cuspindo para todos os lados. O marinheiro, semiconsciente, parecia não ver nada. Pálido como um cadáver, seus traços alterados, os olhos vidrados, a testa coberta de suor frio, respirava pesadamente e com dificuldade. (RI, 230-1)<sup>50</sup>

<sup>49</sup> “(...) il signor Albani dava lezione di scrittura ai due marinai, i quali facevano progressi straordinari, quantunque dapprima, non avendo mai stretto fra le dita una penna, si fossero mostrati molto restii. Sembrerà strano che fossero provvisti perfino di carta, d'inchiostro e di penne; pure Albani non si era mostrato molto impacciato a trovare tutto ciò in quell'isola deserta. La foresta, ancora la foresta, gli aveva somministrato tutto.”

<sup>50</sup> “Senza perdere un istante, lo adagiò su un cumulo di foglie secche, gli rimboccò i calzoni mettendo a nudo il polpaccio, lacerò un fazzoletto, l'unico che possedeva, e legò strettamente la gamba sopra la ferita. Ciò fatto, senza pensare che poteva avvelenarsi, applicò le labbra alla ferita, nel luogo ove si scorgevano due leggeri puntini sanguinosi, e aspirò fortemente, sputando a più riprese. Il marinaio, semisvenuto, pareva non vedesse nulla. Pallido come un cadavere, coi lineamenti alterati, gli occhi vitrei, la fronte coperta di sudore freddo, respirava affannosamente e a stento.”

Albani sabia que o veneno daquela cobra era fatal, por isso não havia muito a ser feito. Ainda assim, “(...) pegou a faca e fez uma profunda incisão na panturrilha mordida, em forma de uma cruz. Com os dedos alargou o corte fazendo, com uma forte pressão, jorrar o sangue; então, recolheu a tocha que ainda estava acesa e aplicou a ponta com o carvão ardente, sobre a incisão.”(RI, 231)<sup>51</sup>

As dores provocadas pela queimadura foram muito fortes para Enrico, a ponto de fazê-lo desmaiar. O Pequeno Tonno, com os gritos, aproximou-se do local e descobriu o acontecido. Desesperado, o menino implorava para o senhor Albani salvá-lo. “Você que sabe tantas coisas, pode arrancá-lo da morte?” (RI, 233-4)<sup>52</sup> Entretanto, quem salvou Enrico foi um milagre, pois o senhor Emilio descobriu que a cobra havia picado um esquilo poucos minutos antes. Por isso, a picada tinha pouco veneno.

Outro exemplo que destaca a sabedoria de Albani relaciona-se à presença dos piratas. A sua chegada foi um dos três grandes momentos de ação da história. Ao todo, quatro capítulos descreveram quando os meninos avistaram um navio, a decisão de Albani de proteger as provisões escondendo tudo na caverna, o momento em que os piratas encontraram e destruíram a cabana e a aldeia, o assassinato de um deles por Enrico, a fuga dos dois heróis para a floresta, o assassinato de outro pirata pelos dois, a fuga deles para a caverna, o encontro com Tonno disfarçado com a pele do tigre que eles haviam caçado, a volta dos três para a caverna, o encontro com os outros piratas, a luta e a morte de mais dois piratas, o combate com os piratas, raivosos pela perda de quatro companheiros, finalizando com a chegada de uma tempestade em alto-mar, que resultou na volta dos piratas ao navio.

O momento em que os piratas apareceram na história é singular. Depois que a natureza se tornou aliada dos italianos e que os personagens passaram a considerar aquele lugar um lar, as ameaças naturais diminuíram. Como o perigo interno praticamente desapareceu, o domínio dos Robinson sofreu com a ameaça externa. Os meninos avistaram

<sup>51</sup> “(...) impugnò il coltello e sul polpaccio morsicato praticò una profonda incisione in forma di croce. Colle dita allargò il taglio facendone, con un'energica pressione, schizzar fuori il sangue; poi, raccolta la torcia che era ancora accesa e la cui punta era ormai un carbone ardente, l'applicò sull'incisione.”

<sup>52</sup> “Voi che sapete tante cose, potete strapparlo ala morte?”

um pequeno navio próximo à ilha. O senhor Albani, assim que avistou o navio, alertou os jovens sobre o perigo daquela embarcação pertencer a piratas. Para se proteger, os italianos levaram os animais e os seus bens para a caverna, onde ficaram com sob a guarda de Pequeno Tonno. Já o senhor Albani e Enrico esconderam-se próximo à sua cabana para verificar se eles iriam se aproximar e saquear tudo. Se aqueles homens eram mesmo piratas, disse o senhor Albani ao jovem, “(...) não hesitariam em nos fazer prisioneiros e depois nos levar à força à escravidão.” (RI, 284)<sup>53</sup>

O navio atracou na ilha e um grupo de homens foi procurar uma árvore bem alta para trocar o mastro. O outro grupo encontrou a cabana com poucas provisões, as gaiolas vazias e a pequena lavoura.

Vendo a escassez de alimentos, subiram em fúria e começaram a demolir a parede, em seguida, o barracão, e depois a pisotear as mudas da pequena lavoura; não satisfeitos, começaram a cortar o bambu de apoio para derrubar também a cabana aérea. Os dois naufragos, tremendo de raiva, assistiam impotentes àquela bárbara devastação, à destruição de sua pequena parcela de terra cultivada com tanto cuidado e à demolição da casa que eles tinham fabricado com tanto trabalho duro. (RI, 293)<sup>54</sup>

Enrico ficou extremamente revoltado quando viu a destruição do acampamento.

'Canalhas' disse ele. 'Destruir desse modo os nossos recursos futuros e a nossa casa, que agora iria nos proteger da estação das chuvas!... Ladrões!... Se eu tivesse um bom rifle, você veria como eu os trataria.'  
'Deixe para lá, Enrico, respondeu Albani. 'Fiquemos felizes por salvar a nossa pele.'  
'Mas eu não posso assistir tanta devastação, senhor! É preciso matar alguém!'  
'Para nos fazer perseguir e prender? Não, Enrico, deixemos que eles façam. Paciência e boa vontade não nos faltam, e vamos reparar facilmente as avarias.' (RI, 293-4)<sup>55</sup>

<sup>53</sup> “(...) non esiterebbero a farci prigionieri e poi a trarci in schiavitù.”

<sup>54</sup> “Vedendo la scarsità dei viveri, montarono pur essi in furore e si misero a demolire la cinta, poi la tettoia, quindi a calpestare le pianticelle del piccolo campo; poi, non soddisfatti, cominciarono a tagliare i bambù di sostegno per far capitolare anche la capanna aerea. I due naufraghi, fremendo di collera, assistevano impotenti a quella barbara devastazione, alla distruzione del loro campicello coltivato con tante cure e alla demolizione della loro casa che avevano fabbricato con tante fatiche.”

<sup>55</sup> “Canaglie!” esclamò. “Distruggere in tal modo le nostre risorse future e la nostra dimora, che ora doveva proteggerci nella stagione delle piogge!... Ladroni!... Se avessi una buona carabina, vedreste come vi tratterei.” “Lasciali fare, Enrico,” rispondeva Albani. “Accontentiamoci di salvare la pelle.” “Ma io non posso assistere a tanta devastazione, signore! Bisogna che uccida qualcuno!” “Per farci inseguire e prendere? No; Enrico, lasciamoli fare. La pazienza e la buona volontà non ci mancano, e ripareremo facilmente i guasti.”

Mesmo com os conselhos de Albani, cuja prudência diante dos perigos era justificada na sua experiência de vida, Enrico não conseguiu se conter.

Era muito para o marinheiro, que tinha o sangue fervente. Esquecendo toda a cautela, antes que Albani pudesse segurá-lo, correu para fora da plantação, chegando a um matagal que se estendia até trinta passos da cabana. Apontar a zarabatana, soprar nela, lançar uma flecha mortífera, abater um homem que estava em uma boa escala, foi o momento de um flash.

O pirata, atingido no meio das costas pelo filamento\* ágil e bem feito, recuou soltando um grito de dor. Seus companheiros se viraram rapidamente e, vendo o marinheiro que fugia pela mata, ora aparecendo ora desaparecendo no meio das árvores, desembanharam seus mosquetes, mas era tarde demais. (RI, 294)<sup>56</sup>

Enrico e Albani fugiram para a floresta e se esconderam subindo em uma árvore. Naquele lugar, eles poderiam ver se algum pirata os seguia.

'Imprudente', disse Albani ao genovês, quando pôde respirar 'Se demorasse um pouco para se esconder na plantação, seria atingido por vários golpes.'

'É verdade, eu fui muito imprudente, senhor', respondeu o marinheiro, 'mas eu não podia me conter vendo aquela destruição.'

'E agora correrão por todos os lados da ilha para vingar seu companheiro.'

'Você acredita nisso?'

'É claro, Enrico. Talvez esperem encontrar outras cabanas para saquear ou alguma aldeia e fazer escravos.'

Mas não vai ser fácil para eles descobrirem a nossa caverna.'

'Se eles virem as nossas pegadas a encontrarão. Seguindo os sulcos deixados pelas rodas dos nossos carrinhos, não se enganarão.' (RI, 296)<sup>57</sup>

<sup>56</sup> “Era troppo pel marinaio, che aveva il sangue bollente. Dimenticando ogni prudenza, prima che Albani potesse trattenerlo si scagliò fuori dalla piantagione, raggiungendo un macchione che si estendeva fino a trenta passi dalla capanna. Puntare la cerbottana, soffiarevi dentro, lanciare una freccia mortale e abbattere un uomo che si trovava a buona portata, fu l'affare d'un lampo. Il pirata, colpito in mezzo al dorso dal sottile cannello\*, cadde all'indietro emettendo un urlo di dolore. I suoi compagni si volsero bruscamente e vedendo il marinaio che fuggiva attraverso il macchione, ora apparendo ed ora scomparendo in mezzo agli alberi, scaricarono i loro moschettoni; ma ormai era troppo tardi.” (\* A tradução literal da palavra *cannello* é: “pedaço de cana cortada entre um nó e o outro, e aberto de ambos os lados”, Optamos por utilizar a palavra *filamento*.)

<sup>57</sup> “Imprudente”, disse Albani al genovese, quando pote tirare il fiato “Se tardavi un istante a nasconderti nella piantagione, ti facevi crivellare da quella scarica.” “È vero, sono stato molto imprudente, signore”, rispose il marinaio “ma non ho potuto frenarmi vedendo quelle distruzioni.” “Ed ora scorrazzeranno l'isola per vendicare il loro compagno.” “Lo credete?” “Certo, Enrico. Forse spereranno di trovare altre capanne da saccheggiare o qualche villaggio, e di fare degli schiavi.” “Ma non sarà facile per loro scoprire la nostra caverna.” “Se scorgono le nostre tracce la troveranno. Seguendo i solchi lasciati dalle ruote del nostro carretto, non s'inganneranno.”

Um dos piratas seguiu Enrico e o senhor Albani floresta adentro. Quando ele se aproximou da árvore,

Os dois 'Robinson', vendo-se na iminência de serem descobertos, não hesitaram mais. As duas flechas tingidas nos mortais venenos das upas partiram com um assobio quase inaudível, atingindo o homem na garganta e no ombro esquerdo. Sentindo-se ferido, o pirata (...) armou às pressas a arma, mas suas forças de repente o traíram e ele caiu no chão entre convulsões terríveis.”(RI, 303)<sup>58</sup>

Com mais um pirata morto, Enrico ficou mais aliviado. “Eis dois bandidos a menos (...). É desagradável matar pessoas quase à traição, mas trata-se de salvar a pele, e não se deve olhar tanto para o detalhe.”(RI, 304)<sup>59</sup>

Após a morte do segundo pirata, os dois italianos correram em direção à caverna. No caminho encontraram Tonno, vestido com a pele do tigre. Ele ficou preocupado quando ouviu o barulho das armas, por isso saiu do abrigo para procurar os amigos. Um pouco antes de conseguirem entrar na caverna, foram surpreendidos por alguns piratas. No confronto, mataram mais dois antes de entrar para proteger suas vidas e os víveres.

A luta entre os italianos refugiados na caverna e os piratas durou mais de um dia e uma noite. O autor descreveu como eles se defenderam do ataque dos piratas por várias páginas, até a chegada da tempestade, que fez os inimigos embarcarem no navio e partirem. Como a luta estava desigual e os personagens não haviam muito o que fazer a não ser resistir até a morte, o problema todo foi resolvido com a interferência de algo externo a eles. A tempestade foi benéfica porque obrigou os piratas a voltar ao navio, e os Robinson, como já estavam protegidos na caverna com seus víveres, apenas esperaram o tempo melhorar para saírem e reconstruírem tudo o que foi perdido.

Os piratas são personagens sem muita importância na obra “*I Robinson Italiani*”, pois o narrador não os descreveu detalhadamente (ao longo dos quatro capítulos, ele utilizou no máximo uma página para tal). Porém, o ataque desse bandidos serviu como rito de

<sup>58</sup> “I due 'Robinson', vedendosi in procinto di venire scoperti, non esitarono più. Le due frecce tinte nel veleno mortale dell'upas partirono con un sibilo appena percettibile, colpendo l'uomo alla gola e alla spalla sinistra. Sentendosi ferire, il pirata (...), armando precipitosamente il fucile, ma le forze improvvisamente lo tradirono e cadde al suolo in preda a spaventevoli convulsioni.”

<sup>59</sup> “Ecco due canaglie di meno (...) Rincesce uccidere delle persone quasi a tradimento, ma si tratta di salvare la pelle, e non si deve guardare tanto pel sottile.”

passagem para os jovens, pois perderam a inocência ao enfrentar a morte de outro ser humano.

Albani, o homem mais velho, experiente e sábio, e por isso o mentor dos meninos, tentou ensinar Enrico a ser prudente e a conter seus impulsos violentos, não atacando os piratas. Porém, a atitude impulsiva de Enrico ao matar um pirata, reflexo da sua idade, fez com que os outros homens os vissem e os perseguissem, resultando no assassinato de mais um homem. Assim que pôde, o senhor Albani mostrou a Enrico a imprudência de sua atitude ao explicar que os piratas agora vasculhariam a ilha até encontrar o assassino dos seus companheiros. Mais uma vez o senhor Emilio estava certo e a luta com os piratas foi dura. Por sorte, intervenção divina ou benção da natureza, a paz voltou com as chuvas, levando os piratas de volta ao mar.

O senhor Albani conteve os impulsos violentos de Enrico mais uma vez. Depois do período de chuvas, os dois italianos foram conhecer o lado meridional da ilha e encontraram os destroços do navio pirata, destruído pelo temporal, e uma garrafa com uma carta. Nela estava escrito que dois marinheiros do navio Liguria haviam naufragado naquela ilha. Emilio, em uma explosão de raiva decidiu encontrá-los o mais rápido possível para vingar a morte de todos.

‘Os traidores!’, exclamou o marinheiro, com voz rouca. ‘Eu vou matá-los!’  
 Sr. Albani nada respondeu àquela justa ameaça que revelava o ódio sentido pelo marinheiro em relação aos autores, talvez voluntários, da tremenda catástrofe. Se limitou a cruzar os braços sobre o peito, olhando silenciosamente o rosto do genovês, ainda alterado por uma fúria selvagem.  
 ‘Vamos, senhor’, disse Enrico. ‘Vamos vingar as vítimas do Liguria.’  
 Sr. Albani não se mexeu. Talvez em seu coração, naquele momento, se travou uma batalha amarga entre o desejo de esquecer-se de tudo e de seguir a legítima ira do marinheiro vingativo. ‘Não, Enrico.’ (RI, 371)<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> “‘I traditori!’ aveva esclamato il marinaio, con voce rauca. ‘Andrò a ucciderli! / Il signor Albani nulla aveva risposto a quella fiera minaccia che tradiva l'odio nutrito dal marinaio verso gli autori, forse volontari, della tremenda catastrofe. Si era limitato ad incrociare le braccia sul petto, guardando tranquillamente il viso del genovese, ancora alterato da una collera selvaggia. ‘Imbarchiamoci, signore’, disse Enrico. ‘Andremo a vendicare le vittime del *Liguria*’. / Il signor Albani non si mosse. Forse nel suo cuore, in quel momento, si combatteva un'aspra battaglia fra il desiderio di tutto dimenticare e quello di seguire la legittima collera del vendicativo marinaio. ‘No, Enrico.’”



Enrico insistia em continuar a viagem para encontrar os dois marinheiros e matá-los de surpresa, naquela mesma noite.

‘Nós não devemos ser os carrascos, Enrico.’  
 ‘Você quer deixá-los viver ainda?’  
 ‘A desgraça irá domá-los.’  
 ‘Eles explodiram o navio, senhor.’  
 ‘Talvez nos enganamos. Quem sabe, o fogo foi produzido ao acaso.’  
 ‘Ah! ... não, nunca irei perdoá-los! ...’  
 ‘Eu perdoo.’  
 ‘Você! ...’  
 ‘Sim, Enrico. Eu não vou permitir que os ‘Robinson’ italianos manchem sua ilha com um crime. Não, meu amigo, somos generosos e em vez disso, procuremos unir nossos esforços aos deles, para o bem de todos.’  
 ‘Mas .. senhor Albani ...’  
 ‘Se eles são culpados, Deus vai pensar em puni-los.’ (RI, 372)<sup>61</sup>

Mais uma vez o senhor Emilio teve razão. Depois de procurar por algumas horas, eles encontraram o corpo de Henry, um dos marinheiros, que morreu, já muito magro, por ter se alimentado de um peixe que o envenenou. Preocupado, o senhor Emilio decidiu encontrar o outro marinheiro, o maltês.

Um homem subiu dolorosamente o morro, se apoiando em uma bengala. Ele poderia ter 30 anos, era alto, mas magro ao ponto de suas roupas rasgadas dançarem nos seus membros esqueléticos. Seus cabelos crescidos e a barba negra sem fazer, lhe davam um aspecto pouco tranquilizador, selvagem.  
 ‘É ele: Marino!’ Repetiu o marinheiro.  
 ‘Naquele estado!...’ exclamou Albani, com a voz comovida. ‘Se demorássemos para achá-lo, iríamos encontrar apenas um cadáver.’  
 ‘Ei, Marino!’ Gritou o marinheiro, que parecia ter esquecido completamente os seus propósitos de vingança. (RI, 383)<sup>62</sup>

<sup>61</sup> “‘Non dobbiamo erigerci a giustizieri, noi, Enrico.’ / ‘Vorreste lasciarli vivere ancora? ...’ / ‘La sventura li avrà domati.’ / ‘Hanno fatto saltare la nave, signore.’ / ‘Forse c’inganniamo. Chi sa, l’incendio può averlo prodotto il caso.’ / ‘Ah!... no, non perdonerò loro mai!...’ / ‘Perdono io.’ / ‘Voi!...’ / ‘Sì, Enrico. Io non permetterò che i "Robinson" italiani macchino la loro isola con un delitto. No, amico mio, siamo generosi e cerchiamo invece di unire i nostri sforzi ai loro, pel bene di tutti.’ / ‘Ma... signor Albani...’ / ‘Se sono colpevoli, penserà Dio a punirli.’”

<sup>62</sup> “‘Un uomo saliva penosamente l’altura, appoggiandosi ad un bastone. Poteva avere trent’anni: era di statura alta, ma magro al punto che le sue vesti stracciate gli danzavano attorno alle membra ischeletrite. I capelli e la barba incolta e nerissima gli davano un aspetto poco rassicurante, selvaggio. / ‘È lui: Marino!’ ripeté il marinaio. / ‘In quello stato!...’ esclamò Albani, con voce commossa. ‘Se tardavamo a rintracciarlo, non avremmo trovato che un cadavere.’ / ‘Ehi, Marino!’ gridò il marinaio, che pareva avesse dimenticato completamente i suoi propositi di vendetta.’”

Quando Enrico encontrou o corpo magérrimo do marinheiro, morto pela alimentação de um peixe venenoso, teve a oportunidade de vivenciar o ensinamento do senhor Albani. A justiça divina fora feita e o rapaz, foi punido através de uma morte muito triste. Faminto por não ter conseguido encontrar alimento, acabou morrendo por não saber que a carne daquele peixe era venenosa. Quando encontrou Marino, o marinheiro maltês, ainda vivo, mas extremamente debilitado, Enrico já estava com outra postura. Ao verificar a grave situação de Marino, mudou o seu propósito e fez de tudo para ajudá-lo. Depois de alimentá-lo com os biscoitos e a bebida que trouxeram, os Robinson souberam a verdade. Henry mentiu a Marino sobre o incêndio, dizendo que apenas provocou um pequeno fogo para evitar que o capitão do navio fosse atrás deles. Marino nem sabia do incêndio criminoso no depósito do navio, responsável pelo triste fim do Liguria.

‘Então, aquele infame mentiu! ... senhor Albani, Enrico, eu lhes juro pela memória de minha mãe que eu não acendi aquele fogo e que Harry me enganou. Mas .. então ... o "Liguria" explodiu?’

‘Com toda a tripulação.’

‘Então me enforcem: vocês têm o direito.’

‘Não, a terra dos "Robinson" italianos não irá se manchar com um crime: nós te perdoamos.’

O maltês caiu de joelhos, chorando. O marinheiro e o veneziano o levantaram, dizendo: ‘Não se fala mais sobre isso, tudo foi esquecido.’

‘Obrigado, senhores: eu serei, a partir de agora, o escravo de vocês.’

‘Não um escravo, mas um amigo. Siga-nos ao bote salva-vidas.’ (RI, 387)<sup>63</sup>

Da mesma maneira que a tempestade afastou os piratas que atacaram a aldeia dos Robinson, o destino ou a intervenção divina causaram a morte do personagem responsável pelo assassinato de várias pessoas. A justiça foi feita por Deus, como Albani havia dito a Enrico. Dessa maneira, os personagens não precisaram sujar suas mãos de sangue pela vingança e a honra deles foi mantida.

Em todas essas situações percebemos o quanto o senhor Albani agiu corretamente. Mesmo com os tagali, os novos habitantes da ilha, salvos de um naufrágio nos últimos

<sup>63</sup> “‘Allora quell'infame ha mentito!... Signor Albani, Enrico, vi giuro sulla memoria di mia madre che io non ho acceso quel fuoco e che Harry mi aveva ingannato. Ma... dunque... è saltato il "Liguria"?’ / ‘Con tutto l'equipaggio.’ / ‘Allora impiccatemi: voi ne avete il diritto.’ / ‘No, la terra dei "Robinson" italiani non si macchierà d'un delitto: ti portiamo il perdono. / Il maltese si lasciò cadere alle loro ginocchia, piangendo. Il marinaio e il veneziano lo rialzarono, dicendo: ‘Non se ne parli più; tutto è dimenticato.’ / ‘Grazie signori: io sarò, d'ora innanzi, il vostro schiavo.’ / ‘Non schiavo, ma amico. Seguici alla scialuppa.’”

capítulos do livro. O senhor Albani os convidou para morar lá, dividindo igualmente o espaço e as tarefas. Nesse momento Enrico esclareceu qual era o lugar do senhor Albani, falando em nome de todos os italianos: “Sim senhor, somos todos iguais aqui”, disse o genovês, ‘mas todos nós reconhecemos no senhor o governador dessa ilha.’” (RI, 470)<sup>64</sup> E continuou, explicando os motivos: “O senhor nos guiou, o senhor nos salvou da fome e das tribulações; o senhor, com a sua sabedoria e habilidade, nos deu uma existência feliz; é portanto justo que nós todos o reconheçamos como nosso líder.” (RI, 470-1)<sup>65</sup> Albani, emocionado, concordou e explicou a todos quais seriam os seus planos para a ilha. “Então procurarei me mostrar digno da confiança que depositam em mim. Somos todos vigorosos, estamos todos prontos a trabalhar e procuraremos transformar esta ilha, há alguns meses deserta e selvagem, em uma colônia próspera, digna da pátria italiana.” (RI, 470-1)<sup>66</sup> Os quatro italianos, contentes, comemoraram com “Viva ao senhor Albani (...) Viva o nosso capitão!” (RI, 471) <sup>67</sup>.

No início do livro, os jovens eram ingênuos e imaturos. A história narrou uma aventura iniciática que proporcionou a eles uma experiência que marcou o final da juventude e o início da idade adulta. O naufrágio e a chegada à ilha marcaram a separação dos personagens do mundo tradicional, pois chegaram a um novo espaço e aprenderam a viver uma nova vida, com regras diferentes da sociedade onde estavam inseridos. Já amadurecidos, se casaram e passaram a viver na sua colônia. No final da aventura, a vida na sociedade substituiu a vida selvagem e os personagens amadureceram e melhoraram de status social.

Nesse sentido, concordamos com Marcia Miyuki Iwai (2010, 40-41), que considera o romance de aventura como um romance de formação, o *Bildungsroman*. Mesmo que inicialmente seja pensado como um produto típico alemão, todas as culturas tiveram ro-

---

<sup>64</sup> “Sì, signore, siamo tutti eguali qui”, disse il genovese, “ma tutti noi riconosciamo in voi il governatore dell'isola.”

<sup>65</sup> “Voi ci avete guidato, voi ci avete salvato dalla fame e dalle tribolazioni; voi, colla vostra sapienza e colla vostra abilità, ci avete dato un'esistenza felice; è quindi giusto che noi tutti vi riconosciamo per nostro capo.”

<sup>66</sup> “Allora procurerò di mostrarmi degno della fiducia che riponete in me. Siamo tutti vigorosi, siamo tutti pronti a lavorare e cercheremo di trasformare quest isola, pochi mesi fa deserta e selvaggia, in una colonia fiorente, degna della patria italiana”

<sup>67</sup> “Viva il signor Albani! (...) Viva il nostro capitano!”

mances de formação. Basicamente é a história de um aspecto da vida de um jovem rapaz, que depois de sucessões de atrapalhos e enganos, torna-se adulto. O protagonista vivencia um processo de amadurecimento, ele comete erros que são corrigidos ao longo da história, afasta-se de casa e é iniciado, seja na profissão, no amor ou nos estudos, com a ajuda e orientação de um homem mais velho.

A personagem do senhor Albani foi o mentor daqueles jovens. Ele os orientou nas ações que levaram à sobrevivência na ilha, ele os salvou dos ataques dos animais perigosos, orientou os jovens na luta contra os piratas, além de ensiná-los no sentido moral. Sempre que era necessário, Albani continha os instintos violentos de Enrico, como quando tentou evitar que Enrico atacasse os piratas e incentivou o jovem a perdoar Marino. Nesse *Bildungsroman* italiano, os meninos se transformaram em homens através da ajuda de um homem experiente, responsável por iniciá-los na vida adulta.

Nos romances de aventura, os homens convivem a maior parte do tempo com outros homens ao longo da história, em relações baseadas em lealdade e amizade. Como as aventuras iniciam com uma viagem, com os personagens se afastando da família e do lugar onde nasceram, os companheiros de viagem tornam-se os responsáveis pelos ensinamentos morais e viris dos meninos, através do seu exemplo de conduta. Esse foi o papel do senhor Emilio Albani ao longo da história, ele foi o homem de ação, detentor de conhecimentos práticos capazes de garantir o seu domínio sobre a natureza naquela ilha. Além disso, como os meninos não tinham laços familiares com outros homens, o senhor Albani tornou-se pai, guia e educador para eles, que puderam construir novos laços familiares de amor entre pai e filho. Como resultado, os jovens transformaram-se em adultos honestos e laboriosos devido a experiência na ilha.

(...) o romance de aventura é o elogio da virilidade aventureira, da força física, dos protagonistas masculinos, dos autores homens se afirmando e oferecendo bom entretenimento e alimento aos espíritos dos leitores meninos. Por isso, nada mais justificável que, no centro desses enredos, estejam os laços de amizade profunda entre protagonistas homens. (Iwai, 2010, 132)

Nas ações de Albani, observamos várias características dos aventureiros. Ele já tinha sido explorador, capitão da marinha e viajante. Nesses trabalhos, enriqueceu a ponto

de tornar-se explorador particular. O fato de o personagem conhecer toda a flora e a fauna, sabendo como tirar o melhor proveito da natureza em benefício próprio, suprimindo as necessidades que apareciam ao longo dos dias na ilha, aproxima-o da imagem dos viajantes e naturalistas europeus que se dedicavam a conhecer e a classificar as plantas e os animais da região. Quanto ao domínio do território, assunto tratado no terceiro capítulo, o senhor Albani soube se aproveitar da única “mão de obra disponível” ao seu favor, os animais – como não havia outras pessoas na ilha, Salgari os transformou em servos. Por isso, o senhor Albani domesticou e adestrou um orangotango e dois macacos para realizar alguns trabalhos, e também foi o responsável por mapear a ilha. Como um grande aventureiro, o senhor Albani ensinou os personagens (e os leitores da obra) quais eram as vantagens das práticas imperialistas.

Finalmente, no livro “*I Robinson Italiani*” encontramos apenas um trecho que valoriza o homem branco em detrimento das mulheres e dos homens de outras raças. De uma maneira muito sutil, o senhor Albani explicou aos meninos porque os tigres eram animais extremamente perigosos.

Eu já disse a vocês, os tigres são muito inteligentes. Sabendo que os homens possuem armas, enquanto eles são jovens e ágeis e têm o ritmo necessário para atacar os animais da floresta, os deixam em paz. Às vezes, porém, impulsionados pela fome, fazem vítimas humanas, mas preferem os homens negros e, possivelmente, as mulheres e as crianças, já sabendo o poder das armas de fogo dos homens brancos. (RI, 204)<sup>68</sup>

Segundo o trecho, os tigres só atacariam seres humanos se estivessem famintos. Porém, eles escolheriam os homens negros, as mulheres e as crianças porque eram capazes de reconhecer a superioridade das armas dos homens brancos – evitando atacá-los. Para Salgari, por meio do personagem do senhor Albani, a superioridade das armas do homem europeu, responsável pelos avanços tecnológicos ocorridos a partir do século XIX, era tão óbvia que até mesmo os animais a reconheciam.

---

<sup>68</sup> “Te lo dissi già, le tigri sono molto furbe. Sapendo che gli uomini posseggono delle armi, finché sono giovani e agili e hanno lo slancio necessario per piombare sugli animali della foresta, lasciano in pace gli uomini. Talvolta però, spinte dalla fame, fanno delle vittime umane, ma preferiscono gli uomini di colore e possibilmente le donne e i fanciulli, conoscendo già la potenza delle armi da fuoco degli uomini bianchi.”

## 2.2. Uma *robinsonade* italiana

Como se sabe, no início do século XVIII, o livro “*Robinson Crusoe*” teve grande sucesso na Inglaterra. Um ano após o seu lançamento, foi traduzido para o francês e pouco tempo depois a história se tornou conhecida em toda a Europa. Nessa época surgiram as *Robinsonades*, livros com histórias bem similares, escritos por alemães, portugueses, franceses, holandeses, suíços, russos, espanhóis, austríacos, dinamarqueses, americanos, entre outros, alguns desses adaptados para a juventude. Martin Green apresenta um perfil resumido dessas obras.

É a história de um homem isolado e uma ilha (por um número de mecanismos possíveis; um homem com um número de histórias possíveis) que num primeiro momento está em perigo de morte, mas gradualmente aprende a sobreviver, e mais tarde a acumular bens, colheitas e comodidades, até que ele é o monarca de tudo o que ele examina. (em anti-Robinsons, versões satíricas da história, somente a primeira parte do enredo segue o modelo; o final aparenta ser um tanto diferente). Robinson consegue tudo com muito esforço, trabalho físico e pelo exercício da perspicácia técnica e moral. Na primeira parte da história, a atenção do leitor é chamada para as habilidades e ferramentas de Robinson, seus sucessos e fracassos práticos, e acima de tudo, sua persistência e habilidade em aprender. Na segunda metade da história, ele conhece outras pessoas, alguns de mesma cor que a sua e outros de pele mais escura, e eles apresentam problemas diferentes. Ele tem que defender a propriedade que ele mesmo fez e conquistou dos outros, e para este fim deve recorrer à violência. Mas, em versões que não satirizam a história, Robinson resolve estas dificuldades e sua vida se desenvolve de maneira grandiosa e rica para todas as outras pessoas envolvidas. (Green, 1991, 48) <sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> “Yet we can’t define this adventure type, much more than the others, in terms of one narration, one plot. Is is the story of a man cast away on an island (by a number of possible mechanisms; a man with a number of possible histories) who at first is in danger of dying but gradually learns how to survive, and later how to accumulate goods and crops and comforts, until he is monarch of all he surveys. (In anti-Robinsons, satirical versions of the story, only the first part of the plot follows the model; the ending is likely to be quite different.) Robinson accomplishes all that by hard, physical work and by the exercise of technical and moral shrewdness. In the first part of the story, the reader’s attention is called to Robinson’s skills and tools, his practical successes and failures, and above all his persistence and ability to learn. In the second half of the story, he meets other people, some of his own color and some of darker skins, and they present different problems. He has to defend his self-made property from them, and to that end must resort to violence. But, in non satirical versions of the story, Robinson resolves these difficulties and his life grows the richer and grander for all the other people it involves.”

Algumas *Robinsonades* foram escritas por autores famosos como o americano James Fenimore Cooper, que publicou “*The Crater*” em 1847; o britânico R. M. Ballantyne, “*The Coral Island*”, publicada em 1858; e o francês Jules Verne, que publicou a sua versão da história chamada “*The Mysterious Island*”, em 1874. Em 1883 o escocês Robert Louis Stevenson publicou “*Treasure Island*”. Nesse mesmo período Emilio Salgari escreveu a sua versão da narrativa, chamada “*I Robinson Italiani*”.

Na sua versão da história, Salgari centralizou a narrativa em mostrar como os três sobreviventes do naufrágio conseguiram viver em um lugar selvagem, superando as dificuldades do dia a dia, enfrentando animais selvagens e piratas, com pouquíssimos recursos.

Ao longo da história, Salgari fez várias referências à história criada por Daniel Defoe. A primeira delas apareceu no momento em que Enrico se preocupou com a possibilidade da ilha ser deserta. Nesse caso, o que fariam para conseguir a comida?

‘E como é que você vai procurar comida se nós não temos uma arma de fogo?’  
 ‘Nós temos um machado e duas facas.’  
 ‘Que Robinson miseráveis! Crusoe teve ao menos as armas de fogo e a dispensa do navio.’ (RI, 54)<sup>70</sup>

O senhor Emilio Albani, o personagem mais velho entre os três sobreviventes, era quem mais fazia as referências não apenas à história de Defoe, como às *Robinsonades*. Ele usava essa história para encorajar os jovens nas dificuldades. “Com um pouco de paciência, nós procuraremos tudo Enrico. Você acha que está faltando tudo, que nós somos os mais miseráveis de todos os Robinson e que devemos começar a partir das coisas de primeira necessidade. Em um mês espero nunca mais ouvir você reclamar.” (RI, 92)<sup>71</sup>

Encontramos outra referência à história de Crusoe na superação das dificuldades diárias graças ao sacrifício e ao trabalho disciplinador. Essa referência foi utilizada mais

<sup>70</sup> 'E come faresti a procurarti dei viveri se non possediamo un fucile?' 'Abbiamo una scure e due coltelli.' 'Che Robinson miserabili! Crusuè aveva almeno delle armi da fuoco e la dispensa della nave.'

<sup>71</sup> 'Con un po' di pazienza ci procureremo tutto, Enrico. Pensa che siamo sprovvisti d'ogni cosa, che siamo i più miseri di tutti i 'Robinson' e che dovremo cominciare dalle cose di prima necessità. Fra un mese spero di non udirti più lamentare'.

de uma vez como exemplo a ser seguido pelos náufragos italianos. O Senhor Emilio motivou os jovens com a famosa história de Defoe.

Portanto, não desanimem: se trata de trabalhar e, se Deus nos proteger, espero poder passar tranquilamente, sem medo ou sofrimento, todo o tempo em que seremos forçados a ficar na ilha. Nós somos os mais pobres de todos os Robinson porque os outros, começando por Selkirk, o herói de Daniel Defoe, tinham pelo menos armas de fogo e mil coisas úteis que tiraram do navio naufragado; mas com a firmeza e a vontade nós não precisaremos invejar os outros. Enquanto isso, meus amigos, vamos pensar em fazer um abrigo, que é a coisa mais urgente de todas. Com o tempo nós fabricaremos armas tão mortais quanto os fuzis. (RI, 75-6)<sup>72</sup>

Nessa citação, por meio de Albani, percebemos que Salgari conhecia a história do escocês Alexander Selkirk, que naufragou e ficou sozinho em uma ilha, por quatro anos, até ser resgatado. Sua história era bem conhecida no início do século XVIII e pode ter inspirado Daniel Defoe.

Para os náufragos italianos, a história de Defoe foi utilizada como um manual de sobrevivência na ilha. Isso pode ser verificado ao observarmos a velocidade dos acontecimentos na história de Salgari. O personagem de Defoe demorou para conseguir alcançar um padrão de vida confortável na ilha. Os italianos, ao contrário, construíram várias coisas em dez dias.

Eles tinham fabricado muitos objetos indispensáveis: uma mesa, cadeiras, recipientes, empregando os grandes troncos dos bambus gigantes; redes confortáveis, empregando as peças das velas; um cano de água que vinha de uma fonte, descoberta na floresta, e entrava no recinto. Eles abriram um pedaço de terra, utilizando enxadas fabricadas com as hastes de ferro do mastro, esperando encontrar em qualquer canto da ilha algumas sementes úteis, e cavaram armadilhas, mas sem sucesso, como se os animais selvagens tivessem abandonado a costa. Mas conseguiram pegar algumas aves, que foram trancadas em uma espécie de aviário, construído com muita paciência de marinheiro com fibras de calamus e de bambu novo. (RI, 150-1) <sup>73</sup>

<sup>72</sup> “Non scoraggiatevi quindi: si tratta di lavorare e, se Dio ci protegge, spero di potervi far passare tranquillamente, senza timori e senza sofferenze, tutto il tempo che saremo costretti a fermarci su quest'isola. Siamo i più poveri di tutti i 'Robinson' poichè gli altri, cominciando da Selkirk, il caposcuola, l'eroe di Daniel de Foe, possedevano almeno delle armi da fuoco, mille cose utilissime che traevano dalle loro navi naufragate; ma colla fermezza e colla volontà noi nulla avremo da invidiare agli altri. Intanto, amici miei, pensiamo a fabbricare un ricovero, che è la cosa più urgente di tutte. Col tempo poi fabbricheremo delle armi mortali quanto i fucili ...”

<sup>73</sup> “Si erano fabbricati molti oggetti indispensabili: una tavola, delle sedie, dei recipienti, adoperando i grossi fusti dei bambù giganti; delle comode amache, adoperando dei pezzi di vele; un condotto d'acqua che



Aliás, o próprio controle do tempo através de um calendário, também foi feito tal como ensinado por Robinson Crusoe.

A história de Crusoe tornou-se uma inspiração positiva para os três naufragos. Como conheciam a história, sabiam quais eram os equipamentos que Crusoe conseguiu resgatar do navio e quais foram os passos dados por ele na ilha. Assim, os Robinson italianos reproduziram a saga de Crusoe, seguindo o seu exemplo de determinação e superação das dificuldades.

As referências ao livro de Defoe eram tantas que estavam presentes no título do livro, em alguns títulos de capítulo como “O pão dos Robinson” e “A família dos Robinson”, e na designação dos próprios personagens: “Somos, ou melhor éramos, os mais pobres 'Robinson'(...)”(RI, 75-6)<sup>74</sup>. A partir desse momento, o autor utilizou a palavra “Robinson” mais de quarenta e cinco vezes em referência aos seus personagens. Salgari ainda fez quatro citações ao livro de Defoe e três citações às *Robinsonades*.

Todas essas referências podem ser justificadas no fato de Salgari ter criado a sua versão da história considerada um clássico da literatura inglesa e da literatura mundial<sup>75</sup>. A história de um naufrago que sobreviveu em uma ilha deserta recebeu várias versões na literatura, no teatro, no cinema e nas histórias em quadrinhos, e ainda hoje é considerada atual porque se tornou um dos mitos da modernidade, como afirma Ian Watt (1997). Nesse sentido, as infinitas leituras e releituras desse clássico, como “*I Robinson Italiani*” e as *Robinsonades* tendem a reforçar a hegemonia cultural europeia quando concordam com a valorização dessa história.

---

partiva dalla sorgente scoperta in mezzo al bosco e metteva capo nel recinto. Avevano inoltre dissodato un tratto di terra, servendosi delle zappe fabbricate colle aste di ferro dei pennoni, sperando di trovare in qualche angolo dell'isola delle sementi utili, e avevano scavato delle trappole, ma senza successo, poich  pareva che la grossa selvaggina avesse abbandonato quella costa. Erano per  riusciti a prendere alcuni volatili, che avevano rinchiuso in una specie di uccelliera, costruita con molta pazienza dal marinaio con fibre di rotang e giovani bamb .”

<sup>74</sup> “Siamo, o meglio eravamo, i pi  poveri 'Robinson'...”

<sup>75</sup> Temos consci ncia das implica  es da utilização do termo *Literatura Mundial*. Acreditamos que qualquer classificação, feita por intelectuais oriundos das grandes pot ncias europeias e norte-americanas, de algumas obras da cultura como as mais importantes e significativas devido ao seu valor est tico e cultural, são arbitrárias e geralmente privilegiam os bens culturais que esses intelectuais conhecem bem. Por isso, os bens culturais de países e culturas não europeias normalmente não entram nesse rol. Entretanto, não podemos ignorar o peso que uma obra, que já foi considerada clássica, possui entre os leitores e os intelectuais.

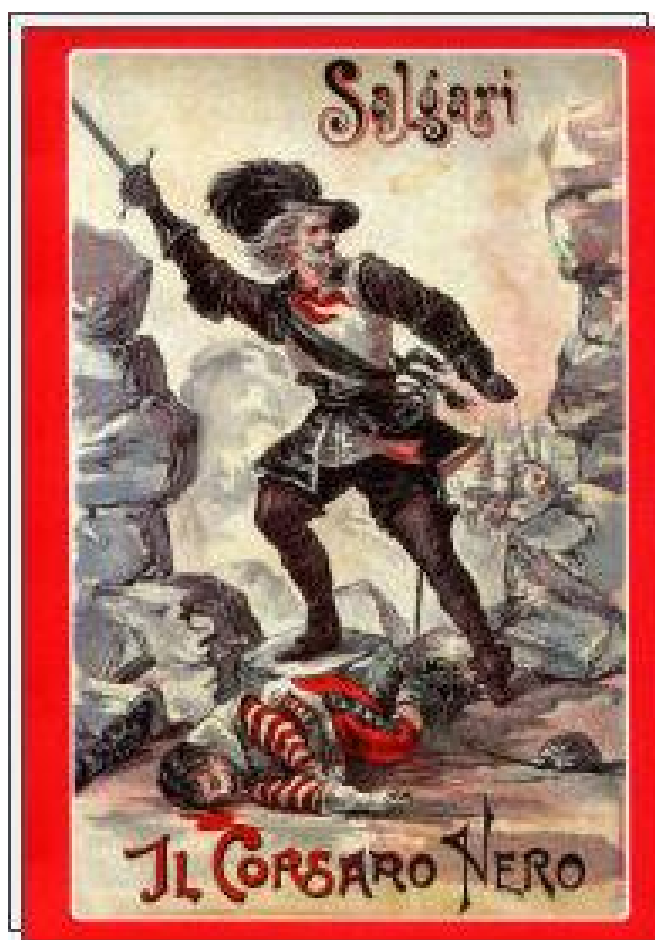
Entretanto, há uma importante exceção para essa regra: o livro de John M. Coetzee, “Foe”, na qual a protagonista, Susan Barton é uma mulher europeia que é obrigada a conviver com Cruso (o modo como ela se refere a Robinson Crusoe) e seu criado Friday, o nativo que não consegue se comunicar porque está com a língua cortada. A personagem quer relatar a verdade da sua história de naufraga, então procura um escritor, chamado Foe, para escrevê-la. Entretanto, a mulher sofre com as interferências do escritor, que quer alterar o seu texto para que se torne vendável e interesse os leitores. Nessa história o autor coloca em cheque vários aspectos tradicionais de literatura, gênero e colonialismo, dentre os quais destacamos a incapacidade de Susan comunicar-se com Friday, presa à comunicação tradicional de fala e escrita. Susan quer conhecer o passado de Friday, porém ele está inacessível, como de todos os povos colonizados.

### **2.3. O Corsário italiano**

Na primeira edição do livro “O Corsário Negro”, publicada em 1898 pela editora Donath de Gênova, a imagem do personagem principal, título da obra, está ilustrada na capa (Figura 01). Assim que entra em contato com o livro, o leitor já pode ter uma ideia da história e do personagem principal.

Na capa, encontramos um homem em posição intimidadora, com uma espada na mão direita, e a esquerda com o punho fechado, como se estivesse pronto para o ataque, mas, ao mesmo tempo, em uma posição de comando, chamando seus homens para uma batalha. Abaixo dele, o título indica o seu nome, o Corsário Negro. No fundo direito da imagem, percebemos o semblante de vários homens com espadas, como se estivessem seguindo seu comandante. Nos pés do Corsário, há o corpo de um homem, ainda com sangue escorrendo da sua cabeça. Próximo ao corpo, vemos apenas um pedaço da perna de um homem, indicando mais um corpo que acabou de ser morto naquela batalha. Pela capa, o leitor pode esperar uma leitura ativa, rápida, repleta de batalhas, sangue e mortes.

Figura 01



Capa da primeira edição do livro “*Il Corsaro Nero*”, ilustrada por Pipein Giuseppe Gamba, publicada em 1898 por Donath Editore.

A narrativa se passa no final do século XVII na América, mais precisamente no Golfo do México. Já no primeiro capítulo, o leitor conhece a Folgore, o navio do Corsário Negro: “um daqueles navios de corrida adotados pelos flibusteiros da Tortuga para perseguir os grandes galeões espanhóis, que levam para a Europa os tesouros da América Central, do México e das regiões equatoriais” (CN, 11); e o Cavaleiro Emilio de Roccanera, senhor de Valpeta e de Ventimiglia, também conhecido como Corsário Negro:

Ele estava usando roupas totalmente pretas e tinha uma elegância que não era comum entre os flibusteiros do grande Golfo do México, homens que se contentavam com um par de calções e uma camisa e que tomavam muito mais

cuidado com suas armas do que com as próprias roupas.

Vestia um belo jaquetão de seda preta, enfeitado de rendas da mesma cor e uma lapela de couro também preta; os calções eram de seda preta, amarrados por uma larga faixa com franjas; botas altas e justas e, na cabeça, um grande chapéu de feltro enfeitado com uma longa pluma negra que chegava até os ombros.

Até mesmo o aspecto daquele homem tinha, como a roupa, algo de fúnebre, com o rosto pálido, quase marmóreo, que se destacava de uma forma estranha entre a renda negra do colete e a aba larga do chapéu, sombreado por uma barba curta, negra, cortada no estilo nazareno e ligeiramente crespa.

As feições, contudo, eram belíssimas: tinha um nariz reto, lábios pequenos e vermelhos como o coral, uma testa ampla, sulcada por uma leve ruga de que dava àquele rosto um ar melancólico, olhos negros como o carvão, com um formato perfeito e cílios longos, vivos e animados por lampejos tão fortes que, em certos momentos, devia perturbar até os mais intrépidos flibusteiros do golfo inteiro.

A estatura alta e ereta, a postura elegante e as mãos aristocráticas faziam com que fosse reconhecido, mesmo à primeira vista, como um homem de alta posição social e, principalmente, como uma pessoa acostumada a comandar. (CN, 13)

Aquele homem possuía “Um grito rouco, que tinha alguma coisa de selvagem, mas, ao mesmo tempo, de lancinante(...)” (CN, 14) “mas o olhar, penetrante como o de uma águia” (CN, 19). No início do segundo livro, o leitor encontra mais uma descrição do Corsário Negro que destaca sua ousadia:

Aquele atrevido, que ousava desembarcar sozinho em uma cidade de dois mil habitantes prestes a se revoltar contra ele e a tratá-lo como a um animal feroz, era um belo homem de cerca de trinta e cinco anos, estatura alta e porte distinto e aristocrático.

As feições eram bonitas, embora a pele fosse de uma palidez cadavérica. Tinha uma testa larga, sulcada por uma ruga que dava a seu rosto um ar triste, um belo nariz reto, lábios finos e vermelhos como o coral e olhos muito negros de talho perfeito e brilho orgulhoso. Se o rosto daquele homem tinha um não sei que de triste e de fúnebre, a roupa também não era de nada alegre: de fato, estava vestido de preto da cabeça aos pés (...) (RC, 11)

Walter Fochesato inicia o seu artigo sobre os ilustradores salgarianos (Fochesato, 2011) comentando a interferência de Salgari no trabalho desses desenhistas. Todas as capas passavam pelo crivo do autor, que exigia fidelidade ao texto, deixando pouco espaço criativo para o ilustrador. Mesmo assim, todos os ilustradores (Fochesato informa que foram mais de vinte e cinco apenas no período de vida de Salgari) conseguiram deixar sua marca pessoal no trabalho. Na capa feita por Pipein Gamba (Figura 01),

observamos a fidelidade ao texto em relação à descrição do Corsário Negro e o predomínio de dramaticidade no gesto que ele faz. A grande carga dramática presente na obra de Gamba é o resultado da sua experiência como cenarista e figurinista teatral. Já na capa de Alberto Della Valle (Figura 02) não vemos tanta fidelidade ao texto.

Figura 02



Capa da terceira edição do livro “*Il Corsaro Nero*”, ilustrada por Alberto Della Valle, publicada em 1904 por Donath Editore.

Na sua ilustração, feita para a capa da terceira edição do livro, o Corsário Negro é

retratado como um homem gordinho, com o olhar tímido, pensativo ou até hesitante. Como era a terceira edição da obra, acreditamos que o ilustrador tinha mais liberdade para expressar a sua visão dos personagens, pois possivelmente a editora já possuía os direitos autorais e de impressão da obra e o autor já não era chamado para opinar. Ainda em relação à imagem, não encontramos nenhuma referência à coruja no livro para justificar a presença da ilustração desse animal na capa. Em relação às características básicas da literatura de aventura, o único elemento que permite associar essa ilustração ao gênero é a presença do navio dentro do brasão, remetendo o leitor às batalhas navais presentes na obra; porém, nada indica a presença de elementos como a força e a coragem do personagem para enfrentar os desafios. Para nós, a ilustração do Corsário Negro feita por Della Valle não lembra em nada o terrível capitão do mar que invadiu mais de três cidades, enfrentou indígenas antropófagos e vários soldados espanhóis para vingar-se de Wan Guld. Outro elemento marcante nas ilustrações de Della Valle é a presença de elementos da arte *nouveau* na grafia das palavras e na assinatura do ilustrador, porém a influência da arte *nouveau* fica ainda mais evidente nas outras capas que esse ilustrador fez para os livros de Emilio Salgari.

No primeiro capítulo do primeiro livro, o leitor conhece a força motriz da história, a vingança do Corsário Negro. Ela aparece na conversa entre o Corsário, Carmaux e Wan Stiller, personagens secundários e cômicos da obra. Os dois descreveram ao Corsário como o seu irmão, o Corsário Vermelho, fora traído e capturado por Wan Guld, que o enforcou em praça pública. O Corsário Negro, raivoso, disse:

– Ele de novo! Sempre ele!... Então ele jurou um ódio feroz contra mim? Um irmão morto por traição e dois outros enforcados por ele!...

– Eram os dois corsários mais corajosos do golfo, senhor, por isso é natural que ele tivesse ódio deles.

– Mas ainda me resta a vingança!... – gritou o flibusteiro com uma voz terrível. – Não, não morro sem antes exterminar aquele Wan Guld e toda a sua família e sem pôr fogo na cidade que ele governa. Maracaíbo, você foi mortal para mim, mas eu também vou ser mortal para você!... nem que eu precise convocar todos os flibusteiros da Tortuga e todos os bucaneiros de São Domingos e de Cuba, não vai sobrar pedra sobre pedra nessa cidade! (CN, 15)

O Corsário Negro motivava os piratas nas batalhas, nas missões e nos saques das

idades portuárias. Entre seus homens, “tamanha era a confiança que tinham na ousadia e no valor do terrível Corsário, cujo nome, apenas, bastava para espalhar o terror em todas as cidades costeiras do Grande Golfo mexicano.” (CN, 19) Um exemplo dessa ousadia é a primeira ação do Corsário narrada no livro. Quando ele soube que o corpo enforcado do seu irmão ficaria exposto na praça principal de Maracaíbo para servir de exemplo aos homens que desafiassem a coroa espanhola, decidiu ir buscar o corpo para sepultá-lo no mar. Nessa empreitada, levou apenas Carmaux e Wan Stiller.

- Voltar de novo para lá!... – exclamou. – Vamos acabar perdendo a pele, Carmaux.
- Bah!... Não vamos sozinhos desta vez.
- Quem é que vai conosco?
- O Corsário Negro.
- Então não estou mais com medo. Aquele diabo de homem vale por cem flibusteiros.
- Mas ele vai sozinho.
- Não interessa, Carmaux; com ele não temos nada a temer. (CN, 18)

Entre os espanhóis e os moradores das cidades portuárias, a fama do Corsário era terrível. Todos temiam a força e a habilidade no manejo da espada daquele homem, famoso pelos saques às cidades, pelas batalhas navais e por matar os homens que resistiam aos seus ataques ou dificultavam seu caminho. A conversa de dois soldados espanhóis que deveriam prender o Corsário a pedido de Wan Guld ilustra essa colocação:

- Mas eles vão se defender terrivelmente. O Corsário Negro sozinho vale por vinte homens, Sebastião.
- Mas nós somos sessenta e, além de tudo, tem o conde, que maneja uma espada como ninguém.
- Isso não vai ser suficiente para aquele Corsário dos diabos. Acho que muitos de nós vão partir para o outro mundo. (CN, 288)

Outro exemplo sobre o terror que o Corsário e os piratas despertavam nas pessoas distantes da flibustaria está no início do livro “A Rainha dos Caraíbas”.

Os massacres e saques cometidos por Pierre le Grand, pelo Braço de Ferro, John, Davis, Montbar, pelo Corsário Negro e seus irmãos, o Corsário Vermelho e o Verde, e pelo Ononês haviam espalhado o terror em todas as colônias do golfo, ainda mais que naquela época se acreditava, de boa-fé, que aqueles

piratas tivessem origem no inferno e, portanto, fossem invencíveis.(RC, 8)

Os próprios personagens confirmavam essa crença quando chamavam os piratas de “esses filhos de Satanás” (RC, 9) ou “filhos do diabo, aqueles bandidos de Tortuga.” (RC, 8).

Quando o Corsário Negro aportou em Puerto Limón, causou terror entre os moradores da cidade e os soldados espanhóis. Naquela noite, um dos soldados acreditou que a nave que se aproximava da cidade era a Folgore, a nave do Corsário.

Um frêmito de terror passou por todos os rostos ao ouvir aquela ideia inesperada. Até mesmo o sargento ficou muito pálido, embora tivesse ganhado os seus galões nos campos de batalha.  
– o Corsário Negro aqui! – exclamou ele, com um tremor acentuado na voz. – Você está completamente louco, meu jovem. (RC, 9)

Um pescador confirmou a suspeita, era mesmo a nave do Corsário que estava próxima à praia. “Ficaram todos aterrorizados ao ouvir aquelas palavras. Até o sargento perdeu toda a sua ousadia, e seria possível afirmar que as pernas dele se recusavam a obedecê-lo naquele momento.” (RC, 10) Um dos pescadores falou que não era necessário fugir do Corsário: “Fiquem – disse ele. – O Corsário Negro não é homem de fazer mal a quem não lhe opõe resistência.” (RC, 9) Essa fala, presente no início do segundo livro, apenas confirma uma faceta do comportamento do Corsário Negro. Ele era um homem honrado e de palavra e, ao contrário da imagem que despertava entre os soldados e os moradores das cidades portuárias, em diversas situações ele demonstrou ser piedoso, honesto, honrado e cortês.

No segundo capítulo, o leitor verifica que o Corsário Negro é um homem de palavra e que não mata seus prisioneiros sem motivos. Quando ele, Carmaux e Wan Stiller desembarcaram em Maracaíbo, encontraram um soldado espanhol. Depois que Carmaux o prendeu, perguntou ao Corsário se deveria matá-lo, mas recebeu uma resposta negativa. O Corsário começou a interrogá-lo e diante das respostas corajosas do soldado, decidiu deixá-lo viver. Como o soldado não acreditava, disse: “– O Corsário Negro é um cavalheiro, e um cavalheiro nunca falta à palavra dada – respondeu o capitão com voz



solene.” (CN, 26). Quando esse soldado perguntou ao Corsário Negro se ele gostaria de assassinar Wan Guld, recebeu como resposta a preferência a um duelo por causa da honra: “– Assassiná-lo!... – exclamou o flibusteiro irado. – Eu sou um cavalheiro. Costumo lutar e nunca mato ninguém traiçoeiramente. Um duelo entre mim e ele, pode ser, um assassinato, não.” (CN, 33). No segundo livro, o Corsário Negro agiu exatamente dessa maneira quando encontrou Wan Guld na casa da marquesa de Bermejo. Em vez de assassiná-lo friamente, preferiu o duelo:

- Defenda-se, porque vou matar você.
- Pretende me assassinar?
- Sou muito cavalheiro para trucidar uma pessoa indefesa. (RC, 161)

O Corsário Negro também poupou a vida de um conde no primeiro livro, quando estava se escondendo na casa do tabelião. O Corsário queria impedir que o conde avisasse as autoridades de Maracaíbo onde ele estava escondido. Por mais que o conde de Lerma fosse um excelente espadachim, o Corsário saiu vitorioso.

- Ao ver que estava desarmado, o castelhano empalideceu e deixou escapar um grito. A ponta cintilante da lâmina do Corsário ficou retesada por um instante, ameaçando o peito, depois, repentinamente, se ergueu.
- O senhor é um homem de valor – disse, cumprimentando o adversário. – Não queria me ceder a sua arma; agora eu mesmo a pego, mas lhe poupo a vida. (CN, 71)

Espantando por estar vivo, o conde estendeu a mão ao Corsário e disse:

- Os meus compatriotas dizem que os flibusteiros são homens sem fé, sem lei. Dedicados apenas à pirataria dos mares; agora eu posso dizer que entre eles se encontram também homens de valor que, no que diz respeito ao cavalheirismo e à generosidade, são superiores aos mais cortesões cavalheiros da Europa. Senhor, aqui está a minha mão: obrigado!...
- O corsário a apertou com cordialidade, depois recolheu a espada caída e a estendeu ao conde, respondendo:
- Conserve a sua arma, senhor; a mim basta que prometa não usá-la até amanhã contra nós.
- Eu prometo, cavalheiro, pela minha honra.
- Agora deixe que o amarrem sem opor resistência. Sinto muito ter que recorrer a isso, mas não posso fazer de outra forma.
- Faça o que deve. (CN, 72)

Tanto o soldado castelhano como o conde de Lerma voltaram a narrativa. O primeiro estava na casa de Wan Guld, em Maracaíbo, esperando para encontrar o Corsário Negro.

Ao se ver diante do Corsário Negro, o soldado espanhol tirou o capacete de aço enfeitado com uma pluma depenada e rota, curvou as costas magras e longas e disse com voz tranquila:

- Eu estava esperando pelo senhor, e estou muito contente em revê-lo.
- Como! exclamou o Corsário. – Você de novo?...
- Isso mesmo, o espanhol da floresta – respondeu aquele homem esquelético, sorrindo. – O senhor não quis me enforcar e por isso ainda estou vivo. (...) queria ver de novo o homem que generosamente poupou a minha vida na noite em que caí nas suas mãos. (CN, 181)

O soldado explicou que iria ajudá-lo a encontrar Wan Guld pois sabia que ele tinha fugido até Gibraltar pela floresta e o soldado conhecia um caminho bem rápido para alcançar Wan Guld. O espanhol decidiu ajudar o Corsário porque:

- Pois fique o senhor sabendo que o governador, quando soube que eu tinha caído em seu poder e que o senhor não me amarrado a um galho com uma corda no pescoço, mandou que me dessem vinte chicotadas como recompensa. O senhor entendeu?... Mandou me chicotarem, eu, Don Bartolomeo dei Barboza e dei Camargua, descendente de uma das mais antigas e nobres famílias de Catalunha. Caramba! (...) Jurei me vingar daquele flamengo que trata os soldados espanhóis como se fossem cachorros, e os nobres como se fossem escravos indígenas, e fiquei esperando a sua chegada. O senhor veio aqui para matá-lo, mas quando ele viu o forte cair nas mãos dos corsários, fugiu. (CN, 182)

Unidos pelo desejo de vingança, o soldado castelhano juntou-se ao grupo de flibusteiros liderado pelo Corsário Negro e os guiou pela floresta, auxiliando no contato com os indígenas, no reconhecimento das plantas e dos animais da região. Porém, pouco antes de chegar à Gibraltar, o soldado castelhano pediu para se separar do grupo porque gostaria de defender a cidade ao lado dos soldados espanhóis do ataque dos piratas. Como estaria em Gibraltar, o soldado também poderia vigiar os passos de Wan Guld, caso ele chegasse antes que o Corsário Negro na cidade.

- Você em Gibraltar?... o que está dizendo?
- Que vou entrar lá antes de vocês e, por isso, posso ficar vigiando.

- E por que antes de nós?...
- Senhor, sou um espanhol – disse o catalão com um tom grave. (...) Espero que o senhor me permita morrer ao lado dos meus camaradas e que não me obrigue a lutar entre as suas fileiras contra o estandarte da Espanha.
- Ah!... Você quer defender Gibraltar?
- Quero tomar parte na defesa da cidade, comandante.
- Você está com tanta pressa assim de deixar este mundo? Todos os espanhóis de Gibraltar vão morrer.
- Então, que seja, mas vão morrer com as armas em punho, em volta da gloriosa bandeira da pátria distante – disse o catalão com voz emocionada.
- É verdade, você é um homem de valor – respondeu o Corsário com um suspiro. – Está certo, você vai na nossa frente para combater ao lado dos seus camaradas. Wan Guld é flamengo, mas Gibraltar é espanhola. (CN, 247)

O conde de Lerma também retribuiu o fato do Corsário ter-lhe poupado a vida, o auxiliando mais de uma vez. Na primeira, foi para ajudá-lo a fugir do cerco de soldados que se formou em volta da casa do tabelião, em Maracaíbo. Um pouco antes de explodirem a casa, o Corsário Negro, seus homens e os prisioneiros fugiram pelo telhado até o jardim de uma grande casa, localizada no fim da rua. O conde era amigo do proprietário daquela casa e não deixou que os guardas denunciassem a presença dos flibusteiros. Além disso,

- O conde guiou os flibusteiros por uns duzentos passos, embrenhando-se em uma ruela deserta e ladeada apenas por muros, depois disse:
- Cavalheiro, o senhor salvou a minha vida e estou feliz por ter podido, eu também, prestar-lhe esse pequeno serviço. Homens corajosos como o senhor não devem morrer na forca, e garanto que o governador não teria poupado a sua vida se o capturasse. Sigam por esta ruela que conduz aos campos e voltem a bordo de sua nave. (CN, 85)

As atitudes honradas do Corsário para com os seus prisioneiros lhes renderam bons resultados. Como ele cumpria com a sua palavra ao poupar a vida dos seus prisioneiros, eles passavam a sentir apreço e admiração pelo Corsário Negro, o retribuindo quando tinham oportunidade. Para nós, como o livro era destinado a jovens meninos, Salgari os ensinava que atitudes honradas compensavam. Isso se comprova nos exemplos acima e em mais um encontro que o Corsário Negro teve com o conde de Lerma. Wan Guld conseguiu fugir para Gibraltar pelo mar e o Corsário Negro foi capturado e levado ao mesmo navio que levava o duque flamengo para Gibraltar. Para surpresa do Corsário Negro, esse navio era do Conde de Lerma.

– Eu nunca poderia acreditar que o conde de Lerma fosse se esquecer tão depressa de ter sido salvo por mim, já que eu poderia tê-lo matado na casa do tabelião de Maracaibo – disse o Corsário com amargura.

– E o que o leva a crer, senhor de Ventimiglia, que eu esqueci o dia em que tive a felicidade de conhecê-lo? – perguntou o conde em voz baixa.(...) Gostaria de acrescentar, caso o senhor ainda não saiba, que a caravela é minha e que os marinheiros só obedecem a mim. (CN, 292-3)

O conde de Lerma explicou ao Corsário Negro que ele deveria obedecer a ordem de Wan Gund para prendê-lo e ele o fez. Entretanto, ele poderia auxiliar o Corsário a fugir do navio em segredo. “– Hoje não sou eu que estou em perigo, mas o senhor, por isso agora cabe a mim lhe prestar um favor.” (CN, 298) Naquela noite o conde auxiliou o Corsário Negro, Carmaux e Wan Stiller a fugir, lhes fornecendo um barco e armas.

– Talvez eu esteja errado em libertar o senhor, principalmente neste momento, em que o Olonês está prestes a atacar Gibraltar, mas sou um aristocrata antes de tudo e tenho que cumprir a minha palavra. O senhor salvou a minha vida, e agora vou salvar a sua. Com isso, estaremos quites. (CN, 299)

O Corsário ficou surpreso com a ação e a coragem do conde de Lerma, de arriscar-se para ajudá-lo. Na fuga, tiveram que nadar até a chalupa.

Estavam prestes a pegar os remos quando a corda que unia a chalupa à caravela caiu no mar, cortada por uma mão amiga.

O Corsário levantou os olhos para a popa do veleiro e avistou uma forma humana no tombadilho de popa, fazendo um gesto de adeus com a mão.

– Aí está um nobre coração – murmurou ele, reconhecendo o castelhano. – Que Deus o proteja da ira de Wan Guld. (CN, 300-1)

Nessa mesma noite, o conde o havia advertido que lutaria contra ele na defesa de Gibraltar se ele decidisse invadi-la com os piratas. Desde aquele momento o Corsário Negro tentou dissuadi-lo da ideia, porém não conseguiu evitar um confronto com o conde de Lerma. No meio da invasão, um homem se destacou na multidão, caminhando em direção ao Corsário Negro.

(...) um homem vestido com roupas muito ricas e com a cabeça coberta por um amplo chapéu de feltro cinza, enfeitado com uma longa pluma de avestruz.

- Cuidado, cavaleiro!... – Vou matá-lo. (...)
- O senhor, conde?...
- Eu mesmo, cavaleiro – respondeu o castelhano, cumprimentando com a espada. – Defenda-se, pois já não existe mais amizade entre nós: o senhor combate pela flibustaria e eu luto pela bandeira da velha Castela.
- Deixe-me passar, conde – respondeu o Corsário...
- Não, meu senhor – disse o castelhano em tom incisivo. – Ou o senhor me mata, ou eu o mato.
- Por favor, conde, me deixe passar!... Não me obrigue a cruzar a espada com o senhor. Se quiser lutar, há centenas de flibusteiros atrás de mim. Tenho um débito de gratidão com o senhor.
- Não, meu senhor. Estamos quites. (...) (CN, 317-8)

Em seguida, o Conde de Lerma inciou a luta, atacando o Corsário. A contragosto, o Corsário Negro teve que lutar: “O senhor de Ventimiglia conhecia a própria superioridade sobre o castelhano e lamentava ter que matar aquele cavaleiro leal e generoso...” (CN, 318). O Corsário Negro desarmou, pela segunda vez na narrativa, o Conde de Lerma, que pegou a espada de um morto e voltou a lutar, agora com a ajuda de um soldado espanhol.

- Obrigado a enfrentar aqueles dois adversários, o Corsário não hesitou mais. Com uma estocada fulminante abateu o soldado e depois, virando para o conde, que tinha vindo para atacar pelo flanco, o golpeou com grande determinação. (...)
- Conde! – gritou o senhor de Ventimiglia, segurando o espanhol nos braços antes que ele caísse. – Esta é uma triste vitória para mim, mas foi o senhor que quis assim.
- O castelhano, que estava pálido como um morto e tinha fechado os olhos, os abriu de novo e olhou fixamente para o Corsário. Depois disse com um sorriso triste:
- O destino... determinou assim... cavaleiro... Pelo menos, não vou ser obrigado a ver... o estandarte... da velha Castela... baixar.
  - Carmaux... Wan Sitller... Socorro! – Gritou o Corsário.
  - Não adianta mais.... cavaleiro... – respondeu o conde com voz entrecortada. – Eu... sou... um homem... morto... Adeus... meu nobre cavaleiro... ad...
- Um jorro de sangue cortou a sua frase. Ele fechou os olhos, tentou sorrir mais uma vez e então exalou o último suspiro.
- O Corsário, mais comovido do que poderia ter imaginado, colocou lentamente o cadáver do nobre e orgulhoso castelhano no chão, beijou a testa dele, que ainda estava quente, recolheu a espada ensanguentada com um suspiro e se arremessou na escaramuça, gritando com uma voz que escondia um soluço torturante:
- Venham comigo, homens do mar!...(CN, 318-9)

Dois pontos importantes estão presentes nesse duelo. O primeiro deles refere-se

ao Corsário Negro. Modelo de comportamento justo e honrado, ele tentou ao máximo evitar o confronto, pois sabia que mataria o adversário, inferior na arte da esgrima. Como não houve outra saída, o Corsário deu um golpe mortal no antigo amigo e agora adversário, porém, não escondeu a tristeza nos olhos. A sua vitória foi triste e não conseguiu salvá-lo. Quando se despediu do conde, sofreu a perda de um grande amigo com dor e lágrimas. A lição que encontramos aqui é a da amizade. No primeiro duelo, o Corsário não assassinou o conde de Lerma, ganhando aí sua confiança. A partir de então, o conde o ajudou a fugir duas vezes: a primeira na cidade de Maracaíbo, e a segunda, do navio onde era prisioneiro de Wan Guld.

O que criou laços de respeito, amizade e admiração entre os dois homens foi o respeito e a honra, além do fato de ambos possuírem títulos de nobreza. Não é coincidência que Emilio Salgari recebeu o título de Cavaleiro da Coroa Italiana, conferido pelo rei da Itália, em 1897, um ano antes da publicação do livro “O Corsário Negro” cujo principal personagem também chama-se Emilio e é cavaleiro. Como Pozzo destaca no seu artigo sobre o Corsário Negro, essa foi a maneira que o autor italiano encontrou para homenagear o título recebido da casa dos Sabóia (Pozzo, 2011). Entretanto, maior que a honra era o sentimento de amor à coroa, fator que impediu a continuidade da amizade entre o conde de Lerma e o conde de Ventimiglia – e este é o segundo ponto importante do diálogo. Para o conde de Lerma, por mais que sentisse amizade e admiração pelo Corsário Negro, o sentimento de amor e proteção à nação ante a invasão inimiga se sobrepõe. Por isso, já havia avisado o Corsário anteriormente que lutaria contra o Corsário se houvesse a invasão. Na hora da morte, o conde chegou a dizer que morrer era melhor porque evitaria que ele visse o estandarte de Castela cair.

A mesma situação repetiu-se em relação ao soldado castelhano. Acima do desejo de vingança – o elo entre os dois personagens na busca por Wan Guld na floresta entre Maracaíbo e Gibraltar, estava a vontade do soldado em lutar ao lado dos seus compatriotas na defesa de Gibraltar. Apesar do perigo, evidenciado pelo próprio Corsário Negro, o rapaz preferia morrer lutando, pois ele era “um espanhol”, que acreditava que valeria a pena morrer “em volta da gloriosa bandeira da pátria distante”. Esse amor à pátria fez com que o Corsário considerasse o soldado “um homem de valor”. Esse

assunto apareceu em outro diálogo com Corsário Negro.

- (...) eu nunca poderei combater os meus compatriotas, senhor – disse o catalão com voz emocionada. – Um soldado não pode levantar suas armas contra uma cidade em que a bandeira do próprio país esteja içada sobre seus muros. Como se trata de Wan Guld, um flamengo, estou pronto para ajudar o senhor, mas não farei nada além disso. Prefiro ser enforcado.
- Admiro a sua lealdade com a pátria – respondeu o Corsário Negro. (CN, 220)

Acreditamos que a presença desses valores no livro correspondia à construção do nacionalismo italiano, no qual era necessário ensinar aos jovens leitores a importância da fidelidade e do amor à jovem nação italiana, cuja unidade territorial, cultural e linguística estava sendo construída naquele momento. Após a unificação da Itália, cujo processo foi o resultado de articulações políticas e econômicas e não da vontade da população, que não estava unida em prol de um projeto nacional comum, era importante construir o sentimento nacionalista entre os seus cidadãos. No caso do livro “O Corsário Negro”, o exemplo estaria na postura do conde de Lerma e no desejo do soldado castelhano de lutar na defesa de Gibraltar; e na traição de Wan Guld à sua pátria, durante uma guerra, para seu próprio benefício. Não é possível afirmar que Emilio Salgari queria transformar a morte do conde de Lerma, o fato do soldado castelhano estar disposto a morrer “em volta da gloriosa bandeira da pátria distante”, e a postura negativa de Wan Guld em um exemplo para os seus leitores; porém acreditamos que essa seria uma leitura possível do texto.

No final do livro, depois que os flibusteiros conquistaram Gibraltar, enquanto o Corsário Negro procurava pelo corpo de Wan Guld e auxiliava os sobreviventes e os feridos com primeiros socorros, Carmaux teve uma grata surpresa quando encontrou o soldado catalão, ferido e ensanguentado, entre os corpos. “– Ei!... Catalão do meu coração! – gritou Carmaux alegremente. – estamos muito contentes em ver que você ainda está vivo, compadre.” (CN, 321) O soldado contou ao Corsário que Wan Guld não desembarcou em Gibraltar por medo dos flibusteiros, indo para Porto Cavallo. Como o sentimento de amizade e respeito entre eles já estava formado, o soldado pediu para acompanhar o Corsário na busca por Wan Guld, assim ambos se vingariam.

O Corsário também poupava a vida dos sobreviventes das batalhas navais. Os dois episódios encontrados nas obras (um no “O Corsário Negro” e outro em “A Rainha dos Caraíbas”) possuem a sequência de acontecimentos muito semelhantes: no final da batalha, quando o Corsário percebia que a batalha já estava vencida, interrompia a batalha e decidia por poupar a vida dos soldados.

– Vamos acabar com estes últimos homens! – gritou ele. [Morgan, o lugar-tenente do navio do Corsário Negro]  
 O Corsário Negro o deteve, gritando:  
 – Homens do mar! O Corsário Negro vence, mas não assassina.  
 O ímpeto dos flibusteiros foi detido e as armas, que estavam prontas para os golpes, foram baixadas.  
 – Rendam-se– gritou o Corsário, (...) – A vida de homens corajosos deve ser salva. (...) Homens tão valentes, que defendem com tanta tenacidade o navio da sua pátria longínqua, merecem o meu respeito. (CN, 112)

Todos os sobreviventes (eram dezoito) ficaram espantados com a atitude do Corsário Negro, incomum para um flibusteiro. O Corsário então mandou descer uma chalupa, com víveres para oito dias, alguns fuzis e munição. “– O senhor vai libertar todos aqueles homens? – perguntou o lugar-tenente, com algum desgosto. – Vou sim. Gosto de premiar a coragem sem sorte.” (CN, 112) O contramestre do navio espanhol exclamou: “– Obrigado, comandante, nunca vamos nos esquecer da generosidade daquele que se denomina o Corsário Negro.” (CN, 112)

Além de poupar a vida dos soldados com quem lutava, não permitia que seus homens matassem sem necessidade, como quando estava na ilha, escondendo-se dos soldados enviados por Wan Guld: “(...) não vale a pena matar pessoas que não podem se defender.” (CN, 284). No livro “A Rainha dos Caraíbas”, o Corsário Negro fez ainda mais por outros homens: “Vão permanecer como prisioneiros na minha nave até o final da nossa expedição, depois serão desembarcados em algum ponto da costa mexicana, e não vamos pedir nenhum resgate.” (RC, 120) Como vemos, o Corsário Negro não pedia resgate pelos seus prisioneiros. No primeiro livro, isso fica claro em duas situações: na primeira, o Corsário Negro abriu mão da parte dele do navio espanhol que eles conquistaram e que levava Honorata.



- Diga aos meus homens – disse ele – que eu renuncio à parte que me cabe da venda deste navio.
- Senhor!... – exclamou o lugar-tenente atônito. – Esta nave vale muitos milhares de piastras, o senhor sabe.
- Não me importo com o dinheiro – respondeu o Corsário com desprezo. – Faço a guerra por motivos pessoais e não por desejar cada vez mais riquezas. (...) Depois, diga aos meus homens que fixem o resgate pela duquesa que está a bordo deste navio. O governador de Vera Cruz, ou de Maracaibo, vai ter que pagar se a quiser de volta. (RC, 114)

Logo em seguida, quando o Corsário se apresentava para Honorata, lhe explicou que ela havia se tornado prisioneira apenas da flibustaria.

- Ah!... Sim, é verdade, estava esquecendo que sou sua prisioneira agora.
- Minha, não, senhora, mas da flibustaria. Se se tratasse só de mim, poria à sua disposição a minha melhor chalupa e os meus marinheiros mais fiéis e a faria desembarcar no porto mais próximo, mas não posso escapar das leis dos Irmãos da Costa.
- Obrigada – disse ela com um sorriso adorável. – Eu teria achado estranho que um nobre dos cavalheirescos duques de Saboia tivesse se transformado em um ladrão do mar.
- Essa palavra pode ser muito dura para os flibusteiros – disse ele, franzindo a testa. – Ladrões do mar!... Veja! Quantos vingadores existem entre eles!... (...) Quem sabe se um dia a senhora não vai ficar conhecendo também o motivo pelo qual um cavaleiro dos duques de Saboia tenha vindo para cá, para percorrer as águas do Grande Golfo americano... (RC, 116)

Quando estavam em Tortuga, o Corsário informou à jovem que ela não era mais prisioneira dos flibusteiros.

- Senhora – disse ele, – tem uma chalupa esperando para levá-la a terra.
- Estou pronta para obedecer, cavaleiro – respondeu ela. – Sou sua prisioneira e não pretendo me opor às suas ordens.
- Não, senhora, não é mais prisioneira.
- E por quê, senhor?... O meu resgate ainda não foi pago.
- Mas já foi colocado no caixa da tripulação.
- Por quem? – perguntou a duquesa com espanto. – Eu ainda não avisei o marquês d'Herédias, nem o governador de Maracaibo sobre a minha prisão.
- É verdade, mas alguém se encarregou de pagar o seu resgate – respondeu o Corsário sorrindo.
- Foi o senhor, talvez?
- E se tivesse sido eu?... – perguntou o Corsário, olhando nos olhos dela. (...)
- Eu não esperava encontrar esse tipo de generosidade entre os flibusteiros da Tortuga, mas não ficaria surpresa se soubesse que o homem que a praticou se chama Corsário Negro. (...) – Porque o senhor é muito diferente dos outros. Nesses poucos dias em que estive a bordo da sua nave, tive tempo de poder

apreciar a gentileza, a generosidade e a coragem do cavaleiro de Roccanera, senhor de Ventimiglia e de Valpeta. (RC, 149-50)

O desinteresse do Corsário nas riquezas da América, uma vez que praticava a pirataria pela vingança, somado ao fato dele pagar o resgate de Honorata para libertá-la, encantaram a jovem a ponto dela não desejar ir embora de Tortuga.

No livro “A Rainha dos Caraíbas”, mais uma vez, o Corsário Negro explicou a Morgan que não estava interessado nas riquezas daquele lugar, enquanto planejavam o saque de Veracruz.

- Vamos ter lucros enormes, cavaleiro. Veracruz deve ter riquezas incalculáveis, já que é o porto mais importante do México.
- De lá sai o maior número de galeões carregados de ouro e prata – disse o Corsário. – Mas, para mim, basta a vingança. Vou deixar para vocês e para a tripulação a parte que me caberia no saque.
- O senhor possui muitas terras e castelos na Itália, por isso acho que não vai fazer falta – disse Morgan, sorrindo. – O senhor e seus irmãos nem sempre foram ladrões do mar, como o Olonês; Michele, o Basco; o Exterminador e todos os outros chefes da flibustaria.
- Nós viemos à América para matar o duque, e não por sede de riquezas. (RC, 81)

Na casa da marquesa de Bermejo, o Corsário Negro também explicou que o seu único interesse era a vingança.

- Perdoe-me, senhora, se fomos obrigados a fazer uma coisa dessas, mas a nossa salvação exigia isso. Por outro lado, pode ficar tranquila. Não tenha medo, porque o senhor de Ventimiglia é um cavalheiro. (...)
- Mas não me espanta essa sua conduta desleal – continuou a marquesa. – Todo mundo conhece bem a fama dos flibusteiros de Tortuga.(...) – A fama de ladrões miseráveis.
- Essa é uma palavra que não me incomoda nem um pouco, senhora – disse o Corsário, levantando a cabeça. – O senhor de Ventimiglia tem no seu país muitos castelos e feudos e não precisa fazer o papel de ladrão. Eu, senhora, só vim à América para cumprir uma vingança sagrada, e não para saquear os galeões que transportam o ouro para seus países, nem para explorar os pobres indígenas, como fazem os seus compatriotas.
- E o que pretende fazer comigo agora? Vai cobrar um bom resgate? Fale logo. A marquesa de Bermejo é suficientemente rica para pagar o que for preciso, até mesmo ao senhor de Ventimiglia.
- Dê o seu ouro para os seus servos, e não para mim – respondeu o Corsário orgulhosamente. (RC, 168)

O Corsário Negro também abriu mão das riquezas acumuladas no saque de Veracruz.

- Diga ao senhor de Ventimiglia que o saque da cidade rendeu seis milhões de piastras, e que vamos conseguir mais dois milhões com os regastes dos prisioneiros. Vou reservar a parte que cabe a ele. [disse o senhor de Grammont, um dos piratas que invadiu a cidade com o Corsário Negro]
- O senhor sabe que o Corsário Negro não faz isso por dinheiro, e que sempre dá a sua parte à tripulação. (RC, 220)

Nos saques promovidos pelos seus flibusteiros e no pagamento dos resgates de nobres e espanhóis, o Corsário nunca ficava com a sua parte do dinheiro, pois era um homem rico na Itália e fazia a flibustaria apenas para conseguir vingar-se de Wan Guld. Por isso, sempre dividia a sua parte dos saques e dos pagamentos dos resgates entre seus homens.

Traçamos todas as características do personagem Corsário Negro: um homem rico, mas não mesquinho nem ganancioso; honrado; corajoso; generoso e desinteressado nas riquezas adquiridas com a pirataria – ou seja, não roubava a coroa espanhola; não explorava os indígenas; não enganava flibusteiros, soldados espanhóis ou prisioneiros; honesto; nobre de coração quando libertava seus prisioneiros com alimentos e munições, bondoso quando se preocupava em cuidar de todos os sobreviventes das batalhas que enfrentou. Esse homem abandonou sua terra natal para transformar-se no terrível pirata que buscava se vingar de Wan Guld.

A primeira vez que o assunto da vingança aparece na história foi em uma conversa entre Moko e Carmaux, a bordo da Folgore, um pouco antes do Corsário Negro conquistar o navio que levava Honorata.

- Wan Guld deve alimentar um ódio implacável contra o Corsário Negro, mas esse ódio será fatal para ele.
- E alguém sabe qual o motivo desse ódio, compadre branco?
- Dizem que é muito antigo e que Wan Guld jurou se vingar dos três corsários antes mesmo de vir para a América e de oferecer seus serviços à Espanha.
- Quando ele ainda estava na Europa? (...) Então eles se conheceram muito antes?
- É o que dizem, pois enquanto Wan Guld era nomeado governador de Maracaibo, chegaram à Tortuga três magníficos navios, comandados pelo Corsário Negro, pelo Vermelho e pelo Verde. Aqueles três corsários eram

homens bonitos, ousados, excelentes marinheiros e tinham a coragem de um leão. O Verde era o mais jovem, e o Negro, o mais velho, mas nenhum era inferior ao outro em valor e não tinham rivais entre todos os flibusteiros da Tortuga quando o assunto era o manejo das armas. Aqueles três homens valentes em breve estariam fazendo os espanhóis tremerem em todo o Golfo do México. As naves pirateadas e as cidades saqueadas por eles eram incontáveis; ninguém conseguia resistir às suas três naves, as mais bonitas, mais velozes e mais bem armadas de toda a flibustaria.

– Acredito – respondeu o africano. – Basta ver este navio.

– Mas também chegaram os dias tristes para eles – continuou Carmaux. – O Corsário Verde zarpou da Tortuga sozinho com a sua nave para um destino desconhecido e foi parar bem no meio de uma esquadra espanhola; foi derrotado depois de uma luta titânica, preso, levado a Maracaíbo e enforcado por Wan Guld.

– Eu me lembro disso – disse o negro. – Mas o cadáver dele não foi jogado para servir de alimento às feras.

– Não, pois o Corsário Negro, acompanhado de alguns companheiros leais, conseguiu entrar em Maracaíbo durante a noite e raptaram o corpo para sepultar no mar. (CN, 97)

Como Moko, o leitor conheceu um pouco da história que levou o Corsário a odiar Wan Guld e a jurar exterminá-lo e toda a sua família. Wan Guld era o responsável pela morte não apenas do Corsário Vermelho, mas também do Corsário Verde, o irmão mais novo do Corsário Negro.

A primeira vez que esse juramento apareceu na narrativa foi quando o Corsário recuperou o corpo do seu irmão na floresta. Antes de embarcar na chalupa que o levaria para Folgore, mandou o soldado castelhano dar um recado pessoalmente a Wan Gul. Ele deveria

(...) dizer, em meu nome que eu, nesta noite, na presença dos meus homens em formação na ponte da Folgore e do corpo daquele que foi o Corsário Vermelho, farei um juramento que vai deixá-lo apavorado. Ele matou os meus dois irmãos e eu vou destruir todos aqueles que levam o nome Wan Guld. Vai dizer a ele que eu jurei pelo mar, por Deus e pelo inferno, e que em breve vamos nos ver de novo. (CN, 86)

No nono capítulo, “Um juramento terrível”, está o problema que envolverá toda a trama do Corsário Negro, o juramento que resultará na grande fatalidade que marcará o seu relacionamento com Honorata. O Corsário Negro, diante do corpo do seu irmão e de toda a sua tribulação, exclamou:

– Homens do mar! – gritou ele –, ouçam-me!... Juro por Deus, por estas ondas que são nossas companheiras fiéis e pela minha alma que não vou descansar enquanto não vingar os meus irmãos mortos por Wan Guld. Que os raios queimem a minha nave; que as ondas me engulam, junto com vocês; que os dois Corsários que dormem nestas águas, nos abismos do Grande Golfo, me amaldiçoem; que a minha alma seja maldita para sempre se eu não matar Wan Guld e exterminar toda a sua família, como ele destruiu a minha!... Homens do mar!... Vocês me ouviram?

– Ouvimos – responderam os flibusteiros, enquanto um estremecimento de terror passava pelos rostos deles. (CN, 93)

Além dos flibusteiros e do próprio Wan Guld, o desejo de vingança do Corsário Negro era conhecido por outros personagens. Honorata, no primeiro jantar com o Corsário na Folgore, lhe disse: “– Ouvi contar que o Corsário Negro atravessou o Oceano Atlântico, junto com os dois irmãos, um vestindo roupas verdes, o outro, vermelhas, para executar uma vingança terrível. (...) – Disseram também que os outros dois Corsários, o Verde e o Vermelho, tinham sido enforcados por um homem que era o seu inimigo mortal (...)” (CN, 122). Honorata, um pouco depois, voltou a tocar nesse assunto.

– Diga-me, cavaleiro, é verdade então que o senhor saiu do seu país para vir executar uma tremenda vingança?

– É verdade, senhora, e eu poderia acrescentar o fato de que não vou ter paz, nem no mar, nem na terra, enquanto não cumpri-la.

– Então o senhor odeia muito aquele homem?

– Tanto que daria todo o meu sangue, até a última gota, para poder matá-lo.

– Mas o que ele fez ao senhor?

– Ele destruiu a minha família, senhora, mas eu, há duas noites, fiz um juramento terrível e vou mantê-lo, nem que seja preciso percorrer o mundo inteiro e vasculhar as entranhas da terra para encontrar o meu inimigo mortal e todos aqueles que tiverem a infelicidade de usar o nome dele. (CN, 125)

A jovem quis saber se esse homem estava na América e quando escutou que ele estava naquele continente, bem perto de onde navegavam, ficou apreensiva. Quis saber o nome do inimigo, insistiu com o Corsário, mas ele não revelou.

Em Tortuga, o Olonês descobriu que conhecia apenas uma parte da história da vingança do Corsário Negro.

– (...) prometo que vou entregar a você os assassinos dos seus dois irmãos.

– Dos três, Pietro.

- Oh! Oh! – exclamou o Olonês. – Eu sei, e todos os flibusteiros também sabem, que Wan Guld matou o Corsário Verde e o Corsário Vermelho, mas nunca soube que existia um terceiro.
- Existiam três – repetiu o Corsário com uma voz sinistra.
- Pelas areias de Olonne!... E um homem desses ainda está vivo?... (CN, 156)

Apenas na metade do livro, no décimo oitavo capítulo, “O ódio do Corsário Negro”, o leitor e a personagem Honorata conhecem todos os fatos que culminaram na vingança do Corsário Negro. Ele começou a narrar a história pouco antes de invadir Maracaíbo: “Já se passaram dez anos desde que isso aconteceu, mas ainda me lembro de tudo como se fosse ontem.” (CN, 173). O ano era 1686 e a França estava em guerra com a Espanha pela posse do Flandres. O rei da França pediu para que o Piemonte enviasse tropas para auxiliar na guerra. “Eu e meus três irmãos estávamos servindo neste último regimento, na condição de oficiais. O mais velho de nós tinha apenas trinta e dois anos, e o mais moço, que mais tarde se tornaria o Corsário Verde, apenas vinte.” (CN, 173). Em um momento da batalha, o regimento dos irmãos de Ventimiglia ficou preso e isolado entre os muros de uma fortaleza, cercado pelo exército espanhol. “Ninguém queria ouvir falar em rendição, por isso juramos que preferíamos ser sepultados sob os escombros a ter que baixar a gloriosa bandeira do bravo duque de Saboia. Não sei por que motivo Luís XIV designou como comandante do regimento um velho duque flamengo que tinha a fama de ser um homem valente e um guerreiro experiente.” (CN, 173). A luta já durava quinze dias e a vitória estava bem distante.

Meu irmão mais velho, acabou se tornando a alma da defesa. Valente, vigoroso, hábil no manejo de todas as armas, dirigia a artilharia e a infantaria, sendo sempre o primeiro a atacar e o último a se retirar. O valor daquele belo guerreiro fez nascer no coração do comandante flamengo um ciúme doentio que, mais tarde, teria consequências fatais para todos nós. Esquecendo que tinha jurado fidelidade à bandeira do duque e que iria manchar um dos mais importantes nomes da aristocracia flamenga, aquele miserável fez um acordo com os espanhóis para deixá-los entrar na fortaleza traiçoeiramente. Um cargo de governador nas colônias da América e uma grande soma de dinheiro seriam o preço daquele pacto vergonhoso. Uma noite, acompanhado por alguns flamengos, parentes seus, abriu um dos portões e deixou entrar os inimigos, que tinham se aproximando furtivamente da fortaleza.

O meu irmão mais velho, que estava de guarda com alguns soldados um pouco afastado dali, quando percebeu que os espanhóis tinham entrado, correu ao encontro deles, dando o alarme, mas o traidor estava esperando por ele atrás de um dos postos de defesa com duas pistolas nas mãos. O meu irmão foi ferido

mortalmente e os inimigos entraram em fúria na cidade. (CN, 174)

Os outros três irmãos ainda tentaram salvar o forte, mas como ele já estava praticamente tomado, fugiram. “Juramos matar o traidor e vingar o nosso irmão. Quando a guerra acabou, procuramos por ele durante muito tempo, primeiro em Flandres e depois na Espanha.” (CN, 174). Assim que eles souberam que o traidor havia se tornado governador de uma grande cidade na América, decidiram vir atrás dele em busca de vingança.

Acabamos nos tornando corsários. O Corsário Verde, mais impulsivo e menos experiente, quis tentar a sorte, caiu nas mãos do nosso inimigo mortal e foi vergonhosamente enforcado como um ladrão comum; depois foi a vez do Corsário Vermelho, que tentou a sorte e não teve um final diferente. Os dois irmãos, que foram arrancados à força de mim, estão repousando no mar, onde esperam que eu vingue a morte deles. (CN, 174-5)

Honorata, depois que soube que o destino desse homem era a força e que seus parentes também seriam mortos, começou a ficar preocupada. Insistia para saber qual era o nome dele e qual era a cidade que governava, porém o Corsário não entendia porque a jovem estava tão interessada nesse detalhe. Angustiado, enxugando o rosto com um lenço, explicou porque aquela história era especial. “Na minha juventude acho que ouvi alguns soldados que serviam ao meu pai contarem uma história parecida com essa que o senhor acabou de contar.” (CN, 175). Quando o Corsário revelou, ouviu um barulho de canhão, indicando a chegada à Maracaibo. Ele saiu rapidamente de sua cabine, sem perceber que Honorata, desesperada com a revelação, desmaiou.

Na trajetória dos acontecimentos que resultaram no assassinato do irmão mais velho do Corsário Negro e no seu terrível desejo de vingança, destacamos mais uma vez elementos nacionalistas. O primeiro está no desejo de morrer a renunciar sob a bandeira do duque de Savoia, homenageando mais uma vez a casa real que lhe deu o título de cavaleiro; o outro aparece na vergonhosa traição de Wan Guld, que não honrou seu juramento de fidelidade e traiu sua pátria para beneficiar-se com um cargo nas colônias espanholas. Aqui Salgari ensina aos leitores, através do exemplo de Wan Guld, que trair a nação é algo desprezível e desonrado, principalmente quando comparado ao Corsário

Negro, um homem honesto e leal à nação.

A morte está presente ao longo de toda a obra, porém em relação ao Corsário Negro ela torna-se emblemática: ela está presente nas suas roupas negras, no seu temperamento melancólico e na morte dos seus irmãos – assunto constantemente recordado pelo herói que sofria com esse fato. No primeiro livro, quando o Corsário Negro recebeu a confirmação da morte do seu irmão, “o marinheiro do bote ouviu seus soluços, depois levantou de um salto como se estivesse envergonhado por aquele momento de fraqueza.” (CN, 14)

A morte dos irmãos do Corsário permitiu com que Salgari abordasse questões sobrenaturais. Quando o Corsário Negro voltou ao navio com Moko, Carmaux e Wan Stiller, trazendo o corpo do seu irmão para sepultá-lo no mar, seus marinheiros começaram a ver manifestações estranhas na água antes mesmo de entrar no pequeno barco que os levariam à Folgore.

(...) a escuridão era profunda mas o mar aparecia aqui e ali interrompido por manchas parecidas com linhas de fogo que se cruzavam em todas as direções. A crista das ondas parecia soltar fagulhas e a espuma que se espalhava pela praia em forma de franja estava salpicada de fantásticos lampejos fosforescentes.

Em alguns momentos, amplos trechos do mar, que pouco antes estavam escuros como nanquim, de repente se iluminavam, como se uma lâmpada elétrica de grande potência tivesse sido acesa no fundo do mar. (CN, 88)

Wan Stiller preocupado, disse “(...) com voz misteriosa, mostrando o cadáver que o negro estava carregando. – As ondas se iluminaram para receber o Corsário Vermelho.” (CN, 88). O Corsário Negro estava se comportando de uma maneira incomum. Sentou-se em frente ao corpo do enforcado e

Estava novamente imerso na sua fúnebre melancolia. Com a cabeça apertada entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos, não tirava os olhos, nem por um único instante, do cadáver, cujas formas se desenharam sob o manto fúnebre.

Absorvido em seus tristes pensamentos, parecia ter esquecido todo o resto: os seus companheiros, a sua nave que aparecia cada vez mais nítida no mar brilhante, como um grande cetáceo flutuando em uma superfície de ouro derretido, e a esquadra do almirante Toledo.

Estava tão imóvel que parecia nem estar respirando. (CN, 89)



Os marinheiros, supersticiosos, tentavam chegar ao navio o mais rápido possível, pois a presença do morto e o comportamento do Corsário Negro, imóvel, a contemplar a figura daquele corpo os assustava.

(...) quando chegou aos seus ouvidos um grito estranho, parecido com um gemido agudo, que acabou em um soluço sinistro. Os dois pararam de remar na mesma hora, lançando olhares assustados à sua volta.  
 – Você ouviu? – perguntou Wan Stiller, que sentiu a testa ficar banhada de suor frio. (...) – Será que foi o irmão do morto? (CN, 89)

Enquanto Carmaux e Wan Stiller se impressionavam com os barulhos, os peixes e as luzes que o mar refletia, Moko continuava sereno e o Corsário Negro não reagia a nada. Perguntado se havia ouvido o barulho, Moko respondeu afirmativamente: “– Talvez um peixe-boi.” (CN, 90). Pouco depois “(...) atrás da popa do bote, no meio de um círculo de espuma luminosa, apareceu uma forma escura, mas indefinida, que depois afundou nos abismos do golfo.” (CN, 91). Carmaux, preocupado, não sabia o que poderia ser aquilo.

– Você viu? – perguntou a Wan Stiller, com voz estrangulada.  
 – Vi – respondeu ele, batendo os dentes.  
 – Uma cabeça, não foi?  
 – Foi, Carmaux. De um morto.  
 – É o Corsário Verde que está nos seguindo para esperar o Corsário Vermelho.  
 – Você está me fazendo ficar com medo, Carmaux.  
 – E o Corsário Negro, não viu nem ouviu nada?  
 – Ele é o irmão dos dois mortos.  
 – E você, compadre, viu alguma coisa?  
 – Vi, uma cabeça – respondeu o africano.  
 – Que tipo de cabeça?...  
 – De um peixe-boi.  
 – O diabo que carregue você e os seus peixes-boi – respondeu Carmaux. – Era a cabeça de um morto, seu negro cego. (CN, 91)

Logo em seguida eles chegaram à Folgore. Todos os homens do navio tiraram seus chapéus diante do cadáver. Morgan arrumou o corpo, envolvido por um lençol, em uma maca com duas bolas de canhão. No mar, “Lá, onde o céu parecia se confundir com o mar, vinha subindo uma luz pálida, que tingia a água de reflexos cor de aço. Mas parecia que até aquela luz tinha algo de tétrico, pois não vinha com a cor rosada

costumeira; em vez disso, era quase cinza, mas um cinza férreo e quase opaco.” (CN, 92) Era como se a lua quisesse assistir ao velório e o mar estivesse se preparando para receber o corpo daquele homem. “Aqueles ondulações pareciam estranhos sussurros naquele momento. Ora pareciam ser gemidos das almas, ora suspiros roucos, ora lamentos débeis.” (CN, 92) Quando Morgan e seus ajudantes se prepararam para lançar o corpo no mar, todos os homens se ajoelharam. “Um silêncio fúnebre reinava agora na ponte da nave, que continuava imóvel na água iluminada; até mesmo o mar se calava e não murmurava mais.” (CN, 93) Quando o corpo caiu na água, levantou “(...) um grande jorro que mais parecia um jato de chamas.” (CN, 93)

Depois que sepultou o corpo do Corsário Vermelho no mar, o Corsário Negro chamou Moko para a sua cabine, para perguntar como era a cidade de Maracaíbo. Quando saiu, Carmaux se aproximou e perguntou:

- O que o comandante está fazendo?
- Está mais triste do que nunca.
- Eu nunca o vi feliz, nem na Tortuga, e nunca o vi sorrir.
- Ele só ficou falando dos irmãos e de vinganças tremendas que está planejando. (CN, 96-7)

A fama do Corsário Negro sobre ver e conversar com os fantasmas dos seus dois irmãos era conhecida não apenas pelos seus marinheiros, mas por outras pessoas distantes dele. Isso se comprova na pergunta de Honorata, no primeiro jantar juntos. “– É verdade que o senhor costuma evocar os mortos?” (CN, 123) O Corsário se levantou, foi até a janela e ficou em silêncio contemplando o mar, e só depois respondeu: “– Estava me perguntando – respondeu ele com voz lúgubre – se é possível que os mortos sepultados no fundo do mar possam abandonar os abismos profundos onde repousam e subir à superfície.” (CN, 123)

No segundo livro o tema dos fantasmas voltou a ser abordado em quatro situações. A primeira delas foi no início da história, quando o Corsário Negro explicou ao Don Pablo de Ribeira porque teve que abandonar Honorata no mar. “Se eu não tivesse feito isso, os meus irmãos subiriam do fundo do mar para me amaldiçoar!... (...) O assassino não morreu, e os meus irmãos clamam por vingança. Eles a terão!...” (RC, 20-

1) O administrador dos bens de Wan Guld não acreditava nessa história.

– Os mortos não podem pedir nada.

– O senhor está enganado. Quando o mar brilha, eu vejo o Corsário Vermelho e o Verde subindo dos abismos do mar e aparecendo diante da proa da minha Folgore, e quando o vento assobia entre as cordas da minha nave, ouço a voz do meu irmão morto nas terras de Flandres. Você está me entendendo?

– Loucura!

– Não! – gritou o Corsário. – Durante muitas noites, os meus homens também viram aparecer os restos mortais do Corsário Vermelho e do Verde no meio de uma golfada de espuma. Eles ainda estão pedindo vingança. A morte da jovem que eu amava não foi suficiente para acalmá-los, e a alma atormentada deles não vai se aquietar enquanto eu não tiver punido o assassino. (RC, 21)

Fazia quatro anos que o Corsário Negro havia sepultado o corpo do Corsário Vermelho no mar e abandonado Honorata em um pequeno barco e, desde então, ficou cada vez mais atormentado com os fantasmas. Além dos irmãos, ele passou a enxergar também Honorata, como a havia abandonado, no pequeno navio, pedindo ajuda. O Corsário Negro sofria imensamente com essas visões, que sempre aconteciam quando alguém morria e seria sepultado no mar; ou quando pensava muito em Honorata. Nesse momento, o mar sempre se transformava.

Miriades de faíscas douradas corriam sob as ondas, subindo dos imensos abismos do grande golfo. Iam se alastrando lentamente e invadindo tudo, se espalhavam por uma grande área para depois voltar a se juntar.

Às vezes parecia que verdadeiras labaredas ou jatos de enxofre líquido ou de bronze derretido se misturavam com as ondas, fazendo a espuma brilhar. Medusas rolavam entre os vagalhões, fantásticas como globos de luz elétrica. (RC, 75)

As cores vibrantes e fluorescentes do mar eram interpretadas pelo Corsário e seus marinheiros como um prelúdio para o aparecimento dos fantasmas. Carmaux é um dos marinheiros que acreditava ver os fantasmas. “– Você sabe que quando o mar brilha desse jeito eles saem da profundidade do golfo e sobem até a superfície, não sabe?” (RC, 76) Morgan, ao contrário, era um dos poucos marinheiros que não acreditavam nas visões do Corsário Negro e por isso tentava lhe mostrar que tudo aquilo não passava de alucinações.

De repente, muito longe, perto da linha escura do horizonte, surgiu como que uma massa negra sulcando rapidamente as ondas. O que era aquilo? Poderia ser uma embarcação, como também uma toninha, um enorme peixe-boi ou uma baleia-azul. Seja como for, apesar dos ferimentos, o Corsário Negro ficou em pé de um salto sem a ajuda de ninguém, agarrando com força a balastrada da ponte de comando.

– Está passando lá!... – gritou ele. – É a alma dela que ainda está vagando pelo mar ou será que ainda está viva!... Honorata!... Perdão!...

– Cavaleiro! – exclamou Morgan. – O senhor está tendo uma alucinação!...

– Não, eu estou vendo!... – gritou o Corsário Negro, muito exaltado. – Vejam todos, homens do mar!... Ela está olhando para nós, estendendo os braços!... Lá, lá!... O vento está fazendo os cabelos dela voarem!... As ondas estão subindo na chalupa!... Ela está me chamando... Vocês não estão ouvindo essa voz?... Depressa, baixem um barco na água antes que ela suma de novo!...

Em seguida, exausto, se deixou cair nos braços de Morgan... (RC, 77)

Talvez atormentado pela culpa, talvez para justificar suas atitudes às outras pessoas, o Corsário Negro justificava a busca desenfreada por Wan Guld e o abandono de Honorata nas visões dos fantasmas dos seus irmãos, que vinham cobrar a vingança. Foi isso o que ele fez diante da acusação de Don Pablo de Ribeira “– O senhor a matou – disse o senhor de Ribeira com voz sinistra. – Que vingança medonha o senhor executou, cavaleiro. Deus vai castigá-lo.” (RC, 20); e diante da ajuda que a Marquesa de Bermejo para conseguir informações sobre Honorata.

– A senhora acha que as almas dos meus irmãos já foram aplacadas? Quando o mar fica fosforescente, o Corsário Vermelho e o Verde, as vítimas do duque, voltam à superfície. Eles pedem por vingança.

– Quando o furacão vem do oeste, no meio dos gritos do vento, ouço uma voz que vem das praias do Flandres. É a voz do meu irmão mais velho, assassinado à traição pelo duque, e essa voz também pede vingança. (RC, 184-5)

No fim das contas o Corsário Negro era um homem triste e atormentado que lamentava o dia em que Wan Guld cruzou seu caminho. Por causa dele seus irmãos foram mortos, por causa dele tornou-se um corsário e por causa dele, “e não do juramento que fez”, abandonou a única mulher que amou em um barco no mar. Não restava saída para o Corsário além da morte do seu inimigo, para tranquilizar o seu coração e dos fantasmas dos seus irmãos, e poder finalmente procurar Honorata. O desfecho dessa história seria tão dramático quanto o seu personagem principal.

Depois que Morgan conseguiu libertar o Corsário Negro, Carmaux e Moko (que

foram presos no forte e estavam sendo levados para ser entregue à Wam Guld), ele voltou a conduzir a Folgore disposto a abordar a fragata espanhola para descobrir o paradeiro de Wan Guld, porém houve outro contratempo. “Quase como se estivesse com ciúme daquele combate, o furacão, por sua vez, aceitou o desafio com grande fartura de raios e trovões. O vento desencadeado quase inesperadamente começava a rugir de forma assustadora, empurrando para cima das naves verdadeiras trombas de água.” (RC, 237) A fragata espanhola, sem se importar com a tempestade, tentava abordar a Folgore, quando o Corsário Negro avistou seu inimigo conduzindo aquele navio. Sem se importar mais com a tempestade, ele e seus homens estavam obstinados para abordar a nave e assistir ao Corsário matar o seu grande inimigo.

Os flibusteiros olhavam para ele com um misto de admiração e terror supersticioso.

Percebiam vagamente que alguma coisa medonha estava prestes a acontecer entre aqueles dois terríveis adversários.

A Folgore chegou à distância de quinhentos passos da fragata sem que nenhuma canhonada tivesse sido disparada nem de um lado nem de outro, quando surgiram dois imensos vagalhões luminosos no meio das duas naves. Corriam um para o outro, com as cristas brilhantes. Era como se jatos de chumbo fundido ou de enxofre líquido estivessem deslizando entre elas. Ao vê-las, um grito de terror escapou entre a tripulação da nave flibusteira. Até Morgan ficou muito pálido.

– Os dois Corsários subiram à superfície! – exclamou Carmaux, fazendo o sinal da cruz. – Vieram assistir à morte do seu assassino.

(...)

Os dois vagalhões se encontraram exatamente na frente da Folgore, se encavalando confusamente com o estrondo de um trovão, em seguida se desprenderam, correndo ao longo dos costados da nave, como duas imensas torrentes de fogo.

No mesmo instante um raio cegamente rompeu a escuridão, iluminando a nave flibusteira e a grande fragata.

O Corsário Negro e o duque flamengo se viram. Ambos estavam pilotando as suas naves; ambos tinham o mesmo olhar aterrorizante. Aquela luz pálida não durou mais do que três segundos, mas isso bastou para que os dois terríveis adversários se olhassem e, talvez, compreendessem um ao outro. (RC, 241)

Os dois navios começaram a atirar um contra o outro. Os estragos aos navios, somados aos provocados pelo furacão condenavam as duas naves ao naufrágio. Os dois inimigos estavam dispostos a tudo para acabar com aquela vingança desenfreada.

A cada raio que rompia as trevas, trocavam um olhar repleto de ódio. Os dois

homens se procuravam sempre, como se tivessem medo de não ver mais o outro no mesmo lugar. Mas não. O velho flamengo também não estava mais querendo evitar o seu rival. Ao contrário, estava procurando por ele. Era possível vê-lo ainda no timão, com os cabelos brancos soltos ao vento, com os olhos em chamas, tão sólido quanto o Corsário, com as mãos enrugadas, em volta do cabo do leme.(RC, 242)

Com a Folgore praticamente destruída pelos tiros da fragata espanhola, o Corsário a abordou, apesar dela também estar praticamente condenada. Nesse momento Wan Guld decidiu explodir a nave, provocando a morte de todos aqueles homens.

O Corsário fez menção de se arremessar à frente para encontrar seu inimigo moral e cravar a espada no coração dele. Rápido como um raio, Moko o segurou com seus braços fortes e o levantou como se ele fosse leve como uma pluma.

– Comigo, Carmaux – gritou ele.

Enquanto o terror imobilizou os combatentes sobre as tábuas que estavam prestes a se abrir sob a explosão do depósito de pólvora, ele saltou pela amurada e mergulhou no mar, sem largar o patrão.

Dois homens pularam atrás deles: Carmaux e o hamburguês.

Ao mesmo tempo que um enorme vagalhão os empurrava para alto-mar, rolando-os no meio da espuma, uma luz cegante rompeu a escuridão, acompanhada de um terrível ribombar que repercutiu por muito tempo no mar.

Quando o Corsário e os seus companheiros voltaram à superfície, a fragata, arrebatada e despedaçada pela explosão do depósito de pólvora, desaparecia nos negros abismos do Canal da Flórida. A uma grande distância dela, a Folgore completamente sem mastros e em chamas navegava pelas ondas, transportada para o Atlântico pela corrente do Golfo.(RC, 243)

Mais uma grande cena teatral, com tempestade, furacão, fantasmas, dois navios praticamente destruídos pela artilharia, quando o grande inimigo do Corsário, desequilibrado, provocou a explosão do navio. Moko, o homem mais forte entre os mais próximos do capitão, o salva. Carmaux e Wan Stiller também se salvam. A Folgore, como um navio fantasma, seguiu em chamas navegando sozinha, e o Corsário Negro saiu ileso. Não precisou assassinar seu terrível inimigo. Agora ele estava livre para procurar Honorata.

Depois do naufrágio, o Corsário ainda chorou em três situações diferentes a perda da sua nave e dos seus homens e a única coisa que o animou foi descobrir que havia naufragado na mesma região onde os boatos diziam que Honorata naufragou. Alguns dias se passaram e os homens preocupavam-se em conseguir alimentos e encontrar algum

vestígio da jovem flamenga quando foram vistos por índios antropófagos que os aprisionaram. Depois de tentarem fugir, descobriram que eles estavam protegidos pelo gênio do mar.

Apenas no último capítulo o Corsário Negro descobre que o gênio do mar era uma rainha. Imediatamente desconfiou que poderia ser Honorata.

O senhor de Ventimiglia olhou para os companheiros. Estava completamente alterado: à palidez cadavérica de pouco tempo antes se sobrepusera um corado febril, enquanto nos seus olhos brilhava uma chama vigorosa.  
 – Amigos – disse ele com voz estrangulada. – Ela está aqui!...  
 – O senhor ainda não tem certeza, senhor – disse Carmaux.  
 – Pois eu digo que a Honorata está aqui! – gritou ele, exaltado.  
 – Será possível que a duquesa flamenga tenha se transformado na rainha dos antropófagos? – exclamou Wan Stiller. – E se, em vez dela, for uma outra mulher? Alguma espanhola que escapou de um naufrágio, por exemplo.  
 – Não. O meu coração está me dizendo que essa mulher é a filha de Wan Guld.  
 (RC, 300)

Depois que os indígenas começaram a tratar os prisioneiros como seres sagrados, conforme a orientação de sua rainha, o Corsário e seus amigos finalmente puderam encontrar a rainha dos Caraíbas. Era mesmo Honorata, que logo após ser abraçada pelo Corsário, ouviu um pedido de perdão por tê-la abandonado no mar. A duquesa, da mesma maneira, pediu perdão pelos crimes do seu pai.

O Corsário a levou ao mar para mostrar aos fantasmas dos seus irmãos quem era a jovem que ele amava. Pela primeira vez na narrativa, o Corsário Negro conseguiu sair sozinho do seu delírio, e os dois foram embora sozinhos da ilha, em uma das canoas dos indígenas.

## 2.4. Wan Guld, o inimigo europeu

Na história do Corsário Negro, o duque de Wan Guld é o seu grande inimigo e o responsável por fazê-lo entrar para a flibustaria e participar de todas as batalhas e invasões portuárias na costa latino-americana. Wan Guld também reuniu em torno de si vários personagens secundários que estiveram ao lado do Corsário na sua busca pelo

duque, como a indígena Yara no segundo livro e o soldado catalão no primeiro; além disso, é o pai de Honorata, grande amor do Corsário Negro. A grande maioria dos personagens conhecia os motivos que levaram o Corsário Negro a odiar tanto aquele homem.

Wan Guld era um duque flamengo quando conheceu os quatro condes de Ventimiglia ainda na Europa. O Corsário Negro e seus irmãos lutavam ao lado dos flamengos e dos franceses na guerra que expulsaria os espanhóis do território flamengo. Quando a Espanha estava perdendo uma batalha na região do Flandres, Wan Guld traiu o exército flamengo, facilitou a entrada dos espanhóis em um forte e assassinou o irmão mais velho do Corsário Negro, quando este tentou impedir sua traição. O flamengo, como recompensa, tornou-se administrador da cidade de Maracaíbo e logo em seguida mudou-se para a América espanhola. Pouco tempo depois o Corsário Negro, o Corsário Vermelho e o Corsário Verde também navegaram para a América Espanhola, porém tornaram-se flibusteiros e estabeleceram-se em Tortuga, ilha onde habitavam os principais piratas do Atlântico. Todos os três Corsários tinham o mesmo objetivo, se vingar do irmão morto. Entretanto, Wan Guld conseguiu prender e executar, enforcando e deixando o corpo pendurado na praça pública, o Corsário Verde e, depois, o Vermelho.

A primeira descrição física de Wan Guld só aconteceu no meio do livro e foi feita pelo próprio Corsário Negro em uma conversa com o Olonês, quando planejavam o ataque à cidade de Maracaíbo.

- (...) você conhece bem esse Wan Guld?...
- Conheço melhor do que os espanhóis para quem ele trabalha.
- E que tipo de homem ele é?
- Um velho soldado que guerreou durante muito tempo em Flandres e que tem um dos principais nomes da nobreza flamenga. Antigamente era um valoroso líder de tropas e talvez a esta hora já tivesse acrescentado outros títulos ao que já tem, se o ouro espanhol não o tivesse transformado em um traidor.
- Ele é velho?...
- Deve estar com uns cinquenta anos agora.
- Mas parece que tem uma fibra bem dura. Dizem que é o governador mais valente que a Espanha tem nestas colônias.
- E esperto como uma raposa, enérgico como Montbars, e corajoso. (CN, 156-7)

Apesar de ter apenas uma vaga imagem física, o leitor já tinha uma ideia do



caráter daquele homem: o assassino dos irmãos do Corsário Negro, impiedoso com os seus soldados e não muito apreciado pelos espanhóis que o conheciam. Como exemplo, destacamos a reação de Wan Guld quando soube que o Corsário Negro raptou o corpo do Corsário Verde. “(...) disseram que Wan Guld ficou furioso por não ter podido prender o irmão também. Por isso mandou fuzilar os quatro sentinelas encarregadas de vigiar os enforcados na Praça de Granada.” (CN, 98) O leitor também soube que o Wan Guld mandou chicotear o soldado catalão que foi libertado pelo Corsário, quando este resgatou o corpo do Corsário Vermelho, apenas porque havia sobrevivido. (CN, 182)

A descrição de Wan Guld feita pelo narrador, mais completa em relação aos detalhes físicos, aparece no primeiro encontro entre Wan Guld e o Corsário Negro, quando este foi capturado pelos soldados espanhóis e levado ao navio do Conde de Lerma, que levava o duque até a cidade de Gibraltar.

Tratava-se de um velho de aspecto imponente, com uma longa barba branca, ombros largos e peito amplo, um homem dotado de uma força excepcional, apesar dos seus cinquenta e cinco ou sessenta anos.

Ele tinha o aspecto de um daqueles doges da república veneziana que levavam à vitória as galeras da rainha dos mares contra os temíveis corsários dos países do crescente.

Como aqueles orgulhosos senhores, usava uma fantástica couraça de aço esculpido, levava no quadril uma longa espada que ainda conseguia manejar com enorme vigor, e na cintura havia um punhal com o punho de ouro.

O resto da roupa era espanhola, com mangas largas e bufantes de seda preta, colete de seda da mesma cor e botas de cano alto de couro amarelo, com esporas de prata. (CN, 294)

A primeira frase que disse ao Corsário Negro era sobre um juramento. “– Pode ver, cavaleiro, que a sorte estava do meu lado. Eu jurei enforcar todos vocês e vou manter a minha palavra.” (CN, 294) Demonstrando desprezo a Wan Guld, o Corsário apenas falava para ele matá-lo rapidamente, pois era honrado e não temia a morte. O Corsário só se alterou quando soube que o plano de Wan Guld não era enforcá-lo no navio.

– (...) Eu preferiria enforca o senhor em Maracaíbo, mas já que os seus homens estão na cidade, vou oferecer o espetáculo aos habitantes de Gibraltar.

– Miserável!... A morte dos meus irmãos não foi suficiente?...

Um lampejo feroz deslizou pelos olhos do velho duque.

– Não – disse ele, acrescentando depois à meia voz. – O senhor é uma

testemunha muito perigosa do que aconteceu em Flandres para continuar vivo. E depois, se eu não matá-lo, amanhã ou depois é o senhor que vai acabar comigo. Talvez eu não o odeie tanto quanto o senhor acha; estou apenas me defendendo, isso é tudo, ou melhor, estou me livrando de um adversário que nunca me deixaria viver tranquilo. (CN, 295)

Na continuidade da conversa, na qual o Corsário, orgulhoso e desprezível, dizia mais uma vez não temer a morte, Wan Guld continuou.

- O senhor não acredita, cavaleiro, mas estou cansado da luta terrível em que se empenhou contra mim e vou ficar muito aliviado quando isso finalmente acabar.
- Sei – disse o Corsário Negro com ironia. – E para acabar com ela, vai me enforcar!...
- O duque levantou a cabeça depressa, olhou fixamente para o Corsário e perguntou à queima-roupa:
- E se eu o deixar livre, o que vai fazer em seguida?
- Vou retomar com mais força ainda a luta para vingar os meus irmãos – respondeu o senhor de Ventimiglia.
- Então o senhor me obriga a matá-lo. Eu lhe concederia a vida para acalmar o remorso que às vezes me corrói a alma, se o senhor consentisse em renunciar para sempre à sua vingança e voltasse para a Europa; mas sei que nunca aceitaria essas condições e por isso vou enforcá-lo, como enforcei o Corsário Vermelho e o Verde.
- E como assassinou, em Flandres, o meu irmão mais velho.
- Cale-se!... – gritou o duque com voz angustiada. – Para que relembrar o passado? Deixe que ele durma para sempre.
- Termine a sua triste tarefa de traidor e assassino – continuou o Corsário. – Acabe também com o último senhor de Ventimiglia, mas eu o aviso que nem assim a luta estará terminada, pois um outro, com a mesma temeridade e mesma coragem vai assumir o juramento do Corsário Negro, e só vai descansar no dia em que o senhor cair nas mãos dele.
- E quem é ele? – perguntou o duque com um tom aterrorizado.
- O Olonês. (CN, 295-6)

Wan Guld havia jurado assassinar todos os irmãos de Ventimiglia porque não queria que houvesse testemunhas da sua traição à pátria no Flandres. Como o motivo não era pessoal, ele aceitaria libertar o Corsário Negro se ele jurasse abandonar a vingança. Wan Guld, inclusive, sentia remorso e estava cansado de lutar contra o Corsário Negro e sua família. O narrador não deixa claro se o remorso é pela traição à pátria ou pelo assassinato do irmão do Corsário, mas sabemos que Wan Guld não gosta de relembrar o passado e quer se livrar das testemunhas do acontecimento que não gosta de se lembrar. Disposto a resolver a situação o mais rápido possível, propôs ao Corsário a morte ou a

liberdade, porém como o Corsário não aceitou abandonar sua vingança, estava condenado a ser enforcado em Gibraltar. O que Wan Guld não esperava era o envolvimento de outro pirata, o Olonês, que se comprometeu a assassinar Wan Guld caso o Corsário Negro não conseguisse se vingar.

Antes de libertar o Corsário Negro escondido, o duque de Lerma tentou convencer Wan Guld a poupar a vida do prisioneiro.

– O senhor sabe, meu caro duque, que corre o boato de que a sua filha foi capturada pelos flibusteiros da Tortuga.

– É verdade – disse o velho com um suspiro. – Mas ainda não tivemos confirmação de que a nave em que ela estava tenha sido pilhada.

– E se o boato for verdadeiro?

O velho olhou para o conde com uma expressão angustiada.

– O senhor ficou sabendo de alguma coisa? – perguntou ele ansiosamente.

– Não, senhor duque. Mas acho que se a sua filha caiu mesmo nas mãos dos flibusteiros, poderíamos trocá-la pelo Corsário Negro.

– Não, senhor – respondeu o velho em tom decidido. – Com uma grande soma eu posso resgatar a minha filha, caso ela tenha sido reconhecida, o que eu duvido muito, pois tomei todas as precauções para que ela navegasse incógnita; mas se eu libertar o Corsário, nunca mais me sentirei em segurança. A longa luta que fui obrigado a travar contra ele e contra os seus irmãos me deixou extenuado e está na hora de acabar. Senhor conde, mande a sua tripulação embarcar e depois rume para Gibraltar. (CN, 297)

Como Wan Guld estava irredutível, o Corsário de Lerma decidiu auxiliar o Corsário a fugir. Ante a preocupação do Corsário com a possibilidade de Wan Guld culpá-lo pela fuga, respondeu:

O flamengo é esperto, sei disso, mas não creio que se atreva a me culpar. Por outro lado, a caravela é minha, a tripulação é leal a mim e, se ele quiser tentar alguma coisa contra mim, vai perder tempo e fôlego. Acredite, o duque não é muito amado por aqui, por causa da sua arrogância e da sua crueldade, e os meus compatriotas o suportam de má vontade. (CN, 299)

No segundo livro o leitor fica mais impressionado com as maldades cometidas por Wan Guld. Além de ter assassinado todos os irmãos do Corsário Negro, ter sido cruel com seu soldado e não ser bem quisto pelos espanhóis, ele foi responsável pelo extermínio de uma tribo indígena, para poder se apoderar das riquezas acumuladas pela tribo. A jovem Yara, a única remanescente da tribo, se uniu ao Corsário Negro para que

ele vingasse o assassinato dos seus familiares e amigos. Ela o levou até a casa da Marquesa de Bermejo, uma mulher que recebia visitas do duque flamengo regularmente, na cidade de Vera Cruz, para que o Corsário Negro pudesse matá-lo.

Nessa noite, Yara e o Corsário Negro reconheceram Wan Guld ao olharem pela janela da casa da marquesa.

Era de estatura alta e bem forte, com uma longa barba já quase branca, olhos muito negros e ainda cheios de fogo e uma expressão ousada e um pouco dura. Apesar da idade, era fácil perceber que aquele homem era tão vigoroso e robusto quanto um de quarenta, talvez até mais, e que ainda não perdera nada da agilidade da juventude.

O tempo enrugara a testa e embranquecera o cabelo e a barba, mas ainda não dobrara aquela fibra poderosa.

À primeira vista, parecia ser um espanhol, pois estava vestindo o rico costume castelhano de seda riscada com faixas largas, de cor violeta, com meias pretas, mas trazia uma larga faixa bordada que era usada pelos flamengos na época. (RC, 159)

Quando o Corsário Negro invadiu a sala com Yara, Carmaux e Moko, determinou o duelo, pois não assassinava homens indefesos.

– E agora é entre nós, duque – disse o Corsário, cumprimentando com a espada. – Um de nós não vai sair vivo desta sala.

Um sorriso irônico surgiu nos lábios do duque.

Ele estava prestes a se pôr em guarda quando levantou a espada e disse:

– E se eu o matar?

– O que quer dizer com isso?

– Depois seus homens vão me assassinar.

– Os meus homens já receberam a ordem de não se intrometer nos nossos assuntos. Sou um cavalheiro, senhor.

– Tome cuidado! Eu sou o primeiro espadachim de Flandres. (RC, 162)

O duque então atacou o Corsário, tentando pegá-lo de surpresa. Ante a reclamação de falta de honestidade do Corsário por causa do golpe levado, exclamou: “– Quero vingar a minha filha! – berrou o velho com uma voz medonha.” (RC, 162) Ao longo do duelo, o leitor percebeu que ambos eram excelentes espadachins, porém a idade deixou o duque cansado. “O duque estava começando a perder a calma e a ficar exausto. Um suor abundante banhava a sua testa e a respiração estava ficando cada vez mais ofegante.” (RC, 163-4) Ante a superioridade do Corsário, o duque fugindo de um golpe, encostou-se

na parede e foi direcionando-se para o canto da sala.

Queria retardar por alguns minutos o instante em que se veria encostado na parede ou tinha algum objetivo secreto?

Quando o viu tomando aquela direção, Carmaux enrugou a testa e olhou atentamente para aquele canto, mas não encontrou nada que pudesse confirmar a suspeita que passara pela sua cabeça.

– O que será que essa raposa velha está pretendendo? – se perguntou ele. – Essa rota oblíqua não está me agradando nem um pouco. Temos de ficar de olhos bem abertos e prontos para agir. (RC, 164)

A observação de Carmaux tinha fundamento, pois quando o duque chegou ao canto da sala, “O duque se atirou para trás e a porta secreta fechou de repente na frente dele, com um estrondo enorme.” (RC, 165) No duelo que acabaria na morte de um daqueles inimigos, o duque, já cansado, fugiu. Aqui está mais uma diferença de caráter entre ele e o Corsário, pois o conde italiano, ante a possibilidade de ser enforcado, aceitou a morte dignamente.

O duque flamengo e o Corsário Negro voltaram a se encontrar no vigésimo sexto capítulo, “A vingança de Wan Guld”, no qual os dois inimigos travaram sua última batalha. Tanto o Corsário Negro quanto Wan Guld, cada um conduzindo o seu navio, estavam com olhares vidrados um no outro, evitando perder o inimigo de vista, para finalizar sua vingança. A batalha naval aconteceu durante um terrível temporal e, diante de todos, os fantasmas do Corsário Verde e do Corsário Vermelho apareceram para assistir o terrível desfecho. As duas naves já estavam praticamente destruídas pelos vários tiros de canhão quando o Corsário Negro abordou a fragata do duque. Nesse instante, todos ouviram:

– Vocês todos vão morrer!

Os combatentes pararam por um momento e olharam para a popa.

Lá, de pé no tombadilho de popa, perto da barra do timão, com os cabelos desgrehados, a longa barba branca em desordem, avistaram o duque, apertando uma pistola em uma mão e na outra uma tocha acesa, reavivada pelo vento.

– Todos vocês vão morrer! – repetiu o velho, com uma voz terrível. – A nave vai explodir! (RC, 244)

Wan Guld provocou a explosão do depósito de pólvora, causando não apenas a

sua morte, como a de vários flibusteiros e soldados espanhóis. O Corsário Negro foi salvo graças a Moko, que o agarrou. Na última vez que Wan Guld apareceu no livro, foi descrito como um louco “com os cabelos desgrehados, a longa barba branca em desordem”, que preferiu o suicídio e o assassinato de vários homens a enfrentar um duelo com o homem que ele odiava. Já o Corsário Negro saiu moralmente ileso porque não precisou assassinar o homem que tanto odiava.

Salgari construiu um antagonista que era o oposto do seu herói e por isso sua perseguição e morte não são condenáveis. Wan Guld não exitou em trair a pátria por riquezas e um alto cargo dentro da administração espanhola, ele maltratava seus soldados, não era benquisto pelos membros da coroa espanhola que o conheciam e foi o responsável pelo extermínio de toda uma tribo indígena para se apossar das riquezas daquela gente. Com essas características, o leitor rejeita a Wan Guld e tende a aceitar a vingança do Corsário Negro, um homem honesto, bom e honrado; que sofria com a morte dos irmãos e lutava por justiça.

Outra característica interessante de Wan Guld é estar ligado à administração colonial espanhola. Como ele, Salgari também criou os personagens do livro “Os tigres de Mompracem”, James Brookes e James Guillonk, os grandes inimigos de Sandokan que eram altos funcionários do Império Britânico na Malásia. Porém as ações desses dois antagonistas, bem como as descrições de suas personalidades, são tão rápidas e superficiais que não há muito que ser dito sobre eles além do exposto.

Esses homens eram interesseiros e cruéis e estavam interessados apenas nos lucros oriundos dos grandes impérios. Salgari, por meio desses personagens, fez uma crítica aos grandes impérios coloniais em um momento em que a Itália, recém-unificada, entrava no capitalismo industrial, processo que causou êxodo rural e desemprego em massa, resultando na grande emigração de italianos para a Europa e América. Na política internacional, a Itália também buscava conquistar territórios em outros continentes, direcionando suas ações colonialistas à África. Nesse sentido, acreditamos que a imagem negativa dos agentes coloniais e imperiais descrita por Salgari nas suas narrativas dialogava com os interesses expansionistas italianos, principalmente com o projeto colonialista desenvolvido por meio da imigração.

## 2.5. Justiceiros e bons piratas

Conforme o nome do título da série “Os Corsários das Antilhas”, presume-se que o Corsário Negro é um pirata. Entretanto, Salgari não utilizou nenhuma vez a palavra “pirata” nos dois livros. Para designar o conde de Ventimiglia, Salgari o chamou de “flibusteiro” e “corsário”, usado como sinônimos. Uma possível explicação para isso está no artigo de Roland Huenen (2002), no qual analisa o discurso sobre a pirataria através de uma comparação entre os textos produzidos entre os séculos XVI e XVIII pelos agentes coloniais espanhóis, com os textos produzidos no século XIX, depois da independência da maioria dos países latino-americanos. Segundo o autor, cada período histórico considera os piratas e os corsários conforme os valores vigentes no período. Entre os séculos XVI e XVIII, o autor verificou a existência de um discurso negativo sobre os piratas que estava além das suas ações de pilhagem e do comportamento imoral.

O pirata se vê então atribuído à posição do outro, quer dizer, a exata inversão de si, enquanto que os valores de si são associados à posse do verdadeiro e do bem. Ser pirata é estar no erro e na errância que é o quotidiano desses vagabundos do mar, tão habituados que estão às operações de corso, neles está a parte de Caim. (...) A contrapartida dessa definição negativa de corsário é valorizar a imagem do Espanhol pelo recurso às motivações religiosas e morais. (Le Huenen, 2002, 406-407)<sup>76</sup>

No contexto da Reforma, para os espanhóis obedientes ao papa, ao rei e à fé católica, os piratas e os corsários representavam a oposição por serem fiéis apenas a eles mesmos. Assim, criticar os piratas também significava defender os valores espanhóis.

Em contrapartida, nos textos escritos ao longo do século XIX por latino-americanos, os piratas ingleses eram retratados como pessoas boas, honestas, possuidoras de comportamento quase cavalheiresco; já os espanhóis eram pessoas mal-intencionadas,

<sup>76</sup> “Le pirate se voit ainsi attribué la position de l'autre, c'est-à-dire l'exacte inversion de soi, en tant que les valeurs du soi sont associées à la possession du vrai et du bien. Être pirate c'est être dans l'erreur et l'errance que est le lot quotidien de ces vagabonds de la mer, si habiles soient-ils dans leurs opérations de course, est en eux la part de Caim. (...) La contrepartie de cette redéfinition négative du corsaire est de valoriser l'image de l'Espanhol par le recours aux motivations religieuses et morales.”

desonestas e corruptas que ocupavam os cargos políticos e públicos coloniais. Na literatura juvenil de aventura europeia do século XIX, o autor encontrou uma diferença na caracterização dos personagens que eram piratas e aqueles que eram corsários. Os primeiros eram retratados como homens violentos e bárbaros, capazes de atos horríveis; já os outros eram portadores de qualidades capazes de inspirar os leitores.

(...) o romancista ou o dramaturgo forjou a figura do corsário, príncipe ou herói, que, de maneira fictícia permitiu a si mesmo realizar seus sonhos de nobreza, grandeza e coragem, enquanto que a imagem do pirata, sempre evocando seu papel negativo de traidor ou de bárbaro cruel, estará presente para lembrar a existência de um sistema de valores de acordo com o qual é importante sempre poder distinguir entre o bem e o mal, o belo e o feio. (Le Huenen, 2002, 412)<sup>77</sup>

Acreditamos que Emilio Salgari, nos livros sobre o Corsário Negro, utilizou a palavra “corsário” e “flibusteiro” para designar o herói e seus companheiros, para que o leitor criasse vínculos positivos com aqueles personagens. Em relação aos espanhóis, Salgari não os criticou diretamente, mas o fez com os administradores coloniais e os primeiros colonizadores que agiam movidos pela ganância e pela cobiça, através de Wan Guld.

Nas duas obras, Salgari constantemente deu várias explicações sobre como funcionava a flibustaria para os leitores. A primeira explicação está no capítulo décimo nono, “A bordo da Folgore”, no qual o autor explica a existência de ordem e disciplina nos navios dos flibusteiros.

A ordem e a disciplina que reinava a bordo das naves flibusteiras eram tais que, a qualquer hora da noite e em qualquer situação, todos os homens chegavam aos postos assinalados com uma rapidez inacreditável, desconhecida até mesmo nas naves de guerra das nações mais marinhascas.

Aqueles saqueadores do mar que apareceram no Golfo do México, vindos de todas as partes da Europa e recrutados entre os piores bandidos dos portos marítimos da França, Itália, Holanda, Alemanha e Inglaterra, habituados a todos os vícios, mas despreocupados com a morte e capazes dos maiores

<sup>77</sup> “(...) le romancier ou le dramaturge forgera la figure du corsaire, prince ou héros, qui sur le mode du fantasme permettra au soi de réaliser ses rêves d'ennoblissement, de grandeur et de courage, tandis que l'image du pirate, toujours évocatrice de son rôle négatif de traître ou de barbare cruel, sera là pour rappeler l'existence d'un système de valeurs selon lequel il importe de toujours pouvoir distinguer entre le bien et le mal, le beau et le laid.”



heroísmos e das mais incríveis façanhas, quando embarcavam em uma nave flibusteira ficavam mais obedientes do que um cordeiro, na expectativa de se tornarem tigres de combate.

Sabiam muito bem que os chefes não deixariam impune nenhuma negligência e que a menor covardia ou indisciplina seria paga com um tiro de pistola no crânio, ou, no mínimo, com o abandono em alguma ilhota deserta. (CN, 99)

No capítulo décimo quinto, “A flibustaria”, do livro “O Corsário Negro”, o narrador conta brevemente como se formaram os grupos de flibusteiros que viviam na América. De um modo muito romantizado, os primeiros franceses e ingleses que migraram para a ilha de São Cristóvão eram bons e pacíficos.

Ao verem que o solo era fértil, e os habitantes, dóceis, os corsários se estabeleceram ali em paz, dividindo fraternalmente aquele pedaço de terra e fundando duas pequenas colônias. Durante cinco anos, aqueles poucos homens viveram tranquilos, cultivando a terra, renunciando para sempre ao mar quando, em um dia terrível, uma esquadra espanhola apareceu inesperadamente, destruindo boa parte das colônias, junto com as residências, pois os espanhóis consideravam todas as ilhas do Golfo do México como suas propriedades absolutas.

Alguns daqueles colonos escaparam da raiva espanhola e conseguiram se salvar, indo se estabelecer em outra ilhota chamada Tortuga (...) (CN, 142)

Segundo o narrador, os espanhóis foram os responsáveis pela criação da flibustaria, pois: “Aqueles poucos corsários foram os criadores daquela raça assustadora dos flibusteiros, que deveria, em breve, espantar o mundo inteiro com as suas façanhas extraordinárias e inacreditáveis.” (CN, 142) Alguns deles “(...) ansiosos por se vingarem da destruição das duas pequenas colônias, começaram a praticar a pirataria no mar e a prejudicar os espanhóis (...)” (CN, 142-3) Os espanhóis conquistaram a ilha de Tortuga para interromper os constantes ataques que sofriam daqueles homens. Os sobreviventes foram para a ilha de São Domingos e lá se tornaram os bucaneiros. Novamente perseguidos pelos espanhóis, “Foi então que os bucaneiros e os flibusteiros se uniram sob o título de Irmãos da Costa e voltaram à Tortuga, desta vez dominados por um desejo irresistível de se vingarem dos espanhóis.” (CN, 144) A partir de então Tortuga recebeu vários corsários e flibusteiros.

A coragem deles era tanta que ousavam enfrentar as maiores embarcações,

lançando-se à abordagem com verdadeiro furor. Nem a metralha, nem as balas, nem a mais obstinada resistência os detinham. Estavam realmente desesperados, desprezavam o perigo e não se preocupavam com a morte; agiam como verdadeiros demônios e, como os espanhóis acreditavam nisso de boa-fé, foram considerados seres infernais.

Raramente davam trégua aos vencidos, da mesma forma como, aliás, os seus adversários também não concediam. Só poupavam as pessoas importantes para depois exigir grandes resgates, mas as outras pessoas eram jogadas na água. Eram lutas de extermínio de ambos os lados, sem generosidade.(CN, 144-5)

Na história do Corsário, não foi a cobiça que levou os flibusteiros e os corsários a saquearem as naves espanholas, mas sim o desejo de vingança aos espanhóis pela destruição que eles provocaram. Se na versão salgariana o motivo original dos saques não era o roubo das riquezas das colônias espanholas na América, mas sim a vingança e o ódio aos espanhóis, faz sentido o Corsário Negro juntar-se a esse grupo. Quando o grupo de flibusteiros e bucaneiros cresceu, tornaram-se “ladrões dos mares”. Eles estavam interessados em adquirir riquezas – isso, inclusive, é o grande diferencial do Corsário Negro, que lutava pela vingança – e eram os responsáveis pelos saques das cidades, pela conquista de navios e pelo rapto de pessoas.

Na continuidade da descrição dos flibusteiros, o narrador descreve as regras que regiam aqueles homens.

Mas aqueles ladrões dos mares tinham suas próprias leis, que respeitavam rigorosamente, talvez até melhor que os seus conterrâneos. Todos tinham direitos iguais e apenas na divisão dos butins os chefes recebiam uma parte maior.

Assim que vendiam os frutos dos seus saques, reservavam antes os prêmios destinados aos mais valentes e aos feridos. (...) Concediam também um presente de seiscentas piastras a quem perdesse o braço direito no ataque; o esquerdo valia quinhentas, uma perna, quatrocentas, e os feridos recebiam uma piastra por dia, durante dois meses.

A bordo das naves corsárias, então, havia leis severas que os mantinham sob controle absoluto. Os que abandonavam o posto durante os combates eram punidos com a morte; era proibido beber vinho ou licor depois das oito horas da noite, hora esta fixada pelo toque de recolher; eram proibidos duelos, brigas e jogos de qualquer tipo; e aqueles que levassem uma mulher escondida para bordo, mesmo que fosse a esposa, eram punidos com a morte.

Os traidores eram abandonados em ilhas desertas, o mesmo acontecia com aqueles que, nas divisões dos butins, tentassem se apropriar do menor objeto; mas dizem que esses casos foram muito raros, pois aqueles corsários eram de uma honestidade a toda prova. (CN, 145)

Nessa visão idealizada da flibustaria, em Tortuga todos os homens respeitavam as leis e premiavam os mais fortes e os feridos; já no mar prevalecia o controle e a ordem, por isso jogos, bebidas e outras práticas que favoreciam o desentendimento eram proibidos. Como quase todos eram honestos, poucas vezes foi necessário punir os traidores.

Em relação aos piratas e aos flibusteiros, Salgari trouxe a participação de vários piratas reais à história do Corsário Negro. Desde o seu primeiro livro publicado, Salgari gostava de colocar pessoas reais e eventos históricos nos seus romances. Guerras de fronteiras coloniais ou de conquista, piratas, oficiais britânicos, reis europeus fizeram parte das histórias salgarianas nas quais seus personagens conviveram com homens reais. Um dos exemplos está no seu primeiro livro, publicado em 1887, *“La favorita del Mahdi”*, que tem como pano de fundo a revolta mahdista contra a presença colonial inglesa no Sudão e no Egito. Porém, em vez de abordar o general britânico Charles George Gordon, que foi assassinado durante a invasão das tropas mahadistas em Khartum, Salgari centraliza a história em Mahdi, o líder da guerra contra os ingleses, e Fathma, sua escrava dançarina que se apaixonou por outro muçulmano.

Ao prestar homenagem ao Mahdi, Salgari executa uma operação de considerável audácia pois engrandece a figura do “inimigo”, que não apenas decapitou Gordon, mas também exterminou a expedição de William Hicks, um ex-oficial do exército britânico que servia na administração do governador do Egito. Mas a aventura é o lugar das oportunidades, por isso se o Mahdi perdeu na realidade pode vencer na ficção e na aventura porque é um herói, vencido apesar de sua coragem e de sua força. (Marilungo, 1992, 90)<sup>78</sup>

É interessante notar, ainda em relação ao livro sobre Mahdi, que Salgari conhecia bem os fatos da revolta mahadista.

Jornalista no “La Nuova Arena”, o jovem Salgari tinha ainda comentado sobre todas as fases da revolta, evento épico e dramático da história colonial britânica. Em agosto de 1885 ele também entrevistou o missionário veronense

<sup>78</sup> “Nel render omaggio al Mahdi, Salgari compie per i suoi tempi un'operazione di notevole audacia poiché ingigantisce la figura del “nemico”, colui che non solo há decapitato Gordon, ma ha pure massacrato la spedizione di William Hicks, ex ufficiale dell'esercito inglese passato al servizio del Khedivé d'Egitto. Ma l'avventura è il luogo della possibilità, pertanto se il Mahdi perde nella realtà può vincere nella finzione e l'avventura glielo concede perché è un eroe, uno sconfitto ad onta del suo coraggio e della sua forza.”.

Luigi Bonomi, que esteve entre os prisioneiros do Mahdi e fugiu havia dois meses, disfarçado de comerciante de escravos e em seguida como um soldado britânico. (Pozzo, 2000, 13) <sup>79</sup>

Nas histórias sobre o Corsário Negro não foi diferente, a começar por Morgan, lugar-tenente do Corsário Negro.

Se aqueles homens temiam o Corsário Negro, nem por isso deixavam de ter medo de Morgan, um homem inflexível, tão ousado quanto o chefe, corajoso como um leão e decidido a tudo.

De origem inglesa, chegaria havia pouco tempo à América, mas logo foi notado por causa do espírito empreendedor e das energias e audácia raras. Já passara com louvor pelas provas sob o comando de um corsário famoso, o Mansfield, mas iria superar mais tarde em coragem e valor todos os flibusteiros famosos de Tortuga com a célebre expedição do Panamá e a conquista, até então considerada impossível, daquela cidade, a rainha do Oceano Pacífico.

Dotado de músculos excepcionais e de uma força portentosa, de feições bonitas e alma generosa, olhos penetrantes que exerciam um fascínio misterioso, da mesma forma que o Corsário Negro, sabia se impor àqueles homens rudes do mar e se fazer obedecer com um simples aceno de mão. (CN, 103)

Salgari faz referência ao famoso corsário Sir Henry Morgan, que fez vários saques às colônias espanholas. Nesse trecho o autor igualou as características de Morgan às do Corsário, talvez com o objetivo de deixar mais verossímil seu personagem. No segundo livro Morgan chega a exprimir sua vontade de conduzir o seu próprio navio:

– Um dia eu também vou ter a minha própria nave, cavaleiro, e nessa hora vou me lembrar da incrível audácia do meu capitão, dos seus valorosos irmãos, apesar de desafortunados, e do Olonês.

– Você tem capacidade para ser um grande líder, senhor Morgan, e isso é o Corsário Negro que está dizendo. Ainda vai fazer grandes coisas, tenho certeza. (RC, 74)

Salgari foi muito cuidadoso quando colocou Sir Henry Morgan no livro, pois os saques às cidades que o Corsário Negro participou teriam acontecido antes de Morgan realizar seus famosos saques. Salgari também uniu Wan Horn, Michel de Grammont e Laurent de-Graff ao lado do Corsário Negro no saque de Veracruz. “Esses eram os

<sup>79</sup> “Giornalista presso “La Nuova Arena”, il giovane Salgari aveva anzi commentato tutte le fasi della rivolta, avvenimento epico e drammatico della storia coloniale britannica. Nell'agosto 1885 aveva anche intervistato il missionario veronese Luigi Bonomi che era stato tra i prigionieri del Mahdi ed era fuggito due mesi addietro, travestito da mercante di schiavi e poi da soldato inglese.”

homens que, em 1683, entraram em um acordo com o Corsário Negro para tentar a empreitada mais ousada até então idealizada pelos flibusteiros de Tortuga, ou seja, a conquista e o saque da fortíssima praça de Veracruz.” (RC, 99) Salgari ainda tomou o cuidado de narrar brevemente a história de cada um desses homens no capítulo décimo primeiro, “A esquadra dos flibusteiros”. Nessa mesma linha, no livro “O Corsário Negro”, o autor também citou o pirata Olonês e Michele, o basco que saquearam ao lado do Corsário a cidade de Maracaibo. Ao compararmos a narrativa salgariana com o momento em que esses piratas saquearam as cidades citadas nas obras (Perron, 2001), verificamos que Salgari transformou esses eventos históricos em pano de fundo para a história do Corsário Negro, que “interagiu” com todos os piratas famosos do período.

Na literatura salgariana, o Corsário Negro conviveu com os piratas mais famosos da América Espanhola. Entretanto, diferente deles, o herói era um homem honesto, honrado e bondoso que não saqueava navios e cidades para enriquecer, mas para encontrar e matar Wan Guld, o homem que trabalhava na administração colonial espanhola, que desejava se vingar. Por mais que o Corsário praticasse o curso com os piratas, ele não era um deles – até porque na literatura salgariana, esses piratas foram descritos como corsários para que seus leitores não associassem os companheiros do Corsário Negro aos atos terríveis da pirataria.

Finalmente, é importante observar que a história do Corsário Negro é uma literatura de vingança, um dos sete tipos de romances de aventura classificado por Martin B. Green (1991), cuja principal característica desse gênero que se originou na literatura gótica é denunciar as injustiças e a opressão cometidas pelo Estado ou pelos grupos que estão no poder. Dentre as maiores obras desse subgênero, Green destaca as obras francesas como “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas; e “Vinte mil léguas submarinas”, de Jules Verne. Para Green, “Assim Verne seguiu Dumas em dar à aventura do Vingador um fundo de política liberal, um liberalismo expresso não só na simpatia por nações ou classes oprimidas no exterior, mas também no desprezo pelos corruptos bem sucedidos em casa e uma admiração muito emocionada por heróis criminosos.” (Green, 1991, 133)<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> “Thus Verne followed Dumas in giving the Avenger adventure a hinterland of liberal politics, a liberalism

Felice Pozzo faz uma análise comparativa entre essas duas obras da literatura francesa e “O Corsário Negro”, estabelecendo que a obra de Dumas, pela força literária que adquiriu, a ponto de transformar o personagem de Edmond Dantes um mito, teve influência determinante na obra salgariana. Verne também influenciou a história do Corsário Negro, mas em um nível menor. Pozzo identificou as semelhanças entre as obras de Dumas e Salgari, a começar na aparência dos personagens: ambos são elegantes, se vestem de preto e são pálidos; os dois condes fizeram um terrível juramento de vingança; e os dois sofreram as reviravoltas do destino, o Conde de Monte Cristo quando descobriu que o filho da mulher que amava, casada com o seu inimigo, era seu filho; e o Corsário quando descobriu que a única mulher que se apaixonou era filha do seu inimigo. No final das duas histórias o amor se sobrepôs à vingança e os dois personagens alcançaram a paz e a felicidade através da união do Conde de Monte Cristo com a mulher que amava; e do Corsário Negro com Honorata.

Destacamos ainda a análise de Giordana Piccinini (1992) sobre a figura do vingador. Na Itália do final do século XIX, um país recentemente unido, mas com graves problemas sociais, o mito do justiceiro estava bem difundido no imaginário coletivo desde o romantismo. Porém, desde a morte dos heróis da Unificação, não havia mais ninguém para a população inspirar-se. Daí a grande identificação com o Conde de Ventimiglia: “Salgari, no Corsário Negro apresenta a figura de um pirata portador de uma lei própria fundada no respeito à palavra dada, na concessão de uma nova chance ao adversário abatido e na justa punição aos traidores.”(Piccinini, 1992, 116)

Para nós, como os problemas sociais não se limitam a uma nação ou a um Estado específico, o Corsário Negro, da mesma maneira que o Conde de Monte Cristo, é um personagem capaz de despertar a identificação dos seus leitores independente do local ou do período, porque todos têm sede de justiça.

---

expressed not only in sympathy for oppressed nations or classes abroad, but also in scorn for the corruptly successful at home and a thrilled admiration for criminal-heroes.”

### **3. Capítulo**

## **O local da aventura**

Nas histórias de Emilio Salgari encontramos três situações sobre a presença de europeus em outros territórios. Na primeira, os personagens europeus encontram uma ilha desconhecida e desocupada, localizada na região do Oceano Pacífico. Como não havia resistência humana à presença europeia, o único obstáculo para os personagens era lutar pela sobrevivência, buscando na natureza todos os recursos necessários para tal.

Na segunda, que se passa nas colônias espanholas da América, o local da aventura torna-se um espaço misto. Ao mesmo tempo em que já existe a presença europeia nas cidades portuárias, no governo local e nos fortes, ainda existem espaços exóticos e selvagens, dominados pela natureza. Como a história era sobre flibusteiros, o mar também transformou-se em um espaço da aventura, no qual o herói enfrentava temporais ou batalhas.

O último tópico é o mais singular, não apenas em relação à obra salgariana, como também à literatura de aventura. Salgari construiu uma história sobre a resistência, mostrando-nos que a conquista de territórios, feita pelos europeus em outros continentes, nem sempre foi pacífica. Nisto os personagens analisados são inovadores. Ao longo do imperialismo, a dificuldade do europeu em conquistar a terra sempre esteve presente, porém, poucos foram os romances da literatura de aventura que abordaram essa temática. Daí a importância de Salgari para esse gênero literário, ao retratar a resistência na América e na Malásia. No primeiro caso, a história é narrada por Yara, única remanescente de uma tribo indígena exterminada por Wan Guld. A personagem, impossibilitada de resistir ao extermínio da sua população, optou pela vingança do homem que provocou aquela calamidade. Nessa história Salgari inova por trazer o extermínio dos nativos da América narrados por uma mulher em busca de justiça.

No segundo caso, a resistência se passa na Malásia e é coordenada por Sandokan, príncipe herdeiro de um trono usurpado pelos ingleses que colonizaram a região. Esse homem se tornou um pirata para enfrentar o imperialismo britânico na esperança de reconquistar suas terras, com o auxílio dos seus súditos. Entretanto, o que chama a atenção na leitura do primeiro livro da série sobre esse herói é o privilégio ao seu romance com uma jovem italiana, em detrimento da luta pela conquista do seu território. Ao contrário dos temas clássicos dos romances de aventura, nessa obra a grande aventura do personagem é conseguir casar-se com a sobrinha do seu inimigo.

### **3.1. Nasce uma colônia italiana**

Na história dos Robinson italianos, a ilha é o local da aventura. Lá os personagens superam suas dificuldades ao encontrar os meios necessários para sobreviver. Nesse sentido, Salgari construiu um espaço selvagem para que os seus personagens vivam a aventura de sobreviver em meio à natureza. Assim, é interessante perceber como Salgari apresentou esse espaço, e como os Robinson italianos agiram nele, alterando o meio em que viveram.

Após o naufrágio e o encontro com um tubarão, Salgari mostra como a ilha em que os personagens encontraram refúgio é um lugar selvagem, marcado pela presença de alguns animais perigosos. A chegada à ilha foi marcada por um obstáculo. Ao invés da correnteza do mar levar os naufragos até a praia, eles chegaram a uma caverna iluminada apenas por um pequeno buraco no topo que permitia a entrada de alguns raios de luar. Entrou primeiro Enrico, seguido do senhor Albani e do Pequeno Tonno. O marinheiro buscava um lugar para descansar, mas encontrou algo terrível que o fez gritar de surpresa e terror.

Uma espécie de braço, muito grande e apenas visível à primeira luz que penetrava na abertura, caiu sobre ele e o segurou pelo corpo. A princípio, o marinheiro pensou que era um braço humano, mas logo percebeu o seu engano: diante dele brilhavam dois olhos grandes, redondos, fosforescentes, que o



olhavam fixamente de tal maneira que pareciam querer fasciná-lo. (RI, 58-9)<sup>81</sup>

O marinheiro, corajoso, lutava contra um monstro que tentava estrangulá-lo. Chamou pelo senhor Emílio, que cortou o braço que prendia o marinheiro com a faca que carregava na cintura. Todos tentaram fugir até a outra abertura da caverna, mas os braços insistiam em tentar prender os náufragos. Reconhecendo apenas os dois olhos na escuridão, Albani subiu no corpo do monstro e fez vários cortes. O monstro começou a se debater em desespero. No momento em que os braços caíram, inertes, o senhor Albani foi coberto por uma tinta grossa e malcheirosa. Já em segurança, fora da caverna, os três puderam observar o monstro, que fugia em direção ao mar.

Saía da caverna, naquele momento, o monstro que, há pouco tempo, lhes havia atacado, tentando voltar para o mar. Aquela lula gigante dava medo. Era de dimensões enormes, já que poderia pesar mil quilos, esbranquiçada e quase gelatinosa, com braços longos de seis metros, provida de um grande número de ventosas destinadas a sugar o sangue das vítimas, com um bico grandíssimo de substância cornea, que se assemelhava na forma ao dos papagaios, e dois olhos grandes, planos, verde-água. Ela avançava penosamente, sem três braços, e procurava aproveitar as ondas que batiam na caverna. (RI, 62-3)<sup>82</sup>

Depois que eles viram a lula gigante retornar ao mar, escalaram as pedras e finalmente alcançaram a terra firme.

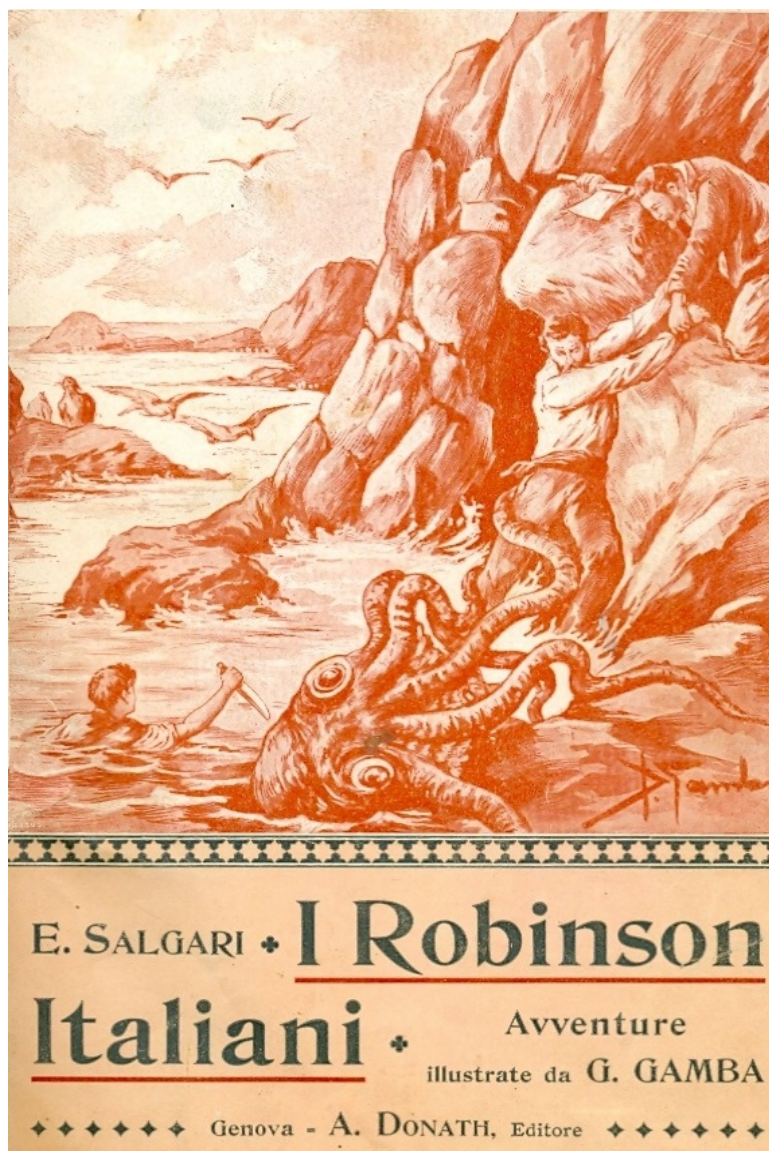
Nesse trecho percebemos que o naufrágio não era a única dificuldade que os três sobreviventes superariam. A chegada à ilha poderia representar a segurança e a solução dos problemas, porém aquele lugar não era seguro e eles ainda não estavam a salvo. Esse episódio, retratado por Giuseppe Gamba, foi escolhido para ilustrar a capa da primeira edição do livro (Figura 03). Nela, o leitor já poderia ter uma ideia dos obstáculos que os

<sup>81</sup>“Una specie di braccio, assai grosso, appena visibile in quella prima luce che penetrava a stento dall'apertura, gli era piombato addosso, stringendolo a mezzo corpo. Dapprima il marinaio credette che fosse un braccio umano, ma ben presto s'accorse d'essersi ingannato: dinanzi a lui brillavano due occhi grandi, rotondi, fosforescenti, i quali lo fissavano in tal modo che pareva volessero af fascinarlo.”

<sup>82</sup> “Dalla caverna marina usciva in quel momento il mostro che li aveva poco prima assaliti, tentando di tornare in mare. Quel calamaro gigante faceva paura. Era di dimensioni enormi, poiché poteva pesare mille chilogrammi, biancastro ma quasi gelatinoso, con braccia lunghe sei metri, fornite d'un gran numero di ventose destinate a succhiare il sangue delle vittime, con un becco grandissimo, di sostanza cornea, che somigliava nella forma a quello dei pappagalli, e due occhi grandi, piatti, glauchi. S'avanzava penosamente, essendogli state recise tre braccia, e cercava di approfittare delle onde che la risacca scagliava contro la caverna.”

três homens retratados superariam.

Figura 03



Capa da primeira edição do livro “*I Robinson Italiani*”, ilustrada por Giuseppe Gamba, publicada em 1896.

Os perigos ainda não haviam acabado. Na primeira noite eles construíram uma tenda nas árvores, a 12 metros de altura, para evitar o ataque de um tigre. Estavam certos em se prevenir, pois à noite um tigre rondou o acampamento.

As primeiras impressões da ilha apresentam um lugar exótico, repleto de perigos. A luta com a lula gigante e a presença do tigre reforçam a ideia de que aquele era um espaço selvagem, onde os animais perigosos estavam livres e dominavam a região.

A partir do momento em que o homem branco se instalou na ilha, essa situação mudou. Aos poucos isso alterou a paisagem e modificou o contato com os animais. Os italianos aprenderam a utilizar os recursos naturais abundantes, construindo móveis, utensílios domésticos, lanças e zarabatanas envenenadas para caçar animais. Em relação à alimentação, souberam aproveitar os recursos alimentícios abundantes, adaptados ao paladar europeu com substitutos para óleo, farinha de trigo e açúcar. Com o controle e o domínio da natureza, o número de animais selvagens diminuiu e os valores da civilização predominaram. Nesse sentido, destacamos a análise na natureza na obra salgariana, feita por Ann Lawson Lucas.

Com respeito à natureza, Salgari é verdadeiramente mais científico – e mais darwinista em seu amor pela sua diversidade e abundância – que Verne; ele não costuma exagerar as características dos fenômenos naturais para criar gratuitamente o monstruoso e assim melhorar as qualidades heroicas dos seus seres humanos: polvos gigantescos prontos para esmagar até transformar em polpa seres humanos incautos não são a regra. Igualmente seus homens não têm respostas anormais ou infladas para a natureza para permitir o escritor aprimorar o homem ou a natureza (...) Na verdade, o medo da natureza é transição que o homem supera, e a longo prazo curiosidade, respeito e admiração são as respostas evocadas, não de terror; para Salgari, não são os horrores da natureza que mais significam, mas sim sua beleza, não a beleza da fantasia mas do mundo real. Enquanto essa ênfase constitui a permanência da tradição antiga épica sobre a intensa relação do homem com a natureza, o amor de Salgari pela beleza da natureza é [do movimento] Romântico Tardio em sua inspiração e fascínio com sua diversidade darwiniana no espírito. Sua concepção implica a possibilidade do homem cuidar da natureza, não apenas a explorando, e é portanto, nitidamente moderno, na verdade progressivo. A admiração de um artista ou de um colecionador pela natureza leva naturalmente para a exploração cada vez maior do mundo, seja na prática ou por meio das palavras impressas. O amor pela diversidade da natureza pode levar ao amor do estrangeiro e, talvez, vice-versa. (Lucas, 1995, 101)<sup>83</sup>

<sup>83</sup> “With respect to nature Salgari is more truly scientific – and more Darwinian in his love of its diversity and abundance – than Verne; he does not generally exaggerate the characteristics of natural phenomena, to create the monstrous gratuitously and thereby enhance the heroic qualities of his human beings: gigantic octopusses ready to pulp the unwary human are not the norm. Equally his men have no abnormal or inflated responses to nature, to enable the writer to enhance either nature or man; (...) Indeed fear of nature is transitory as man overcomes, and in the long run curiosity, respect and admiration are the responses evoked, not terror; for Salgari, it is not the horrors of nature that mean most but her beauty, and moreover the beauty not of fantasies but of the real world. While this emphasis constitutes the continuation of the

As duas últimas situações de perigo relacionadas a animais selvagens envolveram serpentes. Na primeira, Tonno encontrou um orangotango dentro da cabana mexendo em tudo o que encontrava. No primeiro momento, não teve medo do animal, porém as considerações do senhor Albani sobre a força do orangotango preocuparam os dois rapazes.

Consciente de sua força, eles enfrentam bravamente as feras mais temíveis da floresta: não temem nem homens, nem crocodilos, nem as cobras ou tigres, e quando são agredidos, ficam em uma terrível ferocidade. Mas os deixem tranquilos, não atacam ninguém, e se encontram homens, se limitam a olhá-los com curiosidade, depois prosseguem tranquilamente suas vidas. (RI, 144)<sup>84</sup>

Para surpresa de todos, o orangotango não demonstrou interesse nos homens. Curioso, ele foi rapidamente em direção aos arbustos e urrou ferozmente, enquanto agarrou uma serpente com as mãos.

O orangotango, sentindo-se aprisionado pelo golpe da jiboia e olhando para cima de si, a cabeça do réptil, cujos olhos lançavam sobre ele olhares de ardente avidez, lançou um grito rouco, furioso. Estando com um braço livre, pegou o réptil abaixo da cabeça e torceu como se fosse uma palha, mas seus anéis não se romperam, de fato, ela apertou com maior vigor, fazendo ranger a forte espinha dorsal do *homem das florestas*.\*.

Aquela aproximação deve ter sido terrível, pois o orangotango dilatou assustadoramente a boca, como se o ar fosse faltar e os seus olhos, que mandavam sinistros flashes, quase saíram de órbita. Suas mãos robustas agarraram a cabeça do réptil e a esmagaram como se fosse uma avelã; em seguida, com os pés armados com aquelas unhas fortes que, com apenas um golpe, retiraria as vísceras de um homem, tentavam estraçalhar a cauda, a fazendo em pedaços.

A cobra assoviava de raiva e perdia sangue nas duas extremidades, mas ainda não se decidia a abandonar o adversário, e parecia que se aproveitaria das últimas convulsões de agonia para redobrar o aperto irresistível. De repente,

---

age-old epic tradition concerning man's intense relationship with nature, Salgari's love of nature's beauty is Late Romantic in inspiration and his fascination with its diversity Darwinian in mood. His conception implies the possibility of man's caring for the natural world, not simply exploiting it, and is therefore distinctively modern, indeed progressive. A collector's or an artist's admiration for nature leads naturally to the ever wider exploration of the world, either in practice or through the printed word. The love of the diversity of nature can lead to the love of the foreign, and maybe *vice versa* (...)"

<sup>84</sup> "Consci della loro forza, affrontano coraggiosamente le più formidabili fiere delle foreste: non temono né gli uomini, né i coccodrilli, né i serpenti, né le tigri, e quando sono assaliti sono d'una ferocia spaventevole. Lasciati tranquilli però, non assalgono nessuno e se incontrano degli uomini si limitano a guardarli con curiosità, poi proseguono tranquillamente la loro via."

eles escutaram algo como o ranger de ossos quebrados, e o réptil e o orangotango caíram no chão, ainda extremamente entrelaçados. (RI, 146-7)<sup>85</sup>

O Senhor Emilio, após verificar que o orangotango ainda respirava, matou o animal com uma lança. A luta entre os animais foi descrita com detalhes pelo autor, a ponto de ser retratada na capa da terceira edição do livro *I Robinson Italiani*. (Figura 04). A escolha dos editores em retratar essa cena reforça o ambiente selvagem da ilha onde os náufragos encontraram abrigo, único lugar possível para assistir ao confronto entre dois animais perigosos. Essa luta só poderia acontecer em uma floresta distante da Europa – um local perfeito para a realização de aventuras.

A presença da lula gigante, do tigre e do orangotango mostram como aquele lugar era dominado por animais que ameaçavam a vida dos personagens. A chegada do homem branco, capaz de controlar a natureza, só poderia resultar em conflito. No caso da lula, do tigre (que foi abatido alguns capítulos depois) e do orangotango, o homem venceu. No caso da serpente, as armas por eles construídas não foram suficientes, uma vez que o homem branco não tinha o hábito de enfrentar ou caçar cobras. Normalmente quem possuía o conhecimento para capturá-las eram os nativos que acompanhavam os europeus nas suas expedições em lugares exóticos e selvagens para protegê-los dessas ameaças. Nessa história Salgari utilizou uma metáfora: como não haviam humanos na ilha, não foi um nativo quem os salvou, mas sim o orangotango, que matou a jiboia, escondida na cabana dos italianos para atacá-los quando tivesse uma oportunidade.

---

<sup>85</sup> “L'orangoutan, sentendosi imprigionare di colpo dal boa e vedendo sopra di se la testa del rettile, i cui occhi dardeggiavano su di lui sguardi d'ardente cupidigia, aveva lanciato un grido rauco, furioso. Essendogli rimasto un braccio libero, afferrò il rettile sotto la testa e lo torse come fosse stato una pagliuzza, ma le spire non si sciolsero, anzi si strinsero con maggior vigore, facendo scricchiolare la potente ossatura dell'uomo dei boschi. Quella stretta doveva essere tremenda, poichè si vide lo scimmione dilatare spaventosamente la bocca, come se l'aria fosse per mancargli, e i suoi occhi, che mandavano sinistri bagliori, uscire quasi dalle orbite. La sua robusta mano afferrò la testa del rettile e la schiacciò come fosse una nocciuola; poi coi piedi armati di quelle unghie robuste che con un sol colpo sventrano un uomo, si mire a lacerargli la coda, facendola a brani. Il serpente sibilava di rabbia, perdeva sangue dalle due estremità, ma ancora non si decideva ad abbandonare l'avversario, e pareva che approfittasse delle ultime convulsioni dell'agonia per raddoppiare la stretta irresistibile. A un tratto si senti come uno scricchiolio d'ossa infrante, e rettile e mias caddero entrambi a terra, ancora strettamente avvinti.”

\* A expressão *uomo dei Boschi*, traduzida como “homem das florestas”, era um sinônimo para designar o “homem selvagem”, personagem folclórico italiano, encontrando também com outras designações no Sul da Ásia, na Rússia e na América do Norte. Ele vivia isolado nas florestas e nas montanhas, descrito como um ser parecido com o homem, peludo e forte.

Figura 04



Capa da terceira edição do livro “*I Robinson Italiani*”, ilustrada por Giuseppe Gamba, publicado em 1905.

O último momento de tensão devido aos animais perigosos aconteceu quando os personagens planejaram uma excursão para conhecer a extensão da ilha. Nessa viagem, o jovem Enrico foi picado por uma serpente, mas foi salvo pelo senhor Albani, que matou o animal e fez os curativos no ferimento do rapaz.

Depois que os italianos presenciaram a luta do orangotango com a jiboia, o medo dos ataques dos animais da ilha diminuiu. Eles já haviam encontrado meios para se proteger dos ataques dos grandes animais, então começaram a domesticar os animais menores. O primeiro deles foi o filhote do orangotango que eles mataram. Depois

domesticaram dois macacos, que passaram a auxiliá-los nos serviços diários. Com as armadilhas, eles aprisionaram algumas aves e pequenos ursos para consumo, e babirussas (um animal bem parecido com o porco do mato) para puxar os carrinhos de carregamento.

Os Robinson construíram jaulas para os animais menores e uma espécie de carrinho de mão para levar as frutas e o mel que buscavam na floresta, carregado pela babirussa. “Bom! Disse o veneziano. O nosso recinto começa a ficar cheio: dois ursos, três macacos, um aviário e três babirussas nos foram suficientemente fornecidas. Em três semanas nós temos mais do que poderíamos esperar e a sobrevivência agora está assegurada.” (RI, 249)<sup>86</sup>

Depois que os naufragos chegaram na ilha, as ameaças dos animais selvagens diminuíram ao mesmo tempo em que eles começaram a dominar a natureza, utilizando os recursos naturais a seu favor. Aos poucos, a natureza deixou de ser retratada como uma ameaça e passou a proporcionar todos os recursos necessários para a melhor sobrevivência deles. Entretanto, como já analisamos no segundo capítulo, isso só pôde acontecer porque um dos personagens era um explorador europeu e possuía os conhecimentos para dominar a natureza.

Outro aspecto presente no livro em relação ao território da aventura diz respeito ao domínio da ilha. Repetindo o sistema colonial, após a chegada ao território, era necessário verificar quais eram os recursos que poderiam ser explorados na nova terra. Desde a chegada à ilha, os Robinson, liderados pelo Capitão Emilio Albani, encontraram grande variedade de alimentos como frutas, aves, peixes e pequenos animais. Com o passar dos dias, canalizaram água potável até o acampamento, fizeram uma lavoura, construíram jaulas para os animais e fizeram uma espécie de forno para cozer argila e preparar panelas, pratos e potes de armazenamento.

A rica natureza da ilha também lhes proporcionou alimentos capazes de suprir a falta dos produtos consumidos em abundância no Velho Mundo. O senhor Albani, viajante e explorador, sabia encontrar na natureza tudo o que era necessário para viver:

---

<sup>86</sup> “Buono!” disse il veneziano. “Ecco che il nostro recinto comincia a popolarsi: due orsi, tre scimmie, tre babirussa ed una uccelliera discretamente fornita! ... In tre settimane abbiamo ottenuto più di quanto potevamo sperare e il vitto è ormai assicurato.”

Depois procuraremos o pão... (...) Sim, amigos, e eu vos garanto que o forno que construiremos terá muito trabalho. (...) Depois virá o resto. Teremos vinho, azeite, velas, pratos, etc. Conheço a flora da Malásia e sei quantas coisas indispensáveis à vida ela pode produzir. A natureza cuidará de nós todos. (RI, 76)<sup>87</sup>

O senhor Albani estava certo, pois alguns dias depois encontrou os restos de uma plantação de café que deveria ter sido feita pelos antigos moradores da ilha, possivelmente mortos.

Depois que construíram um acampamento e estavam minimamente estabelecidos, decidiram fazer uma expedição para explorar a floresta e subir a montanha para conhecer a região da ilha próxima ao acampamento. Tanto Enrico como Albani estavam curiosos. Enrico dizia: “Estou impaciente para partir em viagem, para conhecer um pouco a terra que nos hospeda.” (RI, 162)<sup>88</sup> O senhor Albani respondeu, concordando: “Vamos Enrico! Eu também estou curioso para conhecer o domínio dos 'Robinson' italianos.” (RI, 162)<sup>89</sup> Esse diálogo nos mostra dois pontos de vista distintos sobre a ilha. Para Enrico, jovem em processo de amadurecimento, ela era o lugar que os hospedou desde o naufrágio. Já para o senhor Albani, o europeu viajante, explorador e mentor dos meninos, aquele lugar, desabitado até a sua chegada, transformou-se no seu domínio.

Depois de tomar posse da terra, os personagens decidiram contornar a ilha pelo mar para conhecer e mapear o local. Eles esperaram o fim do período de chuvas, construíram um barco chamado “Roma” e partiram em viagem.

Albani, que era munido de papel e caneta, traçou pontos, as pequenas baías, as falésias, dando a todos um nome. Assim anotou as baías Aída, Maria e Rainha Helena, *promontório sobranceiro ao mar*\* Tevere e Piemonte, a ponta de Ischia e os penhascos Veneza, Rialto e Pellestrina. (RI, 360)<sup>90</sup>

<sup>87</sup> “Poi cercheremo il pane... (...) Sì, amici, e vi assicuro che il forno che costruiremo avrà molto da lavorare. (...) Poi verrà il resto. Avremo del vino, dell'olio, candele, stoviglie ecc. Conosco la flora malese e só quante cose indispensabili alla vita può produrre. La natura penserà a darci tutto.”

<sup>88</sup> “Sono impaziente di mettermi in viaggio, per conoscere un po' la terra che ci ospita.”

<sup>89</sup> “Andiamo, Enrico! sono anch'io curioso di conoscere il dominio dei 'Robinson' italiani.”

<sup>90</sup> “Albani, che si era munito di carta e di penna, tracciava le punte, le piccole baie, le scogliere, dando a tutte un nome. Così aveva notato le baie Aida, Maria e regina Elena, i capi Tevere e Piemonte, la punta Ischia, e le scogliere Venezia, Rialto e Pellestrina.”. *Promontório sobranceiro ao mar* pode ser substituído por “a parte mais elevada”.



Após o encontro com Marino, o outro marinheiro italiano, e depois do resgate da família de filipinos que naufragou no litoral, os quatro italianos decidiram fundar uma colônia, elegendo o senhor Albani como governador. Ele, emocionado, aceitou o cargo e explicou a todos os seus planos para a ilha. “Então procurarei me mostrar digno da confiança que depositam em mim. Somos todos vigorosos, estamos todos prontos a trabalhar e procuraremos transformar esta ilha, há alguns meses deserta e selvagem, em uma colônia próspera, digna da pátria italiana.” (RI, 470-1)<sup>91</sup>

Os personagens, mesmo em um território tão afastado da sua terra natal, não deixaram de manifestar apreço pela pátria. Desde a nomeação do barco “Roma”, até o batismo do relevo, todos os nomes eram italianos. O ápice foi transformar aquele lugar em “uma colônia digna da pátria italiana”. Num período em que a Itália buscava afirmar-se como um país imperialista, Salgari deu o seu incentivo.

Nos dois últimos capítulos do livro, Salgari passou a se referir ao lugar onde os italianos habitavam como colônia. Com o passar do tempo, a colônia cresceu. Quatro anos se passaram e a chegada de uma esquadra inglesa não foi suficiente para fazê-los abandonar a ilha, pois todos viviam felizes. No último capítulo, Salgari descreveu o que os ingleses, surpresos, encontraram, após quatro anos de trabalho de todos.

Grande parte da ilha havia sido limpa e os colonos viviam em abundância. Grandes armazéns erguiam-se na costa setentrional, os campos estavam cheios de toda a produção mais importante do arquipélago da Sonda, as gaiolas estavam repletas de macacos, babirussas, ursos negros e antas, todos já domesticados. Somente naquela ocasião que os colonos, com mais quatro meninos e três meninas, souberam que a ilha era a mais meridional do arquipélago de Solu e ficava distante apenas oitenta milhas de Tawi Tawi. Os colonos eram tão felizes que se recusaram a abandonar suas terras. (RI, 481-2)<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> “Allora procurerò di mostrarmi degno della fiducia che riponete in me. Siamo tutti vigorosi, siamo tutti pronti a lavorare e cercheremo di trasformare quest isola, pochi mesi fa deserta e selvaggia, in una colonia fiorente, degna della patria italiana”

<sup>92</sup> “Gran parte dell'isola era stata dissodata e i coloni nuotavano nell'abbondanza. Vasti magazzini si ergevano sulle coste settentrionali, i campi erano ricchi di tutte le produzioni più importanti dell'arcipelago della Sonda, i recinti pullulavano di scimmie, di babirussa, di orsi neri e di tapiri già addomesticati. Solamente in quell'occasione i coloni, aumentati di quattro ragazzini e di tre ragazzine, appresero che la loro isola era la più meridionale dell'arcipelago delle Solù e distava solo ottanta miglia da Tawi Tawi. I coloni erano così felici, che rifiutarono di abbandonare la loro terra.”

Os habitantes da colônia aceitaram poucas coisas dos ingleses: algumas armas de fogo e munição para abater o último tigre, e um baleeiro, para navegarem até as ilhas próximas quando precisassem de algo. É importante ressaltar que as armas de fogo serviriam para garantir o seu domínio sobre o território. Com elas, eles poderiam se defender tanto de animais selvagens, como de possíveis ataques de piratas – nem que para isso fosse necessário matar.

Essas ações, se analisadas em conjunto, são uma metáfora para o processo de domínio de um território. Os personagens chegaram a um lugar praticamente desconhecido, dominado pela natureza selvagem. A chegada dos naufragos na ilha representa a ocupação de um território desabitado pelo homem europeu, branco e civilizado. Esse ato fundador marcaria o início da história do lugar. Ao longo da narrativa o espaço selvagem e os perigos contidos nele diminuíram na mesma proporção que se efetivou a ocupação do território pelos italianos. À medida que os Robinson construíram sua aldeia, os animais perigosos desapareceram e os outros animais, úteis ao homem, foram aprisionados. Ao mesmo tempo, os personagens começaram a produzir e a armazenar alimentos para o período de chuvas.

Nesse sentido, a superação das dificuldades dos personagens, vivendo em um ambiente hostil e dominado pela natureza, nos remete às dificuldades vividas pelos primeiros homens que habitavam a Terra. Esse aspecto foi observado por Maas, no seu artigo sobre o fato de Rousseau ter escolhido *Robinson Crusoe*, como o único livro capaz de educar Emilio para a liberdade.

Robinson Crusoe, inglês misto entre aventureiro e latifundiário, naufraga na costa do Caribe. Único sobrevivente, passa cerca de trinta anos no que chama de “sua ilha”, vivendo em um estado primitivo que faz lembrar os primeiros tempos do homem sobre a terra, em sua busca pelo aperfeiçoamento das ferramentas, na busca por comida e abrigo, no progresso lento e constante de suas condições materiais. (Maas, 2001, 205)

Da mesma maneira que Crusoe, o senhor Albani e os rapazes italianos conseguiram superar as dificuldades e controlar a natureza, por meio do conhecimento

que o senhor Albani possuía da região. O próprio Albani faz referência ao personagem de Defoe no momento em que encontra uma planta capaz de fornecer água. “A natureza começa o seu ofício de provedora dos 'Robinson'.” (RI, 77)<sup>93</sup> Nesse sentido, tanto “Robinson Crusoe” como “*I Robinson Italiani*” mostram como o espaço exótico imperial tornou-se a imagem da vitalidade europeia. Os protagonistas dessas histórias conquistaram um espaço desconhecido e dominado pela natureza por meio da sua força laboriosa, controladora e organizadora. O resultado foi o domínio e a exploração do território, aliada à realização pessoal dos personagens.

Com o estabelecimento da ilha, surgiu o desejo de conhecê-la e os personagens partiram em uma expedição para mapeá-la. O ato de mapear e de batizar o local, feito por Albani, mais uma vez reforça a ideia de posse e de colonização de um território, feita por europeus.

Desse modo, tanto batizar quanto mapear tem significados semelhantes: fundar e garantir a posse. Isso, associado à aura de herói mítico civilizador, garante a soberania do território aos heróis do romance (...). Assim, o objeto da busca que dá origem à viagem nos romances de aventura – uma descoberta científica, um tesouro enterrado, uma mina de diamantes, uma pessoa, um reino – acaba se tornando um pretexto para a aquisição de poder pelos heróis. Porém esse poder não é para todos nem pra qualquer um. (Iwai, 2010, 23)

Depois de mapeado o território “dos italianos” – afinal, se ninguém habitava a ilha antes do naufrágio, e como havia apenas vestígios de antigos habitantes, ela, de acordo com o raciocínio colonial, só poderia ser deles – restava ordená-lo, dentro dos conhecimentos europeus. Assim, os italianos produziram e armazenaram alimentos, domesticaram os animais e ergueram construções.

Como Robinson Crusoe, o senhor Albani e os dois jovens fundaram uma colônia na ilha – fato esse marcado pelo próprio narrador quando passou a utilizar a palavra “colônia” ao referir-se ao local onde os italianos habitavam. Ali eles conquistaram um território e souberam tirar o melhor proveito dele, alcançando um excelente padrão de conforto para a situação em que viviam. Quando os personagens viajaram em torno da ilha para mapeá-la, os jovens disseram ao senhor Albani o quanto estavam felizes por

---

<sup>93</sup> “La natura comincia il suo officio di provveditrice dei 'Robinson'.”

viverem ali.

'Estão contentes, amigos?' Perguntou o veneziano, parando o navio.  
'Tão feliz, senhor, que eu não deixarei mais esta ilha.' Disse o marinheiro.  
'Nem eu.' Disse o Pequeno Tonno.  
'Eu vou ficar aqui para sempre, mesmo que venham dez navios para me pegar. Que coisa estamos perdendo?... Nós embarcamos sem um pedaço de pão e agora estamos mais felizes que um rei. O que podemos desejar de melhor?' (RI, 357)<sup>94</sup>

Nesses trechos a literatura de aventura demonstra aos leitores que as práticas coloniais em territórios exóticos eram rentáveis e trariam a felicidade para os seus colonizadores – tanto os administradores como a mão de obra supérflua europeia, enviada às colônias para desafogar a metrópole superpovoada e garantir o domínio na região. No caso do livro *“I Robinson Italiani”*, os personagens que estavam felizes com a situação eram o marinheiro e o jovem aprendiz. De fato, na sociedade europeia do final do século XIX, era praticamente impossível que grande parte dos jovens conseguisse adquirir terras e possuir uma vida confortável por meio do trabalho. Por isso, a situação na ilha era ótima para os dois, a ponto de Enrico sentir-se mais feliz do que um rei.

... Em primeiro lugar, a ficção para meninos era a cartilha do colonialismo. Meninhos que leem irão tornar-se meninões que dominam, e a ficção de aventura representa um treinamento importante. ‘A literatura saudável para meninos deveria formar homens...’ observou o crítico Edward Salmon, ele próprio um ardoroso imperialista. ‘Ao escolher os livros que os meninos deverão ler, é necessário lembrar que estamos escolhendo o alimento intelectual para os futuros chefes de uma grande raça’. (Showalter, 1993, 114)

Pensamentos como esse eram extremamente úteis em tempos de conseguir novos colonizadores e voluntários dispostos a se mudar para as colônias africanas e asiáticas, para ajudar a ocupar o território e auxiliar o imperialismo.

### 3.2. Piratas na América espanhola

<sup>94</sup> “‘Siete contenti, amici?’ chiese il veneziano, sbarcando. ‘Così contento, signore, che io non lascerò più quest’isola’, disse il marinaio. ‘E nemmeno io’, disse Piccolo Tonno. ‘Rimarrò qui per sempre, dovessero venire dieci navi a prendermi. Che cosa ci manca? ... Siamo sbarcati senza un tozzo di pane, ed ora siamo più felici di un re. Che cosa potremmo desiderare di più?’”

As histórias do Corsário Negro agregaram ao tradicional local da aventura as cidades portuárias e os mares da América espanhola do final do século XVII. Nesse espaço o nobre italiano invadiu e saqueou várias cidades para tentar capturar ou conseguir informações seguras sobre o paradeiro de Wan Guld. Nessas incursões o flibusteiro sempre recebia ajuda de outros piratas, interessados nas riquezas oriundas das minas de ouro e prata americanas e nos bens dos moradores. Quando não estava navegando ou saqueando, o Corsário e seus homens viviam na ilha de Tortuga, conhecida por ser o local onde habitavam os flibusteiros mais famosos dos mares.

A proteção das esquadras espanholas nos mares e a vigilância dos fortes nas ilhas e cidades portuárias, bem armados e repletos de soldados, não eram suficientes para conter a ação dos corsários. Por isso, as batalhas navais e as invasões das cidades portuárias eram extremamente violentas. A descrição dos ataques às cidades chegaram a ocupar quatro capítulos seguidos nas obras, detalhando desde o planejamento dos ataques pelos flibusteiros, os combates terrestres e marítimos, a conquista das cidades ou dos navios, até a pilhagem dos bens pelos flibusteiros.

Nos dois livros, o Corsário Negro e seus homens invadiram Maracaibo, Gibraltar, Vera Cruz e o forte de San Juan de Luz. As invasões iniciavam com o planejamento da ação pelo Corsário e os outros corsários, feitas em Tortura ou em alto-mar. Nesses encontros, os piratas combinavam a data e o número de homens e de navios que participariam, e acertavam as táticas da invasão. O encontro para o planejamento da invasão de Vera Cruz aconteceu em alto-mar, na Folgore e contou com a presença de Grammont, Laurent, Wan Horn e do Corsário Negro.

- Então vamos nos vingar – disseram Laurent e Wan Horn.
- Obrigado, amigos. A sua esquadra é forte?
- Temos quinze navios com mil e duzentos homens na tripulação.
- Uma ruga surgiu na testa do Corsário.
- Não será exagero – disse ele. – Eu soube que tem mais de três mil soldados em Veracruz e, pelo que falam, todos muitos corajosos.
- Sem contar que teremos de conquistar o forte de San Juan de Luz, que está armado com sessenta canhões e defendido por oitocentos homens.
- Estamos prestes a jogar uma cartada terrível – disse Wan Horn. – Vocês fizeram planos?

– É preciso surpreender a praça. Vamos desembarcar as nossas tripulações a poucas milhas do porto e nos aproximar pelo meio dos bosques. (RC, 100)

Depois que planejavam o ataque, não demorava muito para a invasão acontecer de fato. A grande maioria dos ataques era pela manhã e a primeira providência era conquistar o forte, como nos mostra a descrição do ataque à cidade de Maracaíbo.

Quando o Corsário Negro chegou à ponte, Morgan já tinha mandando descer para a chalupa sessenta homens, escolhidos entre os mais arrojados e mais fortes.

– Comandante – disse ele, virando para o Corsário Negro –, não temos um instante a perder. Dentro de poucos minutos os homens do desembarque vão começar a atacar o forte, e os nossos flibusteiros devem ser os primeiros nesse ataque. (CN, 176)

O Corsário passou o comando do navio a Morgan e vestiu-se para participar da invasão de Maracaíbo.

O sol estava começando a nascer, por isso era preciso apressar o desembarque, antes que os espanhóis da fortaleza pudessem reunir forças poderosas. Todas as chalupas, carregadas de homens e armas, sulcavam rapidamente a água, dirigindo-se a uma praia arborizada que tinha uma subida íngreme e acabava em uma pequena colina, de onde se via o forte gigantesco, uma fortaleza sólida armada com dezesseis canhões de grosso calibre e provavelmente bem abastecida de homens para defendê-la. (CN, 177)

Nenhuma chalupa foi atingida pelos tiros de canhão que vinham do forte, por isso, em pouco tempo, elas chegaram na praia.

Os flibusteiros e os bucaneiros que as tripulavam, sem esperar pelos companheiros, desembarcaram precipitadamente e se embrenharam no bosque com seus chefes para rechaçar os pelotões espanhóis que estavam emboscados na encosta da colina.

– Ao ataque, meus bravos!... – berrou o Olonês.

– Para cima, homens do mar!... – trovejou o Corsário Negro, avançando com a espada na mão direita e a pistola na esquerda.

Os espanhóis que estavam emboscados começaram a fazer chover uma saraivada de balas sobre os atacantes, mas com poucos resultados, por causa das árvores enormes e dos arbustos densos que cobriam as encostas da colina.

Também os canhões do forte trovejavam com um fragor ensurdecedor, atirando os grandes projéteis em todas as direções. Árvores eram arrebatadas e derrubadas no solo com estrondo; os galhos caíam à direita e à esquerda, e a metralha fazia chover sobre os atacantes nuvens de folhas e de frutas, mas nada

foi capaz de deter o ímpeto dos temíveis flibusteiros e bucaneiros da Tortuga. (CN, 177-8)

Os corsários foram atacar o forte mas como a resistência estava forte, decidiram explodir uma parte da muralha para prejudicar a defesa espanhola. A tarefa coube a Carmaux, Moko e Wan Stiller. A explosão destruiu uma grande parte da muralha, facilitando o acesso dos piratas pelo buraco que provocou.

O Corsário Negro já tinha entrado por ela, pulando por cima dos destroços derrubados pela explosão, e a sua temível espada começava a golpear os primeiros adversários que haviam corrido para lá para impedir a passagem.

Os corsários se jogaram atrás dele com os sabres de abordagem em punho, berrando a plenos pulmões para espalhar ainda mais o terror, abatendo com ímpeto irresistível os primeiros espanhóis, e irromperam dentro do forte como uma torrente que transborda.

Os duzentos e cinquenta homens que o defendiam não conseguiram resistir à tamanha fúria. Procuraram se entrincheirar atrás dos espaldões, mas foram perseguidos até lá; tentaram se reagrupar no pátio para impedir que o grande estandarte espanhol fosse baixado, mas também foram desbaratados e perseguidos ao longo dos postos de defesa internos e caíram todos, sem se render. (CN, 179-80)

Em todas as invasões, depois que a defesa da cidade era conquistada pelos flibusteiros, o Corsário Negro partia para procurar Wan Guld enquanto os piratas iniciavam o saque e a pilhagem da cidade. A descrição do saque de Gibraltar, segundo o narrador, era um espetáculo desolador.

O saque era praticado em todas as casas. Por toda parte se ouviam ainda gritos dos homens, choro das mulheres, berros das crianças, maldições, urros ferozes e tiros das armas de fogo.

Hordas de cidadãos fugiam pelas ruas, tentando salvar os bens mais preciosos, perseguidos pelos corsários e bucaneiros. Brigas sanguinárias explodiam por todo lado entre os saqueadores e os infelizes habitantes, e cadáveres eram jogados pelas janelas e se esfacelavam no calçamento.

Às vezes se levantavam também gritos lancinantes, provavelmente emitidos pelos notáveis da cidade, sob a tortura infligida pelos corsários para os obrigarem a confessar onde haviam escondido as riquezas, pois aqueles terríveis saqueadores do mar, para conseguir ouro, não se detinham diante dos métodos mais extremos.

Algumas casas, já esvaziadas, ardiam e espalhavam em torno uma luz sinistra, lançando para o alto nuvens de faíscas, com o risco de incendiar a cidade inteira.

Acostumado com aquelas cenas, que já vira se repetir em Flandres, o Corsário não ficava impressionado, mas se apressava para passar adiante, fazendo um gesto de repugnância.

Chegando à praça central, na qual um bando de flibusteiros havia reunido diversos cidadãos, viu o Olonês ocupado em pesar o ouro que seus homens continuavam a acumular, vindo de todos os lados. (CN, 322-3)

Três dias depois os flibusteiros terminaram o saque e os resultados foram bem satisfatórios. “Traziam com eles, além dos duzentos prisioneiros com os quais pretendiam obter cedo ou tarde bons resgates, grande quantidade de víveres, de mercadorias e ouro, valendo no total a enorme quantia de duzentos e sessenta mil piastras, soma que em poucas semanas deveria ser inteiramente consumida na Tortuga em banquetes e festas.” (CN, 324) Não contentes com o resultado, os flibusteiros ainda voltaram a Maracaíbo para roubar os bens que os moradores haviam escondido no saque anterior.

...aqueles infelizes que haviam sofrido um saque completo e se encontravam impossibilitados de oferecer a melhor resistência, foram obrigados a fazer um novo pagamento de trinta mil piastras para não passar por uma nova rapina e um incêndio generalizado.

Não satisfeitos com isso, aqueles ávidos predadores aproveitaram a nova parada para roubar as igrejas, levando as alfaías sacras, os quadros, os crucifixos e até os sinos, a fim de mobiliar uma capela que pretendiam erguer na Tortuga!... (CN, 324)

Os espanhóis e os moradores das cidades sofriam vários tipos de violência com as invasões das cidades. O Corsário Negro, que já havia combatido no Flandres, achava aquelas ações repugnantes, por isso logo partia para encontrar Wan Guld. O narrador também descrevia o resultado das invasões e os mortos.

Enquanto os flibusteiros, ávidos por saques, sederramavam como uma torrente impetuosa sobre a cidade agora indefesa, para impedir que a população inteira fugisse para os bosques, levando consigo os bens mais preciosos, o Corsário Negro, Carmaux, Wan Stiller e Moko removiam os cadáveres amontoados no interior do forte, com a esperança de encontrar entre eles também o corpo do governador de Maracaíbo, o odiado Wan Guld.

Cenas horríveis se apresentavam aos olhos deles a cada passo que davam. Havia pilhas de mortos por todos os lados, horivelmente mutilados pelos golpes dos sabres e das espadas, ou com os braços decepados, ou os peitos dilacerados, ou os crânios despedaçados, feridas medonhas das quais ainda escapavam jorros de sangue que corriam pelos mirantes ou pelas escadarias das casamatas, formando poças que exalavam um cheiro acre.



Alguns ainda estavam com as armas que os haviam matado encravadas na carne; outros se mantinham agarrados aos adversários, com os dentes fincados na garganta deste ou daquele, e outros ainda, com um último espasmo apertavam a espada ou o sabre que os havia atacado. De vez em quando, no meio daqueles cadáveres, vinha um gemido e algum ferido, removendo com enorme esforço os que estavam ao lado, mostrava o rosto pálido ou sujo de sangue, implorando com voz fraca por um golpe de água. (CN, 320)

Depois das invasões, quando o Corsário Negro não estava atrás de Wan Guld, procurava encontrar os sobreviventes e cuidar dos feridos. Em Gibraltar,

O Corsário, que não mantinha ódio algum contra os espanhóis, quando ouvia o gemido de algum ferido, corria para desembaraçá-lo dos mortos que o cercavam e, ajudado por Moko e pelos flibusteiros, o levava para outro local, encarregando um deles de prestar os primeiros socorros. (CN, 320)

Para o Corsário Negro, as aventuras aconteciam também em alto-mar e nas florestas tropicais. No mar o Corsário enfrentou batalhas navais contra os navios espanhóis que protegiam o litoral de suas colônias e o comércio entre elas e a Metrópole; e também perseguiu Wan Guld nas suas fugas dos ataques do Corsário.

No primeiro livro, o Corsário enfrentou uma batalha naval e perseguiu o duque flamengo duas vezes em pequenos navios. A descrição da batalha ocupa oito páginas e aborda desde o momento que o Corsário Negro avistou o navio espanhol, ainda de madrugada, até a sua conquista. No início, o Corsário percebeu a nave espanhola ainda a distância e, desconfiando ser um navio de guerra, resolveu abordá-la.

Era um verdadeiro navio de batalha, provavelmente muito bem armado e tripulado por uma grande quantidade de homens bem treinados, decididos a uma defesa incansável.

Qualquer outro corsário da Tortuga evitaria atacá-lo, pois, mesmo se vencesse, haveria muito pouco para saquear; aqueles valentes ladrões dos mares iriam preferir muito mais atacar os navios mercantes ou os galeões carregados de tesouros provenientes das minas do México, Yucatán e da Venezuela, mas o Corsário Negro não pensava assim, pois era um homem que não ligava para as riquezas.

Talvez naquela nave viesse um poderoso aliado de Wan Guld que, mais tarde, poderia atrapalhar os seus esforços de vingança, por isso ele se preparava para atacá-lo antes que fosse reforçar a esquadra do almirante Toledo ou defender Maracaibo. (CN, 104)

A tática utilizada pelo Corsário foi aproximar-se do navio espanhol sem responder as três primeiras sequências de tiros de canhão. Seu objetivo era abordar diretamente a nave mas como não conseguiu, optou por outra manobra.

Em vez de prosseguir a marcha, a nave espanhola parou e se colocou de través no vento, como se estivesse decidida a aceitar a batalha. (...) A Folgore também virou de bordo a duas milhas de distância, mas, em vez de voltar para atacar o adversário, estava descrevendo um grande círculo em volta do navio espanhol, sempre se mantendo fora do alcance da artilharia. (CN, 106)

Carmaux e Wan Stiller explicaram a manobra do Corsário Negro: “– O nosso comandante quer esperar o dia amanhecer antes de começar a luta e se atirar à abordagem. – E impedir que os espanhóis prossigam caminho até Maracaíbo – acrescentou Wan Stiller.” (CN, 106) Durante toda da noite,

(...) a Folgore continuava sua corrida em volta do navio de combate, que não saía do lugar, limitando-se a apresentar a proa. Girava rápida como um pássaro fantástico, sempre ameaçando, mas sem fazer a artilharia disparar.

O Corsário Negro não saiu da barra do leme. Os seus olhos, que pareciam estar iluminados como os das feras noturnas, não abandonavam nem por um instante o navio de combate, como se ele estivesse tentando adivinhar o que acontecia a bordo ou esperando alguma manobra errada para vibrar a esporeada mortal.

A tripulação olhava para ele com um terror supersticioso. Aquele homem, que manobrava o navio como se tivesse infundido sua alma nele, que o fazia girar em torno da presa quase sem mudar o velame, com sua aparência sinistra e sua imobilidade, causava uma certa perturbação até mesmo entre aqueles ousados saqueadores do mar. (CN, 107)

Quando amanheceu, o Corsário preparou os seus homens para o ataque. “– Homens do mar!... Não os detenho mais!... Viva a flibustaria!...” (CN, 107) Seus piratas responderam com hurras, enquanto os dois navios navegavam ao encontro um do outro, atirando balas de canhão e arcabuzes. No navio espanhol o estrago foi maior “(...) porque, como foi dito, os flibusteiros quase nunca erravam o alvo(...)” (CN, 107). No navio espanhol,

Os homens do navio caíam às dúzias ao longo dos bordos, como também os artilheiros das peças de caça do tombadilho de popa e os oficiais da ponte de comando. Dez minutos foram suficientes para que não restasse vivo um

homem sequer. Até o comandante caiu no meio dos seus lugares-tenentes, antes mesmo da abordagem. (CN, 108)

Apesar das mortes, havia alguns sobreviventes e por isso a vitória ainda não estava certa; então o Corsário Negro abordou o navio com seus homens. Como restaram poucos soldados, o Corsário Negro libertou todos.

Nessa abordagem destaca-se principalmente a coragem do Corsário Negro nas suas manobras e nos seus ataques ousados a um navio maior e melhor equipado militarmente. A ousadia do Corsário era tão grande que o autor comparou seu olhar iluminado a uma fera noturna, esperando o melhor momento para dar o bote. Até para a tripulação, a coragem e a ousadia do Corsário eram tão fantásticas que chegava a perturbar e aterrorizar seus homens.

Essas características também estão presentes no livro “A rainha dos Caraíbas”, que narra quatro grandes combates marítimos, com o último culminando na morte de Wan Guld e na destruição da Folgore. Em dois deles, a Folgore ficou em fogo cruzado. No primeiro confronto, o Corsário Negro estava sitiado na torre que ficava no jardim da casa do administrador de Puerto Limón, enquanto Morgan esperava o retorno do capitão na baía. O Corsário, ferido, escutou tiros de canhão e quando chegou com dificuldade na janela, avistou o ataque à Folgore.

A batalha entre a Folgore e as chalupas tripuladas pelas guarnições do fortim já estava em andamento, com grande ímpeto de ambas as partes.

A nave, que não queria abandonar a baía sem antes trazer o seu capitão a bordo, estava fortemente ancorada a trezentos metros da praia, apresentando aos atacantes o lado de boreste, enquanto seus homens haviam se estendido atrás das amuradas, prontos para atirar no inimigo com seus longos fuzis.

Os dois canhões de caça da coberta já haviam funcionado diversas vezes contra os inimigos, e os tiros não foram perdidos. Uma chalupa já afundara, atingida em cheio por uma bala, e a sua tripulação estava nadando para a praia. (RC, 46)

Pela janela o Corsário assistia a boa resposta que Morgan dava ao ataque. Ele estava tão envolvido no ataque que agia como se estivesse na Folgore: gritava para animar os flibusteiros, orientava Morgan a atacar as chalupas mais perigosas, ameaçava com os punhos fechados os soldados que atacavam o navio e por isso nem se lembrou

que Carmaux, Wan Stiller e Moko resistiam aos ataques dos soldados do governador que queriam prendê-los. “Apesar das tremendas detonações dos flibusteiros, três chalupas haviam chegado perto da nave e estavam ao abrigo da artilharia, enquanto de trás da longa península que se estendia diante da baía apareceram inesperadamente os altíssimos mastreamentos de duas naves.” (RC, 49) Enquanto o Corsário Negro e Yara assistiam a Folgore ser atacada pelas chalupas e pelas duas naves, seus homens não conseguiram mais se defenderem dos ataques na torre. “(...) Carmaux, Moko e o hamburguês entraram correndo na sala. Estavam ofegantes, esbaforidos e imundos de pólvora de disparo. O último estava também com o rosto ensanguentado, pois havia levado uma estocada no meio da testa.” (RC, 49)

Para surpresa do Corsário Negro e de seus companheiros, Morgan não tentou fugir do fogo cruzado navegando para o alto-mar; “Aproveitando um golpe de vento, primeiro a Folgore escapou com habilidade da abordagem das primeiras chalupas que haviam se aproximado, em seguida com um bordejo se lançou para o pequeno porto e se refugiou atrás da ilhota que havia entre a costa e a península, formando uma espécie de dique.” (RC, 50) As naves espanholas “(...) ancoraram bem em frente à baía, a uma distância de 200 metros uma da outra, apresentando os lados de boreste para a costa, a fim de descarregar bordadas de artilharia inteiras contra a Folgore, caso ela tentasse forçar o cerco.” (RC, 50)

Sitiados na torre do jardim, o Corsário Negro, Yara, Carmaux, Wan Stiller e Moko resistiram por mais de 5 horas até o amanhecer, quando quarenta dos seus homens, liderados por Morgan, foram buscá-los. A cidade estava em guerra entre os soldados e os flibusteiros que protegem o Corsário, que conseguiu voltar para o controle da sua nave. Depois que recebeu tratamento de um médico, soube por Morgan que os dois cruzadores espanhóis, um com catorze canhões e outro com vinte, ainda fechavam a baía e o forte estava em guarda para auxiliar o ataque espanhol. Temendo que chegassem reforços no dia seguinte, o Corsário decidiu furar o cerco dos cruzadores através de um brulote.

- (...) Não tem nenhuma nave no porto?
- Tem sim. Uma barça ancorada perto da ilhota. Os espanhóis a abandonaram logo depois que jogamos a âncora aqui.

- Está armada?
- Está. Com dois canhões, e tem dois mastros.
- Alguma carga?
- Não, capitão.
- Temos material inflamável a bordo, não é verdade?
- Não temos falta nem de enxofre, nem de breu, nem de granadas.
- Então dê a ordem para que seja preparado um belo brulote. Se o golpe der certo, vamos ver algumas fragatas em chamas. (RC, 64-5)

Carmaux conduziu a brulote em direção às duas naves espanholas, que se aproximaram para auxiliarem-se mutualmente, pois pensavam que seriam abordados por aquele navio. As naves disparavam várias balas de canhão, “Artilheiros e fuzileiros abriram um fogo infernal contra a pobre caravela, com a esperança de afundá-la completamente destrozada antes que ela conseguisse chegar para a abordagem.” (RC, 70). O navio condizido por Carmaux já estava bem abadado pelas balas quando se aproximou dos navios espanhóis. Havia um flibusteiro na ponte carregando uma tocha para começar o incêndio, quando

Uma bala de canhão o atingiu em pleno peito e o partiu em dois, como se tivesse sido cortado por uma imensa cimitarra. (...) Nem um pouco impressionado com o fim medonho de seu companheiro, um segundo marinheiro pulou a barricada e foi em frente, gritando:  
 – Viva a flibust....  
 Não pôde terminar a frase. Uma segunda bala de canhão o matou. Naquele instante, houve um choque tremendo na proa. A caravela batera na fragata, enfiando o seu gurupés entre as enxárcias e o patarrás do mastro principal. (RC, 71)

Carmaux e Wan Stiller tacaram fogo no navio, que logo se espalhou pelo convés e pelas velas e tornou-se uma imensa chama que iluminava a escuridão. Os dois cruzadores espanhóis não tiveram tempo de escapar do brulote. “Aterrorizados, os espanhóis tentaram contar os arpés de abordagem para afastar o brulote, mas era tarde demais. O incêndio já estava se propagando a bordo da fragata com uma rapidez incrível. As bombas nada podiam fazer contra as chamas que atingiram as velas e o mastreamento.” (RC, 42)

Carmaux e seus companheiros conseguiram embarcar novamente na Folgore que, conduzida por Morgan, preparava-se para sair da baía de Puerto Limón. “A Folgore

avançou, passando a duzentos passos da fragata incendiada. Navegava depressa, em silêncio, toda escura, sem nenhuma luz acesa a bordo. Mas os homens estavam todos em seus postos de combates.” (RC, 73) Uma das naves espanholas já sofria os danos do fogo que se espalhava. A outra ainda tentou atingir a Folgore com uma rajada de balas, mas não obteve sucesso.

De repente, uma chama imensa rasgou a caravela. A ponte, o quadro, o castelo de proa, o mastro principal saltaram com a explosão dos barris de pólvora, lançando à direita e à esquerda uma nuvem de destroços ardentes. A fragata, que continuava amarrada ao brulote, se dobrou sobre um dos flancos. A explosão a despedaçou a boreste e a água começou a entrar com rugidos surdos pela imensa abertura. (RC, 73)

Enquanto assistia a explosão da boreste, o Corsário ordenou seus flibusteiros a atirar.

As balas e a metralha varreram as pontes das duas fragatas, aumentando o horror e a confusão. (...) O fogo dos espanhóis foi suspenso, mas não o da nave flibusteira. Os artilheiros atiravam sem parar, martelando os massames dos dois navios e lançando uma chuva de metralha nas pontes, fazendo um massacre nas tripulações.

– Fogo! Fogo! – trovejava o Corsário Negro. – Joguem abaixo os mastreamentos, acabem com as pontes, arrasem, destruam!

Com um último bordejo, a Folgore chegou à embocadura do porto. Passando quase ao lado das duas fragatas, descarregou de uma só vez toda sua artilharia, depois deslizou do dique e saiu triunfante para o mar. Uma última bordada de artilharia da fragata que não incendiara ainda a atingiu e quebrou a antena da gávea, furando diversas velas e matando quatro homens, mas a Folgore já podia se considerar a salvo. (RC. 73-4)

De todas as batalhas marítimas, essa foi a mais ousada; e o mais interessante é que ela faz parte de uma sequência de ações impressionantes que ocupam os oito primeiros capítulos (um quarto da obra) do segundo livro da série. Nela o Corsário Negro desembarcou escondido na baía de Puerto Limón para interrogar o administrador dos bens de Wan Guld. Esse homem chamou os guardas e tentou prender o Corsário em um túnel, porém o conde italiano foi libertado por Yara, jovem indígena que trabalhava na casa. O Corsário Negro, a jovem, Carmaux, Wan Stiller e Moko fugiram para o jardim interno da casa e lá começaram a lutar com os guardas espanhóis. A sequência

impressiona porque a Folgore, que ficou na baía aguardando a volta do seu capitão, começou a ser atacada pelos soldados espanhóis. Enquanto Morgan reagia ao ataque, o Capitão, atingido por uma espada próximo ao coração, e seus homens estavam sitiados. A saída pra essa situação parecia impossível, porém o Corsário Negro, com a ajuda de Morgan no comando da Folgore, conseguiu voltar para o navio e fugir daquela baía, apesar da presença de dois cruzadores espanhóis. Depois dessas ações não há dúvidas de que o Corsário era um homem excepcional, e que Salgari sabia como escrever aventuras marítimas, pois além das batalhas, ele também narrou as emoções de navegar durante uma tempestade.

Os temporais típicos da América central foram utilizados para demonstrar a ousadia do Corsário diante dos perigos. Depois que o Corsário Negro conquistou o navio espanhol e conheceu a jovem duquesa Honorata, refém dos flibusteiros, o Corsário navegava para Tortuga quando uma tempestade se aproximou. Salgari descreveu quais eram os verdadeiros perigos de uma tempestade tropical em alto-mar na conversa entre o Corsário Negro e Morgan, sobre o que fariam em relação à tempestade: ou fugiriam ou se continuariam sua rota. Uma das opções era desviar para a Jamaica, mas como o Corsário queria chegar logo em Tortuga, decidiu enfrentar a tempestade. Já o navio espanhol conquistado seria conduzido por um dos seus homens até a Jamaica para evitar a tempestade. Quando o mar estivesse calmo, seus homens levariam o navio para Tortuga.

O modo como o Corsário Negro conduziu a Folgore durante a tempestade é um dos temas centrais do décimo quarto capítulo, “Os temporais das Antilhas” que inicia com uma descrição dos terríveis temporais que acontecem na região do Golfo do México. A tempestade enfrentada pelo Corsário foi descrita assim:

À luz clara e brilhante da zona equatorial se sucedeu uma noite escura, pois ainda não havia nenhum relâmpago que a iluminasse; era uma daquelas noites que metem medo aos mais audaciosos navegantes. A única coisa que podia ser vista era a espuma dos vagalhões, que parecia ter ficado fosforescente. Um jato de água e de vento varria o mar com um ímpeto irresistível. Rajadas furiosas vinham umas atrás das outras com milhares de assobios e de rugidos assustadores, fazendo as velas da nave crepitarem e até mesmo curvando o sólido mastreamento. No ar se ouvia um estrondo estranho que ia aumentando sem parar. Era como se milhares de vagões carregados de sucata estivessem correndo pelo céu, em uma viagem louca, ou que comboios pesados estivessem

passando a todo vapor sobre pontes metálicas. O mar estava medonho. As ondas da altura de verdadeiras montanhas corriam do levante para o poente, revirando umas sobre as outras com estrondos ameaçadores e com ruídos amedrontadores, esguichando para cima cortinas de tremendo impulso vindo de baixo, depois voltavam a cair, abrindo precipícios tão imensos que pareciam querer tocar o fundo do golfo. (CN, 135)

A água do mar carregava galhos, folhas, frutos e canas-de-açúcar que trouxera do litoral das ilhas próximas ao Haiti. No céu “relâmpagos ofuscantes rompiam as trevas, iluminando o mar (...) enquanto trovões tremendos ecoavam entre as nuvens, como se lá em cima tivesse começado um duelo entre centenas de peças de artilharia.” (CN, 136) Diante da força da tempestade, todos os homens que estavam no navio estavam impressionados com a coragem do Corsário em conduzir a Folgore.

O Corsário Negro, de pé na popa, segurando a barra do leme, guiava a embarcação, com mãos seguras. Irremovível no meio da fúria do vento, impassível entre a água que a inundava, desafiava intrepidamente a cólera da natureza com olhos brilhantes e um sorriso nos lábios. A sua figura negra se destacava entre os relâmpagos, assumindo proporções fantásticas em determinados momentos. Os raios brincavam ao redor dele, traçando linhas de fogo; o vento investia contra ele, arrancando pedaços da pluma do seu chapéu; a espuma às vezes o cobria, tentando derrubá-lo; os trovões cada vez mais assustadores o ensurdeciam, mas ele continuava impávido no mesmo lugar, sempre guiando a nave através das ondas e das rajadas de vento. Parecia um gênio do mar, saído dos abismos do Grande Golfo para medir as próprias forças contra as da natureza desenfreada. Os marinheiros, como na noite da abordagem em que ele lançou a Folgore para cima do navio de combate, olhavam para ele com um terror supersticioso e se perguntavam se aquele homem era realmente mortal como eles, ou um ser sobrenatural que nem as metralhas, nem as espadas, nem os temporais podiam abater. (CN, 137)

Por mais que o mar, os ventos, os relâmpagos e os raios demonstrassem a força da natureza em todo o seu esplendor, capaz de destruir e carregar as árvores litorâneas e os grandes navios, o Corsário Negro conseguia dominar o medo para conduzir a nave a salvo.

Além dos temporais, Salgari também transformou a natureza exótica da América em um local de aventura. O Corsário Negro, ao lado de Moko, Carmaux e Wan Stiller (também Yara e o soldado Castelhana, cada um em uma excursão), tiveram que superar os perigos da natureza, como sobreviver aos ataques dos animais selvagens, saber se orientar nas florestas, passar pelos pântanos e areias movediças, e sobreviver por dias



com poucos recursos alimentícios. Nessas obras, a natureza selvagem foi apenas mais um obstáculo que os heróis deveriam superar antes de alcançar seus objetivos.

No terceiro capítulo do primeiro livro o leitor tem a primeira descrição visual da floresta tropical, quando o Corsário, junto com Carmaux e Wan Stiller, vão procurar Moko. Estava amanhecendo e a luz “(...) se estendia também entre as árvores gigantes da floresta.” (CN, 28) Os animais traziam cor, sons e vida à floresta.

Os macacos, que são muito numerosos na América meridional, principalmente na Venezuela, acordavam e enchiam a floresta de gritos estranhos. (...)

Logo ali havia uma pequena tribo de micos, os símios mais graciosos e, ao mesmo tempo, mais esbeltos e inteligentes (...); mais adiante, havia grupos de saguis vermelhos, um pouco maiores que esquilos, enfeitados com uma juba lindíssima que os torna parecidos com leões; depois, bando de monos, os macacos mais magros de todos, com braços e pernas tão longos que os tornam parecidos com aranhas enormes; ou tropas de pregos, quadrúmanos que têm a mania de devastar tudo o que encontram e que são o terror dos pobres agricultores.

As aves também não faltavam e misturavam seus gritos aos dos quadrúmanos. [Nas árvores] (...) matraqueavam com toda força as pequenas maritacas, uma espécie de papagaio com cabeça turquesa; as araras, grandes papagaios totalmente vermelhos, que, da manhã até a noite, com uma constância digna de admiração, gritam sem parar arara, arara; ou as choradeiras, também chamadas de aves carpideiras, pois parecem estar sempre chorando e sempre se lamentando. (CN, 129)

O Corsário Negro já estava acostumado com aquela vegetação rica e exuberante e com os animais coloridos.

Os flibusteiros e o espanhol, já acostumados a percorrer as grandes florestas do continente americano e das ilhas do Golfo do México, não paravam para admirar as plantas, nem os macacos, nem as aves. Andavam o mais rápido que podiam, procurando as passagens abertas pelos animais ou pelos indianos, ansiosos por sair daqueles caos de plantas e animais e finalmente avistar Maracaíbo. (CN, 129)

Como a história do Corsário Negro contém batalhas navais e invasões de cidades portuárias, a floresta torna-se apenas uma travessia para o objetivo final, que pode ser perseguir Wan Guld após a invasão de Maracaíbo, chegar à cidade de Vera Cruz sem ser visto pelos soldados espanhóis, ou encontrar Honorata após a destruição da Folgore. Em todas essas travessias, os heróis encontraram indígenas.

Nos arredores de Maracaíbo, Wan Guld seguiu uma trilha que levava à floresta.

A trilha acabava repentinamente diante de uma mata enorme, uma verdadeira muralha de vegetação que parecia não ter nenhuma passagem para homens a cavalo.

É impossível fazer uma ideia da vegetação luxuriante do solo úmido e quente das regiões sul-americanas e, principalmente, das bacias dos rios gigantescos que existem por lá.

Aquela terra virgem, fertilizada de forma contínua pelas folhas e frutas que se amontoam há séculos, é coberta constantemente de tamanha quantidade de mato que talvez em nenhuma outra região do mundo se veja igual, pois mesmo as menores plantas assumem proporções gigantescas. (CN, 185)

Nessa terra feminina, “virgem”, cuja “vegetação luxuriante” e “solo úmido e quente”, fertilizado pelas águas abundantes, não havia espaço para os homens europeus penetrarem-na a cavalo. Restava ainda uma opção para os heróis, eles iriam a pé. Como vários autores do período, Salgari associou os elementos da natureza à sexualidade feminina.

A retratação da terra colonizada como uma mulher foi analisada por Louis Montrose, que verificou a presença de questões de gênero no discurso colonialista do século XVI nas questões econômicas e políticas de exploração e dominação do território. Nos documentos estudados pelo autor percebemos como a conquista e a exploração do Novo Continente foram sexualizadas ao representar o Novo Mundo com valores femininos, submetido a uma colonização e dominação masculina.

O ponto chave desse artigo, embasado em Joan Wallach Scott, é mostrar que o discurso de gênero não se limita às questões sexuais, ou às categorias de Homem ou Mulher, pois ele está na percepção e na organização das questões sociais, políticas, econômicas e culturais, como consequência presente nas relações de poder. A partir disso o autor encontra a presença feminina nas representações da América, a terra recém-descoberta, descrita como intocada, virgem e desconhecida pelo homem; ao mesmo tempo que percebe a presença masculina nas sociedades do Novo Mundo, possuidoras de virilidade, e nas ações dos colonizadores. Como a terra era vista como o corpo feminino, fértil e bela como uma mulher, a colonização era associada ao domínio sexual masculino sobre aquela terra.

Nesse aspecto observamos uma similaridade entre a pesquisa realizada por Marcia Iwai (2010) e Montrose (s/d), pois ambos observam a utilização de representações e adjetivos pertencentes ao universo feminino para descrever e explicar a natureza e a terra colonizada. Iwai destaca ainda o fato da identidade masculina estar associada ao desejo de domínio e de conquista. A natureza torna-se o objeto de desejo do herói, e por isso é feminina: ela traz ao mesmo tempo o calor maternal e sexual do feminino, quando fornece alimento e recursos, e o lado demoníaco da mulher, associado a Lilith, nos perigos escondidos na floresta. Entre a sedução e a ameaça, a terra é vista como a mulher a ser conquistada, em um jogo de sedução amorosa. Assim, da mesma maneira que um homem conquista e possui a mulher desejada, ele faz o mesmo com a terra durante o processo de colonização.

Nessa natureza exuberante, o Corsário Negro e o seu grupo deveriam enfrentar animais perigosos. O encontro com esses animais era tão importante para a aventura que se tornou título de capítulos. No primeiro livro são três: “O ataque do jaguar” no qual descreve uma briga entre o jaguar e um jacaré-de-papo-amarelo, “Entre as flechas e as garras”, que descreve a fuga dos heróis dos indígenas antropófagos, que precisaram subir em árvores mas encontraram um animal que os deixou muito apreensivos – um gato do mato que foi morto por Moko; e “Os sugadores de sangue”, sobre os pernilongos que atacaram desesperadamente os heróis enquanto eles atravessavam um pântano.

No segundo livro os personagens não enfrentaram ataques de animais, mas, mesmo assim, o autor nomeou dois capítulos com referências a eles: “O urso preto”, no qual descreve o fato do urso ter se aproximado dos náufragos (o Corsário Negro, Carmaux, Moko e Wan Stiller) para observá-los; e “Caça ao peixe-boi”, que descreve a caça desse animal para alimentação, pois no capítulo anterior eles perderam toda a comida quando a baleeira fora destruída graças a uma briga entre crocodilos.

Desses episódios, o mais interessante é a descrição do ataque do puma no vigésimo primeiro capítulo “Na floresta virgem”. No final do primeiro dia, o soldado castelhano, Carmaux, Moko, Wan Stiller e o Corsário Negro acamparam para descansar, quando, sentados em torno da fogueira, escutaram um rugido. Quem reconheceu o jaguar foi Moko. Porém eles tinham um problema para defenderem-se caso fossem atacados.

- Acho que, se formos atacados, não vamos poder usar as nossas armas de fogo.
- Por quê?
- Se ouvirem os disparos, o governador e a sua escolta vão desconfiar imediatamente de que estão sendo seguidos e vão fugir depressa. (CN, 194)

O Corsário, sereno, determinou que Moko e Carmaux esperassem pelo ataque do bicho, sentados em volta da fogueira. A situação estava sobre controle e não era necessário acordar os outros dois.

O Corsário ficou imóvel perto do fogo, com a espada em punho, escutando com a maior atenção e mantendo o olhar fixo na mata próxima, preparando para deter o possível ataque fulminante da fera. Carmaux e o negro estavam atrás dele, um armado com o sabre de abordagem e o outro, com o fuzil, mas seguro pelo cano, para poder utilizá-lo como um porrete. O estalido das folhas continuava vindo do lado em que a floresta era mais densa, e o rom-rom também estava se aproximando, mais devagar. Dava para perceber que o jaguar vinha vindo com cuidado. (CN, 195)

Quando o Corsário se inclinou na direção do barulho, ficou frente a frente com o jaguar.

O jaguar tinha parado a trinta passos do acampamento, uma distância bem pequena para um carnívoro daqueles, capaz de um arremesso poderoso, igual ou talvez até maior do que o dos tigres, mas não resolvia atacar. Será que ele estava preocupado com a fogueira que ardia ao pé da árvore ou com a atitude decidida do Corsário?... Ficou embaixo daquele arbusto compacto durante um minuto, sem tirar os olhos do adversário, mantendo uma imobilidade ameaçadora, depois aqueles dois pontos luminosos desapareceram bruscamente. (CN, 195)

Apenas no dia seguinte, enquanto o grupo caminhava atrás de Wan Guld, o jaguar pulou em cima do soldado castelhano.

Ao cair, o catalão deu um grito de terror, depois se virou de repente, tentando se livrar daquela massa que o mantinha como que pregado ao chão, no meio do mato, e o impedia de se levantar. (...)

Passado o primeiro momento de espanto, o Corsário logo se arremessou em socorro do pobre homem, com a espada erguida. Com a velocidade de um raio, estendeu o braço armado e o baixou sobre o corpo da fera; esta, percebendo

que estava ferida, abandonou o catalão e virou para o novo adversário, tentando saltar para cima dele.(CN, 197-8)

O Corsário conseguia defender-se dos golpes do jaguar, e ao mesmo tempo o feria gravemente, o deixando mais nervoso e acuado. O jaguar saltou para fugir mas derrubou Wan Stiller e, virou-se para Carmaux e o atacou com uma patada. O Corsário continuava atacando e a fera rugia e tentava pular, mas o Corsário tentava encurralá-lo para matá-lo de uma vez. O bicho conseguiu pular em uma árvore, mas em seguida saltou bem próxima ao Corsário. “A espada daquele temível saqueador do mar entrou no peito do animal e o pregou ao solo, enquanto o africano quebrava a cabeça dele com a coronha do seu pesado fuzil.” (CN, 198)

Nas trilhas que percorriam nas florestas, havia outro perigo para o Corsário Negro e seu grupo enfrentar.

Acabaram entrando em um terreno embebido de água, onde as menores árvores tinham adquirido dimensões enormes. Parecia que estavam caminhando em uma imensa esponja; porque apenas com a pressão dos pés gotas de água espirravam para fora de centenas de milhares de poros invisíveis.

Talvez houvesse algum alagado no meio daquela floresta e, quem sabe, uma daquelas bacias traiçoeiras chamadas de alagados trementes, com o fundo formado por areias movediças que engolem qualquer ser que se atreva a enfrentá-los.

O catalão, que já conhecia bem aquela região, ficou excessivamente cuidadoso. Testava o solo várias vezes com um galho que tinha cortado antes, olhava à frente para ver se a floresta continuava e, de tempos em tempos, dava umas boas batidas com o galho à direita e à esquerda. (CN, 201)

Mais a frente Moko encontrou uma coisa vermelha e preta boiando em uma parte do pântano. O soldado logo reconheceu o barrete de um soldado espanhol que conhecia. Desconfiado que embaixo do barrete estava o corpo engolido, alertou que “(...) aquele charco é formado por um tipo de areia que, quando pega alguma coisa, nunca mais devolve.” (CN, 221). Eles decidiram verificar “... aquela bacia lamacenta, que tinha uma extensão de trezentos ou quatrocentos metros por outro tanto de largura e que parecia um pedaço de alagado meio seco (...)” (CN, 221). Perto de onde estava o barrete, identificaram os dedos de uma mão.

- Será que ele caiu no charco acidentalmente?...
- Acho que sim.
- Que morte horrível!...
- A mais terrível de todas, senhor. Ser engolido vivo por esse charco resistente e fedorento deve ser um fim medonho. (CN, 221)

Por sorte o grupo não caiu no charco e pode continuar sua rota atrás dos passos de Wan Guld.

O Corsário Negro domou o mar, praticamente o seu lar; mas não a natureza. Como o seu objetivo não era colonizar o território, a natureza era apenas um espaço de passagem. Por isso, por mais que o narrador descrevesse toda a exuberância dos animais, das flores e das plantas, o Corsário Negro e o seu grupo não observavam esses elementos da natureza. Enquanto ele e seus companheiros estavam na floresta, apenas continuavam sua marcha em busca do seu velho inimigo. Por outro lado, quando estavam no mar, contemplavam as cores e as luzes daquele lugar que serviu de lar e de sepultura para seus irmãos.

### **3.3. A reação dos nativos à invasão do europeu**

Salgari, como já dissemos, foi um dos poucos autores a retratar a reação dos nativos à conquista e dominação do seu território pelos europeus. Nas séries *Os Corsários das Antilhas* e *Os Piratas da Malásia*, o autor retratou a revolta e o desejo de vingança dos nativos, ressentidos pela violência utilizada na conquista e na manutenção do poder colonial e imperial, com algumas diferenças. Na América espanhola, os indígenas não conseguiram expulsar os colonizadores das suas terras. Diante disso, Salgari mostrou o ressentimento do nativo na hostilidade dos indígenas quando encontravam um europeu nas florestas, e no desejo de vingança de uma jovem indígena devido ao extermínio de toda sua tribo por Wan Guld.

Em relação ao domínio britânico estabelecido no Sudeste da Ásia, Salgari criou a história de um nobre malásio que luta para recuperar o seu território. O ressentimento pela dominação estrangeira está concentrado no personagem principal da história, o

príncipe Sandokan, um homem passional e vingativo que nutria um ódio gigantesco pelos indivíduos da raça branca, graças a uma ação do império britânico, que invadiu suas terras e exterminou sua família, que governava o local. A história de Sandokan se passa na Malásia, nas ilhas de Labuan, onde habitava o capitão da marinha britânica Lorde James Guillonk, e de Mombracem, lugar onde Sandokan, seu grande amigo Yanes e todos os seus homens moravam.

### **3.3.1. A impossibilidade dos indígenas lutarem contra o domínio espanhol na América.**

Na obra “A Rainha dos Caraíbas”, o Corsário Negro conheceu uma jovem indígena que dividia um objetivo em comum, a vingança. Quando procurou saber quais eram os motivos que levaram Yara a vingar a morte de seus familiares, imaginou que o seu ódio estava direcionado aos conquistadores da América, os espanhóis que mataram milhares de indígenas para conquistar o território.

- Você também sonha com a vingança – disse o Corsário. – Quanto ódio acumulado na cabeça desses conquistadores da América!...
- A minha é igual a sua, cavaleiro.
- Tão cruel quanto a minha?
- Isso mesmo, meu senhor.
- Quem é que você perdeu?
- O meu pai e os meus irmãos.
- E foram os espanhóis os culpados?
- Não. Foi o homem que também matou os seus irmãos. (RC, 84)

Em toda a coleção de livros “Os Corsários das Antilhas”, apenas no segundo livro, “A Rainha dos Caraíbas”, Emilio Salgari escreveu sobre a violência e os massacres dos espanhóis durante a conquista da América. A primeira vez que o assunto foi abordado, aconteceu quando Yara explicou ao Corsário o que levou a desejar uma vingança.

- Os nossos pais ainda não conheciam os homens brancos que vieram dos distantes países de além-mar, a bordo das suas caixas flutuantes. O vento do norte só tinha trazido até as selvas de Darien o eco longínquo dos tremendos massacres cometidos pelos homens brancos nas terras dos astecas, mas nenhum

dos meus antepassados tinha ficado ainda cara a cara com esses seres extraordinários.

– Eu sei, os massacres cometidos por Cortez – murmurou o Corsário, como se estivesse falando consigo mesmo.

– Um império muito forte, governado por um homem chamado Montezuma foi destruído pelo punho daqueles homens cruéis, e os indígenas que chegaram do norte transmitiram aos meus ancestrais as notícias espantosas. Ninguém acreditou muito nas palavras daqueles compatriotas distantes, já que nenhuma daquelas grandes caixas flutuantes jamais aparecera nas margens do Darien. A incredulidade dos nossos pais acabou sendo fatal para toda uma população. A minha tribo era numerosa como as folhas das árvores de uma floresta inteira e vivia feliz nos grandes bosques que costeiam o amplo golfo do Darien. A pesca, a caça e as frutas da selva eram suficientes para alimentar a todos, e a guerra era quase desconhecida, porque o homem branco ainda não tinha chegado. Meu pai era o cacique da tribo e era amado e admirado, e os meus quatro irmãos também eram muito respeitados. Mas em um dia triste, aquela felicidade que durou séculos foi bruscamente interrompida, e para sempre. O homem branco chegou. (RC, 84-5)

Nesse trecho, Emilio Salgari, por meio de Yara, descreveu ao Corsário um passado idílico, no qual sua numerosa tribo vivia em paz e harmonia. Não havia guerras e as necessidades eram supridas com os recursos encontrados na própria floresta. Os problemas começaram com a chegada de Wan Guld, o homem branco europeu. Ele foi o único sobrevivente de um naufrágio e foi encontrado e acolhido pelo pai de Yara, o cacique da sua tribo.

O meu pai, que nunca tinha visto um homem da raça branca, achou que aquele náufrago era um ser superior, como uma espécie de divindade do mar (...). O homem branco que foi atirado pelo mar nas nossas praias recebeu honrarias e favores, e acabou ficando amigo do meu pai, dos feiticeiros e dos mais célebres guerreiros do meu país, e ganhou a confiança deles de tal maneira que conseguiu arrancar daqueles ingênuos o segredo do ouro. (RC, 85-6)

Yara contou que o seu país possuía minas riquíssimas e vários tesouros guardados nas cavernas, escondidas nas montanhas. Apenas os caciques sabiam sua localização mas o pai de Yara confiou no homem branco e mostrou todos os tesouros a ele. Wan Guld enganou o cacique para conquistar aqueles tesouros. Disse que estava doente e que precisava rever sua família. O cacique, acreditando na história, deu-lhe algumas canoas e alguns indígenas. Dois meses depois, Wan Guld voltou, em um grande navio, com vários marinheiros espanhóis e barris cheios de aquavita para presentear a tribo. “Os nossos



súditos nunca haviam experimentado nada parecido antes da chegada dos espanhóis. Como o senhor pode imaginar, se atiraram avidamente sobre o líquido daqueles recipientes que proporcionavam a embriaguez.”(RC, 86) A bebida não acabava “(...) e o povo, sem saber da terrível traição, continuava bebendo sem parar. Somente o meu pai e meus irmãos desconfiados, não quiseram experimentar, apesar da insistência do homem branco.” (RC, 86) A noite, apenas o pai, alguns guerreiros e os irmãos de Yara estavam lúcidos, todos os outros membros da tribo estavam embriagados, alguns brincavam, outros dançavam, quando não caíam pelo efeito da bebida. Diante daquele espetáculo, o pai de Yara chorava enquanto Wan Guld e os outros homens brancos riam.

Com todos embriagados, Wan Guld atacou a tribo com os canhões do navio e com o auxílio dos marinheiros, matou vários inocentes.

– O meu pai tinha se entrincheirado entre as cabanas de sua propriedade, junto com meus quatro irmãos e alguns guerreiros que não se deixaram engambelar pela água de fogo dos homens brancos. Aqueles poucos bravos tentaram opor resistência ao inimigo, se defendendo com a fúria que o desespero produz. (...) Para vencer, os espanhóis tiveram que pôr fogo nas cabanas em volta. Em um instante as nossas casas também estavam em chamas. As traves caíam e as paredes queimavam entre turbilhões de fumaça, mas meu pai e meus irmãos continuavam lutando com uma fúria extrema, enquanto os espanhóis descarregavam as suas armas em meio àquelas fornalhas ardentes. (RC, 87)

O massacre resultou na morte de todos. Apenas Yara sobreviveu porque foi salva por um soldado espanhol. Entretanto, o massacre dos espanhóis, liderados por Wan Guld, não obteve o resultado esperado “(...) porque alguns guerreiros de uma tribo vizinha perceberam as suas intenções e tiveram tempo de desviar um rio para inundar as cavernas que continham os tesouros.” (RC, 87)

A única justificativa para o ódio aos espanhóis ser abordado pelo autor nessa coleção de livros é a personagem Yara. Para justificá-lo, a história de Yara e da sua tribo foi contada ao Corsário em detalhes: aqueles indígenas, cujo grupo normalmente é tratado em bloco nos romances de aventura, viviam bem até a chegada do homem branco. Wan Guld não chegou como conquistador na ilha, mas sim como um náufrago que só tinha condições de sobreviver graças a compaixão dos indígenas, que cuidaram e acolheram o holandês como um deles. Wan Guld fez amizade até ganhar a confiança de

todos. O cacique da tribo, ingênuo, não imaginou a possibilidade de uma traição, por isso, mostrou ao homem branco os tesouros da tribo.

Por meio da cobiça de Wan Guld, que promoveu um genocídio para conseguir se apossar dos tesouros daquela tribo de indígenas, Salgari criticou as ações imperialistas que promoviam a morte para se apropriar das riquezas dos povos conquistados.

Com a história da Yara, única sobrevivente do massacre, escravizada pelos espanhóis, Salgari mostrou os extremos da colonização. A dor dos sobreviventes, que assistiram ao extermínio dos seus semelhantes, ainda era potencializada pela escravidão. Como o personagem conhecia a violência da dominação espanhola, o Corsário Negro primeiro relacionou a vingança de Yara aos espanhóis. O seu engano não foi muito grande, porque na verdade Wan Guld foi o primeiro homem branco que a tribo de Yara estabeleceu contato, e como os espanhóis, o contato resultou no massacre daquela tribo para que Wan Guld pudesse se apropriar facilmente das riquezas ali existentes. Wan Guld, mesmo não sendo espanhol, agiu como os primeiros colonizadores espanhóis agiram quando chegaram na América. Assim que teve oportunidade, fez o possível para conseguir a riqueza, nem que para isso tivesse que realizar extermínio de milhões.

Entretanto, mesmo que Salgari tenha comentado sobre os massacres cometidos pelos espanhóis durante a colonização da América, ele procurou não alimentar o ódio a eles. Percebemos isso quando o Corsário Negro, após vencer uma batalha naval contra um navio espanhol, ficou triste com o elevado número de mortes.

- Acabou – disse Morgan se aproximando do Corsário, que estava contemplando com o olhar carregado de uma tristeza sombria os cadáveres espalhados pela coberta da fragata.
- É verdade, mas quanto sangue derramado! – murmurou o Corsário com um suspiro. – É terrível ter de matar homens que não odeio.
- Estamos vingando os massacres cometidos por Cortez, Pizarro e pelos primeiros conquistadores sobre os pobres indígenas da América, senhor – respondeu Morgan. (RC, 115)

Yara, que tinha assistido todo o combate, parecia feliz com o sofrimento dos espanhóis.

- (...) Subi para assistir à agonia daquela nave, que ainda há pouco pertencia aos assassinos do meu pai.
- Como é implacável todo esse ódio que vejo brilhar em seus olhos – disse o Corsário com um sorriso. – Vejo que ele é tão grande quanto o meu.
- Mas você não odeia estes espanhóis, meu senhor.
- É verdade, Yara.
- Se eu fosse a vencedora, teria matado todos – disse a jovem com um tom assustador.
- Eles já têm inimigos demais, Yara – respondeu o Corsário. – As atrocidades que cometeram os primeiros conquistadores americanos já foram vingadas, na maior parte. (RC, 122)

Por mais que Yara narre as atrocidades dos espanhóis e a revolta dos indígenas com o domínio do seu território pelo homem branco, O Corsário não condenou a Espanha pelas atrocidades cometidas na conquista da América. Isso fica claro diante do ódio da indígena em relação aos colonizadores da América, quando o Corsário Negro lhe dá uma lição de moral ao explicar que esse povo já teve muitos inimigos, por isso Yara não deveria odiar todos os espanhóis. Para nós, o Corsário representa o imaginário do homem branco, civilizado, racional e moralmente superior, diante de uma mulher, indígena, passional. Por mais que os dois personagens tenham em comum a vingança, o Corsário seria moralmente e racionalmente superior por querer vingar-se apenas de Wan Guld, e não de todos os flamengos. Já Yara não faz essa separação do homem que destruiu sua tribo e de todos os espanhóis.

### **3.3.2. Sandokan e a Malásia inglesa.**

Em primeiro lugar é importante justificar porque a análise do personagem Sandokan não está no capítulo sobre os aventureiros, mesmo ele sendo um. Consideramos analisar o personagem no contexto do local da aventura porque esta é a maior singularidade de Sandokan, principalmente quando comparamos com os outros heróis: ele é malaio. Diferente de todos os grandes personagens desse gênero literário – com a exceção de Capitão Nemo, personagem de Jules Verne – ele não é europeu.

Não é ao acaso que Salgari escolhe Bornéu para ser o berço do seu herói. Felice Pozzo (2000, 14-15) nos informa que, no final do século XIX, as ações dos piratas nessas

águas eram narradas nos jornais italianos. Além disso, Pozzo encontrou sete viajantes e exploradores italianos que viajaram para Bornéu e alguns publicaram relatos de viagem. Atento a essas informações, Salgari escreveu outros contos e livros que se desenrolaram nesse espaço, como “*I Robinson Italiani*”, no qual o Senhor Emilio Albani habitava em Bornéu antes do naufrágio.

Entre 16 de outubro de 1883 e 13 de março de 1884, o romance “O tigre da Malásia” foi publicado em 150 episódios no jornal “Nuova Arena”, em Verona. Um pouco antes do seu lançamento, o jornal fez sua publicidade de uma maneira singular. No dia 14 de outubro, publicou uma notícia sobre a fuga do Tigre da Malásia na praça “Castello”, mas a polícia e os bombeiros já estavam à caça do bicho. O texto finalizava perguntando se esse não era o mesmo tigre que estavam anunciando que chegaria em Verona. No dia seguinte, apareceram vários cartazes nos muros da cidade com um desenho de um tigre e a seguinte frase “O Tigre da Malásia, animal terrível que se alimenta de carne humana, está para chegar.”<sup>95</sup> No dia 16 de outubro, finalmente os leitores do jornal compreenderam o que se passava. Na capa do jornal estava escrita a manchete: “O Tigre da Malásia chegou! Leia a *Nuova Arena*.” (Tamagnone, 2011, 3)<sup>96</sup>. No jornal havia a seguinte explicação:

O Tigre da Malásia não é realmente um tigre, mas um homem tigre, um pirata ferozíssimo... “O Tigre da Malásia” é um romance do nosso simpático romancista imaginativo E. Salgari. O autor de “*Tay-See*”, que tanto agradou aos leitores. É a história de um pirata, cuja memória resiste nos mares da Malásia e ainda inspira medo; um pirata da mais terrível espécie, que bebia sangue humano; que ensanguentou por dez anos as costas da sua Mompracem, de Labuan, de Bornéu, e que se apaixonou pela sobrinha do seu inimigo. É uma tremenda história de massacres em todos os sentidos, de assassinatos, fugas, perseguições, e o amor que tem um papel principal. Você encontrará descrições precisas daqueles países distantes e desconhecidos; amores ardentes da parte desse Tigre que nunca amou, e feitos heroicos para superar os obstáculos que se opõem a esse amor, cercado pelos eventos mais terríveis. “O Tigre da Malásia” do nosso concidadão Emilio Salgari é um novo gênero de romance na Itália, um romance que além de ser o mais interessante e instrutivo ao mais alto grau, é um romance que pode ser lido por qualquer família. (Tamagnone, 2011, 13-14)<sup>97</sup>

<sup>95</sup> “La Tigre della Malesia, animale terribile che si pasce di carne umana, sta per arrivare.”

<sup>96</sup> “La Tigre della Malesia è arrivata! Leggete la Nuova Arena.”

<sup>97</sup> “La Tigre della Malesia non è veramente una tigre, ma un uomo tigre, un pirata ferocissimo ... *La Tigre della Malesia* è un romanzo del nostro simpático e fantasioso romanziere E. Salgari. L'autore di *Tay-See*, che tanto piacque ai lettori. È la storia di un pirata, la cui memoria dura tuttavia nei mari della Malesia e

Com todo o suspense de lançamento, a história foi um sucesso a ponto de ser reimpressa em outros três jornais, “Libertà”, de Piacenza, entre 1884 e 1885; “Telefono”, de Livorno, em 1886; e “Gazzetta di Treviso”, entre 1890 e 1891; antes de ser publicada definitivamente em livro, em 1900 (Visioli, 2005-2006, 48).

As três primeiras ilustrações das capas do livro “Os tigres de Mompracem”, mesmo valorizando os aspectos exóticos, são bem diferentes entre si porque cada uma delas destaca uma faceta do livro. Essas diferenças nos permitem lembrar que, conforme Letourneux, os ilustradores, mediados pelos editores e às vezes pelo próprio autor, também são leitores da obra que pretendem, “(...) através de seus desenhos, seduzir o destinatário da obra, e conduzir ao ato de compra.” (Letourneux, 2008, 63)<sup>98</sup> Como as capas deveriam despertar a curiosidade a ponto de incentivar o consumo, elas indicam elementos do gosto dos leitores.

A capa da primeira edição, feita por Giuseppe Gamba e publicada pela editora A. Donath em 1900, enfoca os elementos marítimos. Adornada com elementos de *art nouveau* que privilegia animais marinhos, a imagem retrata dois barcos pitorescos (bem mais simples do que os navios das marinhas europeias), utilizados por Sandokan e seus piratas (Figura 05). O adorno com os peixes pode fazer o leitor imaginar que haverá aventuras relacionadas àqueles animais, e de fato houve um momento em que Sandokan e seu servo Juioko, náufragos, enfrentaram o ataque de um tubarão-martelo no trigésimo primeiro capítulo “Yanez”.

---

incute ancora spavento; un pirata della più terribile specie, che beveva sangue umano; che insanguinò per di dieci anni le coste della sua Mompracem, di Labuan, di Borneo, e chi si innamorò della nepote di un suo nemico. È una tremenda storia di stragi di ogni maniera, di assassini, di fughe, di inseguimenti; e l'amore vi ha una parte principale. Vi troverete descrizioni accurate di quei lontani e sconosciuti paesi; amori ardenti da parte di questa Tigre che non aveva mai amato, ed imprese eroiche per vincere gli ostacoli che s'oppongono a questo amore, circondato da più terribili avvenimenti. *La Tigre della Malesia* del nostro concittadino Emilio Salgari è un romanzo di genere nuovo in Italia, un romanzo che oltre essere dei più interessanti è al sommo grado istruttivo, è un romanzo che può essere letto in qualsiasi famiglia.”

<sup>98</sup> “(...) par ses dessins, de séduire le destinataire de l'œuvre, et de le conduire à l'acte d'achat.”

Figura 05

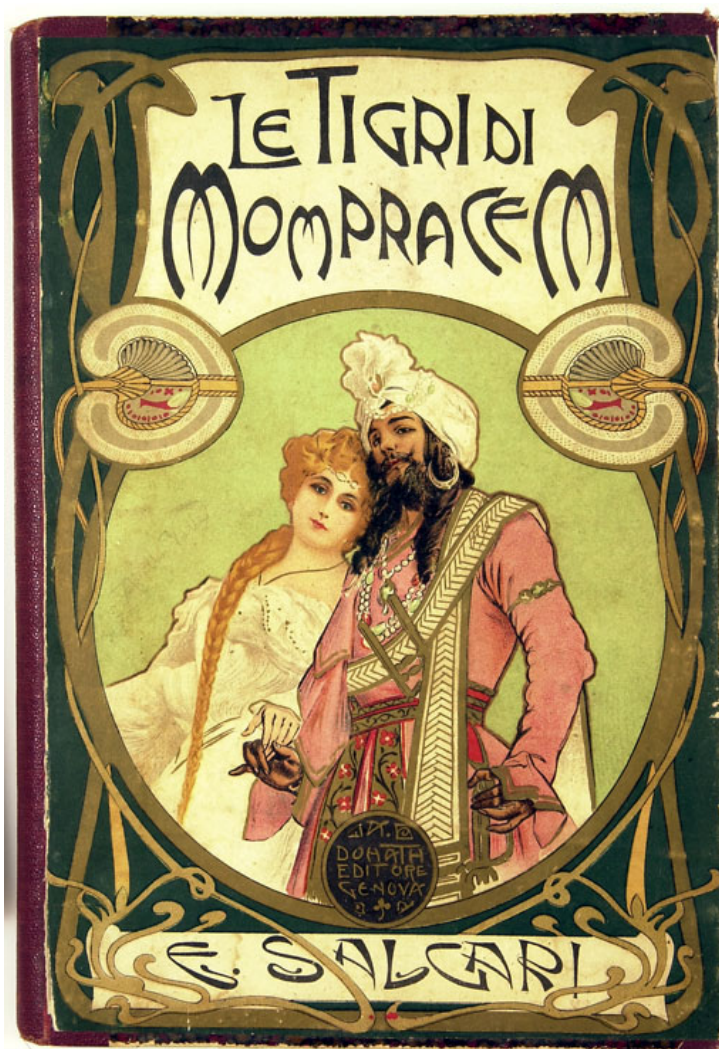


Capa da primeira edição do livro “*I tigri de Mompracem*”, publicado em 1900, ilustrada por Giuseppe Gamba.

A capa remeter aos romances marítimos condiz com a história de Sandokan, pois nela encontramos vários elementos desse gênero literário. Como exemplo, citamos: as tempestades em alto-mar presentes no décimo sexto capítulo “A expedição contra Labuan”, quando Sandokan partiu de Mompracem com mais dois barcos para buscar Marianna em Labuan; batalhas navais, uma delas descrita nos capítulos terceiro “O

Cruzador” e quarto “Tigres e Leopardos”, que narram o ataque que o pirata sofreu por um cruzador inglês na excursão que fez para tentar conhecer a Pérola de Labuan; um naufrágio, descrito no trigésimo primeiro capítulo “Yanez”, no qual Sandokan e seu servo Juioko foram jogados no mar porque os ingleses que o prendiam pensaram que estivessem mortos – eles ficaram no mar por algumas horas até serem recolhidos por Yanez; perseguições a navios, situação que ocorre no último capítulo, “A última luta do Tigre”, quando Yanez e Sandokan perseguem e abordam o cruzador inglês que levava Marianna para Vitória; ataques a ilha e cidades portuárias, quando uma frota de navios ingleses, holandeses, espanhóis e *pahdos* enviados pelo sultão de Varauni bombardearam e destruíram Mompracem; e um saque de um navio comercial, descrito no segundo capítulo “Ferocidade e generosidade”, sobre a abordagem que Sandokan faz ao navio chinês.

Figura 06





Capa do livro “*I tigri de Mompracem*”, publicado em 1906, ilustrada por Alberto Della Valle.

Já a ilustração de Alberto Della Valle para a capa da segunda edição do livro, publicada em 1906 pela mesma editora, (Figura 06) aborda outro aspecto da obra em um tema que é recorrente nas ilustrações de Della Valle: o amor exótico e melodramático. A imagem, adornada com elementos de *art nouveau*, de um homem oriental e uma mulher ocidental, abraçados, poderia escandalizar alguns leitores naquela sociedade que reprovava veemente romances inter-raciais. Por outro lado, serviria de estímulo para provocar a curiosidade dos jovens leitores, tanto masculinos como femininos, intrigados com o romance inter-racial e com a presença feminina na capa de um romance de aventura. Destacamos ainda que a ilustração de Marianna e Sandokan corresponde às descrições presentes no livro: Sandokan com “(...) um esplêndido jaquetão de veludo também vermelho (...)” (TM, 24) e várias joias para mostrar que era um homem rico, valorizando o exotismo das vestimentas daquele príncipe.

Figura 07





Capa do livro “*I tigris de Mompracem*”, publicado em 1911, ilustrada por L. Dalmonte.

A outra capa (Figura 07) do livro, publicado em 1911, ilustrada por L. Dalmonte, também chama a atenção do leitor por retratar homens com roupas pitorescas em posição de combate. A escolha da imagem pelo ilustrador, completamente diferente das imagens anteriores, remete ao momento em que Sandokan e seus homens lutam com Lorde James e seus guardas para raptar Marianna, uma vez que esse é o único combate em que há cavalos. Mais uma vez o exotismo foi elemento de destaque, retratado nas vestimentas, nos turbantes, nas armas e na cor de pele dos homens representados. Das três capas do livro “*Os tigres de Mompracem*”, essa foi a única que privilegiou a ação quando ilustrou homens com armas em punho, prontos para atirar. Os traços do autor chamam a atenção pela sutileza das imagens ao fundo, deixando em evidência os homens armados.

Já no primeiro capítulo o autor descreve Sandokan e a sua ilha. Para apresentar um personagem passional, nada melhor do que uma grande tempestade. Era noite e uma terrível tempestade atingia Mompracem, “(...) ilha selvagem e sinistra, covil de piratas aterrorizantes (...)” (TM, 17) Sandokan estava acordado à espera de seu amigo Yanez, preocupado pela terrível tempestade.

No céu, graças à força de um vento poderoso, corriam como cavalos galopando à solta e misturando-se confusamente, negras massas de vapor que, de vez em quando, deixavam cair aguaceiros terríveis sobre as densas florestas da ilha; no mar, também agitado pelo vento, enormes ondas colidiam desordenadamente e irrompiam com fúria, misturando seu rugido com as crepitações, ora breves e secas, ora intermináveis, dos raios. (TM, 17)

O lugar onde o pirata Sandokan habitava era assustador:

Através de um labirinto de trincheiras rompidas, diques arruinados, cercas arrancadas, gabiões destruídos, perto dos quais se avistavam ainda armas despedaçadas e ossos humanos, uma vasta e sólida cabana se destacava, enfeitada no alto por uma grande bandeira vermelha, com a cabeça de um tigre no centro. (TM, 17)

A cabana estava repleta de riquezas, tecidos, tapetes persas, móveis adornados com madrepérola ou prata, cristais, joias, peças sacras, pérolas e pedras preciosas,

pinturas, espadas, armas, machados e facas, de todos os lugares possíveis. Porém, vários desses objetos estavam quebrados, amassados ou rasgados, provavelmente danificados durante os saques que Sandokan promovia na região. O dono desses objetos, foi descrito assim:

Naquele quarto tão extraordinariamente mobiliado, um homem está sentado em uma poltrona manca; tem estatura alta e longilínea, musculatura potente, e feições energéticas, másculas, orgulhosas e de uma estranha beleza. Longos cabelos caem sobre seus ombros e uma barba negríssima lhe emoldura o rosto ligeiramente bronzeado. Sua fronte é ampla, sombreada por duas sobrancelhas estupendas, arqueadas em um ângulo insolente, a boca pequena mostra dentes pontudos com os de uma fera e cintilantes como pérolas; os dois olhos negros têm um brilho que fascina, incendeia e faz baixar o olhar de qualquer outra pessoa. Estava sentado há alguns minutos, com o olhar fixo na lâmpada e as mãos fechadas nervosamente em torno da rica cimitarra que pendia de uma larga faixa de seda vermelha, apertada em volta de um jaquetão de veludo azul com frisos de ouro. (...) Jogou para trás os cabelos longos e cacheados, prendeu na cabeça o turbante enfeitado com um diamante esplêndido, grande como uma noz, e se levantou de um salto, lançando em torno um olhar no qual se lia um não sei quê de sinistro e ameaçador. (TM, 18)

Naquela noite Sandokan e Yanez conversaram sobre a Pérola de Labuan, uma jovem de pele branca, cabelos dourados e olhos azuis que encantava todos os nativos da ilha. Sandokan ouvira falar da beleza dessa jovem e queria saber se ela era real ou apenas uma história inventada por aqueles homens. Yanez confirmou sua existência, informando que a jovem poderia ser parente dos ingleses que habitavam naquela ilha. Quando ouviu falar da presença dos ingleses na região, seu humor se alterou:

Não era mais o mesmo homem: a expressão se franzira perigosamente, os olhos emitiam raios lúgubres, os lábios retraídos mostravam os dentes convulsivamente comprimidos, o corpo todo vibrava. Naquele momento era o temido líder dos ferozes piratas de Mompracem, o homem que há dez anos ensanguentava as costas da Malásia, o homem que, por onde andara, travava terríveis batalhas, o homem cuja audácia extraordinária e coragem indômita lhe valeram o apelido de Tigre da Malásia. (TM, 21)

Yanes contou que aqueles ingleses estavam se fortificando e pretendiam acabar com Sandokan e seus piratas. Ante aquela ameaça, Sandokan, emocionalmente mais alterado, exclamou: “O Tigre os destruirá até o último homem e beberá todo o sangue

deles.” (TM, 21) Yanez entendia a reação dos ingleses, pois acreditava que eles tinham vários motivos para odiá-lo, a ponto de preferir perder vários navios em um ataque a Mompracem apenas para destruí-lo: “Irmãozinho, há muitos anos que você faz uma pior do que a outra. Todas as costas mostram os rastros de suas incursões; todas as vilas e todas as cidades foram atacadas e saqueadas por você; todos os fortes holandeses, espanhóis e ingleses receberam suas balas, e o fundo do mar está repleto de navios que pôs a pique.” (TM, 21)

Sandokan imediatamente defendeu-se:

– É verdade, mas de quem é a culpa? Quem sabe os homens da raça branca não foram implacáveis comigo? Quem sabe não me destronaram, achando que eu estava ficando forte demais? Quem sabe não assassinaram minha mãe, meus irmãos e irmãs menores, para destruir a minha descendência? Que mal eu havia feito a essas pessoas? A raça branca nunca teve do que se queixar de mim e, contudo, quis me derrotar. Agora eu os odeio, sejam espanhóis, holandeses, ingleses ou portugueses, compatriotas seus, execro todos eles e pretendo me vingar terrivelmente. Jurei isso sobre os cadáveres da minha família e mantenho o juramento! (TM, 21)

No início do livro, o leitor conhece a personalidade de Sandokan e os motivos que o levaram a transformar-se em um terrível pirata. Essa não foi uma escolha baseada na busca de enriquecimento fácil. Como o Corsário Negro, ele se tornou um justiceiro e um vingador por causa das atrocidades que sofreu na vida – como já falamos no segundo capítulo, provavelmente esse seja um dos motivos que fizeram com que os leitores se identificassem tanto com a obra. Os motivos da vingança de Sandokan foram abordados mais duas vezes no livro. O primeiro foi quando Mariana perguntou ao pirata quem ele era:

– Você vai me odiar, Marianna – disse ele, com uma entonação selvagem. – Existe um homem que impera nestes mares que banham as costas destas ilhas malaias, um homem que é o flagelo dos navegantes, que faz tremer as populações e cujo nome soa com um repicar fúnebre de sinos. Já ouviu falar de Sandokan, apelidado de o Tigre da Malásia? Olhe para mim. Eu sou o Tigre!... Involuntariamente, a jovem deixou escapar um grito de horror e cobriu o rosto com as mãos.

– Marianna! – exclamou o pirata, (...) Foi a fatalidade que fez com que eu me tornasse um pirata, como foi a fatalidade que me impôs esse apelido sangrento. Os homens da sua raça foram implacáveis comigo, que nunca lhes tinha feito

nenhum mal; foram eles que, dos degraus de um trono, me jogaram na lama, me roubaram o reino, assassinaram minha mãe, irmãos e irmãs menores e me empurraram para os mares. Não sou pirata por ambição, sou um justiceiro, um vingador da minha família e do meu povo, nada mais. Agora, se acredita em mim e quiser me repelir, faça-o e eu vou embora para sempre deste lugar, para não amedrontá-la mais. (TM, 87)

Mesmo quando soube que aquele homem era o famoso pirata, Marianna não o rejeitou. Entretanto, a jovem não se sentiu segura em relação ao homem amado. Quando soube que Sandokan estava planejando raptá-la, perguntou a Yanez:

– Mas quem é esse homem? Por que tanto sangue e tanta vingança? De onde ele veio?

– Escute, milady – disse Yanez, (...). – Todo mundo acha que Sandokan não passa de um pirata vulgar, vindo das selvas do Bornéu, ávido por sangue e espólio, mas estão enganados: ele é de uma estirpe real e não é um pirata, mas um vingador.

Tinha vinte anos quando subiu ao trono de Marudu, um reino que fica perto da costa setentrional de Bornéu. Forte como um leão, orgulhoso como um herói da Antiguidade, ousado como um tigre, corajoso até a loucura, em muito pouco tempo derrotou todos os povos vizinhos, estendendo a própria fronteira até o reino de Varauni e o rio Koti.

Essas conquistas foram fatais. Ingleses e holandeses, com ciúmes daquela nova potência que parecia querer subjugar a ilha inteira, se aliaram ao sultão de Bornéu para derrotar o ousado guerreiro.

O ouro primeiro e as armas depois acabaram por dividir o novo reino. Traidores sublevaram os vários povos. Assassinos contratados assassinaram a mãe, os irmãos e as irmãs de Sandokan; bandos poderosos invadiram o reino por diversos locais, corrompendo os chefes, corrompendo as tropas, saqueando, trucidando, cometendo atrocidades jamais vistas.

Sandokan lutou em vão, com a fúria que nasce do desespero, derrotando uns, saqueando outros. A traição chegou ao seu próprio palácio, seus parentes caíram sob a lâmina dos assassinos pagos pelos homens brancos e ele, em uma noite de incêndios e de tragédias, mal conseguiu se salvar com uma pequena tropa de homens valentes. Perambulou muitos anos pelas costas setentrionais de Bornéu, ora perseguido como uma fera selvagem, ora sem alimento nenhum, passando por misérias inenarráveis, esperando para reconquistar o trono perdido e vingar o assassinato da família, até que uma noite, já desesperado com tudo e com todos, embarcou em um *praho*, jurando uma guerra atroz contra toda a raça branca e contra o sultão de Varauni. Depois de atracar em Mompracem, alistou homens a soldo e se dedicou a piratear esses mares.

Estava forte, era orgulhoso, valente e tinha sede de vingança. Devastou as costas do sultanato, atacou navios holandeses e ingleses, sem dar descanso nem trégua ao inimigo. Tornou-se o terror dos mares, se tornou o Terrível Tigre da Malásia. E o resto, a senhora conhece. (TM, 234-5)

Apenas nesse momento da história os leitores descobrem, junto com a Pérola de Labuan, que Sandokan é um príncipe da região de Bornéu que, ante a expansão do seu território, sofreu um golpe que o tirou do poder e exterminou a família real, organizado pelos ingleses, holandeses e pelo sultão de Bornéu. O golpe foi extremamente violento e dizimou a população, mas o príncipe conseguiu fugir e passou por grandes dificuldades para sobreviver, movido pelo desejo de recuperar o seu trono e fazer justiça ante o assassinato de sua família. Por isso jurou combater os responsáveis por tantas mortes. A alternativa de Sandokan foi tornar-se pirata: contratou mercenários e começou a atacar os seus inimigos. Esse são os argumentos que levaram Sandokan a combater os grandes impérios daquele período, tornando-se anti-imperialista. Seu ódio aos grandes impérios é baseado na tomada do seu trono e na morte dos seus familiares. Entretanto, a fala de Yanez nos mostra que enquanto governava seu país, Sandokan também foi expansionista: “Forte como um leão, orgulhoso como um herói da Antiguidade, ousado como um tigre, corajoso até a loucura, em muito pouco derrotou todos os povos vizinhos, estendendo a própria fronteira até o reino de Varauni e o rio Koti.” (TM, 234) Como vimos no primeiro capítulo, a comparação com os heróis da Antiguidade – possivelmente greco-romana – reforça ainda mais a atitude imperialista do personagem. Nesse sentido, não vemos Sandokan como um homem que lutava contra os grandes impérios para defender a liberdade dos povos conquistados, ao contrário, ele se aproxima muito mais de um monarca que luta para conquistar o seu reino e trono roubados.

Como os heróis da Antiguidade e alguns países imperialistas, Sandokan tinha seus súditos. Quando se preparavam para partir a Labuan procurar pela Pérola, um dos seus homens tentou fazer uma pergunta ao Tigre.

– Mas e se? ...

Sandokan lançou um olhar que fez tremer o imprudente, embora ele fosse um daqueles homens que riam do perigo.

– Obedeça sem uma palavra, se quiser continuar vivo – disse Sandokan.

O malásio se distanciou rapidamente, levando atrás de si a tropa composta por homens de uma coragem que beirava a loucura e que, a um aceno de Sandokan, não hesitariam em saquear o sepulcro de Maomé, mesmo sendo todos muçulmanos.(TM, 27)

Os súditos adoravam Sandokan e usavam sua coragem para servi-lo e obedecê-lo, não importando se morreriam por ele. A exemplificação utilizada por Salgari aqui foi fantástica, pois os muçulmanos naquela época eram considerados fanáticos religiosos, entretanto, os servos de Sandokan o colocavam acima da religião. Quando Sandokan abordou o navio chinês, um homem sacrificou sua vida para salvar o Tigre da Malásia.

– Filhotes, atacar! – trovejou o terrível pirata.  
Encolheu-se sobre si mesmo, como um tigre prestes a se lançar sobre sua presa, e fez menção de saltar, quando uma mão robusta o deteve.  
Voltou-se soltando um urro de raiva, mas o homem que ousara detê-lo saltara à frente, cobrindo-o com o próprio corpo.  
– Você, Aranha dos Mares! – gritou Sandokan, erguendo contra ele a cimitarra.  
– Exatamente naquele instante, um tiro de fuzil partia do junco e a pobre Aranha caía fulminado sobre a ponte.  
– Ah! Obrigado, meu filhote –, disse Sandokan. – Queria me salvar! (TM, 31)

Esse não foi o único, pois vários dos seus homens estavam prontos para morrer pelo Tigre. Depois que interrompeu o primeiro ataque do cruzador inglês, Sandokan, necessitava substituir, pela terceira vez, quem seria o homem que ocuparia o cargo de subchefe do navio, pois os dois anteriores foram mortos naquela batalha. Quando deu o cargo a Sabau, ele agradeceu e respondeu a ordem de Sandokan, de ser tão valente quanto os anteriores: “Quando o meu chefe me mandar para a morte, estarei pronto a obedecer.” (TM, 44)

Quando os moradores de Mompracem viram Sandokan pela primeira vez, depois da expedição para Labuan, ficaram muito felizes.

– Viva o Tigre! Viva o Nosso capitão!  
Em seguida, todos aqueles homens, que pareciam ter sido tomados por uma loucura súbita, se precipitaram confusamente em torno do pirata, ensurdecendo-o com gritos de alegria, beijando as mãos dele, tocando a roupa, os pés, ameaçando sufocá-lo. Os chefes mais velhos da pirataria choravam de alegria ao vê-lo com vida, pois acreditavam que tinha sido morto nas costas da ilha maldita.  
Nenhum lamento saía daquelas bocas, nenhum pesar pelos companheiros, pelos irmãos, pelos filhos, pelos parentes abatidos sob as armas dos ingleses na desastrosa expedição (...) (TM, 131)

A obediência cega e quase devocional dos piratas em relação a Sandokan se estendeu à Marianna. Com a jovem na ilha, Sandokan e Yanez esperavam um ataque a Mompracem para levá-la de volta à Labuan. “– Tigre da Malásia – disse um dos chefes avançando.– Enquanto houver um de nós vivo, ninguém vai conseguir raptar a Pérola de Labuan, agora que ela está protegida pela bandeira da pirataria. Dê a ordem: estamos prontos para dar todo o nosso sangue por ela!” (TM, 263)

Quando os piratas souberam que Sandokan abandonaria a ilha, a pirataria e a vingança para viver com Marianna, ficaram desesperados.

– Capitão, meu capitão!\* – exclamou Giro-Bitol que chorava como uma criancinha. – Continue entre nós, não abandone a nossa ilha. Vamos defendê-la contra todos, podemos levantar mais homens. Se quiser, nós podemos destruir Labuan, Varauni e Sarawak para que ninguém mais ouse ameaçar a felicidade da Pérola de Labuan.

– Milady – exclamou Juioko. – Fique também, nós vamos defender a senhora contra todos, vamos fazer um escudo com os nossos corpos para conter os golpes do inimigo e, se quiser, podemos conquistar um reino para lhe dar um trono.

Houve uma explosão de verdadeiro delírio entre os piratas. Os mais jovens suplicavam, os mais velhos choravam.

– Fique, milady! Fique em Mompracem! – gritavam todos e se apinhavam diante da jovem.(TM, 267)<sup>99</sup>

Sandokan também tinha um lado generoso: quem mostra pela primeira vez ao leitor é Yanez.

– Não uma, mas cem, mil vozes podem dizer no final que você foi muito generoso com os fracos – disse Yanez. – Podem também dizer todas aquelas damas que caíram em seu poder e que você levou aos portos dos homens brancos, se arriscando a ser posto a pique pelos cruzadores. Podem dizer as frágeis tribos que você defendeu contra os ataques dos prepotentes, os pobres marinheiros privados de seus barcos pelas tempestades e que você salvou das ondas e cobriu de presentes; e cem, mil outras que recordarão sempre os seus favores, Sandokan. (TM, 22)

Como um rei bom, ele protegia as “tribos frágeis dos ataques dos prepotentes” – que o leitor pode interpretar ser a Inglaterra, pois na continuação da conversa Yanez alerta Sandokan: “A famosa Inglaterra pôs os olhos em nossa Mompracem e talvez só esteja

<sup>99</sup>\* Não temos certeza se Salgari conhecia o poema “Oh! Capitain, My Capitain”, de Walt Whitman, publicado em 1867, mas, se não é uma citação, é uma feliz coincidência.

esperando a sua morte para se jogar sobre os seus filhotes e destruí-los.” (TM, 22) Sandokan, o protetor daqueles homens, deveria saber o que fazer.

Destacamos ainda outro exemplo de generosidade de Sandokan. Nesse livro o pirata só atacou um navio para saqueá-lo, porém o navio não carregava nenhum produto de interesse. Sandokan praticamente destruiu aquele navio durante o ataque e, para compensar o seu capitão, “(...) arrancou do pescoço uma fieira de diamantes no valor de trezentas ou quatrocentas mil libras e, estendendo-a ao capitão do junco, disse: – Fique com ela, marinheiro valente. Não estou feliz por ter destruído o junco que você defendeu tão bem, mas, com esses diamantes, você pode comprar mais dez novos.” (TM, 32) O homem ficou admirado com a situação, ainda mais quando soube que aquele generoso homem era o terrível Tigre da Malásia.

Quando prendia soldados para conseguir informações ou evitar ser denunciado, Sandokan normalmente não fazia mal a eles. Nesse livro, o pirata precisou prender três soldados ao longo da história e destacamos uma situação como exemplo: a primeira vez aconteceu quando o pirata fugia da casa de Lorde James. Na floresta, um soldado inglês deu-lhe voz de prisão. “Sandokan olhou tranquilamente, mas com olhos que soltavam faíscas no meio daquela escuridão profunda, e caiu na risada.” (TM, 97) O rapaz, desconcertado, queria entender porque aquele homem ria sem parar. “– Estou rindo porque acho estranho que você ouse me ameaçar de morte – respondeu Sandokan. – Você sabe quem sou eu?” (TM, 97) O rapaz, desconcertado diante do sarcasmo e da confiança em si mesmo de Sandokan, ainda insistiu na tentativa de prisão. Sandokan, ouvira pouco antes dois soldados conversando sobre um sargento que estava na floresta próximo de onde estava, por isso arriscou chamar aquele homem pelo nome: “– Vamos lá! Venha me prender, Willis”. (TM, 97) O rapaz ficou muito amedrontado, pois não entendia como o pirata conhecia o seu nome.

– Um homem que fugiu do inferno sabe de tudo – disse o Tigre, com um gesto de desprezo.

– Você me assusta.

– Assusto! – exclamou Sandokan. – Willis, então acho que você deveria saber que estou vendo sangue!...

O Soldado, que abaixara o fuzil surpreso e amedrontado, não sabendo mais se o que tinha diante de si era um homem ou um demônio, deu uns passos para



trás, sempre tomando o cuidado de manter o pirata na mira, mas Sandokan, que também não o perdia de vista, com um salto estava em cima dele e o derrubou no chão.

– Piedade! Piedade! – balbuciava o pobre sargento, vendo à sua frente a ponta do sabre.

– Vou poupar a sua vida – disse Sandokan.

– Posso acreditar nisso?

– O Tigre da Malásia não faz promessas falsas. (...) (TM, 98)

Com o soldado dominado, o Tigre começou a fazer perguntas sobre a organização das buscas pelo exército. Porém, a reação que teve quando o soldado se recusou a responder quantos homens estavam na sua busca para não trair seu exército, surpreendeu o rapaz.

– Tem razão; não o censuro, pelo contrário, eu o respeito por isso.

O sargento olhou atônito para ele.

– Que espécie de homem é você? – perguntou. – Eu pensei que devia ser um assassino miserável, mas estou vendo que estávamos todos errados. (TM, 98)

A fama do pirata entre os soldados ingleses era terrível a ponto de associarem Sandokan ao demônio. Quando seus homens prenderam um soldado em alto-mar, Sandokan ouviu a seguinte frase do soldado no início do interrogatório “– Quem iria confiar na palavra de um homem que assassina homens como se estivesse bebendo um cálice de gim ou de conhaque?” (TM, 134) Em outro momento, quando estava escondido no forno da estufa, no jardim da casa de Lorde James, Sandokan e Yanez ouviram:

– Será que aquele pirata infernal levantou voo mesmo?

– Ou será que afundou na terra? – disse outro soldado.

– Oh! Aquele homem é capaz de tudo, meus amigos – disse um terceiro. – Posso afirmar que aquele canalha não é um homem como nós, mas sim um afilhado do Belzebu.

– Eu é que não aposto o contrário, Varrez – recomeçou a primeira voz com certo tremor, indicando que o seu dono estava sentindo uma boa dose de medo.

– Só vi uma única vez aquele homem terrível, e foi suficiente. Não era um homem, mas um tigre de verdade e, estou dizendo, teve a coragem de se atirar contra cinquenta homens sem que uma bala sequer conseguisse atingi-lo.

– Você está me assustando, Bob – disse outro soldado.

– E quem não ficaria assustado? – recomeçou aquele que se chamava Bob. – Acho que nem sequer Lorde James teria coragem de enfrentar aquele filho dos infernos. (TM, 136)

Apenas um daqueles homens não acreditava que Sandokan tinha características sobrenaturais.

- Não se pode prender um espírito.
- Você é um idiota, Bob, se acredita que ele é um ser infernal. Por acaso os marinheiros do cruzador que derrotaram os dois *prahos* na foz do rio não meteram uma bala no seu peito? E Lorde Guillonk, que teve a infelicidade de curar a ferida, afirmou que o Tigre é um homem como nós e que saía sangue do seu corpo como sai do nosso. E você acha que os espíritos têm sangue?
- Não.
- Então aquele tratante não passa de um patife muito ousado, muito corajoso, mas ainda um sem-vergonha digno de um laço no pescoço. (TM, 177)

Ao mesmo tempo que era um bom homem, Sandokan era um terrível pirata, que preferiria morrer em combate a fugir ou se esconder dos ataques dos inimigos. Ele “(...) que, além de ser sólido como aço, tinha uma agilidade sobre-humana.” (TM, 169); “(...) tinha, como sempre, uma enorme confiança na própria audácia e na própria bravura.” (TM, 175); seus “(...) olhos brilhavam como brasas e as feições adquiriram uma expressão de enorme ferocidade. Percebia-se que uma raiva medonha incendiava seu peito.” (TM, 247). Quando estava nervoso ou preocupado, olhava para Yanez “(...) com olhos que pareciam os de um demente.” (TM, 156) Nas batalhas, não poupava os covardes, como vemos no ataque ao navio chinês:

- Um pequeno bote, carregando seis homens, se soltara do junco e fugia para as Romades.
- Ah! – exclamou Sandokan irado. – São homens que fogem em vez de lutar. Patan, atire naqueles seres desprezíveis!
- O malásio lançou na altura da água uma chuva de metralha que afundou o bote, fulminando todos os que estavam a bordo.
- Bravo, Patan! – gritou Sandokan. (TM, 30-1)

Quando Sandokan descobriu que era prisioneiro em um navio inglês junto com Juioko, decidiu fugir assim que soube que Marianna estava viva. Juioko não via como isso aconteceria.

- Dúvida do que estou dizendo?
- Um, pouco, confesso, meu capitão. Principalmente quando penso que não temos nem sequer um *kriss*.

- Não vamos precisar.
- E que estamos acorrentados.
- Acorrentados! – exclamou Sandokan. – O Tigre da Malásia pode despedaçar os ferros que o mantêm prisioneiro. Que me voltem as forças! ... Olhe!... Torceu os elos com fúria e sem seguida, com um puxão irreprimível, abriu-os e jogou a corrente para longe.
- Agora o Tigre está livre!... – gritou. (TM, 290)

Quando fugia de Labuan com Marianna, Sandokan chegou a desafiar os inimigos a assassiná-lo. Yanez era quem mais se preocupava com a ousadia do seu amigo.

- É uma louca, Sandokan. E se uma bala atingir você?
- Eu sou invulnerável! – gritou o Tigre da Malásia. – Olhe para isto: eu desafio o fogo daquele navio!
- Com um salto subiu ao costado da proa e, em seguida, se agarrou ao mastro da bandeira. (TM, 249)

Todas as ações de Sandokan como pirata atormentavam sua consciência. O narrador nos mostra esse perfil do personagem nos momentos em que está alcoolizado ou delirando por causa de febre. Depois que conseguiu nadar até Mompracem, Sandokan, gravemente ferido e febril, começou a delirar enquanto procurava um lugar seguro para repousar.

Pensava estar vendo inimigos por toda parte. Seus olhos avistavam homens escondidos embaixo das árvores, das moitas, no meio dos montes de terra e das raízes que serpenteavam no solo, enquanto pensava ver legiões de fantasmas fazendo piruetas no ar e esqueletos dançando em torno das grandes folhas das árvores.

Seres humanos surgiam do solo, gemendo e berrando, alguns com a testa sangrando, outros com os membros mutilados e os quadris dilacerados. Todos eles riam e gargalhavam como se zombassem da impotência do terrível Tigre da Malásia. (TM, 59)

Atormentado com as suas ações como pirata, nos delírios da febre, Sandokan via seus inimigos e os homens que já matou. Quando isso acontecia, normalmente o pirata ficava mais nervoso “– Sangue!... Quero sangue para saciar a minha sede!... Eu sou o Tigre da Malásia...” (TM, 60)

O pirata bebeu e depois teve outras alucinações quando chegou em Mompracem, após ter fugido dos soldados do Capitão James em Labuan. Assim que encontrou Yanês,

“Com um gesto nervoso o pirata empurrou uma cadeira até a mesa, esvaziou três copos de uísque, um atrás do outro, e depois, com voz entrecortada ou animada, rouca ou estridente, alternando gestos violentos e imprecações, narrou tintim por tintim tudo o que lhe acontecera (...)” (TM, 124). Ainda na mesma noite, depois que Yanez decidiu raptar Marianna em Labuan e saiu para iniciar os preparativos da empreitada, Sandokan ficou sozinho.

Assim que se viu sozinho, Sandokan voltou a sentar diante da mesa, mais taciturno e mais agitado que nunca, fazendo saltar as tampas de diversas garrafas de uísque.

Sentia necessidade de se aturdir para esquecer por algumas horas aquela juvenzinha que o enfeitiçara e para acalmar a impaciência que o remoía. Começou a beber com uma espécie de raiva, esvaziando vários copos, um após o outro. (TM, 127)

Pensar em Marianna sozinha em Labuan deixava Sandokan pior, pois temia o assédio do Baronete William. “Levantou-se tomado de um violento ímpeto de fúria e começou a caminhar como um louco, derrubando cadeiras, despedaçando as garrafas amontoadas nos cantos, quebrando os vidros das grandes prateleiras repletas de ouro e de joias (...)” (TM, 128). Tentou lembrar-se da música que Marianna cantava mas não conseguiu.

Parou como se atingido por um novo pensamento e voltou à mesa, tomando uma taça cheia.

– Ah! Estou vendo os olhos dela no fundo – disse ele. – Sempre os seus olhos, sempre o seu rosto, sempre a Pérola de Labuan!

Esvaziou a taça, voltou a enchê-la e a esvaziá-la.

– Manchas de sangue! – exclamou. – Quem derramou sangue na minha taça? Sangue ou licor, não importa. Beba, Tigre da Malásia, porque na embriaguez você vai encontrar a felicidade.

O pirata, já embriagado, voltou a beber com novo ímpeto, engolindo o líquido ardente como se fosse água, alternando imprecações e gargalhadas.

Tentou se levantar, mais caiu de novo na cadeira, lançando ao redor um olhar sinistro. Parecia estar vendo sombras correndo pelo quarto, fantasmas rindo malignamente e mostrando machados, *kriss* e cimitarras ensanguentados. Em uma daquelas sombras pensou reconhecer o seu rival, o baronete William.

Sentiu-se tomado pela fúria e arreganhou os dentes com ferocidade.

– Estou vendo você, maldito inglês – berrou. – Mas pobre de você quando eu o pegar!

Você quer me roubar a Pérola, leio isso nos seus olhos, mas vou impedi-lo, vou destruir a sua casa, a do Lorde, vou acabar com Labuan, o sangue vai escorrer

por todos os lugares e toda a população será exterminada... toda!... Ah! Você está rindo!... espere um pouco, espere só até eu chegar!...

Ele já estava no auge da embriaguez. Sentiu-se tomado por uma vontade feroz de destruir tudo, de derrubar tudo.

Depois de tentar diversas vezes, conseguiu se levantar, agarrou uma cimitarra e, cambaleando, mal se mantendo em pé, se apoiou nas paredes e começou a dar golpes desesperados, onde quer que fosse, correndo para a sombra do baronete que parecia conseguir fugir todas as vezes, rasgando a tapeçaria, estilhaçando as garrafas, arremessando golpes terríveis nas prateleiras, na mesa, na harmônica, fazendo chover dos recipientes despeçados torrentes de ouro, de pérolas e de diamantes, até que, esgotado, vencido pela embriaguez, caiu entre todos aqueles destroços e adormeceu profundamente. (TM, 128-9)

Essa não foi a única vez que o personagem consumiu bebidas alcoólicas. Várias vezes no romance Sandokan bebeu, sozinho ou com Yanez. Quando Yanez recolheu Sandokan e Juioko do mar, “O português abriu uma garrafa de gim e a levou para Sandokan, que entornou vários copos, um depois do outro.” (TM, 312). Em Labuan, enquanto aguardavam o ataque ao Capitão James Guilloung, Yanez e Sandokan “Já haviam devorado a refeição e estavam fumando alguns cigarros acompanhados de uma garrafa de uísque (...)” (TM, 214).

Neste ponto compreendemos as críticas que Salgari recebeu de educadores e pais italianos quando diziam que seus livros não eram adequados para crianças, pois ninguém gostaria de que seus filhos se inspirassem nos atos violentos e na embriaguez de Sandokan e Yanez.

Em relação à personalidade de Sandokan, Ivan Visioli faz uma excelente síntese:

O protagonista parece, no entanto, atormentado pela ansiedade constante e dividida entre muitos aspectos conflitantes de sua personalidade. Por um lado, o “príncipe”, o cavalheiro aristocrático, forte e generoso, que respeita as mulheres e até mesmo inimigos que lutaram com valor, que apresenta a sua casa com um gosto para o luxo – embora excêntrico e um pouco improvável – digno de um esteta refinado; de outro, o pirata sanguinário, um homem capaz de crueldade e ferocidade, movido por um desejo de vingança, mas também que faz com prazer massacres desnecessários, como durante a colisão de um junco chinês ou que envia para morte um dos seus homens sem demonstrar a menor emoção. (Visioli, 2005-2006, 50-51)<sup>100</sup>

<sup>100</sup> “Il protagonista appare, invece, tormentato da un’inquietudine costante e combattuto tra diversi e contrastanti aspetti della sua personalità. Da una parte il “principe”, il gentiluomo aristocratico, forte e generoso, che rispetta le donne e anche i nemici che si sono battuti con valore, che arreda la sua casa con un gusto per il lusso – anche se un po’ eccentrico e improbabile – degno di un raffinato esteta; dall’altra il sanguinario pirata, un uomo capace di crudeltà e ferocia, animato dal desiderio di vendetta, ma che compie volentieri anche stragi inutili, come durante l’abbordaggio di una giunca cinese o che manda a morte un suo

As duas partes opostas da personalidade de Sandokan, o príncipe e o pirata, se relacionam aos seus grandes afetos, a princípio, opostos: Marianna e Mompracem. Em relação a ilha, ela se tornou o novo lar de Sandokan depois que foi banido do seu próprio reino. Lá, transformou-se no terrível Tigre da Malásia, o pirata que ameaçava o império inglês na região do Bornéu e sua ilha se tornou refúgio não apenas seu, mas de todos os seus filhotes. Em vários momentos da história, Sandokan demonstrou afeto por Mompracem. Quando o pirata avistou a ilha, depois que ficou hospedado na casa de Lorde James para curar suas feridas, “Seus olhos lançavam raios e suas feições não estavam mais alteradas por aquela dor aguda. – Mompracem! – exclamou ele, endireitando sua alta estatura. E continuou ali, contemplando a sua ilha selvagem, o baluarte da sua força, da sua grandeza naquele mar que, não sem razão, chamava de seu.” (TM, 121)

Se Mompracem era o covil do pirata, a Pérola de Labuan era a possibilidade para Sandokan formar novamente uma família e viver em paz. Desde que conheceu Marianna, “Ele não era mais o Tigre da Malásia, não era mais o pirata sanguinário.” (TM, 71). Quando estava com ela, “Naqueles momentos, não se lembrava mais de que era o Tigre, esquecia sua Mompracem, seus *prahos*, seus filhotes e o português que, naquela altura, acreditando que ele tivesse morrido, provavelmente se encontrasse a caminho da ilha para vingar a sua morte com represálias sanguinárias.” (TM, 71). Assim que se apaixonou por Marianna, Sandokan percebeu a impossibilidade de conciliar a pirataria e o casamento com a jovem, por isso se deparou com um grande dilema: a vingança e a pirataria, ou o amor de Marianna.

Que importa se os piratas de Mompracem estivessem chorando a sua morte, quando poderia ver, por muitos dias mais, aquela divina menina? Que importava se o fiel Yanez talvez o estivesse procurando ansiosamente pelas praias da ilha, arriscando a própria existência, quando Marianna começava a amá-lo? E que importava se nunca mais escutasse o troar das artilharias esfumaçadas, quando ainda podia ouvir a voz deliciosa da mulher amada, ou sentir aquelas terríveis emoções de uma batalha quando ela o levava a experimentar emoções muito mais sublimes? E que importava, enfim, se estava correndo perigo de ser descoberto, talvez preso, talvez morto, quando podia

---

uomo senza tradire la minima emozione.”

ainda respirar o mesmo ar que alimentava a sua Marianna, vivendo no meio dos grandes bosques em que ela vivia?

Esqueceria tudo para continuar assim por cem anos, a sua Mompracem, seus filhotes, seus navios e até mesmo sua vingança sanguinária. (TM, 72)

Sandokan preocupava-se também com o fato de Marianna ser sobrinha de Lorde James: “Que eu não seja mais o pirata de Mompracem se me sentir atraído irresistivelmente por aquela moça, filha de uma raça que jurei odiar sempre! (...) Será que eu poderia esquecer que os compatriotas daquela juvenzinha mal podem esperar pelo momento mais favorável para acabar comigo?” (TM, 73) O terrível pirata tentou lutar contra o sentimento que crescia em seu peito: “Vamos Tigre, solte o seu rugido. Esqueça o reconhecimento que você deve a essas pessoas que o curaram, vá embora, fuja para longe deste lugar e volte para aquele mar que, sem querer, atirou você nestas praias, volte a ser o temido pirata da assustadora Mompracem!” (TM, 74);

– Veja! – exclamou, retornando à janela e expondo a fronte ardente ao ar fresco da noite. – Aqui está a felicidade, uma vida diferente, uma loucura nova, doce, tranquila; e lá, Mompracem, com uma vida tempestuosa, furacões de metais, o trovejar das artilharias, a carnificina sanguinária, os meus rápidos *prahos*, os meus filhotes, o meu bom Yanez!... Qual dessas duas vidas devo escolher? (TM, 75)

Por mais que tentasse lutar contra o amor que sentia por Marianna e voltar para Mompracem, o pirata não conseguiu, pois para ele era impossível ficar longe daquela menina.

Quando todos foram caçar um tigre, Sandokan, sozinho com Marianna, declarou-se:

Milady, fui enfeitiçado, sinto que longe de você não saberei viver, não terei paz, serei um infeliz. Mas o que foi que fez comigo? O que fez com o meu coração, que antigamente era inacessível a todas as paixões? Veja, só em ver você tremo todo e sinto o sangue queimando nas veias. (...)

Não fique brava por eu confessar o meu amor, por dizer que eu, mesmo sendo filho de uma raça de cor, adoro-a como a uma deusa e que, um dia, você também vai me amar. Queria que soubesse que, desde o primeiro instante em que a vi, nunca mais voltei a ser o mesmo de antes, a minha cabeça está confusa e você está sempre aqui, fixa no meu pensamento, dia e noite.

Escute, milady, é tão forte o amor que me arde no peito que lutaria por você contra todos os homens, contra o destino, contra Deus! Quer ser minha? Vou fazer de você uma rainha desses mares, a rainha da Malásia! A uma palavra

sua, trezentos homens mais ferozes que um tigre, que não têm medo do chumbo e nem do aço, surgirão e invadirão os estados de Bornéu para lhe dar um trono. Diga tudo o que sua ambição pode querer e terá. Tenho ouro suficiente para comprar dez cidades, tenho navios, soldados, canhões e sou poderoso, mais poderoso do que você pode imaginar. (...)

– E você diz que me ama, você, tão poderoso – murmurou a juvenzinha com voz sufocada.

– Tanto que por você eu faria qualquer coisa; eu a amo como aquele amor que nos leva a cometer milagres e delitos ao mesmo tempo.

Ponha-me à prova: fale e eu a obedecerei como um escravo, sem um lamento, sem um suspiro.

Quer que eu me torne um rei para lhe dar um trono? Eu me torno. Quer que eu, que a amo com loucura, volte para aquela terra da qual parti, eu volto, embora isso fosse martirizar meu coração para sempre; quer que eu morra diante de você, eu morro. (TM, 80-1)

Após a declaração de amor de Marianna, Sandokan transformou-se em um novo homem.

Em outros tempos, Sandokan, mesmo desarmado e diante de um inimigo cinquenta vezes mais numeroso, não teria hesitado um só instante em se jogar nas pontas das baionetas para tentar abrir passagem a qualquer custo; mas agora que estava amando, agora que sabia que também era amado, agora que aquela divina criatura talvez estivesse acompanhando-o com o olhar, não queria cometer semelhante loucura, capaz de lhe custar a vida e quem sabe quantas lágrimas a ela. (TM, 91)

Mesmo com o amor correspondido, as angústias de Sandokan não acabaram, pois a jovem fez um único pedido ao pirata: “(...) só o que peço é a felicidade de estar ao seu lado. Leve-me para longe, para uma ilha qualquer, onde possamos nos casar sem perigos, sem apreensões.” (TM, 88) A jovem não queria ser a esposa de um pirata, por isso Sandokan deveria abandonar sua ilha, seus homens, sua vingança, se quisesse viver com a Pérola de Labuan.

Assim que encontrou Yanez, Sandokan confessou seus sentimentos por Marianna e sua angústia por ter de deixar Mompracem e a pirataria.

– Você não iria acreditar – retomou Sandokan – mas eu lutei muito antes de deixar que a paixão me vencesse. Mas nem a vontade de ferro do Tigre da Malásia, nem o meu ódio por tudo o que é inglês conseguiram frear os ímpetos do coração.

Quantas vezes tentei quebrar esse elo! Com frequência, quando era assaltado pelo pensamento de que, para poder um dia me casar com aquela mulher, teria



que abandonar o meu mar, pôr fim à minha vingança, deixar a minha ilha, abrir mão do nome do qual sempre tive o maior orgulho, perder os meus filhotes, tentava fugir e colocar entre mim e aqueles olhos fascinantes uma barreira intransponível! Mas no fim tive que ceder, Yanez. Eu me vi entre dois abismos: aqui, Mompracem, com seus piratas, entre o lampear dos seus cem canhões e seus vitoriosos *prahos*; lá, aquela criatura adorável de cabelos louros e olhos azuis. Hesitei durante muito tempo e acabei sendo atraído para aquela juvenzinha, da qual sinto que nenhuma força humana será capaz de me arrancar. Na realidade, sinto que o Tigre vai deixar de existir!... (TM, 126)

Yanez, braço direito e grande amigo de Sandokan, primeiro testou a paixão do amigo, o incentivando a deixar Marianna, mas quando viu que o pirata estava irredutível a casar-se com a Pérola de Labuan, decidiu auxiliá-lo. “– Não importa: inglesa ou não, já que você a ama com tanta intensidade, todos nós vamos ajudá-lo a se casar com ela para que volte para cá feliz. Você pode e deve continuar sendo o Tigre da Malásia, mesmo casado com a jovem de cabelos de ouro.” (TM, 127)

Desde que decidiram o sequestro até o momento em que Marianna foi apresentada aos piratas de Mompracem, Sandokan e Yanez continuaram apreensivos em relação ao futuro de Mompracem e dos piratas da Malásia, pois a expectativa era Sandokan abandonar sua ilha e partir com a jovem para um lugar onde ninguém os conhecesse. Aliás, esse era o principal desejo de Marianna.

– (...) O que importa se o seu passado é horrível, se imolou centenas de vítimas, se praticou vinganças atrozes?

Ele me adora, vai fazer por mim tudo o que eu pedir, e eu vou fazer dele um novo homem. Vou abandonar a minha ilha e ele, a sua Mompracem, iremos para longe destes mares funestos, tão longe que não se ouvirá mais falar de nós.

Vamos viver juntos em um pedaço de mundo esquecido por todos, mas felizes, e ninguém jamais saberá que o marido da Pérola de Labuan é o antigo Tigre da Malásia, o homem que fez reinos tremerem e que verteu tanto sangue. E eu vou ser a sua esposa hoje, amanhã e sempre, e o amarei até morrer! (TM, 225)

Quando estavam a caminho de Mompracem, Sandokan consolava Marianna, que chorava.

– Escute, meu amor – dizia ele. – Não chore, eu vou fazer você feliz, imensamente feliz, e eu vou ser seu, inteiramente seu. Vamos para bem longe destas ilhas, enterraremos o meu passado sanguinário e nunca mais ouviremos falar nem dos meus piratas, nem da minha selvagem Mompracem. A minha

glória, a minha força, a minha vingança sanguinária e o meu nome tão temido, vou esquecer tudo isso por você, porque quero me transformar em um novo homem. Acredite em mim, minha jovem adorada, até hoje fui o temido pirata de Mompracem, até hoje fui assassino, cruel, feroz, aterrorizante, fui Tigre... porém não serei mais nada disso. Vou frear os ímpetos da minha natureza selvagem, vou sacrificar o meu poder, abandonar este mar que um dia tive o orgulho de chamar de meu, e o meu bando terrível que contribuiu para a minha triste celebridade. (...)

Vamos para muito longe, tanto que nunca mais ouviremos falar das ilhas que nos viram crescer, viver, amar e sofrer; vamos perder a pátria, amigos, parentes, mas o que isso importa? Vou dar a você uma nova ilha, mais alegre, mais risonha, onde não se ouvirá mais o rugido dos canhões, onde não se verá, à noite, esvoaçarem ao meu redor aquele cortejo das vítimas que imolei e que gritavam: assassino! Não, não verei mais nada disso (...) (TM, 243-4)

Por mais que Sandokan estivesse decidido a se tornar um novo homem, estava triste por abandonar sua ilha. Marianna ainda perguntou se ele gostaria de que ela ficasse em Mompracem, mas o pirata recusou, decidido a partir. Quando informou sua decisão aos filhotes, não disse que o real motivo para abandonar a ilha e a pirataria era Marianna.

Vocês me viram lutar durante muitos anos (...) mas agora chega. O destino quer que eu pare, e que assim seja.

Neste momento, sinto que a minha missão vingadora chegou ao fim; sinto que não consigo mais rugir nem combater como antigamente, sinto que preciso de descanso.

Ainda vou lutar uma última batalha com o inimigo, que provavelmente chega amanhã para nos atacar, e depois darei adeus a Mompracem e irei para longe, onde devo viver com esta dama que amo e que se tornará minha mulher.

Se quiserem continuar a tarefa do Tigre, deixo a vocês os meus navios e os meus canhões. Se preferirem me seguir até a minha nova pátria, sempre vou considerar vocês como meus filhos. (TM, 266)

Os seus piratas, não falaram nada, mas choravam de tristeza.

– Mas vocês estão chorando! – exclamou Sandokan com a voz alterada pela comoção. – Ah! A verdade é que eu entendo bem o que estão sentido, meus bravos, mas vocês acham que eu não sofro com a ideia de não ver, nunca mais talvez, a minha ilha, o meu mar, de perder todo este poderio, de voltar à obscuridade depois de ter brilhado tanto, de ter conquistado tanta fama, mesmo que fosse terrível e sinistra? É a fatalidade que quer assim, eu curvo a minha cabeça para ela e agora pertenço à Pérola de Labuan. (TM, 267)

Entretanto, mesmo com a decisão de Marianna adotar Mompracem como o seu novo lar, a ilha estava condenada. Ela já sofrera um grande ataque inglês quando Sandokan e Yanez partiram para Labuan raptar a jovem.

Os ingleses, provavelmente informados da partida de Sandokan e certos de encontrarem uma defesa enfraquecida, caíram repentinamente sobre a ilha, bombardeando as fortificações, pondo a pique diversos barcos e incendiando parte da vila. Excederam-se em sua audácia a ponto de desembarcar tropas para tentar se apoderar da ilha, mas a bravura de Giro-Batol e dos filhotes de tigre finalmente havia triunfado e os inimigos foram forçados a se retirar, com medo de serem surpreendidos e cercados pelos *prahos* de Sandokan, que não estavam muito longe.

Fora uma vitória, sem dúvida, mas por pouco a ilha não passara para as mãos do inimigo. (TM, 262)

Com a chegada da Pérola de Labuan na ilha, um ataque dos ingleses para recuperar a jovem era esperado. O pirata e Yanez organizaram a defesa de Mompracem, que já estava abalada devido ao ataque anterior. Porém não seria fácil vencer a frota enviada dois dias depois do rapto de Marianna.

A esquadra atacante era composta de três cruzadores de grande tonelagem, portando bandeiras inglesas, duas corvetas holandesas poderosamente armadas, quatro canhoneiras e um cúter espanhóis e oito *prahos* do sultão de Varauni. Podiam dispor, em conjunto, de cento e cinquenta ou cento e sessenta canhões e de mil e quinhentos homens. (TM, 271)

No final do dia, quando pensavam que haviam vencido a batalha, Sandokan e Yanez avistaram a chegada de mais quatro navios. Eles “(...) empalideceram ao ver aqueles novos inimigos. Compreenderam então que a queda da fortaleza era uma questão de horas (...)” (TM, 275). Com o reforço, os navios liderados pelos ingleses conseguiram acabar com a defesa e aportar em Mompracem.

Sandokan reuniu toda sua força para pronunciar aquela palavra que jamais saíra de seus lábios e deu o comando para a retirada.

No instante em que os piratas da perdida Mompracem, com lágrimas nos olhos e o coração despedaçado, corriam para os bosques e os indígenas fugiam em todas as direções, o inimigo desembarcava, irrompendo furiosamente, com as baionetas caladas, contra as trincheiras atrás das quais achavam que o inimigo ainda se encontrava.

A estrela de Mompracem se extinguiu para sempre. (TM, 276)

Sandokan, Yanez, Marianna e os poucos piratas sobreviventes tentaram fugir pelo mar, em três *prahos*, um deles carregados com as riquezas acumuladas do pirata.

Sandokan, embora já tivesse perdido para sempre o poderio, a sua ilha e o seu mar, conservava naquela retirada uma calma realmente admirável. Sem dúvida ele, que previra o fim iminente da pirataria e que já tinha se acostumado com a ideia de deixar aqueles mares, se consolava ao pensar que, no meio de tantos desastres, ainda lhe restava sua adorada Pérola de Labuan. Não era para menos que em suas feições se distinguiam os vestígios de uma forte comoção, que em vão ele tentava esconder. (TM, 277)

Sandokan, triste por aquela derrota, teve de enfrentar ainda o ataque de dois navios que bloqueavam a saída dos *prahos* para o alto-mar. O resultado foi trágico: dois *prahos* destruídos e Marianna, Sandokan e Juiko presos em um navio inglês que levava os homens para serem enforcados em Labuan e a jovem, para ser entregue ao seu tio. Todos os piratas foram mortos, a exceção de Yanez, que Sandokan acreditava seguir o navio para salvá-lo. Para escaparem, Sandokan e Juiko simularam sua morte e, com o auxílio de Marianna, seus corpos foram jogados ao mar livres de cordas e com facas. Marianna ainda jogou duas boias para que eles sobrevivessem no mar até a chegada de Yanez. Náufragos, enfrentaram o ataque de um tubarão-martelo, mas Sandokan matou o animal. Logo em seguida foram recolhidos por Yanez, acompanhado dos dois *prahos* que desapareceram na tempestade. Sandokan e Yanez encontraram uma caixinha em alto-mar, com a letra de Marianna, pedindo desesperadamente ajuda porque o navio a levava para Vitória. Sandokan e Yanez alcançam o navio, Yanez se vestiu com o uniforme de um soldado inglês para entrar no cruzador inglês e proteger Marianna durante a abordagem de Sandokan. Os piratas abordaram o navio, conseguiram salvar Marianna e fugir do ataque de Lorde James. O final da obra foi tão dramático quando seu personagem principal.

– Atirem naqueles miseráveis! – ouviram o Lorde gritar.  
Um tiro de canhão partiu, a bala abateu a bandeira da pirataria que Yanez mandara hastear.  
Sandokan levou a mão direita ao coração e a sua expressão ficou ainda mais sombria.

– Adeus, pirataria, adeus Tigre da Malásia! – murmurou dolorosamente. (...)  
 – Yanez, dirija a proa para Java!...  
 Deu duas voltas sobre si mesmo e depois caiu entre os braços de sua adorada Marianna. Aquele homem que jamais chorara em sua vida, deixou escapar um soluço e murmurou:  
 – O Tigre morreu para sempre!... (TM, 324)

A última frase do livro é extremamente trágica, pois a morte do Tigre da Malásia representa o final da pirataria, depois que Mompracem está destruída e a maior parte dos homens de Sandokan estão mortos. O fim do Tigre da Malásia aconteceu devido ao seu amor por Marianna e, por mais que a jovem quisesse permanecer em Mompracem para agradar Sandokan, a ilha foi destruída devido ao ataque liderado pelos ingleses. Nessa obra, por mais que Salgari inovasse na construção de Marianna, jovem que enfrentou combates navais, caçava animais selvagens e teve a coragem de romper com sua família para casar-se com um homem malaio, a aventura acabou com a destruição de Mompracem – o antigo lar de Sandokan, associado à pirataria – e a efetivação do relacionamento amoroso.

Desde o lançamento da história de Sandokan nos jornais, o príncipe malaio tornou-se um dos personagens salgarianos mais queridos pelo público. Ao analisar esse personagem, Tamagnone destaca uma série de aproximações existentes entre alguns personagens salgarianos, principalmente Sandokan e Corsário Negro, e Garibaldi.

Então Sandokan seria Garibaldi não para prova de um arquivo, mas conjectural, por uma série de semelhanças, referências, analogias: a presença em ambos de uma “meta política”, a redenção da pátria contra a submissão, de prosseguir mesmo com atos generosos de pirataria, com os 'picciotti' de Calatafimi, refletidos nos '*tigrotti*' de Mompracem, ilha que por sua vez, constitui um microcosmo de um mundo livre e nacional, sonhado como modelo ideológico, bem como 'lugar íntimo de solidão, paz e reflexão', e também de regeneração, refletem a Caprera garibaldiana. (Tamagnone, 2011, 23)<sup>101</sup>

<sup>101</sup> “Dunque Sandokan sarebbe Garibaldi non per prove d'archivio, ma indiziarie, per una serie di affinità, richiami, analogie: la presenza in entrambi di una “meta politica”, il riscatto della patria dalla sottomissione, da perseguire anche con atti di pirateria generosa, coi 'picciotti' di Calatafimi rispecchiati dai 'trigotti' di Mompracem, isola che a sua volta, costituendo un 'microcosmo del mondo libero e nazionale sognato come modello ideologico', oltre che 'luogo intimo, della solitudine, della pace, della riflessione' nonché 'della rigenerazione’ rispecchierebbe la Caprera garibaldina.”

Sandokan, grande herói para os italianos, combateu o império que o destronou. Na obra, o império britânico foi representado pelos ingleses, os dois antagonistas da obra. Porém, ao contrário de Wan Guld, eles não tiveram nenhuma atitude odiosa em relação aos povos dominados. Deles, o personagem de maior destaque é Lorde James Guillonk, capitão da marinha britânica e tio de Marianna. Ele aparece pela primeira vez no capítulo sexto, que leva o seu nome, quando Sandokan descobre que sobreviveu graças ao cuidado desse homem que o encontrou e cuidou de suas feridas. Sua descrição não destaca nada de negativo.

(...) um homem entrou no quarto, caminhando lentamente e com aquela rigidez característica dos homens da raça anglo-saxã. Tratava-se de um europeu, a julgar pela cor da pele, de estatura razoavelmente alta e bem constituída. Aparentava ter cerca de cinquenta anos, o rosto era emoldurado por uma barba ruiva que começava a ficar grisalha, os olhos profundos, e o conjunto indicava ser um homem acostumado a comandar. (TM, 62)

A primeira conversa entre o Lorde e aquele homem desconhecido foi bem agradável:

– Estou satisfeito em vê-lo tranquilo; há três dias que o delírio não lhe dava um minuto de descanso.  
 – Três dias! – exclamou Sandokan pasmo. – Três dias que estou aqui?... Mas então não estou sonhando?  
 – Não, não está sonhando. Você se encontra entre pessoas boas que cuidaram de você com afeto e que farão o possível para curá-lo. (TM, 62)

Quando Sandokan soube o nome daquele homem, estremeceu, mas não demonstrou seu sentimento de desgosto por estar na casa do seu maior inimigo. Apenas agradeceu pelos favores recebidos.

– Era meu dever acolher em minha casa um pobre homem ferido, talvez mortalmente – respondeu o Lorde. – Como se sente agora?  
 – Estou bem mais forte e não sinto dor.  
 – Fico feliz com isso, mas diga, se não for muito desagradável, quem o deixou nessas condições? Além da bala que extraíram do peito, seu corpo todo estava coberto de feridas produzidas por armas brancas. (TM, 63)

Sandokan mais uma vez teve sangue frio para responder vagamente, dizendo que fora atacado por homens que invadiram seu navio e massacraram seus marinheiros. Ferido, foi jogado no mar.

– Sem dúvida você foi atacado pelos filhotes do Tigre da Malásia – disse Lorde James.

– Por piratas?...

– Acho que sim, por aqueles de Mompracem que há três dias vagavam pelos arredores da ilha, mas que foram destruídos por um de nossos cruzadores. (TM, 63)

Indagado sobre o destino de sua viagem, Sandokan respondeu que levava presentes ao sultão de Varauni a pedido de seu irmão, o sultão de Shaja.

– Então você é um príncipe malásio! – exclamou o Lorde, estendendo a mão que Sandokan, após uma pequena hesitação, apertou quase que com náuseas.

– Sou, milorde.

– Estou muito contente em hospedá-lo e vou fazer o possível para que não se aborreça quando estiver curado. Em vez disso, se você concordar, vamos procurar juntos o sultão de Varauni. (TM, 63)

O leitor conhece mais a personalidade de Lorde James no sétimo capítulo, através da história de sua sobrinha de Marianna. A jovem ficou órfã aos onze anos “(...) e sendo herdeira de uma bela fortuna (...)” (TM, 69), passou a viver com Lorde James, seu único parente.

Naqueles tempos, James Guillonk era um dos mais intrépidos lobos dos mares dos dois mundos, proprietário de uma nau armada e aparelhada para a guerra, a fim de cooperar com James Brooke que, mais tarde, se tornou raja de Sarawak após o extermínio dos piratas malaaios, os terríveis inimigos do comércio inglês naqueles mares longínquos.

Embora Lorde James, rude como todo marinheiro e incapaz de nutrir qualquer afeição, não tivesse uma ternura excessiva pela jovem sobrinha, em vez de confiá-la a mãos estranhas, embarcou-a em seu próprio navio e levou-a para Bornéu, expondo-a aos graves perigos daquele difícil cruzeiro.

Durante três anos, a menina testemunhou batalhas sangrentas em que morriam milhares de piratas que, no final, proporcionaram ao futuro rajá Brooke aquela triste celebridade que perturbou e indignou profundamente seus compatriotas.

Um dia, contudo, Lorde James, cansado da carnificina e dos perigos, talvez se lembrando de que tinha uma sobrinha, abandonara o mar e se estabelecera em Labuan, se enclausurando nos grandes bosques da região central da ilha. (TM, 69)

Nesse trecho, destacamos que o autor não deixou claro se Lorde James se aproximou da menina por causa da herança da jovem; porém a herança de Marianna não foi mais mencionada no livro. Quanto a Lorde James, era um homem do mar que trabalhou com James Brooke – mais uma vez Salgari misturou ficção com realidade, neste caso trouxe para a história o aventureiro britânico que ajudou na expansão do império britânico da região de Sarawak; rude, insensível, não tinha afeto pela sobrinha a ponto de levá-la consigo para viver em Bornéu. Lá, não se preocupou com a educação da jovem, que fez o possível para educar-se sozinha.

Quando Lorde James convidou Sandokan para participar de uma caça a um tigre, o pirata o informou que deveria partir em breve. “– Ir embora! Nem pense em uma coisa dessas, os negócios sempre podem esperar e já estou avisando que não vou deixá-lo partir antes de alguns meses; vamos lá, você prometeu ficar.” (TM, 72) Sandokan gostou do convite, pois poderia ficar perto de Marianna, por ela esqueceria tudo.

– Está bem, milorde, vou ficar até quando o senhor quiser – disse ele impetuosamente. – Aceito a hospitalidade que o senhor me oferece com tanta cordialidade e se, por acaso, um dia, não formos mais amigos, mas sim inimigos ferrenhos com armas em punho, saberei então me lembrar do reconhecimento que devo ao senhor. Não esqueça estas palavras, milorde. O inglês olhou para ele estupefato.  
– Mas por que está falando assim? (...) Por enquanto não vou perguntar quais são os seus segredos – disse o Lorde, sorrindo. Vou esperar esse dia. (TM, 72)

Sandokan, talvez por crise na consciência, talvez para preparar o seu inimigo para a revelação futura, indicou na conversa a possibilidade deles serem inimigos. Sua identidade foi revelada através de um oficial inglês que encontrou com o pirata no dia da caça ao tigre. O Baronete William Rosenthal é o outro personagem inglês que se destacou entre os demais.

Assim que o viu, Sandokan, sem saber direito por que, sentiu imediatamente uma violenta antipatia pelo rapaz, mas reprimiu o sentimento e estendeu a mão a todos.  
Nesse momento, o oficial olhou fixamente para ele durante muito tempo, de uma maneira estranha, e depois, se aproveitando de um momento em que



ninguém prestava atenção, chegou mais perto do Lorde, que estava examinando o arreio de um cavalo, e disse à queima-roupa:

– Capitão, acho que já vi aquele príncipe malásio antes.

– Onde? – perguntou o Lorde.

– Não me lembro bem, mas tenho certeza.

– Bah! Você está imaginando coisas, meu amigo. (TM, 78)

A desconfiança do Baronete William em relação a Sandokan só aumentou. No jantar realizado após a caça ao tigre, voltou a interrogá-lo.

– Desculpe, príncipe, faz muito tempo que chegou a Labuan?

– Estou aqui há vinte dias, senhor – respondeu o Tigre.

– Mas por que motivo o seu navio não foi visto aqui em Vitória?

– Porque os piratas tomaram os dois *prahos* em que nos encontrávamos.

– Os piratas! O senhor foi atacado por piratas? Mas onde?

– Perto das Romades.

– Quando?

– Poucas horas antes da minha chegada a estas costas.

– Com certeza o senhor está enganado, príncipe, já que exatamente naquele momento o nosso cruzador estava navegando naquela região e nenhum barulho de tiros de canhão chegou até nós.

– Talvez o vento estivesse vindo do leste – respondeu Sandokan, que começava a ficar em guarda, sem saber aonde queria chegar o oficial.

– Mas como chegou até aqui?

– A nado.

– E não viu um combate entre dois navios piratas que, pelo que dizem, eram chefiados pelo Tigre da Malásia, e um cruzador?

– Não!

– Estranho.

– Senhor, está duvidando da minha palavra? – perguntou Sandokan, ficando em pé de um salto.

– Deus me livre, príncipe – respondeu o oficial, com alguma ironia. (TM, 84)

Lorde James percebeu a tensão da conversa e interrompeu, pedindo para o Baronete William parar de importunar o seu convidado. Antes de ir embora, o Baronete conversou em particular com Lorde James. A partir de então o Lorde mudou o seu humor e despertou a preocupação de Sandokan, principalmente quando soube no dia seguinte que ele fora para Vitória ainda de madrugada. “– Saiu! – murmurou. – Saiu sem ter dito nada ontem à noite. Qual o motivo? Será que está tramando alguma coisa contra mim? Será que esta noite vai deixar de ser meu amigo para se tornar um inimigo feroz? O que vou fazer com esse homem que cuidou de mim como um pai, que é tio da mulher que

amo?” (TM, 85) Marianna também percebeu a mudança no temperamento do seu tio, e pediu para o seu amado fugir o mais rápido possível. Entretanto, não era mais possível.

Naquele exato momento Lorde James entrava na sala. Não era mais o mesmo homem da véspera: tinha uma expressão grave, carrancuda, feroz, e usava a divisa de capitão da marinha.

Com um gesto desdenhoso repeliu a mão que o pirata lhe estendia com ousadia e disse friamente:

– Se eu fosse um homem da sua espécie, em vez de pedir hospitalidade a um inimigo acirrado, teria preferido ser morto pelos tigres da floresta. Afaste de mim essa mão que pertence a um pirata, a um assassino! (TM, 89)

A explicação de Sandokan sobre não ser um pirata mas justiceiro não foi suficiente para acalmá-lo, que acabou o expulsando de sua casa. Destacamos que a mudança do comportamento do personagem foi representada no seu comportamento, na sua fala e nas suas roupas, pois é a primeira vez que Lorde James apareceu vestido com o uniforme militar, reforçando o seu papel de comando na marinha inimiga para Sandokan. Quando saiu, Sandokan encontrou vários soldados prontos para atirar. Como não queria correr o risco de ser assassinado, voltou e pediu para o Lorde James dispensá-los.

– Senhor – disse Sandokan, se aproximando. – Se eu o tivesse hospedado em minha casa, se o tivesse chamado de amigo e depois descobrisse que era um inimigo mortal, teria lhe indicado a porta, mas não teria cometido uma traição tão vil. Logo ali, na mesmíssima estrada que preciso percorrer, estão cinquenta, talvez cem homens, prontos para me fuzilar. Peça que se retirem e deixem livre a passagem. (TM, 91)

Ivan Visioli chama a atenção para o fato de Sandokan considerar a atitude de Lorde James uma traição. Para ele, Sandokan parte de uma ética diferente de Lorde James.

Para o pirata, a ética é aquela da honra e da lealdade individual. Na verdade, ele [Sandokan] poupará o Lorde apenas para manter a sua palavra; por isso ele não enfrenta o Lorde como um inimigo – várias vezes, de fato, Sandokan mostrará respeito para o valor dos adversários – mas, ao colocar o conflito entre ingleses e piratas acima do relacionamento pessoal que se criou entre eles, se deixaram levar para meios desleais. (Visioli, 2005-2006, 61)<sup>102</sup>

<sup>102</sup> “Per il pirata, l’etica è quella individualista della lealtà e dell’onore. Infatti risparmierebbe il lord proprio per rispettare la parola data; così egli non rimprovera al lord di combatterlo in quanto nemico – più volte, anzi,

A resposta de Lorde James foi insistir para ele sair “– Já estava na hora de cair em nossas mãos, seu miserável (...). Em poucos minutos os soldados estarão aqui e em vinte e quatro horas você será enforcado.” (TM, 92) Lorde James já não é mais o homem gentil que hospedou e se afeioou ao ferido que ajudou; é agora o militar do império britânico que precisa prender o homem que já causou tantos prejuízos ao seu povo. Isso se comprova na recompensa que propôs aos soldados pela morte do pirata: “Não se esqueça de que há mil libras esterlinas de recompensa se conseguirmos matar o pirata. [disse um soldado] – Uma bela cifra, em minha opinião – disse Yanez, sorrindo. – Lorde James o valoriza muito, meu irmão.” (TM, 173)

Sandokan ficou com mais ódio de Lorde James quando soube que ele marcou o casamento, forçado, de Lady Marianna com Baronete William. Depois que ouviu de Marianna que seu tio não permitiria o casamento entre eles, preocupou-se com algo: “– O homem é capaz de matar a sobrinha para não deixar que ela caia nas minhas mãos.” (TM, 170) De fato o próprio Lorde James afirmou a existência dessa possibilidade a Yanez, quando este se disfarçou de primo do Baronete William para avisá-la do rapto. “Ah! Minha sobrinha, acabarei eu mesmo arrancando a paixão que sente por aquele herói da força! Nem que eu precise quebrá-la como uma taquara, vai me obedecer e se casar com o homem que destinei a você.” (TM, 223) Lorde James chegou a afirmar isso para a própria sobrinha:

- Ou você cede ou acabo com você – disse o Lorde com uma voz furiosa, – Antes que se torne a mulher daquele cachorro chamado Sandokan, eu mato você.
- Faça isso – disse ela, se aproximando dele com um ar ameaçador.
- Quer fazer uma cena? Seria inútil. Sabe bem que eu sou inflexível. Em vez disso, vá se preparar para a partida. (...)
- Você a viu – disse o Lorde se virando para Yanez. – Ela acha que pode me desafiar, mas está enganada. Por Deus, eu acabo com ela. (TM, 236)

O ódio ao pirata aumentou quando Lorde James descobriu que sua sobrinha estava apaixonada por Sandokan. Para ele era impensável permitir que Marianna se

---

Sandokan mostrerà rispetto per il valore degli avversari – ma di mettere il conflitto fra Inglesi e pirati al di sopra del rapporto personale che si è creato fra di loro e di essersi piegato a mezzi sleali.”

casasse com um pirata, e ainda por cima, um homem que não pertencia à raça branca. Sua solução foi obrigá-la a casar com o Baronete William, homem inglês, branco e funcionário do império. Segundo seus valores, era o melhor partido para sua sobrinha. Na sua fúria, preferiria ver a sobrinha morta a permitir o casamento com Sandokan. Yanez e o pirata conversaram mais três vezes sobre essa ameaça antes dela se tornar real. Quando Lorde James percebeu que fora enganado por Yanes, sua reação foi imediata: “O Lorde soltou um verdadeiro rugido. Com uma pistola na mão esquerda e o sabre na direita, disparou em direção a Marianna, que se inclinara sobre a crina da sua égua.” (TM, 239) Desesperado porque Yanes a protegeu e depois a entregou a Sandokan, ordenou a um soldado: “– John – dosse o Lorde, (...) – Mate Lady Marianna! Isso é uma ordem!” (TM, 241) Porém Sandokan não permitiu o assassinato a sangue frio da sua amada. Já no final do livro, Sandokan assassinou o Baronete William quando este tentou raptá-la e levá-la para o seu tio.

Ao contrário de Wan Guld, que era cruel com seus soldados, traiu sua nação e ainda por cima exterminou uma tribo indígena; Lorde James era um capitão inglês que defendia o seu país, condenava a pirataria e agia conforme os valores do seu tempo ao repudiar o casamento de sua sobrinha com um homem, um pirata, de outra “raça”, considerada por eles inferior. Vale destacar que o casamento era algo tão absurdo para o universo do capitão inglês que ele preferiria assassinar a jovem a permitir o casamento. O livro “Os tigres de Mompracem” não era um romance destinado a crianças, por isso, é possível que seus leitores, jovens adultos na idade de realizar matrimônio, se identificassem com o drama da jovem Marianna, que não tinha liberdade para escolher com quem iria se casar.

### **3.4. O imperialismo italiano**

Na Europa da segunda metade do século XIX, possuir colônias em outros continentes agregava às metrópoles valores como poder, força e riquezas, resultantes do comércio de produtos industrializados europeus destinado ao abastecimento das colônias,

e de matérias-primas para as nações europeias. Na corrida imperialista, Inglaterra e França foram os países que conquistaram os maiores territórios, formando impérios gigantescos com colônias em todos os continentes. Outros países europeus como a Bélgica, Holanda, Portugal, Alemanha e Itália também conquistaram territórios na África e na Ásia, porém entre as nações imperiais, a Itália ocupava um lugar inferior. Para se ter uma ideia, no Congresso de Berlim, nenhuma das aspirações italianas, como receber indenização pela ocupação austríaca na Bósnia ou resolver o impasse com a França sobre a cidade de Trípoli e a colonização de Tunísia, foram atendidas e a opinião pública italiana começou a cobrar do governo uma iniciativa imperialista.

Enquanto as nações europeias já haviam iniciado a colonização intercontinental, a Itália finalizava o processo de unificação do seu território. Assim que a nova nação se estabeleceu, era necessário solucionar, o quanto antes, os problemas econômicos e demográficos e começar a investir na industrialização e na expansão imperialista. Internamente, era urgente transformar a economia agrária, cuja população extremamente empobrecida concentrava-se no campo, para uma economia industrial e exportadora. A política imperial, aos olhos do governo italiano, pressionado pela nova burguesia industrial e pela elite econômica, que desejava o enriquecimento através do aumento da produção que deveria ser vendida aos novos mercados, somado com o apoio das classes médias urbanas, encantadas com o discurso exótico que valorizava a aventura europeia em outros continentes, pareceu a melhor opção para o crescimento da nação italiana, que dessa maneira conseguiria ocupar o seu lugar entre as grandes nações do mundo.

(...) a própria fraqueza e atraso da economia italiana tornavam pouco necessárias aventuras coloniais em busca de matérias-primas, mercados consumidores ou locais onde investir capital, o qual era, aliás, muito escasso na Itália. Claro que certos setores da indústria italiana (...) apoiaram a conquista de fontes externas de petróleo ou carvão, (...). Alguns setores do empresariado italiano defendiam que o imperialismo era necessário justamente para apoiar a superação do atraso italiano diante das outras potências europeias e que ele era a única alternativa diante da falta de recursos financeiros e poder industrial para controlar outros povos indiretamente, sem o uso das armas (...) (Bertonha, 2009, 263)

A expansão colonial seria ainda uma válvula de escape para resolver os problemas econômicos, políticos e sociais resultantes do aumento da população e da industrialização da agricultura, que resultou na concentração das terras nas mãos de grandes proprietários, no desemprego e no êxodo rural.

Nesse contexto, a emigração de italianos foi interpretada como uma alternativa para a colonização, pois seria uma maneira pacífica e sem violência de expandir o território e estabelecer colônias. Nesse período, houve um debate na sociedade para descobrir qual seria o melhor modo de estabelecer colônias: a emigração pacífica ou a conquista de territórios. Para muitos políticos, a emigração foi vista como algo positivo, capaz de alavancar o país, ela traria “(...) benefício para a economia e a política externa italianas, por meio de remessas financeiras, criação de mercados para produtos italianos, manutenção de uma válvula de controle dos problemas sociais, além de criar potencial instrumento para aumentar a influência italiana no mundo.” (Bertonha, 2005, 105) Essa influência poderia servir para estabelecer províncias na bacia do Prata e em São Paulo, que receberiam o excedente populacional italiano, bem como se transformariam em potenciais mercados consumidores dos seus produtos industriais. Entretanto, o projeto não alcançou bons resultados devido tanto a ausência de apoio institucional italiano aos emigrantes nos outros continentes, como a rápida assimilação deles nas terras que escolheram para habitar. Por isso, em relação ao debate sobre qual seria a melhor forma para a Itália tornar-se uma potência imperialista, prevaleceu a tese que defendia a expansão africana através da conquista de territórios.

As iniciativas coloniais italianas começaram na região do Mar Vermelho, em 1882, com a aquisição da cidade portuária de Assab “(...) no qual foi decisivo o favor da Inglaterra, interessada em usar a Itália para conter a expansão francesa e alemã na África Oriental (...)” (Anselmi, 2009, s/p)<sup>103</sup>. Em 1885, os italianos conquistaram a cidade portuária de Massaua após a realização de um acordo com a Grã-Bretanha, formando em 1890 a colônia Eritréia. Entre 1889 e 1890, a Itália estabeleceu um protetorado no sul da Somália.

---

<sup>103</sup> “(...) in cui determinante fu il favore dell'Inghilterra, interessata ad usare l'Italia per contenere l'espansione francese e tedesca in Africa orientale (...)”

Os primeiros passos do colonialismo italiano na Eritreia eram, em muitos aspectos, semelhantes aos de outras potências coloniais. Uma empresa privada abriu o caminho, em seguida, o Estado interveio. Os colonizadores usaram chefes locais uns contra os outros. (...) Também foram similares ao padrão comum os assassinatos, a queima de aldeias africanas, o medo da rebelião africana e a repressão brutal.

Os primeiros anos do governo italiano na Eritreia também foram caracterizados por uma política agressiva de desapropriação de terras. No início da década de 1890, o governo colonial expropriou mais de cinquenta por cento da terra cultivada no planalto da Eritreia, com a intenção de promover o assentamento de camponeses italianos sem terra. O confisco de terras encontrou resistência na Eritreia. Em 1894, o chefe local Bahta Hagos liderou uma rebelião anticolonial. Os italianos esmagaram a revolta e continuaram a avançar para o interior em território etíope (...) (Barrera, 2003, 83)<sup>104</sup>

Em 1896, o general Baldassarre Orero, governador da colônia italiana de Eritreia, decidiu expandir o território italiano na África, partindo para anexação da Abissínia. Nessa ação, as tropas italianas perderam vergonhosamente para o povo etíope na batalha de Adwa, demonstrando sua fraqueza militar e envergonhando o povo italiano, pois a Itália foi o único país europeu que perdeu uma guerra para os povos africanos na tentativa de conquistar um território na região. Conforme Barrera, nesse conflito “A Itália perdeu quatro mil italianos e dois mil soldados coloniais.” (Barrera, 2003, 83)<sup>105</sup>

Estes primeiros eventos do colonialismo italiano já apresentam uma série de elementos característicos que encontramos no período subsequente de dominação fascista: incerteza e ambiguidade organizacional, superestimação das suas próprias forças, desprezo do adversário, pouco conhecimento do território, uso desproporcional da violência, a ideologia racista, abundante recurso à retórica e à mistificação. (Barrera, 2002, 21)<sup>106</sup>

<sup>104</sup> “The first steps of Italian colonialism in Eritrea were in many ways similar to those of other colonial powers. A private company opened the way, and then the state stepped in. The colonizers used local chiefs against one another. And they benefited from the ecological catastrophes of the late nineteenth century. Also similar to the usual pattern were the killings, the burning of African villages, the fear of African rebellion, and the brutal repression. The first years of Italian rule in Eritrea were also characterized by an aggressive land expropriation policy. In the early 1890s, the colonial government expropriated more than 50 percent of the cultivated land in the Eritrean highlands with the intention of promoting the settlement of landless Italians peasants. Land confiscation met Eritrean resistance. In 1894, local chief Bahta Hagos led an anticolonial rebellion. The Italians crushed the revolt and continued to advance inland into Ethiopian territory (...)”

<sup>105</sup> “Italy lost four thousand Italian and two thousand colonial soldiers.”

<sup>106</sup> “Queste prime vicende del colonialismo italiano presentano già una serie di elementi caratteristici che ritroveremo nel successivo periodo di dominazione fascista: incertezza e ambiguità organizzativa, sopravvalutazione delle proprie forze, disprezzo dell'avversario, scarsa conoscenza del territorio, uso sproporzionato della violenza, ideologia razzista, abbondante ricorso alla retorica e alla mistificazione.”

No século XX, a Itália aumentou seus territórios na África Oriental com a anexação da Líbia, em 1911, e da Abissínia, em 1936. Apesar disso, as questões imperiais não deram motivos de orgulho para o governo italiano. As regiões conquistadas ficaram praticamente inexploradas, pois não possuíam matérias-primas e produtos coloniais atrativos para a metrópole. Como resultado, todos os investimentos gastos na conquista e manutenção dos territórios coloniais não foram compensados. Quanto à emigração de italianos, as colônias africanas absorveram pouquíssimos emigrantes, pois a maioria preferiu migrar à Europa e principalmente à América.

Enquanto a prática colonial italiana não apresentava resultados positivos, o número de emigrantes italianos aumentava: “(...) foi principalmente entre 1869 e 1910 que os italianos vieram em grandes levadas para o Novo Continente: nada menos que dez milhões de italianos se dirigiram para a Argentina, Uruguai, Brasil e Estados Unidos (...)” (Pereira, 2008, 35), sem contar o número de italianos que emigraram dentro do continente europeu.

O discurso colonialista italiano difundiu a imagem do seu colonizador como mais justo, generoso, humano e brando em comparação aos colonizadores das grandes potências europeias. “É o mito dos “italianos boa gente” que começa a se estabelecer desde o início da aventura colonial (...)” (Anselmi, 2009, s/p)<sup>107</sup> e que até hoje escondeu as práticas violentas promovidas nas regiões colonizadas da África, como desde os crimes relacionados à “arrogância racial” do colonizador, até os massacres, os campos de concentração, o fuzilamento em massa, o uso de gás asfixiante e o estabelecimento, durante o fascismo, de leis racistas que promoviam a segregação dos colonizados.

O tratamento hagiográfico da história de exploradores e missionários representa apenas uma pequena parte do mais amplo “romance colonial” que no período liberal e ainda mais no fascista encantou milhões de italianos, conquistados pelas histórias, muitas vezes descaradamente fantásticas, daqueles que visitaram o “continente negro”, que exploraram os mistérios, experimentaram a adversidade e apreciaram a beleza. Um “mito da fronteira” do nosso país, que também girava em torno da necessidade, muito sentida na época, de entrar em contato de alguma maneira com mundos inexplorados,

<sup>107</sup> “È il mito degli “italiani brava gente” che comincia a imporsi sin dagli albori dell'avventura coloniale (...)”



distantes das suas próprias contingências e misérias, cheia de riquezas a serem conquistadas, de batalhas para combater, de bárbaros para civilizar e cujos estilos convergiram também nos textos didáticos do pós-guerra. (Grazia De, 2006 134-135)<sup>108</sup>

Acreditamos que Salgari, nos livros “*I Robinson Italiani*”, “O Corsário Negro” e “A rainha dos Caraíbas”, partilhou da mesma ideia do italiano brava gente, elogiando os atos pacíficos dos seus personagens italianos ao mesmo tempo que, na história do Corsário Negro, criticava os atos violentos dos colonizadores espanhóis. A postura positiva dos personagens salgarianos italianos não se limitam a essas obras. Corinne D'Angelo, no seu artigo sobre a Itália e os personagens italianos nos romances e contos de Emilio Salgari, nos mostra que o autor construiu “Uma riqueza de personagens que encarnam na íntegra o mito do 'bom italiano' trabalhador, honesto, que colhe os frutos de seu trabalho, mas que também sabe como se divertir nos momentos de lazer com os amigos.” (D'Angelo, 2006, s/p)<sup>109</sup>

Salgari, participando do debate sobre a colonização e a emigração de italianos, no livro “*I Robinson Italiani*” transmite uma posição extremamente favorável à colonização de terras desocupadas pelos italianos, mostrando aspectos positivos do estabelecimento de colônias pacíficas em outros territórios através da emigração, por isso acreditamos que Salgari não era contrário ao imperialismo. Isso se confirma quando o Corsário Negro reprime o ódio de Yara aos espanhóis. Mesmo criticando a violência da conquista espanhola, o Corsário Negro não estava disposto a mudar aquele sistema político e econômico. Em relação à Sandokan, o posicionamento anti-imperialista fica ainda mais frágil, pois o príncipe malaio, quando estava no poder, colocou em prática uma política expansionista para aumentar o seu território. A luta contra o império britânico era para se vingar do povo que interrompeu o seu reinado.

<sup>108</sup> “La trattazione agiografica della vicenda di esploratori e missionari rappresenta solo una piccola parte di quel più vasto «romanzo coloniale» che nel periodo liberale e ancor più in quello fascista appassionò milioni di italiani, conquistati dai racconti, spesso palesemente fantastici, di coloro che avevano visitato il «continente nero», ne avevano esplorato i misteri, sperimentato le avversità e apprezzato le bellezze. Un nostrano «mito della frontiera» che faceva leva anche sul bisogno, molto sentito all'epoca, di venire in contatto in qualche modo con mondi inesplorati, lontani dalle proprie contingenze e miserie, colmi di ricchezze da conquistare, di battaglie da combattere, di barbari da «civilizzare»<sup>10</sup> e i cui stilemi confluirono anche nei testi scolastici del dopoguerra.”

<sup>109</sup> “Una ricchezza di personaggi che incarnano in pieno il mito del "buon italiano", lavoratore, onesto, che gode dei frutti del proprio lavoro, ma che sa anche come divertirsi nei momenti di svago con gli amici.”

D'Angelo encontrou diferenças entre a produção jornalística e de literatura de Emilio Salgari, em relação ao seu posicionamento sobre o imperialismo italiano. O Salgari jornalista era mais passional e transparente no sentido de divulgar suas ideias,

É um Salgari que (...) aceita os riscos de um empreendimento colonial do qual é defensor convicto, seja pela adesão à política do jornal para onde escreve, seja porque, talvez e sobretudo embebecido de aventuras exóticas lidas nos livros de seus "mestres" (Verne, Cooper,...) e é, portanto, convencido de que é uma necessidade para a Itália.

Em alguns destes artigos, de fato Salgari não hesita em expressar (também em palavras muito ardentes!) uma opinião intervencionista da Itália na África, igualmente atirando contra a França, que ele acusa de querer roubar a Itália daquilo que lhe pertence e, o que é mais grave, provocando-a com sua política. (D'Angelo, 2006, s/p)<sup>110</sup>

O posicionamento político de Salgari jornalista em relação à política externa italiana se torna cada vez mais tênue nos seus romances. No lugar, Salgari começa a criticar as ações imperialistas das grandes potências europeias no mundo.

(...) ao contrário de Inglaterra e outros países, visando se estabelecer em um país para alcançar os maiores benefícios econômicos a cargo da população local, para Salgari colonizar quer dizer realmente e simplesmente chegar a uma nova terra, se estabelecer e viver em paz, desfrutando dos recursos daquele lugar, mas sem a necessidade de uma ocupação militar em todo o país, porque há espaço e recursos para todos. (D'Angelo, 2006, s/p)<sup>111</sup>

Por isso, os personagens colonizadores italianos dos romances salgarianos não exploram a população local.

---

<sup>110</sup> “É un Salgari che (...) accetta i rischi di un'impresa coloniale di cui è convinto sostenitore, vuoi per adesione alla politica del giornale per cui scrive, vuoi perché forse soprattutto imbevuto delle avventure esotiche lette sui libri dei suoi "maestri" (Verne, Cooper, ...) ed è quindi convinto che si tratti di una necessità dell'Italia. In alcuni di questi articoli, Salgari non esita infatti a esprimere (con parole anche molto infuocate!) un'opinione interventista dell'Italia in Africa scagliandosi inoltre contro la Francia, che accusa di voler derubare l'Italia di ciò che gli spetta e, quel che più grave, di prenderla in giro con la propria politica.”

<sup>111</sup> “(...) a differenza dell'Inghilterra e di altre Nazioni, miranti ad insediarsi in un Paese per trarne i maggiori benefici economici a carico delle popolazioni locali, per Salgari colonizzare vuol semplicemente ed effettivamente dire raggiungere una nuova terra, stabilircisi e vivere in pace, godendo le risorse di quel posto, ma senza bisogno di un'occupazione militare dell'intero Paese, perché vi sono spazio e risorse per tutti.”

Exatamente o que se verifica em *I Robinson Italiani*, que dão vida a uma colônia feliz e próspera.

Os italianos são sempre bons e bravos, não são conquistadores, e até mesmo uma intervenção militar pode, portanto, ter uma nova justificativa apenas para o benefício da população local: (...)

Um pensamento que certamente não parece ingênuo (...), como às vezes são alguns de seus romances, mas esta mesma ingenuidade, este respeito pelos outros, são a verdadeira riqueza de Salgari, que também nisto demonstra ser um verdadeiro italiano. (D'Angelo, 2006, s/p)<sup>112</sup>

Em relação aos livros do Corsário Negro, os quais se passam na América, restam ainda algumas considerações sobre o local da aventura. Salgari escreveu vários romances que se passam no continente americano – Maria Gabriella Dionisi (2008), no seu artigo sobre o romance salgariano “*Il tesoro del presidente del Paraguay*”, citou ao menos seis romances que se passavam na América Latina – os quais foram produzidos no mesmo período em que grande parte da população italiana migrava para a América.

Esta paixão corresponde, em parte, ao grande interesse nesses territórios para o qual, a partir da segunda metade do século XIX, um grande número de italianos se dirigiu em busca de uma vida e de um futuro melhor. O movimento centrífugo gerado pela crise econômica e pela condição precária do sul rural, pressionou [parte da população italiana] para novos horizontes, e países até então quase desconhecidos passaram a despertar interesse. A urgência de obter quaisquer informações sobre as regiões do mundo envolvidas pelo charme do desconhecido e pelo mito do Eldorado; a necessidade de conhecer os hábitos e costumes de populações ainda resistentes à colonização imposta pelos europeus desde os séculos anteriores estimularam a divulgação de relatórios e relatos de viagem. (Dionisi, 2008, s/p)<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> “Esattamente quello che si verifica ne *I Robinson Italiani*, che danno vita ad una colonia felice e prospera. Gli Italiani sono sempre buoni e bravi, non sono conquistatori e anche un intervento militare può quindi avere una giustificazione volta puramente a favore della popolazione locale: (...) Un pensiero che sicuramente ci appare ingenuo (...), come talvolta lo sono alcuni suoi romanzi, ma proprio questa ingenuità, questo rispetto per gli altri, sono la vera ricchezza di Salgari, che anche in questo si dimostra un vero *Italiano*.”

<sup>113</sup> “Tale passione corrisponde in parte al diffuso interesse per quei territori verso cui, a partire dalla seconda metà dell'Ottocento, un consistente numero di italiani si dirigeva alla ricerca di una vita e di un futuro migliore. Il movimento centrifugo generato dalla crisi economica e dalla precarietà della condizione contadina meridionale spingeva verso nuovi orizzonti, e paesi fino ad allora quasi sconosciuti salirono prepotentemente alla ribalta. L'urgenza di avere qualche informazione su regioni del mondo avvolte dal fascino dell'ignoto e dal mito dell'Eldorado; la necessità di conoscere gli usi e i costumi di popolazioni ancora renitenti alla colonizzazione imposta dagli europei fin dai secoli precedenti stimolarono la diffusione di relazioni e resoconti di viaggio.”

Atento ao contexto político internacional, Salgari transmitiu informações sobre a geografia, a natureza, os habitantes e a população nativa da América, inclusive com algumas características do romance histórico.

Durante o fascismo, alguns intelectuais fascistas argumentavam que a literatura salgariana deveria ser utilizada na educação dos jovens fascistas porque proporcionaria meios para fortalecer o nacionalismo. Conforme Tamagnone nos mostra, uma das maneiras foi destacar o sentimento contrário aos ingleses presente no ciclo “Os piratas da Malásia”. Para os fascistas, essa obra valorizava “... uma luta contra a usurpação, contra um sistema de poder, para o estabelecimento de um ‘assunto privado’, que irá se juntar à redenção de um povo.” (Tamagnone, 2011, 24)<sup>114</sup> dentre os intelectuais fascistas citados pelo autor, trazemos Giovanni Bertinetti, redator-chefe do jornal romano “*Il raduno degli artisti di tutte le arti*” do Orgão do Sindicato dos Autores e Escritores, Artistas e Musicistas, publicado em 1927, sobre Salgari:

Nenhum dos escritores deste século (...) deixou um sulco tão profundo na alma nacional. (...) Mais tarde também os romances de Emilio Salgari foram deixados de lado pelos adolescentes já crescidos, que colocaram na frente os códigos, as histórias literárias e as tabelas de logaritmos; mas quando a excitação da guerra percorreu o país, mas quando tocou a alvorada da ressurreição, todos aqueles jovens agarraram, numa explosão instantânea, a arma e correram para o fronte principalmente porque, de repente, neles foi despertado o divino filho aventureiro educado na escola de Sandokan e Yanez; foram heróis na frente do inimigo porque, sem o saber, sem talvez recordarem, Salgari os havia preparado. E mais tarde, quando os italianos vestiram a camisa negra e completaram o trabalho dos soldados, conquistando além das províncias oprimidas também a capital caída em indignidade, o primeiro, o tácito e seguro aliado de Benito Mussolini foi o próprio Emilio Salgari, romancista para crianças, mas que em todas elas fez tantos soldados, capazes de todas as mais loucas e surpreendentes audácias. No entanto, hoje é preciso prestar homenagem a este humilde falsificador de consciências, este precursor sepultado. (Tamagnone, 2011, 25)<sup>115</sup>

<sup>114</sup> “(...) una lotta contro l'usurpazione, contro un sistema di potere, per l'affermazione di una 'Questione privata' che si unisca al riscatto di un popolo.”

<sup>115</sup> “Nessuno degli scrittori di questo secolo, (...) há lasciato un solco così profondo nell'anima nazionale. (...) Più tardi anche i romanzi di Emilio Salgari vennero messi da parte dagli adolescenti cresciuti, messi davanti ai codici, alle storie letterarie, alle tavole dei logaritmi; ma quando attraverso il paese corse il brivido della guerra, quando squillò la diana della resurrezione, tutti quei giovani afferrarono in uno slancio immediato il fucile e corsero alla frontiera principalmente perché, di colpo, si era ridestato in loro il divino fanciullo avventuroso allevato alla scuola dei Sandokan e degli Yanez; furono eroi di fronte al nemico perché, senza saperlo, senza ricordarlo forse più, Salgari li aveva preparati. E più tardi, quando gli italiani vestirono la camicia nera e completarono l'opera dei soldati, conquistando oltre alle provincie oppresse anche la capitale caduta in abiezione, il primo, il tacito e sicuro alleato di Benito Mussolini fu proprio

Para Bertinetti, “(...) era Salgari a própria inspiração das ações colonialistas, em vez de um torcedor dos rebeldes revoltados, dos vingadores de direitos violados, combatendo contra os abusos (...)” (Tamagnone, 2011, 25)<sup>116</sup>. No início da guerra, ainda houve outras manifestações que associavam Salgari ao fascismo, como o prefácio, escrito por Lucio D'Ambra, de um livro sobre Emilio Salgari, publicado pelo seu filho, Omar. “(...) pode-se hoje dizer, porque poeta do espírito de iniciativa, de risco e de aventura, quase o profeta daquela vida fascista dos novos italianos que Mussolini deveria definir com um advérbio “Viver perigosamente” (...) Então Emilio Salgari é um homem de hoje, escritor fascista.” (Tamagnone, 2011, 27).<sup>117</sup> A identificação com Salgari por alguns fascistas foi tanta a ponto de pensarem em colocar o nome de Salgari em uma cidade da Etiópia.

Entretanto, essa não era a visão de todos os membros do movimento fascista. No início de 1928, os diferentes jornais do partido fascista mostraram aos leitores um posicionamento diferente em relação ao escritor italiano.

O maior entre os elogios [a Salgari] chegou depois da sua morte, da parte da jornalista fascistíssima Margherita Sarfatti que, na tentativa de denegri-lo, coloca às claras a maior qualidade salgariana, ou seja, nunca ter estado de mãos dadas com nenhum Poder, nem com moda (por exemplo, nunca escreveu livros voltados à pedagogia da moralização de De Amicis ou de Collodi). Nas palavras de Sarfatti:

“Os livros de Salgari não são heróicos: se manifestam em um baixo exotismo, não raro associado a uma espécie de satisfação baixa e mórbida de crueldade e de sanguinolência. Mas sobretudo, (...) são livros de espírito profundamente anti-fascista por duas razões fundamentais:

- 1) exaltam a revolta, a indisciplina e a desobediência às autoridades legalmente constituídas da sociedade e do Estado;
- 2) são livros anticoloniais, dos quais o protagonista é sempre um nativo, ou (e isto é ainda mais grave) um branco chefe dos nativos, piratas e bandidos em revolta contra os colonizadores. (Sanna, 2012, s/p; Tamagnone, 2011, 26)<sup>118</sup>

---

Emilio Salgari, romanziere per fanciulli, ma che di tutti quei fanciulli aveva fatto tanti soldati, capaci di tutte le più folli e stupefacenti audacie. Orbene oggi bisogna rendere omaggio a questo umile forgiatore di coscenze, a questo precursore sepolto.”

<sup>116</sup> “(...) si faceva di Salgari proprio l'ispiratore delle azioni colonialistiche, piuttosto che il sostenitore di vinti e ribelli, se, mai vendicatori di diritti violati, combattenti contro i soprusi (...)”.

<sup>117</sup> “(...) può oggi dirsi, perché poeta dello spirito d'iniziativa, di rischio e di avventura, quasi il profeta di quella vita fascista degli italiani nuovi che Mussolini doveva definire con un avverbio: “Vivere pericolosamente” (...) Quindi Emilio Salgari è uomo d'oggi, scrittore fascista.”

<sup>118</sup> “Il più grande tra gli elogi arrivò dopo la sua morte, da parte della giornalista fascistissima Margherita Sarfatti che, nel tentativo di denigrarlo, mette in luce la più grande qualità salgariana, ovvero il suo non essersene mai andato a braccetto con nessun Potere, né moda (per esempio non scrisse mai libri improntati

Como o autor possuía um posicionamento ambíguo, uma vez que construiu uma imagem extremamente positiva dos italianos nos seus heróis, também deu voz a heróis não europeus, como Sandokan e Yara. As suas obras abordaram relacionamentos inter-raciais sem críticas ou condenações. Com esses motivos fica claro como as obras salgarianas contrariam os valores fascistas.

Em relação aos estudos atuais sobre o colonialismo<sup>119</sup> italiano, o texto de Triulzi (2008), Anselmi (2009) e Labanca (s/d) destacam o grande problema do esquecimento e da manipulação da questão colonial na Itália. Por mais que o período no qual a Itália possuiu colônias fosse curto, principalmente se comparado com outros países colonialistas, isso não quer dizer que não existiram problemas decorrentes dessa colonização. A violência da conquista, a escravidão, a exploração sexual das mulheres nativas das colônias e o racismo extremamente difundido, não apenas naquele período como até a atualidade, demonstram a importância de discutir essa memória que insiste em omitir ou exaltar a participação italiana nas ações colonialistas<sup>120</sup>.

Em contraste com o acontecido com as outras nações imperiais europeias, a Itália nunca abordou a questão da participação no colonialismo mundial, evitando cuidadosamente assumir a responsabilidade dos crimes cometidos e esquecendo completamente a importância de seu papel na história passada e presente dos países que fizeram parte do império: Somália, Etiópia, Eritreia e Líbia. (Anselmi, 2009, s/p)<sup>121</sup>

---

al pedagogismo moraleggiante di De Amicis o di Collodi). Nelle parole della Sarfatti: “I libri di Salgari non sono eroici: trasudano un basso erotismo, non di rado associato a una specie di pur basso e anche morboso compiacimento del crudele e del sanguinario. Ma soprattutto (...) sono libri di spirito profondamente antifascista per due ragioni fondamentali: 1) esaltano la rivolta, l’indisciplina e la disobbedienza alle autorità legalmente costituite della società e dello Stato; 2) sono libri anticoloniali, dei quali il protagonista è sempre un indigeno, oppure (ed è è ancora più grave) un bianco capo di indigeni o pirati o banditi in rivolta contro i colonizzatori.”

<sup>119</sup> É importante deixar claro que na bibliografia italiana especializada, o colonialismo italiano refere-se ao período no qual a Itália estabeleceu colônias na África, durante o imperialismo, entre o final do século XIX e início do século XX. Como nos apoiamos nessa bibliografia, mantemos a mesma nomenclatura.

<sup>120</sup> Como a exposição de fotografia chamada 'A epopéia dos Ascaros Eritreus. Voluntários eritreus nas Forças Armadas Italianas 1889 – 1941, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores e o Estado Maior do Exército, na qual mascara a relação de domínio italiano por não usar as palavras “colonialismo”, “conquista”, “ocupação” ou “fascismo” nos painéis didáticos.

<sup>121</sup> “Diversamente da quanto avvenuto per le altre nazioni imperiali europee, l'Italia non ha mai affrontato la questione della propria partecipazione al colonialismo mondiale, evitando accuratamente di assumersi la responsabilità dei crimini commessi e dimenticando del tutto l'importanza del suo ruolo sulla storia passata e presente dei paesi che fecero parte dell'impero: Somalia, Etiopia, Eritrea e Libia.”

Alessandro Triulzi nos mostra que o silêncio em relação ao colonialismo italiano não se limita às questões historiográficas.

Na Itália, não se falava mais de colônias: o passado "imperial" do país não encontrava lugar de interesse ou atenção na mídia e nos discursos correntes, e foi minimizado, adoçado ou simplesmente extirpado nos livros de texto e nos programas escolares.

A página colonial da Itália também estava ausente da literatura italiana, como das artes, e ninguém se arrependia – depois dos excessos da literatura de propaganda e da produção da memória dos anos vinte – que os temas coloniais não eram objeto de debate ou de atenção do público. (Triulzi, 2008, s/p)<sup>122</sup>

Nesse sentido, destacamos não apenas esta pesquisa como também o trabalho de vários pesquisadores italianos<sup>123</sup> que, através da literatura de Emilio Salgari, trouxeram o debate do colonialismo e do pós-colonialismo nos estudos históricos e na literatura. Não há dúvida sobre a importância da obra de Salgari para o estudo da cultura no imperialismo, não apenas italiano, como mundial. Como já comentamos, leitores de vários países do Ocidente questionaram tanto o domínio de outros povos, como o racismo a partir da leitura de seus livros, os quais ofereciam uma visão diferenciada da política imperialista no século XIX e início do século XX.

---

<sup>122</sup> “In Italia non si è parlava più di colonie: il passato ‘imperiale’ del Paese non trovava spazi di interesse o di attenzione nei media e nei discorsi correnti, e veniva minimizzato, edulcorato o semplicemente espunto nei libri di testo e nei programmi scolastici. La pagina coloniale dell’Italia era inoltre assente dalla letteratura italiana, come dalle arti, e nessuno si rammaricava – dopo gli eccessi della letteratura di propaganda e della produzione memorialistica del ventennio – che i temi coloniali non fossero oggetto di dibattito o di attenzione nel pubblico.”

<sup>123</sup> Vários deles serviram de base para a elaboração desta tese, mas dentre eles destacamos a coletânea de artigos publicada no livro BESEGHI (1992); e o volume 5º da revista Belphegor, dedicada à Emilio Salgari.

## 4. Capítulo

### Os outros da aventura

Neste, como em outros romances do gênero, os protagonistas conviviam com outras pessoas quando estavam nos cenários de suas aventuras. Esses ‘outros’ eram os habitantes locais ou os nativos que não aceitavam o domínio europeu; eram as pessoas oriundas de outros continentes, como os negros africanos, que viviam nas vilas ou próximo das regiões portuárias; eram mulheres, europeias ou não, consideradas um *outro* na aventura, uma vez que essa era uma prática masculina.

Como o espaço da aventura é o exótico, os europeus aventureiros encontravam muitos animais. Como analisamos no terceiro capítulo, na narrativa de Salgari os animais selvagens serviam para testar a coragem dos personagens ou para promover um espetáculo aos olhos europeus, quando eles assistiam os animais caçando ou lutando pela sobrevivência. Entretanto, havia ainda outra classe de animais, aqueles adestrados para obedecer e auxiliar os personagens na pesca e na colheita de frutos e mel. Eles foram retratados por Emilio Salgari como quase “humanizados”, por isso achamos conveniente considerá-los um outro.

Havia ainda outros seres humanos que os aventureiros encontravam ao longo da história, as mulheres. Mesmo que europeias, elas não pertenciam àquele ambiente. Como a aventura era uma prática masculina, elas normalmente não faziam parte dela. Quando viajavam para as regiões colonizadas pelos europeus, elas acompanhavam suas famílias ou partiam em missões religiosas. Quando elas não eram europeias, o distanciamento aumentava. Por isso, pouquíssimos foram os personagens femininos nos romances de aventura. Nos dois tipos mais comuns, ou as mulheres possuíam vínculos familiares com os personagens, como mães, irmãs e namoradas que se casavam com os heróis após o término da aventura, ou criavam obstáculos para impedir o herói de conquistar seus objetivos.



Em relação às mulheres, Salgari distanciou-se do padrão da literatura de aventura em algumas de suas obras. Dentre os seus personagens mais queridos pelo público, estão as mulheres: jovens corajosas que escolheram viver a experiência da aventura. Ao contrário dos homens, elas não conquistaram benefícios materiais ao longo da história porque participavam da aventura para se aproximar do homem que amavam. Elas eram europeias ou oriundas dos povos vindos das colônias e seus motivos para entrar no mundo da aventura eram outros.

## 4.1. Os outros homens

### 4.1.1. Os animais humanizados

Nos primeiros dias em que os italianos passaram na ilha, no livro “*I Robinson Italiani*”, não encontraram nativos. Naquele lugar, a natureza ameaçadora estava representada pelos animais selvagens, como já analisamos no Terceiro Capítulo. À medida que os europeus dominaram a natureza e controlaram o território, alguns animais foram domesticados. O primeiro deles foi o filhote do orangotango. Logo após encontrarem o filhote rondando o corpo da mãe, morta, o Senhor Emilio Albani teve a ideia de domesticar o animal: “– Acredito que ele poderia ser útil Enrico.’ – Aquele macaquinho?’ –Faremos dele um servo hábil e robusto.” (RI, 148)<sup>124</sup> Albani explicou aos meninos que esses animais mudavam o comportamento após aprisionados: “– No cativeiro, parece que eles perdem os seus instintos selvagens. Aquele orangotango, com a sua força extraordinária, nos fará grandes serviços.” (RI, 149)<sup>125</sup>

Alguns dias depois, Enrico e o Pequeno Tonno avistaram um grupo de dez ou doze macacos que iam para a praia. “Eles avançavam em fila indiana, com uma seriedade ridícula, em silêncio. Desceram a costa, alinharam-se às rochas e começaram a testar a

<sup>124</sup> “Penso che potrebbe esserci utile, Enrico.’ ‘Quello scimmiotto!...’ ‘Faremo di lui un valente e robusto servitore.”

<sup>125</sup> “In schiavitù pare che perdano i loro istinti feroci. Quel mias, col suo vigore straordinario, ci potrà rendere dei grandi servigi.”

água com muito cuidado.” (RI, 154)<sup>126</sup> Em seguida, com a cauda, começaram a pescar caranguejos entre as pedras da praia. Dois deles ficaram com a cauda presa por grandes caranguejos e se machucaram muito. Os jovens resolveram ajudá-los, levando-os à cabana, enquanto os outros macacos fugiram amedrontados. “– Outros servos? ’ Perguntou o veneziano (...) ’– Ao que parece, vocês querem ser servidos de todo jeito.’ ’– Não, senhor,’ disse o marinheiro, rindo. ’– Conduzimos dois pescadores que procuram deliciosos caranguejos.” (RI, 157-8)<sup>127</sup> Assim que tiveram oportunidade, os dois macacos tentaram fugir,

... mas Sciancatello (o nome dado ao orangotango), como um bom guardião, foi rápido em agarrá-los pelo rabo e puxá-los para baixo, anunciando sua ira iminente com grunhidos surdos e então, para fazê-los entender que deviam obediência, deu, em cada um, um pontapé de modo magistral, a ponto de fazê-los darem duas piruetas no ar.

‘Bravo Sciancatello! ...’ Gritaram os dois marinheiros, se partindo em risos.

‘Com esse professor, eles se tornarão dóceis bem rápido’, disse o veneziano.

‘Acredita nisso senhor?’, perguntou o marinheiro.

‘Eu tenho certeza, e conto muito com a docilidade deles para realizar a planejada expedição para o topo da montanha. (...) pretendo levá-los conosco e confiar-lhes uma parte de nossa bagagem. (...) Os nossos macacos nos acompanharão como carregadores. (RI, 159-60)<sup>128</sup>

Enrico e o Pequeno Tonno gostaram da ideia e começaram a planejar o que ensinariam aos macacos:

‘Então eu vou ensiná-los cozinhar, senhor’, disse o mozzo.

‘Para comer mais pelo da cauda que sopa!’ exclamou o marinheiro. ‘Não, eu não gosto de semelhantes ajudantes. Ao invés disso vou ensiná-los a coletar madeira seca para o fogo.’

‘E a ir até a fonte para buscar água.’

(...) ‘Ah, que belos servos!... Sr. Albani, eu lhe garanto que quando atracamos

<sup>126</sup> ‘S'avanzavano in fila indiana, con una gravità ridicola, in silenzio. Scesero la sponda, si schierarono sugli scogli e si misero ad esaminare l'acqua con grande attenzione.’

<sup>127</sup> “‘Altri servi?’ chiese il veneziano (...). ‘A quanto pare, volete farvi servire per bene.’ ‘No, signore’, disse il marinaio, ridendo. ‘Conduciamo due pescatori, che ci procureranno dei deliziosi granchi.’”

<sup>128</sup> “... ma Sciancatello, da bravo guardiano, fu lesto ad afferrarle per la coda e a tirarle giù, annunciando la sua imminente collera con sordi grugniti; poi, per far loro capire che gli dovevano obbedienza, somministrò a ciascuna un calcio così magistrale, da farle piroettare due volte in aria. ‘Bravo Sciancatello!...’ gridarono i due marinai, schiattando dalle risa. ‘Con tale maestro diventeranno docili ben presto’, disse il veneziano. ‘Lo credete, signore?’ chiese il marinaio. ‘Ne sono certo, e conto molto sulla loro docilità per intraprendere la progettata spedizione sulla cima di quel monte. (...) intendo di condurle con noi e di affidare loro una parte del nostro bagaglio. (...) Le nostre scimmie ci seguiranno come portatori.’

nessa ilha, não esperava poder ter servos, assim como o pão e muitas coisas úteis que o senhor adquiriu para nós.' (RI, 160)<sup>129</sup>

Vinte e cinco dias depois que os italianos chegaram à ilha, realizaram "... uma expedição nos seus domínios..." (RI, 157-8)<sup>130</sup> para "... formarem uma ideia mais ou menos exata da posseção." (RI, 158)<sup>131</sup> Para a realização da expedição, a presença dos animais foi fundamental a ponto deles só realizarem o projeto, desde o início desejado, após a domesticação do orangotango e dos macacos. Aliás, desde o início os dois macacos demoraram a aceitar o seu novo destino. O orangotango assumiu o papel de guardião dos dois animais menores e mais de uma vez os machucou para que abandonassem o projeto de fuga. Na expedição,

Os dois macacos os seguiam carregando nas suas bolsas o pote, alguns pratos redondos e garfos; Sciancatello, já mais forte, levava a tenda e uma parte do pão. Antes os dois macacos mostraram-se recalcitrantes (teimosos, rebeldes e desobedientes) para carregar a sua parte da bagagem, mas o orangotango, que estava armado com um porrete, os domou bem rápido, então eles marchavam sob a vigilância do orangotango, que estava pronto para bater nos seus ombros como em uma peça de música que arranca gritos de dor. (RI, 164)<sup>132</sup>

O orangotango também tinha outras funções, como coletar frutas e mel: "Os náufragos não perdiam a oportunidade para coletar as melhores frutas. Disso se encarregava Sciancatello (o orangotango), o qual se prestava ao serviço com a maior graciosidade do mundo, subindo nos picos mais altos das árvores para colher as frutas maiores e mais maduras." (RI, 168-9)<sup>133</sup>; e proteger os italianos dos ataques dos outros

<sup>129</sup> 'Allora insegnerò loro a fare di cucina, signore', disse il mozzo. 'Per mangiare più peli di coda che zuppa!' esclamò il marinaio. 'No, non voglio simili aiutanti. Piuttosto insegnerò loro a raccogliere legna secca pel fuoco.' 'E a recarsi alla fontana a prendere acqua.' (...) 'Ah, che bei servi!... Signor Albani, vi assicuro che quando sono sbarcato su quest'isola non speravo di poter avere anche dei servi, oltre il pane e le tante cose utili da voi procurateci.'

<sup>130</sup> '... una esplorazione del loro dominio...'

<sup>131</sup> '... formarsi un'idea più o meno esatta della possessione.'

<sup>132</sup> Le due scimmie li seguivano portando nei loro sacchi la pentola, alcuni tondi, le forchette; e lo Sciancatello, già robusto, portava la tenda e una parte di pane. Le due scimmie dapprima si erano mostrate ricalcitranti a portare la loro parte di bagaglio, ma l'orangoutan, che si era armato d'un randello, le aveva ben presto domate, e ora esse marciavano sotto la vigilanza di lui, che era pronto a battere sulle loro spalle un pezzo musicale, da far strappare urla di dolore.

<sup>133</sup> I naufraghi. non si lasciavano sfuggire quelle occasioni per fare ampia raccolta delle frutta migliori. Di ciò s'incaricava lo Sciancatello, il quale si prestava colla miglior grazia del mondo, inerpicandosi sulle cime più alte delle piante, per cogliere le frutta più grosse e più mature.

animais. Quando o orangotango foi subir na árvore para pegar mel, ele ouviu algum ruído e parou um pouco, levando o porrete consigo. Enquanto subia, o animal gritava e sacudia a árvore com muita raiva.

Foram ouvidos grunhidos do topo, em seguida uma massa negra foi vista descer ao longo do tronco. 'A besta!' Gritou o Mozzo. Sciancatello, mirando no animal, lançou-lhe uma boa surra, tão terrível, que provocou um grito, em seguida com um chute, tentou atirar; mas a besta, segurando forte no tronco, manteve-se firme. No entanto, pouco tempo depois o viram deslizar para baixo ao longo da árvore com grande rapidez, e depois cair no chão por causa do último e mais furioso golpe do orangotango. (RI, 175)<sup>134</sup>

O animal, com o tamanho de um cachorro e os pelos negros e longos, era um pequeno urso que queria proteger o mel do orangotango.

Assim que se encontrou no chão, ele não tentou enfrentar os homens, mas sim correr para a floresta; mas Sr. Albani, que sabia a espécie de animal que se encontrava, com quatro golpes de porrete o fez cair no chão, em seguida tirou rapidamente uma corda e a amarrou no pescoço dizendo: 'Lentamente, meu querido, nós temos um cercado na nossa cabana e você vai ficar bem.' Naquele momento, eles ainda ouviram o orangotango agitar furiosamente a árvore e emitir gritos de raiva, em seguida ouviram uma batida que parecia um tremenda surra. Outro animal, semelhante ao primeiro, descia da árvore vertiginosamente e veio a cair quase ao pé do marinheiro. Este achou bem imitar o veneziano: com dois golpes de porrete surpreendeu o perturbador das abelhas, em seguida o amarrou com firmeza, auxiliado pelo Mozzo. 'Muito bem, meus amigos', disse Albani. 'Um macho e uma fêmea!... Eles darão cria e em poucos meses nós também teremos excelente carne.' (RI, 176-7)<sup>135</sup>

Nas expedições que os exploradores e os naturalistas realizavam nas colônias da América, África e Ásia, sempre contavam com a ajuda dos nativos. Eles os auxiliavam a

<sup>134</sup> In alto si udirono dei grugniti, poi si vide una massa nera scendere lungo il tronco. 'Una bestia!' urlò il mozzo. Lo Sciancatello, vedendosi a tiro quell'animale, gli appioppò una legnata così tremenda da strappargli un urlo, poi con un calcio cercò di precipitarlo giù; ma l'altro, che stringeva forte il tronco, tenne duro. Lo si vide però poco dopo lasciarsi scivolare lungo l'albero com grande rapidità, quindi piombare a terra a causa d'un'ultima e più furiosa scossa dell'orang.

<sup>135</sup> Appena trovatosi a terra, non cercò di far fronte agli uomini, ma di darsela a gambe nel bosco; il signor Albani però, che sapeva con che specie d'animale aveva a che fare, con quattro colpi di randello lo fece cadere al suolo, poi, levata rapidamente una fune, gliela legò al collo, dicendo: 'Adagio, mio caro; abbiamo un recinto nella nostra capanna e vi starai benone.' In quell'istante si udì l'orang scrollare ancora furiosamente l'albero ed emettere grida di rabbia, poi si udì un colpo sordo che parve una tremenda bastonata. Un altro animale, simile al primo, scendeva precipitosamente lungo l'albero e venne a cadere quasi ai piedi del marinaio. Questi credette bene d'imitare il veneziano: con due colpi di randello stordì il disturbatore delle api, quindi lo legò solidamente, aiutato dal mozzo. 'Bravi, amici', disse Albani. 'Un maschio e una femmina!... Faranno razza e fra pochi mesi avremo anche noi della carne eccellente.'

carregar as bagagens, a colher os frutos, a caçar os animais que serviriam para o alimento e os protegiam dos animais selvagens. Nem sempre os nativos aceitavam as ordens dos homens brancos de bom grado, por isso, havia aqueles que ainda ajudavam os homens brancos a dominar os nativos rebeldes, nem que para isso usassem práticas violentas. Marcia Miyuki Iwai, a partir da afirmativa de Mary Louise Pratt sobre o fato do grupo que realiza a expedição ser um microcosmo das relações coloniais, na sua dissertação sobre o romance de aventura inglês, nos lembra que

Diante de um mestre rico, aristocrata ou cientista, branco e europeu, o servo é geralmente um proletário, pobre, ou um colonizado, africano ou americano, ex-escravo, negro ou índio, que está do outro lado das fronteiras racial e social. São leais, nobres de coração, mas sempre lhes falta algo: ou são supersticiosos e pouco racionais, menos inteligentes, mais simplórios ou menos valentes e mais covardes. São, portanto, inferiores a seus chefes. (Iwai, 2010, 40-41)

Na história do livro *I Robinson Italiani*, não havia nativos nas ilhas. Para substituí-los nessas funções, através de uma metáfora, Salgari domesticou e humanizou três primatas quando deu a eles ações humanas. Ao orangotango, maior e mais forte, coube o papel de carregador de bagagens pesadas, protetor de animais durante as expedições e vigia dos dois macacos. A função de vigia ficou clara quando ele machucou os dois animais menores para que aprendessem a obedecê-lo. Para tanto, os italianos chegaram ao ponto de dar uma arma ao orangotango – um porrete, utilizado também para caçar os pequenos ursos na floresta. Já os macacos, depois de sofrerem a violência do orangotango, aceitaram a condição de servos e passaram a trabalhar para os homens brancos em diferentes funções: recolhiam frutos e mel, cuidavam da criação dos outros animais, pegavam água potável e lenha para o fogo e pescavam.

A ideia de utilizar primeiro o orangotango e depois os macacos como servos partiu do senhor Albani e ganhou o apoio dos jovens, que ficaram extremamente alegres com essa possibilidade. Afinal, de náufragos em uma ilha deserta, ao longo da história os jovens tornaram-se proprietários de uma colônia próspera, passaram a viver com conforto e conseguiram servos para realizar o serviço pesado. Como tinham o orangotango para servir de guarda, não chegaram a praticar a violência para obrigar os dois macacos a

trabalhar. Dessa maneira, eles não seriam responsabilizados pelos atos praticados pelo seu guarda. Ele bateu nos macacos de livre e espontânea vontade. Entretanto, os risos após os chutes demonstraram o apoio à repressão. Destacamos ainda a atitude de Albani e de Enrico quando capturaram os ursos. Os dois bateram nos animais até deixá-los atordoados para, em seguida, amarrá-los e levá-los até uma gaiola. A violência dos dois personagens nos impressiona e nos faz compreender a crítica que educadores e religiosos faziam às obras de Salgari.

No que se refere ao comportamento dos jovens italianos em relação à violência com os animais, ao mesmo tempo em que garantiria sua domesticação, ela divertia os dois jovens. Por isso, consideramos importante tecer algumas considerações sobre a relação dos adolescentes com os animais na sociedade anglo europeia do século XIX. Conforme nos mostra Kara Gestrost (2008) na sua pesquisa sobre os ritos de passagens presentes na literatura de aventura britânica e germânica, as representações de animais eram uma maneira de instruir os jovens, demonstrando como eles deveriam se relacionar com o outro (tanto seres humanos como animais) oriundo de lugares exóticos e selvagens.

Segundo Gestrost, os educadores do final do século XIX consideravam que os meninos possuíam temperamento violento e por isso seu comportamento se parecia com o dos animais. A educação moral e a escolar seriam responsáveis por torná-los homens civilizados. Como a literatura infantojuvenil já era considerada uma ferramenta de aprendizagem, ela auxiliava a ensinar aos meninos valores civilizacionais e a conterem os seus instintos violentos, que deveria ser canalizado para o trato com os animais. Nesse sentido, a relação dos adolescentes com os animais iniciaria com a classificação dos animais como selvagens ou domesticáveis. Se os animais fossem selvagens, eles deveriam caçá-los; caso fosse possível domesticá-los, era importante fazê-lo porque eles poderiam facilitar a sua sobrevivência.

Em relação à caça, a literatura de aventura ensinaria os meninos a enfrentar os perigos com calma e controle, e canalizaria seus instintos violentos aos animais selvagens. Por isso, a caça de animais selvagens<sup>136</sup> tornou-se um rito de passagem para os

---

<sup>136</sup> Um dos pontos mais interessantes dessa dissertação refere-se à violência praticada contra os animais

meninos entrarem na idade adulta, pois lhes proporcionaria “(...) não só como se tornar um adulto e como dominar o ambiente, mas, por sua vez, como estender essas práticas aos nativos – em suma, como se tornar um bom colonizador.” (Getrost, 2008, 47)<sup>137</sup>. No livro dos Robinsons italianos, os meninos não caçavam mas treinaram os animais para fazê-lo. Nesse sentido, Gestrost nos mostra que a domesticação de animais era um processo importante para treinar os futuros jovens colonizadores.

Domesticar animais para o trabalho é uma parte essencial da missão colonizadora. E esta necessidade percebida é, por sua vez, o impulso para encontrar animais que são acessíveis na região, mas também treináveis. A necessidade de animais para ajudar os europeus colonizar exige que os europeus combatam suas percepções de alguns animais africanos como incontroláveis e tentar, em vez disso, treinar seus instintos "selvagens". (Getrost, 2008, 81-82)<sup>138</sup>

Os jovens italianos aprenderam bem a lição sobre o colonialismo: os animais selvagens foram caçados pelo senhor Albani e os animais mais dóceis foram domesticados, facilitando a colonização daquela ilha.

Finalmente, a humanização dos animais nessa história reforça a ideia de que os nativos das regiões colonizadas eram inferiores ao homem branco. No livro *O mundo Perdido*, analisado por Iwai, dois servos dos exploradores foram descritos como animais. “A comparação com animais cria ainda a significação de que ambos são seres relacionados à Natureza, e não à civilização. São representados como seres naturais, em oposição aos viajantes europeus, que se descrevem como racionais, civilizados, descolados da Natureza.” (Iwai, 2010, 37). No livro *I Robinson Italiani*, não havia

---

domésticos. No final do século XIX, tanto na Alemanha como na Inglaterra, os maus tratos aos animais domésticos eram práticas comuns, consideradas algo que fazia parte dos instintos selvagens dos meninos. Ao mesmo tempo, como a caça estava presente na literatura infantojuvenil, os leitores que não tinham a oportunidade de caçar animais selvagens, treinavam a caça com os animais domésticos como cachorros, gatos e pássaros. Por isso, a sociedade civil começou a organizar associações, primeiro, contra a violência aos animais domésticos e depois contra a caça de animais selvagens na África. Além disso, vários escritores infanto-juvenis escreveram romances sobre a valorização dos animais domésticos, com o objetivo de diminuir a violência contra os mesmos.

<sup>137</sup> “(...) not only how to become an adult and how to dominate the environment, but, in turn, how to extend those practices to natives – in short, how to become a good colonizer.”

<sup>138</sup> “Domesticating animals for work is an essential part of the colonizing mission. And this perceived need is in turn the impetus for finding animals that are both accessible in the region but also trainable. The need for animals to help the Europeans colonize requires that Europeans to come to grips with their perceptions of some African animals as uncontrollable and attempt instead to train their “savage” instincts.”

nativos, mas as funções usualmente ocupadas por moradores das regiões colonizadas, como auxiliar os exploradores a se alimentar nas selvas e florestas, carregar suas bagagens e protegê-los dos animais selvagens da região, foram feitas por animais. Os homens brancos, civilizados, dominaram os animais porque eram mais inteligentes e espertos. A partir dessa obra, os leitores poderiam pensar que os nativos eram praticamente iguais aos animais, uma vez que macacos e orangotango eram capazes de fazer os mesmos serviços que eles.

#### 4.1.2. Os Tagali

Nos primeiros meses que os italianos passaram na ilha, não conviveram com nenhum homem, mesmo encontrando vestígios de uma plantação, o que indicava que aquele espaço já havia sido ocupado por alguém. Os italianos chegaram a encontrar piratas na sua ilha, porém não consideramos esse episódio como um exemplo de contato com o outro, uma vez que os italianos enfrentaram homens que ameaçavam suas vidas e os seus bens, feitos com tanta dificuldade. Apenas no final do livro, os personagens conviveram com outros seres humanos. A tempestade que quase matou o senhor Emilio causou o naufrágio de outro navio, do qual sobreviveram cinco pessoas: um homem idoso, seu futuro genro, e suas três filhas, todos *Tagali*, habitantes do arquipélago das Filipinas.

Esta raça é uma das mais belas, mais empreendedoras, mais trabalhadoras, e mais fortes dos mares da China. Sua pele não é pálida como os malaaios, ou marrom, como os *bughisi*, é mais rosada. Eles têm as maçãs do rosto salientes, o formato do rosto mais triangular do que quadrado, o nariz proeminente, os olhos ligeiramente oblíquos. (RI, 465)<sup>139</sup>

Enquanto se alimentavam, o senhor mais velho explicou ao senhor Albani e ao Pequeno Tonno que ele era o comandante de uma pequena ilha e que aquelas meninas

<sup>139</sup> “Questa razza è una delle più belle, delle più intraprendenti, delle più industriose e delle più gagliarde dei mari della Cina. La loro carnagione non è olivastrea come quella dei malesi, né bruna come quella dei bughisi, ma rossastra. Hanno zigomi sporgenti, il contorno del viso più romboidale che quadrato, il naso prominente, gli occhi lievemente oblinqui.”



eram suas filhas. Ele viajava com o noivo da sua filha mais nova para conhecer as terras do jovem.

O jovem não tinha mais de vinte e cinco anos de idade, e o velho se aproximava dos sessenta anos. Ambos eram altos e magros, mas o primeiro tinha as características faciais um pouco diferentes daquela dos Tagali e até mesmo sua pele era pálida, quase cinza. Ambos estavam vestidos com linho, mas com a camisa esvoaçante para fora da calça, de acordo com o costume de seu país. (RI, 465-6) <sup>140</sup>

Os italianos decidiram convidar os tagali para juntarem-se a eles. Albani, entretanto, faz apenas um pedido: “Se quiserem, farão parte da nossa família, da família dos 'Robinson' italianos, mas com uma condição: que devam obediência, e que trabalhem iguais a nós pelo bem de todos.” (RI, 467-8) <sup>141</sup>

Comovido, o pai das meninas aceitou o convite, deixando claro que lhes devia a vida: “A vós devemos a nossa existência, então disponha inteiramente de mim, das minhas filhas e do meu futuro genro: se o senhor quiser, seremos os vossos servos e escravos.” (RI, 467-8) <sup>142</sup>

Albani não aceitou a oferta. “Não, não há servos nem escravos na terra dos 'Robinson' italianos. (...) Vocês serão os nossos companheiros, como irmãos, porque como nós, vocês são náufragos, e aqui eu não quero que existam distinções.” (RI, 468) <sup>143</sup>

A atitude do senhor Tagali, de oferecer sua vida e de sua família como servos dos homens que os salvaram do naufrágio remetem à história de Defoe, na atitude de gratidão de Sexta-feira, salvo por Robinson Crusóé dos canibais que iriam devorá-lo. O personagem nativo de Defoe decidiu por livre e espontânea vontade tornar-se servo de seu mestre, como recompensa por ele ter-lhe salvo a vida. Ao aceitar a condição servil, oferecida pelo nativo em gratidão, Crusóé o inseriu na sua réplica do sistema colonial,

<sup>140</sup> “Il giovinotto non aveva più di venticinque anni, e il vecchio doveva toccare la sessantina. Erano entrambi di alta statura, snelli, ma il primo aveva i tratti del volto un po' diversi da quelli dei tagali e anche la sua carnagione era più terrea, quasi grigiastra. Erano entrambi vestiti di tela ma colla camicia svolazzante fuori dai calzoni, secondo l'uso del loro paese.”

<sup>141</sup> “Se vorrete, farete parte della nostra famiglia, della famiglia dei "Robinson" italiani, ma ad una condizione: che ci dobbiate obbedienza, e che al pari di noi lavoriate pel benessere di tutti.”

<sup>142</sup> “A voi dobbiamo la nostra esistenza, quindi disponete interamente di me, delle mie figlie e del mio futuro genro: noi, se lo vorrete, saremo vostri servi o schiavi.”

<sup>143</sup> “No, né servi né schiavi sulla terra dei "Robinson" italiani,” (...) “Voi sarete nostri compagni, anzi fratelli, poiché come noi siete naufraghi, e qui non voglio che esistano distinzioni.”

aproveitando o trabalho gratuito e sem resistência do nativo na transformação da sua ilha em algo rentável.

Ao contrário de *Crusoé*, os italianos não encontraram nativos, mas sim pessoas oriundas de uma raça dos mares da China, cuja característica destacava o fato de serem empreendedores e trabalhadores. O senhor mais velho do grupo, inclusive, era o comandante da pequena ilha onde morava e seu genro possuía terras. Ao contrário de *Sexta-feira*, esses personagens já conheciam a língua do europeu, mas não tiveram grandes falas e atitudes importantes para a história, chegando ao ponto de nem serem nomeados pelo autor, por isso acreditamos que esses personagens se parecem mais com figurinistas, pois sua função é servir para mostrar o caráter do personagem principal, o senhor Albani, e dos secundários, os jovens italianos. O senhor Albani, se diferenciando de *Crusoé*, não aceitou oferta e considerou todos os náufragos como iguais. Nesse sentido, há um contraponto entre a história de Defoe e de Salgari; na versão italiana não há espaço para relações de servidão. Porém, não podemos esquecer de que a única exigência feita aos tagali era a obediência. Como ficaria, então a igualdade proposta pelo Senhor Emilio se o único pré-requisito era obedecer?

Logo após ter determinado qual era o dever dos tagali, Albani foi declarado governador daquela colônia. Porém, apenas os três jovens italianos escolheram o Senhor Emilio Albani para o cargo. Mais uma vez não ficou clara qual era a “igualdade” proposta por Albani, pois os tagali não tiveram a oportunidade de opinar quem deveria governar a ilha. Nesse sentido, questionamo-nos sobre a igualdade na colônia italiana: de que forma os tagali eram iguais se a única obrigação imposta a eles era a obediência?

Como Iwai nos mostra, “A não-individualização, a coletivização na descrição de atributos, o uso de estereótipos generalizantes, a ausência de voz com que são construídas essas personagens, e o discurso de autoridade e certeza do narrador ao descrevê-los são fatores em que a redução do Outro se baseia.” (Iwai, 2010, 35). Os tagali foram diminuídos pelo narrador, que não os nomeou e nem lhes deu uma participação maior ao longo da obra, limitando suas falas às interações com os italianos. Eles também foram diminuídos na narrativa devido à autoridade que o senhor Albani passou a exercer sobre eles no momento em que exigiu a obediência. Mesmo que Salgari tenha utilizado

qualidades positivas na descrição das características físicas através de estereótipos positivos, os tagali representam o lugar reduzido que o outro, o não europeu, possui no romance de aventura.

#### 4.1.3. Os indígenas

Nos dois livros sobre as aventuras do Corsário Negro os indígenas tiveram um lugar menor. Da mesma maneira que os animais selvagens, os indígenas participaram da narrativa como um obstáculo dentre tantos que o herói deveria superar na busca por Wan Guld. Por isso, o autor não se preocupou em detalhar as características desses personagens. Como em um bloco, eles tiveram pouquíssimas falas e foram descritos no plural. As representações dos indígenas nessas histórias reportavam-se ao imaginário europeu dos nativos da América, vinculado desde a conquista daquele continente: ou eram povos simples e ingênuos, sem os valores morais negativos da sociedade europeia, ou eram perversos e perigosos, representação essa associada ao canibalismo.

No primeiro romance, o Corsário Negro, seus flibusteiros, Moko e um soldado espanhol que o Corsário poupou a vida, estavam na floresta em busca de Wan Guld, quando ouviram um assobio estranho, diferente de qualquer som emitido pelos animais que Moko ou o espanhol conheciam. O espanhol suspeitou de indígenas.

- Indígenas livres ou seus aliados? – perguntou o Corsário, contraindo a testa. Estão indo atrás do governador. (...)
- Bah!... Se forem indígenas, podemos fugir com facilidade.
- São muito perigosos na floresta virgem, talvez mais do que os brancos. É muito difícil evitar as emboscadas que eles prepararam. (...)
- Então vamos conhecer os indígenas deste país – disse Carmaux. – Com certeza não devem ser mais bonitos nem mais feios do que os outros.
- Tome cuidado, cavalheiro – disse o catalão, – os homens vermelhos da Venezuela são antropófagos e ficariam muito felizes se pudessem assar o senhor.
- Com mil peixes-cães!... Wan Stiller, meu amigo, vamos defender da melhor forma possível as nossas costas. (CN, 222)

Os indígenas ocupam o centro do vigésimo quinto, do vigésimo sexto e do vigésimo sétimo capítulos do livro: “Os antropófagos da floresta virgem”; “A emboscada

dos Arawakos” e “Entre as flechas e as garras”. Tanto a apresentação dos indígenas quanto o nome dos capítulos já deixa claro que eles são perigosos e selvagens, pois praticam o pior mal de todos: a antropofagia.

Conforme os personagens caminhavam na mata fechada, ficava mais difícil perceber onde estavam os indígenas. “A floresta tinha se tornado escura e selvagem. Um verdadeiro caos de árvores, de folhas gigantescas, de lianas e de raízes monstruosas se oferecia aos olhos dos flibusteiros em grande confusão, pois os raios de sol não conseguiam penetrar na densa abóboda de vegetação.” (CN, 224) Nesse momento, foram atacados por flechas. O soldado espanhol avisou do perigo delas para todos: “As flechas dos caribenhos podem estar envenenadas. (...) Eles [os caribenhos] costumam fazer isso, da mesma forma que os selvagens do Orenoco e do Amazonas.” (CN, 225)

Por mais que os homens tentassem fugir, tinham caído na armadilha dos indígenas. O catalão os avisou que o pajé da tribo se aproximava. Os flibusteiros, desconfiados, esperaram com os fuzis na mão.

Um indígena tinha saído de uma daquelas matas fechadas e se aproximava deles, seguido por dois tocadores de flauta.

Era um homem já de certa idade, estatura média, como, aliás, são quase todos os indígenas da Venezuela, com ombros largos, músculos fortes e a pele de um amarelo-vermelhado, talvez um pouco escurecida pelo hábito que têm aqueles selvagens de esfregar o corpo em uma pasta de óleo de peixe ou de coco e urucum, para se proteger das picadas infernais dos pernilongos.

O rosto dele, redondo e franco, com uma expressão mais melancólica do que feroz, não tinha barba, pois eles tinham o costume de arrancá-la, enquanto a cabeça estava coberta por uma longa cabeleira, muito escura, com reflexo azul-escuro.

Como pajé da tribo, além de uma espécie de saiote de algodão azul, trazia nos ombros uma enorme quantidade de ornamentos, colares de conchas, anéis de espinhas de peixe pacientemente trabalhadas, braceletes de osso, de garras e dentes de jaguares e de pumas, bicos de tucanos, pedaços de cristais-de-rocha e pulseiras de ouro maciço. Na cabeça tinha um diadema de longas penas de araras-de-barriga-amarela, de papagaios e de faisões do rio, e uma espinha de peixe de sete ou oito centímetros que atravessava o septo nasal, perfurado para esta finalidade.

Os outros dois também estavam usando o saiote e enfeites, mas em menor quantidade e, em vez dos longos arcos de pau-ferro, traziam um maço de flechas com pontas de osso ou de sílex e a hutu, uma maça assustadora, de mais de um metro de comprimento, achatada, com arestas levantadas e pintadas com quadrados de cores muito vivas. (CN, 227-8)

Já percebemos uma diferença com o negro Moko, analisado mais adiante. Os indígenas, por mais exóticos e perigosos que fossem, possuíam “uma expressão mais melancólica que feroz”. Já Moko, o negro africano, possuía “... uma expressão bondosa, ingênua, infantil, sem o menor vestígio daquela aparência feroz que se encontra em muitas raças africanas.” (CN, 31) Salgari aqui reproduz o imaginário no qual o indígena, por mais perigoso que fosse (eles eram antropófagos), não eram ameaçadores e violentos como os homens negros africanos.

O pajé da tribo dos Arawakos deixou claro aos homens que eles não tinham permissão para invadir as florestas de sua tribo. O Corsário e o espanhol tentaram explicar em vão ao pajé sua busca por outro homem branco, e por esta razão o fato de não serem perigosos para os indígenas.

- A amizade dos homens brancos não é feita para os Arawakos, porque já foi fatal para os peles-vermelhas da costa. Estas selvas são nossas; por isso, voltem ao lugar de onde vieram ou vamos comer todos vocês.
- Com os diabos – exclamou Carmaux. – Estão falando em nos pôr em cima de uma grelha, se eu entendi direito.
- Nós não pertencemos à mesma raça de homens brancos que conquistou a costa e reduziu os caribenhos a simples escravos. Ao contrário, somos inimigos deles e estamos atravessando estas florestas para perseguir alguns desses homens, que fugiram – disse o Corsário Negro aparecendo.
- Você é o chefe? – perguntou o pajé.
- Sou, sou o chefe dos homens brancos que me acompanham.
- E vocês estão perseguindo outros homens brancos?
- Estamos. Para matá-los. Eles passaram por aqui?
- Passaram. Foram vistos, mas não vão muito longe, porque vamos comê-los.
- E eu vou ajudar você a matá-los.
- Então você os odeia? – perguntou o pajé.
- São meus inimigos.
- Podem ir matá-los na costa, se quiserem, mas não no território dos Arawakos. Homens brancos, voltem ou faremos a guerra contra vocês.
- Mas eu já disse que não somos inimigos dos peles-vermelhas. Nós vamos respeitar a sua tribo, as suas cabanas e as suas colheitas.
- Homens brancos, voltem – repetiu o pajé com mais força.
- Escute mais um pouco.
- Eu já disse: voltem ou vamos combater e comer vocês. (CN, 229)

Como não houve diálogo com os indígenas, e o Corsário estava decidido a passar pelo território dos Arawakos para não se distanciar de Wan Guld, a guerra foi declarada. Porém “O Corsário impediu que seus homens atirassem neles, não querendo ser o

primeiro a provocar a luta, mas avançou com bravura pela selva, pronto para rechaçar o ataque das hordas dos Arawakos.” (CN, 230)

Naquela mesma noite, o Corsário e seus homens ouviram tiros de fuzil e gritos dos indígenas. Eles haviam lutado com Wan Guld e seus soldados. O Corsário decidiu ir até a tribo verificar se eles tinham realmente matado Wan Guld.

Parecia que a batalha tinha acabado e a tribo estava acampada em algum canto escuro da imensa floresta, talvez para festejar a vitória ou para se reunir em algum banquete monstruoso, já que, naquela época, os indígenas da Venezuela, e principalmente os caribenhos e os Arawakos, tinham o costume de devorar os prisioneiros e até os inimigos mortos no combate. (CN, 236)

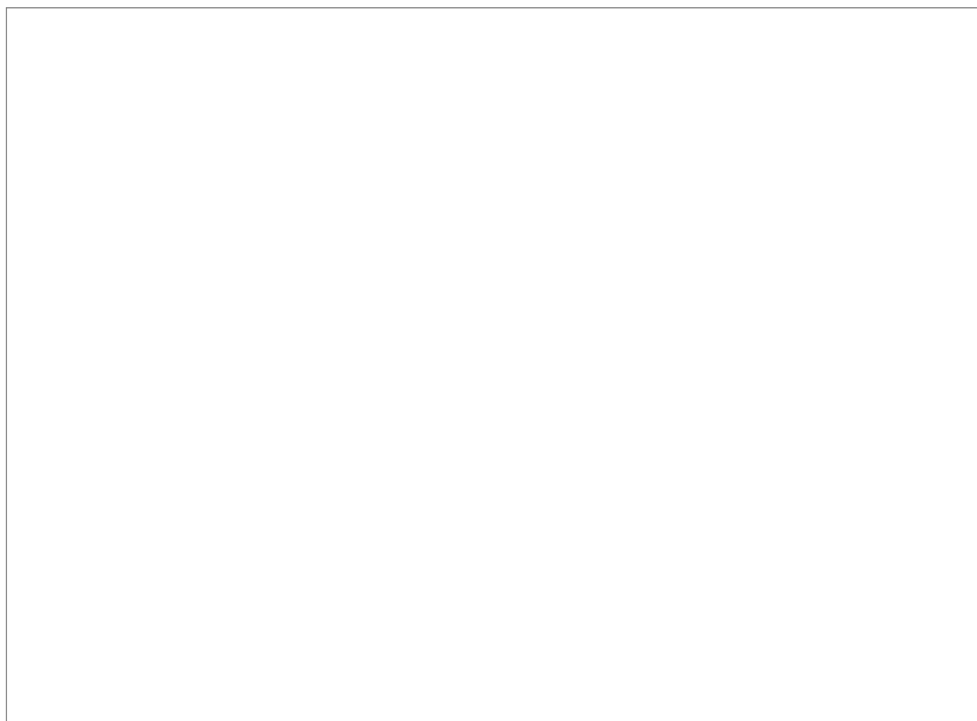
Quando eles se aproximaram da tribo, viram os indígenas em festa, acampados em volta de uma enorme fogueira, cozinhando algo.

(...) uma cena medonha se ofereceu aos olhos deles.  
 Duas dúzias de Arawakos sentados em volta de um braseiro gigantesco esperavam com ansiedade o momento de se empanturrar a mais não poder com um assado que estava acabando de ser cozido enfiado em um espeto muito longo. Se se tratasse de um enorme pedaço de caça, de uma anta inteira, ou de um jaguar, os flibusteiros com certeza não teriam ficado preocupados, mas aquele assado consistia de dois cadáveres humanos, dois homens brancos, provavelmente dois espanhóis da escolta de Wan Guld.  
 Os dois infelizes que estavam prestes a ser absorvidos nos estômagos daqueles selvagens abomináveis já estavam dourados, e as camisas começavam a crepitar, exalando em torno um odor enjoativo que fazia as narinas dos monstruosos comensais se dilatarem.  
 – Por todos os raios do inferno!... – exclamou Carmaux, ficando arrepiado. – Parece impossível que existam pessoas que se alimentem de seus semelhantes. Puah!... Isso é animalesco! (CN, 240)

O Corsário não conseguiu ficar indiferente a situação. Ele se dirigiu ao soldado que conhecia aqueles espanhóis “– Você quer arrancá-los das mãos e fazer um sepultamento honrado?”(CN, 240) Todos concordaram, planejando como fariam para resgatar aqueles corpos. “– Eu vou acabar com aquele gigante que está jogando ervas aromáticas no assado – respondeu Carmaux.’ – E eu – disse o hamburguês –, vou despedaçar a cabeça daquele que está segurando uma espécie de forquilha que serve para girar o assado.” (CN, 241) No ataque, os piratas conseguiram matar dois indígenas e os outros fugiram. Eles retiraram os cadáveres da fogueira e arrastaram até a floresta quando

os outros indígenas voltaram. Eles não puderam enterrá-los como gostariam, mas esconderam os corpos e evitaram uma ação terrível.

Figura 08



Preparo de carne humana em episódio canibal. Gravura em cobre. Ilustração do relato das viagens de Hans Staden ao Brasil. Theodore De Bry em *Americae*. Tertia pars. 3º volume de *Grands Voyages*, Frankfurt, 1592.

Salgari utiliza nessa narrativa uma das imagens clássicas em relação aos habitantes da América, o canibalismo. Um dos primeiros relatos sobre esse assunto, segundo Pedro Fonseca (s/d), foi feito por Cristóvão Colombo. Em uma de suas cartas, escritas na segunda viagem, “... Colombo inicia uma distinção entre bons e maus índios, reservando a estes últimos o nome de canibais (...), apesar de na altura não ter ainda visto nenhum deles e não ter-se sabido como chegou precisamente a tal informação.” (Fonseca, s/d, 65). Entretanto, foram outros relatos sobre o canibalismo que ficaram mais conhecidos, como os de Américo Vespúcio e Hans Staden. Esses relatos descreviam os nativos americanos preparando e se alimentando de carne humana, assada em grandes fogueiras, em banquetes que reuniam homens, mulheres e crianças. As ilustrações sobre

esse tema, feitas por Theodore De Bry para a série de livros chamada *Grands Voyages*, publicada a partir de 1590, tornaram-se extremamente conhecidas. A imagem abaixo (Figura 08) foi feita a partir dos relatos das viagens de Hans Staden.

É interessante notar algumas semelhanças entre a descrição do narrador do livro “O Corsário Negro” e a figura 08. Na descrição do livro, os indígenas estavam reunidos em volta de uma fogueira, esperando a carne humana ficar pronta para se alimentarem. A única diferença entre o quadro e a descrição presente no livro é o fato do corpo dos homens que estavam sendo assados estarem inteiros e vestidos. Isso foi necessário para que o personagem espanhol reconhecesse quem eram aqueles homens graças à roupa que usavam, e o Corsário Negro percebesse que Wan Guld ainda estava vivo. A atitude do Corsário em não ficar indiferente ante ao horror do canibalismo, a ponto de invadir a tribo para resgatar e tentar enterrar aqueles corpos, demonstra ao leitor o respeito que o Corsário sentia por aqueles homens, a ponto de colocar a sua vida em risco para proporcionar a eles um enterro digno.

Outro aspecto importante sobre a representação dos indígenas, no século XVI, era a necessidade de destacar a crueldade e a violência dos nativos da América para justificar a dominação e a conquista daquele território. A violência, a guerra e a antropofagia foram narradas como características dos nativos americanos, transformando aqueles homens em bárbaros que deveriam ser controlados e dominados pelos espanhóis. Entretanto, como já mostramos no primeiro capítulo, no mesmo período houve outros discursos sobre os indígenas, como o produzido por Las Casas, que valorizavam os aspectos pacíficos daqueles povos e denunciavam a violência e o extermínio resultantes da dominação e exploração espanhola.

Salgari, por mais que retratasse a violência dos povos americanos, quando mostrava o perigo dos personagens serem atacados quando estavam nas florestas, as armas usadas pelos indígenas e as práticas antropofágicas, destaca o fato que os indígenas antes de guerrear buscavam soluções pacíficas. No livro “O Corsário Negro”, isso fica claro na conversa do pajé da tribo Arawakos com o herói e seus homens, avisando que os homens brancos não eram bem-vindos no seu território. A justificativa dos indígenas era histórica. “– A amizade dos homens brancos não é feita para os Arawakos, porque já foi



fatal para os peles-vermelhas da costa. Estas selvas são nossas; por isso, voltem ao lugar de onde vieram ou vamos comer todos vocês.” (CN, 230) Por mais que o Corsário ou o soldado espanhol tentassem explicar que não eram iguais aos espanhóis, não conseguiram convencer os indígenas de suas boas intenções. “– Nós não pertencemos à mesma raça de homens brancos que conquistou a costa e reduziu os caribenhos a simples escravos. Ao contrário, somos inimigos deles (...)” (CN, 230). O Corsário ainda explicou ao pajé que era inimigo apenas dos homens que haviam passado um pouco antes naquela floresta. “– Mas eu já disse que não somos inimigos dos peles-vermelhas. Nós vamos respeitar a sua tribo, as suas cabanas e as suas colheitas.”(CN, 230)

O argumento do Corsário não convenceu o pajé, mas nos mostra a visão de Salgari em relação à conquista da América e ao tratamento dado pelos espanhóis aos indígenas. Isso fica mais claro quando o Corsário Negro conheceu a história do extermínio da tribo de Yara. No livro “A rainha dos Caraíbas”, Yara era uma jovem remanescente de um grupo de indígenas cujo extermínio foi causado por Wan Guld. A descrição da tribo feita por Yara aproxima-se muito de uma imagem idílica dos indígenas que viviam na América.

– Os nossos pais ainda não conheciam os homens brancos que vieram dos distantes países de além-mar, a bordo das suas caixas flutuantes. O vento do norte só tinha trazido até as selvas de Darien o eco longínquo dos tremendos massacres cometidos pelos homens brancos nas terras dos astecas, mas nenhum dos meus antepassados tinha ficado ainda cara a cara com esses seres extraordinários.

– Eu sei, os massacres cometidos por Cortez – murmurou o Corsário, como se estivesse falando consigo mesmo.

– Um império muito forte, governado por um homem chamado Montezuma foi destruído pelo punho daqueles homens cruéis, e os indígenas que chegaram do norte transmitiram aos meus ancestrais as notícias espantosas. Ninguém acreditou muito nas palavras daqueles compatriotas distantes, já que nenhuma daquelas grandes caixas flutuantes jamais aparecera nas margens do Darien. A incredulidade dos nossos pais acabou sendo fatal a toda uma população. A minha tribo era numerosa como as folhas das árvores de uma floresta inteira e vivia feliz nos grandes bosques que costeiam o amplo golfo de Darien. A pesca, a caça e as frutas da selva eram suficientes para alimentar a todos, e a guerra desconhecida, porque o homem branco ainda não tinha chegado. Meu pai era o cacique da tribo e era amado e admirado, e os meus quatro irmãos também eram muito respeitados. Mas em um dia triste, aquela felicidade que durou séculos foi bruscamente interrompida, e para sempre. O homem branco chegou. (RC, 84-5)

Conforme o relato de Yara, os indígenas eram felizes. A natureza proporcionava alimentação abundante para todos e não havia conflitos entre os indígenas. A harmonia estava também no acúmulo de ouro que os indígenas da tribo de Yara acumularam por muitos anos. “Tinha minas riquíssimas, que há séculos eram exploradas pelos nossos escravos para pagar o tributo anual ao Rei de Darien. Tesouros imensos foram acumulados em algumas cavernas escondidas entre as montanhas, conhecidas somente pelos caciques.” (RC, 86) Por mais que os indígenas possuísem escravos, o ouro era utilizado apenas para pagar os tributos religiosos. O ouro que sobrava, os caciques da tribo guardavam. Isso nos mostra que aqueles indígenas, conforme o narrador do livro “A Rainha dos Caraíbas”, não conheciam a cobiça, a posse individual ou familiar, e o egoísmo. O relato feito por Salgari nesse livro corresponde ao relato de Las Casas sobre os indígenas que estavam sob domínio espanhol. Segundo Las Casas,

(...) os aborígenes eram infinitamente mais humanos e bondosos que seus carrascos. Em Brevíssima Relação da Destruição das Índias refere-se aos gentios como “gente sem maldade, obedientes, fiéis aos seus senhores cristãos a quem servem, muito humildes, pacientes, pacíficos e quietos, sem queixumes, rancores, ódios, sem desejar vingança (...) e nestas ovelhas mansas entraram os espanhóis desde logo que os conheceram como lobos, tigres e leões crudelíssimos de muitos dias famintos; e outra coisa não fizeram de quarenta anos até hoje, senão despedaçá-los, angustia-los e destruí-los” (Silva, 2002, 81)

Da mesma maneira que a narração de Las Casas, na descrição feita por Yara dos acontecimentos que levaram o extermínio da sua tribo, o homem branco foi o responsável por todos os terríveis fatos. As características da tribo de Yara correspondem às características dos indígenas descritas por Colombo, o qual destacou a “simpatia, gentileza, altruísmo e boa conduta dos nativos descritos no Diário da sua primeira viagem.” (Fonseca, s/d, 66). Esse “paraíso” acabou no momento em que aconteceu a conquista da América pelos espanhóis.

O conquistador não vinha para catequizar, converter ao cristianismo, mas para obter riquezas. O eldorado seria o depósito, sobretudo de ouro e prata, de pedras preciosas. A falta desses, como se deu com os primeiros visitantes — caso de Colombo e seus companheiros —, apelava-se para submeter seus povos, reduzindo-os à escravidão. Em contato com astecas, maias e incas, foi

possível ao espanhol realizar saques vultosos, que inundaram de ouro e prata a Europa ocidental (...) (Iglésias, 1992, 28)

Nos trechos nos quais Yara contou ao Corsário Negro a trágica história da sua tribo, percebemos que Salgari conhecia a literatura que descrevia o passado idílico dos nativos americanos antes da chegada dos espanhóis, e a que trata dos massacres promovidos por Cortez para efetivar a conquista daquela região da América, demonstrado na própria fala do Corsário quando diz “Eu sei, os massacres cometidos por Cortez”.(RC, 84) E da mesma maneira que Cortez e os espanhóis que conquistaram a América, Wan Guld, o grande inimigo do Corsário Negro, promoveu um massacre na tribo que o salvou da morte após o naufrágio.

Um dia meu pai, que não desconfiava do homem branco, o levou àquelas cavernas e mostrou as riquezas fabulosas. Aquele infame, esquecendo os favores recebidos, desde aquele dia não sonhou com outra coisa a não ser com uma forma de trair o nosso povo para se apoderar daquelas montanhas de ouro. Ele fingiu estar doente e manifestou o desejo de voltar ao seu país por algum tempo. Disse a meu pai que morreria se não visse os homens da sua raça, mesmo que fosse por pouco tempo. Acreditaram nele. Certa manhã, ele partiu em uma das nossas canoas, acompanhado por quatro indígenas, prometendo voltar logo. Ele manteve a palavra. Dois meses depois, uma grande caixa flutuante abordou as nossas praias e dela desceu um homem branco junto com vários marinheiros carregados de barris. “Pegue”, disse ele ao meu pai, apontando para os barris. “Isto é um presente que estou dando ao seu povo.” Mandou quebrar aqueles recipientes e chamou toda a tribo, oferecendo a bebida. Mas aquilo que ele ofereceu não era vinho, mas sim água de fogo (*aquavita* no original). Os nossos súditos nunca haviam experimentado nada parecido antes da chegada dos espanhóis. Como o senhor pode imaginar, se atiraram avidamente sobre o líquido daqueles recipientes que proporcionavam a embriaguez. A água de fogo não diminuía. Não paravam de chegar barris da caixa flutuante, com uma prodigalidade absurda, e o povo, sem saber da terrível traição, continuava bebendo sem parar. Somente meu pai e meus irmãos, desconfiados, não quiseram experimentar, apesar da insistência do homem branco. Quando a noite chegou, toda a minha tribo estava embriagada. Guerreiros, mulheres e crianças dançavam como loucos ou caíam deitados no chão, como que fulminados. E o homem branco e seus marinheiros riam, riam e riam, enquanto meu pai chorava. De repente, ouvimos detonações assustadoras vindas do mar. Eram os canhões da nave que atiravam contra a aldeia, espalhando o terror e a morte por toda parte. (RC, 86-7)

Com os tiros de canhão, Wan Guld e seus marinheiros espanhóis iniciaram o massacre da tribo. O pai de Yara, seus irmãos e alguns guerreiros não se embriagaram e por isso eram os únicos homens em condições de proteger a tribo, mas eram poucos. “Às

intimações de rendição do duque, eles respondiam com nuvens de flechas e golpes de lanças e das clavas. Para vencer, os espanhóis tiveram que pôr fogo nas cabanas em volta.” (RC, 87) O resultado foi o massacre e o extermínio daquela tribo. Yara se salvou graças a um soldado espanhol. Para Wan Guld o resultado não fora muito produtivo. “Mais tarde soube que o traidor só conseguiu uma magra recompensa por aquele medonho massacre, porque alguns guerreiros de uma tribo vizinha perceberam as suas intenções e tiveram tempo de desviar um rio para inundar as cavernas que continham os tesouros.” (RC, 87)

O Corsário, Yara, Moko, Carmaux e Wan Stiller encontraram outro grupo de indígenas quando estavam próximos de Vera Cruz. Esse grupo apareceu em apenas duas páginas da obra e a sua participação resumiu-se em servir alimentos e abrigo ao grupo liderado pelo Corsário Negro por uma noite, e em fornecer cavalos para que eles chegassem mais rápido à Vera Cruz. O contato com esses indígenas foi incentivado por Yara: “Ir até aquele acampamento, meu senhor – respondeu a juvenzinha. – Vocês não tem nada a temer por parte dos indígenas, e assim talvez a gente consiga informações importantes.” (RC, 149) A primeira visão da tribo descrevia um lugar pacífico. “De vez em quando, nas margens, havia famílias de caimões ocupadas em aproveitar o sol. Os menores brincavam com as mães, correndo uns atrás dos outros, se mordendo e se jogando na água.” (RC, 149)

Quem fez o primeiro contato entre os homens brancos e os indígenas foi Moko, que informou ao Corsário Negro que eles iriam dar hospitalidade “... assim que eu disse que somos inimigos dos espanhóis e que há uma princesa indígena entre nós.” (RC, 153) O acampamento era pequeno, composto por umas vinte cabanas e por uma dúzia de famílias.

Era uma tribo minúscula, que preferiu a liberdade na floresta virgem ao duro trabalho de mineiro, ao qual os ávidos conquistadores submetiam todos os peles-vermelhas naquela época.

Mas aqueles pobres indígenas eram bem miseráveis. Viviam apenas da caça e da pesca, e toda a riqueza deles consistia em vinte cavalos e em alguns carneiros. Informados de que os flibusteiros eram inimigos dos espanhóis, deram uma alegre acolhida ao Corsário e seus companheiros, pondo à disposição deles as melhores cabanas e oferecendo um carneiro.

Pelo chefe, um velho que conhecia muito bem a região, o Corsário obteve informações importantes sobre o caminho a seguir para chegar à Veracruz. No dia seguinte, antes de amanhecer, o grupo foi embora da aldeia, depois de ter compensado generosamente a hospitalidade oferecida por aqueles bons indígenas. (RC, 153)

Em relação a esses indígenas, nos chama a atenção a boa acolhida que o grupo do Corsário Negro recebeu por serem inimigos dos espanhóis, e por ter estar entre eles Yara, uma princesa indígena. Apenas nesse caso a inimizade com os espanhóis rendeu frutos positivos, e mesmo assim percebemos ao longo da obra que o Corsário Negro, na verdade, não era inimigo dos espanhóis (pois se os espanhóis fossem mesmo seus inimigos, não enterraria os corpos daqueles soldados, prestes a serem devorados pelos indígenas antropófagos). Entretanto, ele sempre utiliza esse argumento para convencer os indígenas de que não era seu inimigo. Em relação à presença de Yara, por sorte não havia inimizade entre a sua tribo e o grupo de indígenas que encontraram na floresta; pois se eles fossem inimigos, a recepção seria outra.

O Corsário Negro e seus homens conheceram outro grupo de indígenas no final do romance “A rainha dos Caraíbas”. Esse encontro aconteceu após O Corsário, Moko, Carmaux e Wan Stiller escaparem do naufrágio do navio provocado por Wan Guld. Eles estavam lutando pela sobrevivência na floresta do litoral da Flórida, quando foram presos por “... quatro peles-vermelhas, de estatura alta, seminus, com a cabeça enfeitada de penas e armados de arcos e porretes pesadíssimos...” (RC, 282). Esses indígenas também eram antropófagos e levavam seus prisioneiros para o chefe da tribo decidir qual seria o destino daqueles homens. Para Carmaux, só havia uma explicação para a hostilidade dos indígenas: “Os espanhóis, com toda aquela conhecida crueldade, deixaram esses índios muito ferozes e por isso não vamos ser poupados.”

Diferente dos outros indígenas, esses “peles-vermelhas” estavam interessados no naufrágio.

- Por que estão aqui? Homens de pele branca nunca moraram nestas florestas.
- Naufragamos.
- Quebrou uma daquelas grandes caixas que flutuam?
- Ela se despedaçou nos recifes.
- O olhar do chefe teve um lampejo de cobiça.

- Então você diz onde ela despedaçou. Sei que aquelas grandes caixas que flutuam sempre carregadas de tesouros.
  - As ondas já varreram tudo o que tinha – respondeu o Corsário.
  - Você quer enganar chefe.
  - Por que eu faria isso?
  - Para você buscar o tesouro, mas não conseguir, porque vamos devorar vocês.
- (RC, 285)

O Corsário e os seus homens tentaram fugir, mas foram novamente capturados pelos indígenas. Então, descobriram que não seriam devorados porque a rainha da tribo os protegia. “Embora fossem vigiados rigorosamente dia e noite, os índios não deixavam de cuidar bem deles e não os importunavam. Dessa forma, para protegê-los do sol, haviam coberto parte da gaiola com galhos e sempre os alimentavam abundantemente com caça ou pesca assada e frutas.” (RC, 298) Intrigado com a proteção da rainha, o Corsário Negro descobriu que ela era uma mulher que naufragou na região e por isso já desconfiou que poderia ser Honorata.

Naquela noite houve uma grande cerimônia de sacrifício para os deuses do mar, na qual participaram várias tribos indígenas. A rainha apareceu ao lado dos chefes e dos guerreiros mais importantes das tribos e determinou: “– Guerreiros vermelhos!... A nossa rainha proclamar que homens brancos ser sagrados, filhos das divindades marinhas!... Maldição a quem tocar neles!” (RC, 301) Após a intervenção da rainha, o comportamento dos indígenas se transformou: “Ao passar diante da gaiola, homens, mulheres e crianças se inclinavam, como se os prisioneiros tivessem se transformado, sem a menor sombra de dúvida, em verdadeiras divindades.” (RC, 301) Os indígenas levaram o Corsário e seus homens até a casa da Rainha e, nesse momento, todos reconheceram Honorata. Este foi o último momento em que os indígenas apareceram na narrativa.

Feitos esses breves comentários sobre a narrativa, Salgari, como vários intelectuais já haviam percebido, principalmente na análise dos romances de Sandokan, apresenta uma visão negativa das ações imperialistas europeias nas suas obras. Também encontramos um discurso contrário à dominação de outros povos nos livros sobre as aventuras do Corsário Negro. Como o romance se passa no final do século XVII, a política e a economia internacional eram regidas pelas práticas colonialistas espanholas, britânicas e portuguesas na América. A crítica salgariana está na descrição positiva dos

personagens indígenas e na descrição da violência cometida pelos espanhóis na conquista do território. Para os personagens indígenas, o impacto da violência da conquista foi tão grande a ponto deles sempre desconfiarem das intenções dos homens brancos. Por mais que o Corsário Negro tentasse explicar que ele não tinha as mesmas intenções dos espanhóis e por ser inimigo deles, os indígenas não acreditavam. Essa desconfiança era resultado das experiências da colonização espanhola, extremamente violenta para com os indígenas. O Corsário Negro conhecia essa história e entendia o posicionamento dos indígenas, por isso sempre evitava a guerra com eles. No caso da tribo de Yara, o choque da conquista ficou ainda mais forte para o Corsário, pois o seu inimigo Wan Guld foi o responsável por aquele extermínio.

Essa conclusão se aproxima muito da análise de Marion Brephol de Magalhães sobre os romances de aventura de Karl May que se passavam na América Latina. Como Salgari “(...) May denuncia o mundo civilizado europeu, condenando a violência e o extermínio dos povos nativos devido à sede de enriquecimento, inerente à lógica imperialista inglesa.” (Brephol de Magalhães, 2010, 108). Nas obras de Salgari e May há uma visão positiva em relação à emigração de italianos e alemães para formar colônias em outros territórios, cujo projeto imperialista se diferencia dos atos das outras potências imperialistas porque não há conquista de um território, não há uso de violência e não há exploração dos povos nativos.

#### **4.1.4. O africano Moko**

Dentre os personagens secundários do livro “O Corsário Negro” e “A rainha dos caraíbas”, Moko nos chama a atenção por ser o único homem negro. Diferente dos piratas, que navegavam ao lado do Corsário e o ajudavam a planejar os ataques às cidades portuárias ou discutiam sobre qual era a melhor maneira de se vingar de Wan Guld, Moko limita-se a guiar o Corsário Negro nas florestas e protegê-lo dos ataques dos animais selvagens. Mesmo que ele não fosse um nativo do continente americano, Moko era um escravo liberto africano que estava há muito tempo na América e por isso conhecia bem

as cidades portuárias e as florestas da região.

Moko era um encantador de cobras que morava bem próximo da praia e entrou na história por ter ajudado Carmaux e Wan Stiller, tripulantes do navio do Corsário Negro, a fugir de Maracaibo. O Corsário Negro, junto com Wan Stiller e Carmaux, foi procurar Moko para que os auxiliasse a resgatar o corpo do Corsário Vermelho, exposto na praça principal da cidade de Maracaibo após ser enforcado por Wan Guld, governador daquela cidade. Moko entra em cena no segundo capítulo do livro “O Corsário Negro”:

Diante de um casebre (...) estava sentado um negro de proporções hercúleas. Era um dos mais belos exemplares da raça africana, com uma estatura alta, ombros largos e fortes, peito amplo e braços e pernas musculosos que deviam ser capaz de uma força inacreditável. O rosto não era feio, embora tivesse lábios grossos, o nariz achatado e as maçãs salientes; tinha também uma expressão bondosa, ingênua, infantil, sem o menor vestígio daquela aparência feroz que se encontra em muitas raças africanas. Sentado em um pedaço de tronco de árvore, tocava uma flauta feita com um cano fino de bambu, tirando sons doces, prolongados, que produziam uma estranha sensação de indolência, enquanto, diante dele, rastejavam suavemente oito ou dez dos répteis mais perigosos da América meridional. (CN, 31)

Quando o Corsário conheceu Moko, fez apenas três perguntas a Carmaux: “Este é o homem que ajudou você a fugir?”, “Será que ele também odeia os espanhóis?” e “Ele conhece Maracaibo?” (CN, 32) Como as respostas foram positivas, “O Corsário virou para olhar o negro, admirando a poderosa musculatura daquele nativo da África, depois acrescentou, como se estivesse falando consigo mesmo: 'Este homem pode me ser útil'.” (CN, 32) Quanto a pergunta sobre o ódio de Moko aos espanhóis, apesar de a resposta ser afirmativa, esse assunto não apareceu mais ao longo da história. Por isso, acreditamos que esse diálogo serviu apenas como vínculo de aproximação entre o Corsário Negro e Moko, e como justificativa da participação do segundo na aventura. Como já comentamos na introdução, conforme a análise de Ann Lawson Lucas (2003), Salgari preferia os motivos morais, em detrimento de financeiros ou exploratórios, para a participação na aventura, e aqui o envolvimento de Moko na história seria apenas o sentimento de ódio em relação aos espanhóis.

Antes de confiar plenamente em Moko, O Corsário Negro precisava de uma prova da lealdade daquele homem. A primeira oportunidade apareceu naquela mesma noite, no



momento em que foram resgatar o corpo do Corsário Vermelho. A casa do governador era vigiada por um sentinela e ficava na mesma praça onde estavam os enforcados. Era necessário fazer algo para que o sentinela não atrapalhasse o resgate dos flibusteiros.

- Moko é forte – disse o negro. – Vou acabar com aquele soldado.
- E vai ficar com a barriga furada, compadre.
- O negro sorriu, mostrando duas fileiras de dentes alvos como o marfim e tão pontudos que fariam inveja a um tubarão, e disse:
- Moko é esperto e sabe rastejar como as cobras que ele encanta.
- Vá – disse o Corsário. – Antes de ter você a meu serviço, quero uma prova da sua coragem.
- Vai ter, patrão. Vou pegar aquele homem como costumava agarrar os jacarés da lagoa antigamente. (CN, 41-2)

Moko, apenas com uma corda, dominou aquele soldado treinado e bem armado. Essa prova de coragem foi suficiente para que o africano conquistasse a confiança do Corsário. Na mesma noite, depois que conseguiram resgatar o corpo do Corsário Vermelho, Moko ajudou Corsário Negro e o seu compadre Carmaux a se livrar de uma emboscada.

- Aquele homem que chegava em tão boa hora estava com um grosso porrete na mão.
- Moko!... – exclamaram o Corsário e Carmaux ao mesmo tempo.
- Em vez de responder, o negro levantou o bastão e começou a golpear os adversários com tamanha fúria que aqueles pobres-diabos em um instante estavam todos no chão, uns com a cabeça aberta, outros com as costelas quebradas. (CN, 46)

Nesses dois diálogos percebemos que Moko não se expressa da mesma forma que o Corsário Negro e seus homens, como ao não dizer “eu sou forte” e, sim, “Moko é forte”. Em outras falas, entretanto, Moko se expressa da mesma maneira que os flibusteiros que fazem parte da tripulação do Corsário. Os erros de concordância aparecem tanto na tradução para o português como na versão original, deixando claro que essa seria uma característica de Moko dada por Salgari. Independente de serem homens de culturas diferentes, todos os personagens conseguem se comunicar: espanhóis, italianos, britânicos, franceses, holandeses, indígenas americanos, africanos e piratas de todas as regiões portuárias do mundo. Aceitar isso não seria estranho, pois desde o século

XVI, a conquista da América e comércio entre a América, Europa, África e Ásia aumentou a frequência da comunicação entre indivíduos de diferentes lugares do mundo. A melhor explicação para a presença de erros de concordância na fala de Moko seria demonstrar a inferioridade cultural daquele homem.

Forte, fiel, bondoso e sempre disposto a ajudar, a principal função de Moko era proteger o Corsário Negro da melhor maneira que pudesse, com sua força e violência, como já demonstramos; ou com suas ideias. Em outra situação Moko ajudou a todos a fugir de Maracaibo. O Corsário Negro, Wan Stiller e Carmaux estavam escondidos em uma casa, esperando o momento certo para voltar ao navio.

– Estamos com um belo problema – disse Wan Stiller, virando para o negro. – Nosso compadre saco de carvão não tem na cabeça alguma ideia fantástica que nos tire desta triste situação?... Não me sinto nada seguro nesta casa. –  
 – Talvez eu tenha uma – respondeu o negro.  
 – Então ponha para fora, compadre – disse Carmaux. – Se a sua ideia puder ser colocada em prática, prometo que dou um abraço em você, eu, que nunca abracei um homem de cor negra, nem amarela, nem vermelha. (CN, 62)

Após Moko explicar que todos poderiam se vestir de soldados e sair à noite tranquilamente, Carmaux vibrou de alegria: “– Compadre saco de carvão, você é um homem corajoso e eu vou lhe dar um abraço de irmão.” (CN, 63) Neste momento Carmaux demonstrou afeto ao abraçar Moko e a tratá-lo como um irmão, um membro da família. Carmaux era um personagem secundário que, junto com Moko e Wan Stiller, estava ao lado do Corsário Negro em todas as suas aventuras. Dos três, Carmaux é o personagem que mais vive situações de humor, porém, infelizmente, o seu humor apela para a desqualificação do outro ao se referir a Moko como “Compadre saco de carvão”.

Quando todos embarcaram no navio do Corsário Negro, Carmaux e Wan Stiller foram ajudar os outros tripulantes nas tarefas comuns aos marinheiros. Moko, entretanto, foi servir o jantar ao Corsário e Honorata. “O Corsário convidou a jovem flamenga e a mulata que viera com ela a se acomodarem e depois sentou em frente a elas, enquanto Moko, o negro hercúleo, servia a ceia em pratos de prata (...)” (CN, 121). Aqui não sabemos dizer se Moko recebeu essa função no navio por escolha do Corsário ou se por não possuir conhecimentos sobre atividades marítimas – afinal Moko era encantador de

cobras e vendia ervas medicinais em Maracaibo para sobreviver.

Até esse momento as características de Moko, o fato dele ser descrito como portador de “(...) uma expressão bondosa, ingênua, infantil, sem o menor vestígio daquela aparência feroz que se encontra em muitas raças africanas” (CN, 31) poderiam indicar a existência de racismo por parte dos flibusteiros e do narrador, quando deixou claro que Moko não possuía a aparência feroz como os outros africanos. Entretanto, com o passar do tempo na narrativa, o tratamento dado a Moko mudou.

Depois que Moko serviu as jovens no navio, até o final do segundo romance, ele passou a ser tratado pelo Corsário e pelos outros personagens como um igual nas aventuras. Acreditamos que havia de fato um distanciamento em relação a Moko porque os flibusteiros e o Corsário Negro não confiavam plenamente naquele homem, e não por causa de racismo, mas porque eles ainda não o conheciam. Porém, quanto mais Moko demonstrava sua fidelidade, mais os flibusteiros confiavam nele. Carmaux continuou chamando Moko de “saco de carvão”, porém o chamava de “compadre”, e não há dúvidas de que esse termo é afetuoso.

Moko participou de todas as batalhas navais, de todas as invasões às cidades portuárias e de todas as perseguições a Wan Guld. Nas florestas, o seu conhecimento da natureza da região sempre era utilizado, encontrando comida ou protegendo os outros flibusteiros dos animais selvagens e dos indígenas. Um dos exemplos está no vigésimo oitavo capítulo, “O litoral da Flórida”, do livro “A Rainha dos caraíbas”. Após o naufrágio resultante da explosão provocada por Wan Guld, Moko foi buscar comida para todos e encontrou um ninho onde pegou peixes que as águias trouxeram para seus filhotes, encontrou frutas e protegeu Carmaux do ataque de um peixe perigoso. Suas ações nas florestas aproximavam-se muito do comportamento do Capitão Emilio, personagem principal do livro “*I Robinson Italiani*”, pois ambos conheciam os animais e as plantas das florestas, conseguiam achar comida e proteger todos dos perigos, encontrando a melhor maneira de sobreviver.

Moko teve uma ação decisiva no livro “A Rainha dos Caraíbas”. Graças a ele o Corsário não morreu na explosão do navio provocada por Wan Guld.

O Corsário fez menção de se arremessar à frente para encontrar seu inimigo mortal e cravar a espada no coração dele. Rápido como um raio, Moko o segurou com seus braços fortes e o levantou como se ele fosse leve como uma pluma.

– Comigo, Carmaux – gritou ele.

Enquanto o terror imobilizou os combatentes sobre as tábuas que estavam prestes a se abrir sob a explosão do depósito de pólvora, ele saltou pela amurada e mergulhou no mar, sem largar o patrão.(RN, 244)

Moko protegeu o Corsário Negro em várias situações. Era fiel ao seu patrão e sempre lutava ao lado dele. Como era o homem mais forte entre os flibusteiros, salvou o Corsário da explosão e cuidou da sua sobrevivência na floresta até o encontro de Honorata. O desenvolvimento da história nos mostra que o racismo no trato de Moko diminuiu. Não apenas a força de Moko, mas o seu conhecimento em relação ao meio que vivia foram valorizados e utilizados ao longo das histórias.

Felice Pozzo faz uma importante observação sobre a presença de negros vivendo nas florestas litorâneas da América Latina. “Há toda uma literatura sobre os escravos africanos trazidos para a América Latina que fugiram de seus captores, tanto espanhóis como portugueses, que foram obrigados a viver em isolamento como animais escondidos nas florestas, exceto quando se reuniam em comunidades numerosas (...)” (Pozzo, 2011, 22)<sup>144</sup>. Salgari conhecia essa literatura e a utilizou para criar Moko, um ex-escravo que vivia nas florestas e auxiliava os corsários, “ (...) e se acrescentar que muitas vezes esses fugitivos foram usados como informantes pelos piratas, só resta admirar a meticulosa pesquisa de Salgari.” (Pozzo, 2011, 22)<sup>145</sup> Na sua análise, Pozzo comprova seu argumento com a citação do ódio que Moko sentia pelos espanhóis e nas informações que Moko prestou ao Corsário sobre Maracaibo.

## 4.2. As mulheres

<sup>144</sup> “Esiste tutta una letteratura sugli schiavi africani condotti nell'America Latina e fuggiti dai loro aguzzini, sia spagnoli che portoghesi, costretti poi a vivere isolati come animali nascosti nelle foreste salvo riunirsi in comunità diventate anche numerose, con tanto di sovrani.”

<sup>145</sup> “(...) e se si aggiunge che spesso questi fuggitivi servivano da informatori ai corsari, non resta che ammirare le certissime ricerche di Salgari.”

As personagens femininas na obra salgariana tiveram um lugar de destaque. Porém, ao contrário dos outros autores clássicos do romance de aventura, como Henry Rider Haggard que construiu como antagonista uma mulher no livro “As minas de Salomão”, tentando de várias maneiras impedir que o herói realizasse a aventura; as suas personagens destacaram-se pelo amor que despertavam nos heróis e por não atrapalharem a realização da aventura. Como eram personagens importantes para a trama, Salgari detalhou as características físicas e emocionais dessas personagens que encantaram não apenas o herói, mas o público leitor.

Salgari também criou personagens femininas que tiveram importância menor nas tramas, porém sua análise se revela importante por destacar qual era o lugar do relacionamento afetivo nas suas histórias, principalmente por serem mulheres nativas que se apaixonaram pelos heróis europeus. Através delas analisamos o olhar de Salgari sobre o romance inter-racial.

#### 4.2.1. As noivas dos colonizadores

Nos últimos capítulos de “*I Robinson Italiani*” apareceram três personagens femininas entre o grupo de náufragos que sobreviveram ao último temporal. Elas eram as filhas do proprietário do navio e, junto com o noivo de uma delas, foram resgatadas e levadas para a ilha.

As três meninas, que poderiam ter entre quinze e vinte anos, eram maravilhosas, com aqueles olhos negros e brilhantes, a pele levemente lisa, os lábios de um belo vermelho vivo e dentes brancos de marfim. Elas usavam saias plissadas, em cores brilhantes, e uma camisa bordada, enquanto seus pés desapareciam dentro de sapatos de veludo enfeitados com ouro. No pescoço usavam colares de pérolas e nas orelhas, grandes brincos de origem espanhola. (RI, 465)<sup>146</sup>

A beleza das meninas logo despertou a atenção de Enrico, que na mesma noite

<sup>146</sup> “Le tre fanciulle, che potevano avere dai quindici ai venti anni, erano graziosissime, con certi occhietti vivaci e neri, la carnagione leggermente ramigna, le labbra d'un bel rosso incarnato e i denti più bianchi dell'avorio. Indossavano delle sottanine a pieghe, a colori vivaci, e una camicia ricamata, mentre i loro piedi sparivano entro scarpine di velluto a fregi d'oro. Al collo portavano collane di perle e agli orecchi grandi pendenti di provenienza spagnola.”

que as viu pela primeira vez, conversou com o Senhor Emilio sobre a possibilidade de se casar com uma delas.

'Senhor', disse o marinheiro, hesitante. 'Não lhe parecem lindas as filhas do comandante?'

'É verdade que elas são muito bonitas, Enrico' (...)

'Você sabe, senhor Albani, que não me desagradaria... que (...) ... É melhor dizer (...) Se o o comandante me desse uma filha com esposa?'

'Ah! ... bandido! ... Você já pensa em formar família! ...'

'É a maior que eu gosto, senhor Albani. Terremoto! ... É uma menina bonita e eu também acho que ela deve ser muito boa.'

'Perguntarei para ele.'

'Mas o chefe? ...'

'Acredito que ele ficará muito honrado de se tornar parente através do matrimônio com um homem branco.'

'Raios! ... Que bela colônia! ... E eu sei que Marino gosta da outra, sabe? ... A raposa olhou para ela com olhos de tainha! ...'

'Bom!' Disse o veneziano, rindo. 'Eis uma colônia que não perecerá mais. Eu vou falar com o comandante.'

'Você? ...'

'E por que não? .. Em um mês, celebraremos três casamentos: o seu, o do Marino e do rapaz molucano (habitante das ilhas Molucas).' (RI, 474-5) <sup>147</sup>

Dois meses depois foi realizado o casamento dos três casais. O senhor Albani, um pouco antes, confeccionou um tipo de linho com as plantas da região e deu como dote para as meninas.

(...) os dois marinheiros e o molucano, para o deleite do velho chefe, se casaram com as três boas meninas seguindo o rito tagalo, ritual muito bonito, e muito simples, que exigia um copo e um pouco de licor de *toddy* que a noiva e o noivo devem beber juntos.

Os três casais felizes passaram a viver em três belas cabanas, construídas especialmente atrás da cabana aérea, à sombra de um bosque de belo durião. A existência da colônia agora estava assegurada. (RI, 480-1)

Como uma recompensa pelo amadurecimento dos jovens graças à superação das

<sup>147</sup>“'Signore', disse il marinaio, esitando. 'Non vi sembrano belle le figlie del capo?... 'Sono graziose davvero, Enrico.' (...) 'Sapete, signor Albani, che non mi rincrescerebbe... che... (...) ... meglio che ve lo dica... (...) Se il capo mi desse una figlia per sposa?' 'Ah!... furfante!... Tu pensi già a formar famiglia! ... 'C'è la maggiore che mi piace, signor Albani. Terremoto!... È una bella ragazza e mi sembra che debba essere anche molto buona.' 'Gliela domanderai.' 'Ma il capo?... ' 'Credo che si terrà molto onorato di imparentarsi con un uomo di razza bianca.' 'Fulmini!... Che bella colonia!... E so che a Marino piaceva l'altra, sapete?... Il volpone la guardava con certi occhi da triglia!...' 'Buono!' esclamò il veneziano, ridendo. 'Ecco una colonia che non perirà più. Ne parlerò al capo.' 'Voi? ... ' 'E perché no?... Fra un mese celebreremo tre matrimoni: il tuo, quello di Marino e quello del molucchese.'”

dificuldades e às aventuras vividas, os jovens se casaram com belas mulheres. O casamento dos três jovens foi o último acontecimento narrado por Salgari. O autor separou o texto por um traço e finalizou a obra com a chegada, quatro anos depois, do navio inglês que encontrou uma colônia próspera e feliz.

É interessante notar como nesse livro Salgari mantém uma postura tradicional em relação às histórias de aventura. Apenas no final do livro o personagem feminino apareceu. Entretanto, a chegada das jovens coincidiu com o fim da aventura na ilha, e com o fim da própria história. Não havia mais animais ferozes, a natureza já não ameaçava a sobrevivência de todos, não havia mais espaços em brancos (não mapeados), uma vez que os italianos já haviam conhecido e mapeado toda a ilha, e os piratas, a única ameaça externa, morreram graças ao temporal.

Quando os Tagali foram salvos e passaram a viver com os italianos, a ilha já tinha se tornado a Colônia dos Robinson Italianos. Como o espaço já estava ocupado, não havia mais espaço para a realização de aventuras. É claro que os perigos poderiam acontecer, mas os personagens já haviam aprendido a superar qualquer obstáculo. Nesse momento, ou seja, nos três últimos capítulos, apareceram mulheres. O autor preocupou-se em descrever sua juventude, beleza e riqueza. Elas não tiveram um nome, não tiveram participação decisiva na história, a nenhuma delas foi dado o direito de falar, e as duas personagens solteiras não puderam opinar sobre o seu futuro. O casamento foi acertado entre os homens mais velhos, o pai das meninas, e o senhor Albani, mentor dos meninos, governador da colônia e responsável pelo bem-estar de todos.

Mais uma vez, Salgari acompanhou o modelo tradicional do romance de aventuras. Nessa história, os homens jovens, orientados pelo Senhor Emilio Albani, foram os heróis. A eles cabia a ação e o controle no espaço público, por meio da conquista e a manutenção das colônias europeias ultramarinas e da subordinação de outras raças, consideradas inferiores. Às mulheres caberia o mundo privado e o doméstico, sendo elas responsáveis pela manutenção do lar e da família. A literatura de aventura reforçava a divisão da sociedade em dois grupos de gênero distintos, o masculino e o feminino. Nessa literatura, as mulheres pouquíssimas vezes foram representadas de uma maneira diferente do que a namorada ou a noiva do herói, que

deveria ficar esperando, salvaguardada de perigos, na casa dos seus pais até que o seu amado retornasse, já adulto, para efetivar o casamento.

A ideologia vitoriana circunscreve, de um modo geral, as mulheres e as raparigas à esfera privada do lar, aos valores do sacrifício, do serviço aos outros (homens), das emoções, do amor, da submissão e conformismo, da renúncia e auto-sacrifício, admitindo como exceções e ameaças as prostitutas e as crianças pobres da rua. (Morgado, 2000, 7-8)

Mesmo que essa questão não tenha sido tão trabalhada na literatura de aventura, Emilio Salgari abordou os relacionamentos entre os heróis europeus e as mulheres oriundas de outras colônias, ao casar os jovens italianos com as jovens asiáticas, no livro “*I Robinson Italiani*”. Esse tema, analisado por Mary Pratt no seu livro “Os olhos do Império” (1999), fazia parte do romance sentimental, mostrando a existência de novas paixões e a empatia entre heróis e heroínas oriundos de outras culturas na fronteira imperial.

O casamento interétnico, como aparecia na literatura do período, era na verdade uma prática de exploração sexual comum nas regiões de fronteira imperial. As mulheres também eram utilizadas como domésticas, cozinheiras e enfermeiras, facilitando a adaptação e a sobrevivência dos europeus nas regiões colonizadas.

... muitos casos de amor inter-raciais na ficção desta época, é uma transformação romântica de um modo de exploração sexual nas colônias, segundo o qual homens europeus a serviço da metrópole compravam mulheres locais de suas famílias para servir como acompanhantes sexuais e domésticas enquanto durasse sua estadia. Na África e no Caribe, e provavelmente em outros lugares também, tais ajustes podiam ser oficialmente sancionados por cerimônias formais de pseudocasamento, para as quais uma permissão consular (...) era algumas vezes requerida. (Pratt, 1999, 171)

Na história dos Robinson Italianos, como foi realizado um matrimônio interétnico, aos jovens europeus foram dadas mulheres ricas e bonitas, oriundas de uma raça de pessoas empreendedoras e laboriosas. Ou seja, se acontecesse um casamento na fronteira imperial, os não europeus deveriam, pelo menos, ser ricos ou fazer parte da nobreza.

#### 4.2.2. Yara e o impossível romance inter-racial



O tema das relações sentimentais inter-raciais também foi abordado em outro livro de Emilio Salgari, “A Rainha dos Cabaíbas”. Quando o Corsário Negro foi até a cidade de Puerto Limón, localizada no Golfo do México, para encontrar Wan Guld, o assassino dos seus irmãos, ficou preso em uma emboscada na casa de Don Pablo de Ribeira, o administrador do duque. O Corsário foi libertado graças à ajuda de Yara, uma indígena escravizada que trabalhava na casa de Don Pablo. Ela o ajudou a sair do porão, levou-o até uma torrezinha, localizada no jardim, cuidou dos seus ferimentos e ficou ao seu lado até seus companheiros da Folgore virem buscá-lo.

A beleza da jovem indígena, lindíssima, foi descrita em detalhes por Salgari no terceiro capítulo do livro, para agradar seu público, os jovens leitores do sexo masculino.

Aquela jovem devia ter uns dezesseis anos e, como foi dito, era belíssima, e sua pele tinha uma coloração levemente acobreada.

Sua figura era muito elegante, com uma cintura tão fina que bastariam duas mãos para rodeá-la. Tinha olhos fantásticos e negros como carvão, sombreados por cílios bastos e longos, o nariz reto, quase grego, os lábios pequenos, vermelhos, que deixavam ver dentes mais brilhantes do que pérolas. Os cabelos muito longos, negros como as asas dos corvos, desciam em uma desordem fascinante pelos ombros, formando como que uma capa de veludo.

A roupa que vestia também era muito graciosa. A saia de tecido vermelho era bordada com fios de prata e enfeitada com pequenas pérolas. A blusa, bastante justa e rendada, também era bordada, mas com fios de ouro. Na cintura tinha uma grande faixa de cores brilhantes que terminava em uma franja de seda. Os pés, quase tão pequenos quanto os das chinesas, desapareciam dentro das babuchas delicadas de couro amarelo, também bordadas de ouro. Nas orelhas trazia duas grandes argolas de metal e no pescoço, diversos colares de grande valor. (RC, 28-9)

Desde o momento em que o Corsário se tornou prisioneiro no porão, até a sua volta para o navio, a jovem não saiu do lado do Corsário Negro, que estava febril devido a um ferimento. O Corsário, percebendo a dedicação da jovem, agradeceu seu cuidado e sua afeição, se comprometendo a não esquecê-la. “Então vai me vingar! Exclamou a indígena, enquanto um lampejo ameaçador brilhava em seus grandes olhos negros.” (RC, 35)

Algumas horas depois, o Corsário Negro foi levado ao seu navio com a ajuda de Morgan e de seus flibusteiros. A jovem indígena, instalada na cabine do Corsário,

finalmente soube que conseguiu o apoio do duque de Vintemiglia para realizar sua vingança.

- Durma, boa menina, e sonhe com a sua vingança.
- O senhor vai me ajudar, meu senhor? – perguntou a juvenzinha, se levantando de um salto, com o olhar faiscante.
- Prometo que sim, Yara.
- Obrigada, meu senhor. A minha alma e o meu sangue pertencem ao senhor. (RC, 65)

Desde o primeiro encontro entre Yara e o Corsário Negro, fica claro o sentimento de devotamento e fidelidade que a jovem nutria pelo Corsário. Essa admiração se justificava no fato de que o principal sentido para a vida de ambos era a vingança.

No capítulo “O ódio de Yara”, o leitor finalmente pode conhecer os motivos que levaram Yara a aproximar-se do Corsário Negro. Em uma conversa entre o Corsário Negro e Morgan sobre os planos para matar Wan Guld, o Corsário observou uma grande mudança de expressão no rosto de Yara. Quando a jovem ouviu falar no holandês, suas expressões faciais mudaram: “(...) o seu rosto tão bonito, e geralmente tão doce, assumiu um aspecto tão feroz e tão selvagem que chegava a assustar. Seus grandes olhos límpidos ficaram sombrios e era possível ver uma chama sinistra brilhando neles, enquanto a testa se anuviava tempestuosamente.”(RC, 82) Tal expressão instigou o Corsário a conversar com a indígena sobre sua mudança de temperamento.

Para surpresa do Corsário Negro, a jovem trabalhava para Wan Guld, e por causa dele, conhecia toda a sua história. Sabia que ele fora para a América para se vingar de Wan Guld e que nunca esteve interessado em ouro. Sabia também que Wan Guld matou todos os irmãos do Corsário Negro e que o Corsário, por causa de um juramento, abandonou Honorata, a filha de Wan Guld, em alto-mar, mesmo apaixonado por ela. Ela ainda conhecia todas as lutas e os saques do Corsário Negro em Maracaibo, Vera Cruz, Puerto Limón e Gibraltar.

Na mesma conversa, Yara confessou amar o Corsário Negro, mas logo descobriu que o seu amor não era correspondido, pois o pirata ainda amava Honorata, seu primeiro e único amor. “As lágrimas escorriam por meio dos dedos e o peito era sacudido por

soluções. – Eu também o amei, mesmo antes de vê-lo, meu senhor – murmurou ela com voz entrecortada.” (RC, 83) O Corsário, imerso nos seus pensamentos, não ouviu a confissão da jovem e quando percebeu suas lágrimas, as relacionou à perda e a saudade dos familiares e do ambiente em que vivia.

Em relação ao amor de Yara pelo Corsário Negro, esse relacionamento não daria certo porque, além das diferenças raciais, o Corsário já amava outra mulher, europeia como ele, Honorata. Quando tomou consciência da existência desse amor, Yara escolheu sacrificar o seu amor e unir-se ao Corsário por meio da única situação possível, a vingança do inimigo comum, Wan Guld. O sofrimento de Yara pela rejeição do Corsário Negro era constantemente aguçado, pois o pirata sempre falava de Honorata.

– Depois de vingado, ainda tenho uma missão a cumprir, e não vou embora das águas do grande golfo sem ter terminado. Quem me garante que ela esteja mesmo morta?

– Mesmo que a flamenga estivesse viva, estaria tudo terminado entre ela e o senhor – disse Morgan. – o cadáver do pai dela ficaria entre vocês.

– E os dos seus irmãos – disse Yara, com um soluço surdo.

O Corsário olhou para a jovem indígena que se dobrara sobre si mesma, como se estivesse tentando esconder o rosto.

– Você está chorando, Yara – disse com voz suave. – Você não gosta que eu fale da duquesa flamenga?

– Não, meu senhor – respondeu a jovem com um fio de voz.

O Corsário se inclinou para ela, dizendo com uma voz triste:

– Não se pode amar o Corsário Negro, minha jovem. (RC, 102)

A jovem era apaixonada pelo Corsário Negro e chegou a confessar o seu amor a ele. Porém, como Mary Pratt já mostrou no seu livro, os romances inter-raciais da literatura colonial não se realizavam. Mesmo quando os personagens tinham um relacionamento inter-racial, o romance terminava com a volta do homem para a metrópole e a mulher nativa se sacrificava por meio da morte ou da solidão. Isso se justifica porque, na sociedade imperial, o romance inter-racial não poderia durar além da estadia do europeu na colônia. No caso do romance criado por Salgari, entre a indígena e o pirata, o final manteve o padrão tradicional. Yara, mesmo ao lado do corsário, não pode viver seu amor porque o coração do Corsário era de Honorata.

Yara contou ao Corsário Negro a história de sua tribo, um povo numeroso, próspero e pacífico até a chegada do homem branco. Mesmo conhecendo as histórias dos massacres dos espanhóis, seu pai, o cacique da tribo, salvou Wan Guld, o único sobrevivente de um naufrágio. Com o tempo de convivência entre os indígenas, Wan Guld ganhou a confiança de todos, a ponto do cacique confiar a ele a localização das riquezas da tribo. Wan Guld planejou um golpe para adquirir todos aqueles tesouros: foi embora com a desculpa de desejar visitar a família, mas, dois meses depois, voltou com armas, álcool e mais homens brancos. Primeiro embriagou quase toda a tribo – apenas a família de Yara se recusou a beber, e depois, quando todos já estavam embriagados, iniciou o massacre. “Ainda tenho comigo a imagem daqueles homens brancos avançando às pressas pelas cabanas, trucidando aquele povo incapaz de se defender. Ah!... noite maldita!... Mesmo que eu viva mil anos, nunca vou conseguir esquecê-la, nunca meu senhor!...” (RC, 87)

Yara assistiu o massacre de todos os membros de sua tribo. Os que não morreram pelas armas, foram queimados pelo incêndio criminoso provocado pelos espanhóis. “Quando voltei a mim, nenhuma cabana da aldeia continuava de pé, e de todos os habitantes, a única que estava viva era eu. Meu pai e meus irmãos tinham morrido no meio das chamas, sob os olhos do duque infame.” (RC, 87) A jovem só não morreu porque foi salva por um soldado espanhol, que a tirou do meio das chamas.

Fui levada como escrava à Veracruz, depois à Maracaibo, e mais tarde fui dada a Don Pablo de Ribeira. O duque percebeu o imenso ódio que eu estava incubando por ele, com medo de que um dia eu conseguisse me vingar, esse monstro me afastou depressa. Mas o ódio não se apagou no meu coração – prosseguiu a jovem indígena, com uma entonação selvagem. – Só vivo para vingar meu pai, meus irmãos e minha tribo. (RC, 88)

O ódio de Yara era tão forte que, na primeira oportunidade diante de Wan Guld, fez questão de mostrar ao seu inimigo que ela estava ao lado do Corsário Negro, para assistir o seu assassinato. “A jovem indígena, por sua vez, se aproximou do velho flamengo, dizendo com voz trêmula: – Você se lembra de mim, duque?... – Yara!... –

Isso mesmo, aquela Yara que jurou vingar um dia a destruição da sua tribo. (...) gritou o Corsário Negro.” (RC, 161)

Salgari criou uma personagem feminina singular se comparada com as outras personagens femininas comuns nos romances de aventura e mesmo com as jovens europeias. Yara era corajosa, conhecia táticas de guerra e combate e não temia enfrentar seus inimigos. Como ela já havia lutado ao lado de seus familiares, não temeu assistir ao combate marítimo ao lado do Corsário Negro. Assim que chegou na Folgore, ela ficou ao lado do Corsário para assistir a Batalha, mesmo com a insistência contrária dele.

- Volte para o quadro, Yara.
  - Não, meu senhor.
  - Em pouco tempo vamos ter uma chuva de balas e granadas aqui.
  - Não tenho medo.
  - Você pode ser morta.
  - Morro ao seu lado, meu senhor. A filha do cacique de Darien nunca teve medo das armas espanholas.
  - Então você também já combateu?
  - Já. Ao lado do meu pai e dos meus irmãos.
  - Então, se é tão corajosa, fique perto de mim. Talvez você me traga sorte.
- (RC, 68)

Na série de livros “Os Corsários das Antilhas”, Yara foi a única mulher a ajudar o Corsário Negro a planejar um ataque a Veracruz para encontrar Wan Guld de surpresa para o pirata assassiná-lo. Como a jovem conhecia algumas estratégias de guerra, ela orientou o corsário para que eles fossem até a cidade com poucos homens, dessa maneira evitando serem descobertos. Yara também sugeriu ao Corsário o melhor local para atacar o holandês.

- (...) Posso também levá-lo a um palácio onde poderá pegar o duque de surpresa. (...) Eu sei onde mora a Marquesa de Bermejo.
- Quem é essa marquesa?
- A amiga do duque – respondeu a jovem indígena. – Surpreender o flamengo no palácio dele seria impossível, pois é guardado dia e noite por muitas sentinelas.
- Enquanto o da marquesa?...
- Oh! A coisa vai ser fácil – disse Yara. – Uma noite eu também entrei no quarto da marquesa, subindo em uma árvore.
- E o que foi fazer lá? – perguntou o Corsário, olhando para a jovem com espanto.

– Matar o assassino do meu pai.  
 – Você?... Assim tão jovem!  
 – E eu teria conseguido – disse Yara com um tom decidido. – Mas infelizmente naquela noite o duque não foi visitar a sua amiga. (RC, 92)

Mais uma vez notamos a singularidade dessa jovem. Contrariando os valores da sociedade e o comportamento feminino idealizado pelos leitores de Salgari, Yara confessou ao Corsário que já havia tentando assassinar o seu maior inimigo.

Para Salgari, a melhor saída para essa personagem foi a morte. Uma jovem indígena, guerreira, movida pelo ódio aos espanhóis e ao homem que provocou o extermínio do seu povo, apaixonada por um italiano, não teria lugar na sociedade europeia do final do século XIX. Quando o Corsário fugia de Vera Cruz, Yara foi atingida por uma bala.

Yara abriu os olhos e os fixava no Corsário, mas aqueles olhos aos poucos iam perdendo o esplendor. A morte estava chegando depressa.  
 – Minha pobre Yara! – exclamou o Corsário, com voz entrecortada.  
 A jovem mexeu os lábios e depois, fazendo um esforço supremo, balbuciou:  
 – Vingue... a minha... tribo...  
 – Juro que vou fazer isso, Yara...  
 – Eu o amo... – suspirou Yara. – Eu o...  
 Nem pôde acabar a frase. Estava morta. (...)  
 O Corsário recolheu a espada, ficou imóvel por um momento e em seguida correu com um tigre para o canto do jardim onde se ouvia um choque de ferros.  
 – Vamos vingá-la! – gritou ele. (RC, 172)

O Corsário pediu para que a Marquesa de Bermejo cuidasse do enterro da jovem e partiu ao encontro do seu inimigo, Wan Guld. No livro, a personagem Yara não teve um papel muito relevante. Ela auxiliou o Corsário em algumas situações, inclusive nos combates, mas faleceu na metade da história, sem ter assistido a vingança dos seus, prometida pelo Corsário. Depois de sua morte, a jovem não foi lembrada por nenhum outro personagem, não foi mencionada nos outros capítulos, nem mesmo após o suicídio de Wan Guld, diante do Corsário Negro. Como teve um papel secundário na coleção “Os Corsários das Antilhas”, a indígena também não foi mencionada pelos fãs<sup>148</sup>.

<sup>148</sup> Refiro-me tanto às inúmeras entrevistas de leitores de Salgari encontradas em reportagens e livros, quanto às páginas da internet dedicadas ao autor, como [www.emiliosalgari.it](http://www.emiliosalgari.it), o maior site sobre a obra de Salgari.

### 4.2.3. O amor entre os aventureiros e as jovens europeias

Em relação às relações afetivas, Emilio Salgari contraria o padrão existente na literatura de aventura. Os mais famosos heróis salgarianos, Sandokan e Corsário Negro, se apaixonaram por jovens europeias com características bem parecidas: Marianna, uma jovem italiana, sobrinha de um oficial do império britânico, que se mudou para a Malásia; e Honorata Willerman, duquesa de Weltendrem, jovem flamenga que se mudou para a América para viver com Wan Guld, seu pai e governador da cidade de Maracaibo. Como essas histórias eram para jovens adultos, a beleza, os atributos físicos, o forte caráter, a coragem e o poder de sedução das jovens foram descritos com detalhes. Elas eram tão importantes para a narrativa que suas imagens foram utilizadas para ilustrar as capas e o interior dos livros.

No livro “Os Tigres de Mompracem”, desde o primeiro capítulo, Sandokan estava impaciente para conhecer a Pérola de Labuan e gostaria de ouvir a opinião de seu amigo Yanez a respeito da jovem famosa entre os homens da Malásia pela sua beleza e encanto.

– E então, Yanez – perguntou Sandokan com alguma emoção –, viu a jovem de cabelos de ouro? (...)

– Posso dizer que é uma criatura maravilhosamente bela, tão bela que é capaz de enfeitiçar o mais assustador dos piratas. (...) Disseram que tem cabelos louros como o ouro, os olhos mais azuis do que o mar, a pele branca como o alabastro. Soube que Alamba, um de nossos piratas mais violentos, uma noite a viu passeando no bosque da ilha e ficou tão impressionado por aquela beleza que deteve seu navio para contemplá-la melhor, arriscando-se a ser massacrado pelos cruzadores ingleses.

– Mas a quem pertence?

– Alguns dizem que é filha de um colono, outros de um lorde, outros ainda, que é nada menos do que parente do governador de Labuan. (TM, 20)

Sandokan ouviu a descrição e continuou atormentado. No final da noite o pirata decidiu vê-la pessoalmente, apesar da insistência contrária de Yanez, pois Labuan era o lugar onde habitam seus maiores inimigos: “(...) amanhã vou a Labuan. Uma força irresistível me impele para aquelas praias, e uma voz sussurra que tenho que ver a jovem de cabelos de ouro (...)” (TM, 23) Quando chegou na ilha, ele tentou descobrir onde a jovem morava com um nativo.

- Diga, Maldito escravo, já ouviu falar de uma moça que todos chamam de Pérola de Labuan?
- Quem nesta ilha não conhece aquela bela criatura? Ela é o gênio bom de Labuan que todos nós amamos e adoramos.
- É bonita? – perguntou Sandokan com viva emoção.
- Acho que nenhuma outra dama consegue chegar aos seus pés. Um forte estremecimento agitou o Tigre da Malásia.
- Responda – recomeçou ele depois de um instante de silêncio – sabe onde ela mora?
- A dois quilômetros daqui, no meio de uma pradaria.(TM, 37)

Sandokan foi impedido de se aproximar da casa da Pérola de Labuan porque o seu navio foi atacado por cruzadores ingleses. Depois de uma sangrenta batalha e de várias mortes, Sandokan foi atingido por um tiro, mergulhou no mar e com muito esforço conseguiu chegar à terra firme, mas perdeu tanto sangue que desmaiou entre delírios provocados pela febre. No sexto capítulo, “Lorde James Guillonk”, Sandokan descobriu que fora resgatado e que seus ferimentos estavam sendo tratados por alguém, mas não sabia se estava entre amigos ou inimigos. Observando o quarto onde estava, encontrou um pequeno livro com uma rosa marcando suas páginas. Na capa estava escrito um nome: Marianna. Aqui Salgari utilizou uma rosa para representar Marianna e o desejo de Sandokan conhecê-la.

Leu de novo e, coisa estranha, foi atingido por uma sensação desconhecida. Um sentimento doce atingiu o coração daquele homem, aquele coração duro como aço e que permanecia fechado para as maiores emoções. Abriu o livro: estava coberto por uma escrita leve, elegante e nítida, mas ele não conseguiu compreender aquelas palavras (...). sabendo que não devia, mas impelido por uma força misteriosa, pegou delicadamente aquela flor que vira há pouco e a observou por longo tempo. Cheirou-a várias vezes, procurando não estragá-la com aqueles dedos acostumados a segurar a empunhadura da cimitarra, experimentando pela segunda vez uma sensação estranha no coração, uma vibração misteriosa, uma coisa desconhecida; a seguir, aquele homem sanguinário, aquele homem da guerra, se viu tomado por um vivo desejo de levá-la aos lábios!... (TM, 62)

Logo em seguida, Sandokan descobriu que fora salvo por Lorde James Guillonk, capitão britânico e seu grande inimigo. Enquanto conversavam sobre as causas dos ferimentos que aquele príncipe malásio (esse foi o modo encontrado por Sandokan para esconder o seu verdadeiro nome e evitar ser preso naquela situação) sofrera, ouviu uma



música que tocou seu coração de uma maneira singular. Sandokan interrompeu a conversa no mesmo instante e pediu para conhecer a pessoa responsável pela música. O capitão foi buscar a pessoa responsável e Sandokan sentia-se atordoado, quase delirando. “A inexplicável comoção que o atingira um pouco antes voltava a tomar conta dele com violência ainda maior. O coração batia de tal maneira que parecia querer saltar do peito; o sangue corria furiosamente pelas veias, e os braços e pernas eram tomados por estranhas vibrações.” (TM, 64)

O capitão voltou ao quarto acompanhado por uma moça.

Atrás dele vinha uma criatura fantástica, que parecia mal tocar o tapete ao andar. Quando a viu, Sandokan foi incapaz de conter uma exclamação de surpresa e de admiração.

Era uma jovem de dezesseis anos ou dezessete anos, estatura pequena, mas esbelta e elegante, com formas esplendidamente modeladas, a cintura muito estreita, a pele rosada e fresca como uma flor que tivesse acabado de ser colhida. Seu rosto era admirável, com olhos azuis como a água do mar, uma fronte de incomparável precisão, sob a qual se destacavam sobrancelhas ligeiramente arqueadas e que quase se tocavam. Uma cabeleira loira descia como uma chuva de ouro numa desordem fascinante pelo corpete que lhe cobria os seios.

O pirata, ao ver essa dama que parecia ser apenas uma menina, ficou emocionado até o fundo de sua alma. Aquele homem orgulhoso, sanguinário, que trazia o nome terrível de Tigre da Malásia, pela primeira vez na vida se sentia fascinado diante de uma criatura tão graciosa, diante daquela flor delicada nascida nos bosques de Labuan.

Seu coração, que pouco antes batia precipitadamente, agora ardia e parecia que nas veias corriam línguas de fogo. (TM, 64-5)

O capitão perguntou ao príncipe o que ele achava daquela jovem. Sandokan não conseguia responder, apenas “fixava a mocinha com olhos que lançavam chamas de desejo ardente, e parecia que não era mais capaz de respirar.” (TM, 65) O pirata teve que explicar ao capitão que estava bem, mesmo com as reações que sentia quando foi apresentado formalmente à sobrinha do capitão, Lady Marianna Guillonk. “Ao ouvir aquela voz, Sandokan teve um forte sobressalto. Nunca ouvira uma voz tão doce acariciar seus ouvidos, habituados que estava à música infernal dos canhões e aos gritos de morte dos combatentes.” (TM, 65)

Sandokan ainda disse a moça já havia ouvido falar da Pérola de Labuan,

(...) uma jovem de beleza incomparável, olhos azuis, cabelos perfumados como os jasmims de Bornéu; de uma criatura que cavalgava como uma amazona e que caçava feras com muita ousadia; de uma mocinha etérea que, em certas tardes, durante o pôr-do-sol, podia ser vista nas praias de Labuan, fascinando os pescadores das costas com um canto mais doce que o murmúrio dos riachos! Ah! Milady, eu também quero um dia ouvir essa voz.(TM, 66)

A mocinha, pelos sorrisos, demonstrou gostar de conversar e Sandokan correspondia, pois afirmou ao capitão e a ela que “(...) uma jovem dama de rosto alvo venceu o coração de um homem que acreditava ser invulnerável.” (TM, 66) Quando Sandokan ficou sozinho novamente, entrou em contato com sentimentos novos: “Talvez, naquele coração que até então nunca batera por uma mulher, caísse uma terrível tempestade no momento. Emocionalmente alterado, exclamou com raiva: 'Acho que estou ficando louco... que eu a amo!’” (TM, 67)

No capítulo seguinte ao encontro entre Sandokan e Marianna, “Cura e amor”, o leitor conhece a história de Marianna. Ela era órfã de mãe italiana e pai inglês e, por isso, aos onze anos passou a viver com seu tio James Guillonk, que a levou para viver ao seu lado, em alto-mar. Por três anos a jovem viveu todos os perigos que a vida ao lado de um corsário permitiria: enfrentou batalhas, temporais e várias mortes, até o momento em que seu tio se estabeleceu em Labuan. Com quatorze anos Marianna foi obrigada pelo seu tio a viver naquele lugar isolado e só então pode cuidar de sua educação.

Dotada de uma vontade tenaz, aos poucos modificara o ímpeto feroz adquirido naquelas batalhas cruéis e sanguinárias, e aquela rudeza obtida graças ao contato continuo com a gente do mar. Tornara-se assim uma apaixonada admiradora da música, das flores e das belas artes, graças às instruções de uma antiga confidente de sua mãe, que morreu pouco tempo depois de chegar à ilha por causa do ardente clima tropical. Com o progresso da educação, e ainda conservando no fundo da alma um pouco daquela antiga altivez, tornara-se boa, generosa e caridosa. Não abandonara a paixão pelas armas e os exercícios violentos e, sendo uma amazona impetuosa, frequentemente percorria os grandes bosques, perseguindo até mesmo tigres ou, como uma náiade, mergulhava intrepidamente nas ondas azuis do mar malaio; mas, com maior frequência ainda podia ser vista lá, onde a miséria ou a tristeza se encontravam, prestando socorro a todos os indígenas da região, àquela gente que o Lorde James odiava até a morte, por serem os descendentes dos antigos piratas. (TM, 70)

Aquela jovem depois que conheceu Sandokan “(...) experimentava uma estranha perturbação. O que seria? Ela ignorava, mas via sempre diante de si aqueles olhos e, à

noite, esse homem de aspecto tão altivo, que tinha a nobreza de um sultão e a gentileza de um cavalheiro europeu, aparecia em seus sonhos (...)” (TM, 70). Como Sandokan, Marianna logo se apaixonou.

No início tentara reagir contra aquelas batidas do coração que, para ela, eram novas, tão novas quanto eram para Sandokan, mas foi em vão. Sentia sempre que uma força instintiva a impelia a rever esse homem e que não conseguia mais encontrar a calma de antes, a não ser quando se encontrava perto dele; só se sentia feliz quando estava ao pé de sua cama e quando aliviava as dores agudas da ferida com sua tagarelice, seus sorrisos, sua voz inigualável e com sua mandola. (TM, 71)

Na manhã seguinte ao jantar, no qual o baronete William questionou a história que Sandokan inventara sobre sua chegada em Labuan, Marianna quis saber quem era aquele homem. “– Não me engane, príncipe – disse Marianna, com voz sufocada. – Quem quer que você seja, o amor que despertou em meu coração nunca vai se apagar. Rei ou bandido, eu o amarei da mesma forma.”(TM, 87) Depois que soube que aquele homem era o terrível pirata Sandokan, a primeira reação de Marianna “(...) escapar um grito de horror e cobriu o rosto com as mãos.”(TM, 87); mas depois das explicações de Sandokan, aceitou o pirata. “– Não, Sandokan, eu não o rejeito porque o amo demais, porque você é valente, poderoso, terrível como os furacões que agitam os oceanos. (...) Eu o amo, Sandokan, e hoje ainda mais que ontem.”(TM, 87-8)

O amor entre Sandokan e Marianna teve inspiração shakespereana. Logo que voltou a Labuan, Yanez e Sandokan foram até a casa de Lorde James e deixaram um bilhete para a jovem conversar com o pirata, na sacada do seu quarto, à meia-noite. O encontro foi narrado no décimo sétimo capítulo “O encontro noturno”, e, como Romeu e Julieta, Sandokan e Marianna trocaram juras de amor:

– Você! Você!... – exclamou a jovem, louca de alegria. – Bom Deus!  
 –Marianna! Oh, minha menina adorada! – murmurou ele com voz sufocada cobrindo as mãos dela de beijos. – Finalmente a revejo. Você é minha, é verdade, ainda é minha!  
 – Sou, Sandokan, na vida e na morte – respondeu a graciosa Lady. – Ver você de novo, depois de ter chorado a sua morte! É muita felicidade, meu amor!  
 – Achou que eu estava morto, então?  
 – Achei, e sofri muito, terrivelmente, acreditando que o tinha perdido para sempre. (TM, 166)

A jovem estava praticamente refém do seu tio, que colocou soldados para vigiá-la dia e noite. “Meu pobre amigo, tenho medo de não poder mais ser sua mulher, de não poder mais ser feliz, porque meu tio, que agora me odeia, nunca vai concordar em se tornar parente do Tigre da Malásia, e fará qualquer coisa para nos separar, para colocar entre você e eu a imensidão do oceano e a enormidade dos continentes.”(TM, 166)

A saída encontrada para Sandokan e Yanez libertarem Marianna do seu tio foi o rapto. Para tanto, Yanez vestiu-se com o uniforme de um soldado inglês e disfarçou-se de primo do baronete William, para conseguir informar Marianna do plano. Diante do nervosismo da jovem, Yanez reagiu. “– Milady, a senhora precisa ser forte e decidida neste momento. / – E o meu tio... vai me maldizer, me execrar depois disso. / – Mas Sandokan vai fazê-la feliz, a mais feliz das mulheres.” (TM, 233) Quando a jovem disse, chorando, que temia o futuro, respondeu: “– O futuro será risonho, porque Sandokan vai fazer o que a senhorita quiser. Ele já está pronto para incendiar os próprios *prahos*, a dispensar seus bandos, a esquecer a sua vingança, a dar um adeus para sempre à sua ilha e a dismantelar o seu poderio. Basta apenas uma palavra sua para que ele tome a decisão.”(TM, 234)

Mesmo apaixonada, Marianna queria conhecer o passado de Sandokan, para entender os motivos que transformaram aquele homem gentil em um pirata terrível. Depois que Yanez lhe descreveu seu passado, a jovem ficou mais calma.

– Então ele é o vingador da sua família! – exclamou Marianna, que não estava mais chorando.

– É, milady, um vingador que muitas vezes chora a mãe, os irmãos e as irmãs, caídos sob a lâmina dos assassinos, um vingador que nunca cometeu ações infames, que sempre respeitou os fracos e poupou as damas e as crianças, que saqueia o inimigo, não por sede de riquezas, mas para, um dia, poder levar um exército de bravos e reconquistar o reino perdido.

– Ah! Como essas palavras me fizeram bem, Yanez – disse a juvenzinha.(TM, 235)

Marianna ainda precisava esconder do tio os planos do seu rapto.

– Você entendeu que estamos indo para Vitória? – disse.

– Entendi – respondeu ela secamente.

– Vem também?

– O senhor sabe que qualquer resistência de minha parte seria inútil.  
 – Achei que teria que levá-la à força.  
 – Senhor!  
 O português viu uma chama ameaçadora brilhando nos olhos da juvenzinha (...)  
 – Bah! – exclamou o Lorde com mais ironia. – Por acaso deixou de amar aquele herói da faca, e por isso concorda em ir para Vitória? Receba as minhas congratulações, senhorita!  
 – Pare com isso! – exclamou a jovem com uma entonação que assustou o próprio Lorde.  
 Permaneceram alguns instantes em silêncio, olhando um para o outro como duas feras que se provocam antes de se devorarem mutuamente. (TM, 235-6)

Quando se preparavam para partir para o porto, em direção à emboscada preparada por Sandokan e Yanez, Marianna estava nervosa.

O português, que a observava atentamente, viu duas lágrimas tremerem sob as pálpebras e em seu rosto estava esculpida uma profunda ansiedade. Não era mais a juvenzinha energética de poucas horas antes, que falara com tanto ardor e tanta veemência. A ideia de um rapto naquelas condições, a ideia de ter que abandonar para sempre o tio, seu único parente vivo, que não a amava, é verdade, mas que lhe dera muita atenção durante a juventude, de ter que deixar para sempre aqueles lugares e se atirar em um futuro obscuro, incerto, entre os braços de um homem chamado o Tigre da Malásia, tudo isso parecia aterrorizá-la.  
 Quando montou o cavalo, não conseguiu mais reter as lágrimas, que caíram abundantemente, enquanto alguns soluços sacudiram seu peito. (TM, 238)

De fato, Marianna estava certa em afirmar que seu tio não a amava, pois assim que percebeu que a viagem era uma trama de Sandokan para sequestrar a jovem, não hesitou em tentar assassiná-la. Depois que conheceu Lorde James, Yanez já havia desconfiado dessa possibilidade: “E também, se vendo acuado, o Lorde poderia ser dominado pela ira e descarregar a pistola na rapariga. É um risco enorme confiar naquele homem, Sandokan. – É verdade – disse o Tigre com um suspiro. Lorde James seria capaz de assassinar a menina para não permitir que eu a raptasse.” (TM, 232) Durante o seu rapto, Marianna viu o seu tio atirando em sua direção e ouviu a ordem que emitiu para o soldado inglês matá-la. Enquanto estavam a caminho de Mompracem, Marianna, abraçada a Sandokan, chorou.

Desde que chegou em Mompracem, Marianna foi bem acolhida pelos “filhotes” de Sandokan. “Ao ver a juvenzinha que até então ficara atrás de Yanez, os piratas deram

um grito de surpresa e de admiração. – A Pérola de Labuan! Viva a Pérola!... – exclamaram, caindo de joelhos diante dela.” (TM, 262) Quando souberam que os ingleses se preparavam para invadir Mompracem e raptar a Pérola, os piratas se manifestaram prontos para defendê-la. “– Tigre da Malásia – disse um dos chefes avançando. – Enquanto houver um de nós vivo, ninguém vai conseguir raptar a Pérola de Labuan, agora que ela está protegida pela bandeira da pirataria. Dê a ordem: estamos prontos para dar todo o nosso sangue por ela!” (TM, 263)

Assim que chegou em Mompracem Marianna percebeu a tristeza de Sandokan. Ele estava triste por saber que teria que abandonar a ilha para viver com Marianna.

Se você quisesse ser a Rainha de Mompracem, eu teria embelezado tudo, teria tornado este local digno de uma rainha... Mas vamos lá, por que falar de coisas impossíveis? Tudo está morto ou prestes a morrer por aqui.

Sandokan levou a mão ao coração e suas feições se alteraram dolorosamente. Marianna jogou os braços em torno do pescoço dele.

– Sandokan, você está sofrendo tanto, não esconda de mim a sua dor. (...) Sandokan, você lamenta o seu antigo poder e está sofrendo com a ideia de ter que perder a sua ilha. Ouça, meu herói, você quer que eu fique nesta ilha, entre os seus filhotes, que empunhe, eu também, a cimitarra e combata ao seu lado? Quer?

– Você! Você! – exclamou ele. – Não, não quero que você se torne uma mulher assim. Seria uma monstruosidade obrigar você a ficar aqui, ensurdecida pelo ri-bombar da artilharia e com os urros dos combatentes, exposta a um perigo contínuo. Seria demais pedir duas felicidades, e não desejo isso.

– Então você me ama mais do que à sua ilha, seus homens, sua fama?

– Muito mais, minha menina extraordinária. Esta noite vou reunir as minhas tropas para dizer que, depois de lutar esta última batalha, vamos recolher para sempre a nossa bandeira e ir embora de Mompracem. (TM, 263-4)

Diante das súplicas dos filhotes de Sandokan para que ele e Marianna ficassem na ilha, e lembrando-se da tristeza do pirata, a jovem decidiu ficar.

– Sandokan – disse com uma voz sem tremor. – Se eu dissesse a você para renunciar à sua vingança e à pirataria, e se eu rompesse para sempre o fraco vínculo que me une aos meus compatriotas e adotasse esta ilha como pátria, você aceitaria?

– Você, Marianna, ficar na minha ilha?

– Você quer?

– Quero e juro a você que não pegarei mais em armas a não ser para defender a minha terra.

– Então que Mompracem seja a minha pátria e que eu fique aqui!

Cem armas foram erguidas e cruzadas sobre a jovem que se abrigara entre os braços de Sandokan, enquanto os piratas gritavam ao mesmo tempo:

– Viva a Rainha de Mompracem! Ai daquele que tocar nela!... (TM, 267)

A jovem ítalo-inglesa, órfã e sem nenhum vínculo afetivo com o único parente vivo, que vagava pelos mares até ir morar em Labuan, finalmente se estabeleceu em um lugar para construir um lar e uma família ao lado do homem que amava. No dia seguinte, a jovem transformou-se na Rainha de Mompracem e foi incentivar seus súditos a proteger sua nova moradia. “A Rainha de Mompracem, bela, fascinante, cintilando com ouro e pérolas, estava sempre por perto e os encorajava com sua voz e seu sorriso.” (TM, 269)

Para Sandokan e Marianna, Mompracem representa a redenção na possibilidade de construir um novo lar. Porém, infelizmente para os personagens, a ilha foi destruída.

Na fuga de Mompracem, o navio de Sandokan e Marianna foi conquistado pelos ingleses. A Rainha de Mompracem precisou demonstrar coragem para auxiliar na fuga de Sandokan e de Juioko. Antes de explicar o seu plano, Sandokan precisou convencê-la de que precisava fugir apenas com Juioko. “– Por que Sandokan? Duvida que eu seja capaz de seguir você? Está com medo de que talvez me falte a coragem para enfrentar os perigos? Sou decidida e não tenho mais medo de nada; se quiser, posso apunhalar as sentinelas e mandar este navio pelos ares, com todos os homens dentro se for preciso.” (TM, 297) Sandokan explicou seu plano, ele e Juioko tomariam pílulas que quase os matariam. Os oficiais pensariam que era suicídio e jogariam os corpos no mar. Marianna deveria auxiliá-lo colocando cimitarras nas suas roupas e jogando boias na água, e depois deveria fazer com que seus corpos fossem jogados no mar, sem serem amarrados. Sandokan tinha certeza de que Yanez estava vindo atrás do navio para resgatá-lo. Então, assim que acordasse do sono profundo provocado pelo remédio, seria resgatado por Yanez e voltariam para buscá-la. Marianna concordou com o plano e agiu conforme o combinado. Quando um oficial inglês a avisou da morte de Sandokan, foi firme. “– Senhor – disse ela com voz rouca, mas energética. – Vivos, eles pertenciam ao senhor, mortos, pertencem a mim. (...) mande trazerem os dois cadáveres para a popa e me deixe sozinha com eles.” (TM, 300) Antes de jogar os corpos no mar, a jovem chorou. “Aproximou-se de Sandokan e pousou os lábios nos dele. Com aquele contato, sentiu uma leve tepidez e uma espécie de

formigamento. Teve um momento de hesitação e disse com voz sufocada: – Podem levá-los.” (TM, 301)

A jovem Marianna, ao longo da história, amadureceu e tornou-se uma mulher corajosa e decidida, disposta a abandonar a família e o convívio com os povos de sua raça para viver com o homem que amava, sem se importar com o fato dele ser de uma raça colonizada, considerada na época inferior à civilização ocidental. Por ser uma personagem tão forte e tão incomum, quando comparada com as personagens femininas daquele período, Marianna encantou os leitores. Para compreendermos a singularidade de Marianna e de Honorata, a personagem dos livros do Corsário Negro, utilizamos as palavras de Paola I. Galli Mastrodonato, que, ao descrever Iolanda, filha do Corsário Negro, nos dá um panorama da literatura europeia sobre as mulheres entre o final do século XIX e início do século XX.

As mulheres do romance europeu eram igualmente divididas entre burguesas insatisfeitas, sempre na beira de uma crise histórica, limitadas nos movimentos físicos pelos espartilhos e pelos papéis sociais que lhes aprisionavam, e as populares ou operárias que levavam uma vida de dificuldades e opressão, em incidentes infernais de violência e abuso (...). (Galli Mastrodonato, 2008, s/p)

149

Da mesma maneira que Marianna, Honorata também destacou-se entre as personagens femininas salgarianas. O Corsário Negro encontrou Honorata por acaso do destino. A personagem apareceu apenas no décimo primeiro capítulo “A duquesa flamenga”, no qual o Corsário e os seus homens haviam acabado de conquistar um navio espanhol de combate que levava uma jovem duquesa para a cidade de Maracaibo. Como de costume, a jovem tornou-se prisioneira dos flibusteiros: ela seria levada para Tortuga e só estaria livre após o pagamento do seu resgate.

A primeira vez que Honorata apareceu no romance lembra uma entrada teatral, pois ela interrompeu uma conversa do Corsário com Morgan: “(...) a porta do quadro foi aberta bruscamente e apareceu uma jovem, acompanhada de duas mulheres e de dois pa-

<sup>149</sup>“Le donne del romanzo europeo erano equamente divise tra borghesi insoddisfatte, sempre sull'orlo di una crisi isterica, limitate nei movimenti fisici da stecche di balena e da ruoli sociali che le imprigionavano, e popolarie o operaie che conducevano vite opprimenti e di stenti, in gironi infernali fatti di violenza e sopraffazione (...).”



jens luxuosamente vestidos.” (CN, 114-5) Como era uma personagem importante para a história, Salgari interrompeu o desenrolar da história para descrevê-la.

Era uma bela moça, alta, esguia, elegante, com uma pele muito delicada, de um branco ligeiramente rosado, aquele tom que só se vê nas jovens dos países setentrionais e, principalmente, naquelas que pertencem às raças anglo-saxãs, escocesas e dinamarquesas.

Os cabelos compridos eram louros, com reflexos mais prateados do que dourados, desciam até as costas e estavam presos em uma trança grossa, fechada por uma grande fita azul enfeitada de pérolas; os olhos tinham um formato perfeito e uma cor indefinida, com lampejos do aço polido, as sobrancelhas eram muito finas e, coisa estranha, em vez de serem loiras como os cabelos, eram pretas.

Aquela menina, pois devia ser mesmo uma menina, já que ainda não tinha as formas desenvolvidas de uma mulher, estava com um elegante vestido de seda azul com grandes golas de renda, como era a moda daquela época, mas muito simples, sem bordados de ouro ou de prata; tinha no pescoço, contudo, um colar de muitas voltas de pérolas grandes, que devia custar vários milhares de piastras, e, nas orelhas, duas esmeraldas fantásticas, pedras muito procuradas e apreciadas naqueles tempos. (CN, 115)

A jovem logo percebeu os inúmeros corpos dos mortos na proa do navio e quis saber quem era o homem responsável por tantas mortes.

O Corsário jogou a espada ensanguentada que ainda estava na sua mão e, erguendo galantemente o amplo chapéu plumado, disse com uma cortesia requintada:

– Senhora, sou um cavalheiro de além-mar.

– O que o senhor é não me diz respeito – disse ela, um pouco mais calma com a gentileza do Corsário.

– Então devo acrescentar que sou o cavaleiro Emilio de Roccanera, senhor de Valpenta e de Ventimiglia, mas que uso um nome bem diferente.

– Qual, cavaleiro?

– Sou o Corsário Negro.

Ao ouvir aquele título, um estremecimento de terror passou pelo belo rosto da jovem, e a cor rosada da sua pele desapareceu repentinamente, ficando branca como o alabastro.

– O Corsário Negro – murmurou ela, fixando os olhos arregalados nele. – O terrível corsário da Tortuga, o grande inimigo dos espanhóis.

– Talvez a senhorita esteja enganada. É verdade que combato os espanhóis, mas não tenho motivos para odiá-los e dei prova disso aos sobreviventes deste navio há pouco. Está vendo lá longe, onde o mar se confunde com o horizonte, aquele ponto escuro que parece perdido no espaço? É uma chalupa, levando a bordo os dezenove marinheiros espanhóis que libertei quando, por direito de guerra, poderia ter trucidado ou mantido como prisioneiros.

– Será que foi mentira das pessoas que o descreveram como o mais terrível corsário da Tortuga? (CN, 115-6)

A reação de surpresa e apavoramento da jovem quando ouviu o nome do Corsário Negro demonstra que ela já conhecia a fama terrível daquele homem, entretanto, sua cordialidade e clemência para com os soldados libertados fizeram com que Honorata comesse a questionar a veracidade de tudo o que sabia sobre o terrível Corsário.

Figura 09



Ilustração interna da Primeira edição do livro “*Il Corsaro Nero*”, feita por Giuseppe Gamba, publicado em 1898 por Donath Editore.

Esse trecho serviu de inspiração para Pipein Giuseppe Gamba ilustrar o miolo do livro (Figura 09). Nessa gravura percebemos, da mesma maneira que o texto, uma grande carga dramática no olhar de Honorata para o Corsário, cheio de desconfiança e distanciamento; na postura cordial e reverente do Corsário, cumprimentando com a cabeça baixa e o chapéu na mão direita; e nos corpos de vários homens mortos, resultado dos conflitos para a conquista daquele navio, presentes na parte inferior da ilustração, ocupando uma parte de destaque.

Depois de conversar um pouco com o Corsário Negro, Honorata mais uma vez se surpreendeu ao descobrir que ele não era um terrível pirata, mas sim um cavalheiro que não odiava os espanhóis e não estava interessado em acumular riquezas. Essas informações foram responsáveis pelas transformações de suas expressões faciais: o choque por saber de quem era prisioneira foi substituído por um “sorriso adorável”, que foi repetido mais uma vez na despedida. Já a reação do Corsário foi mais atormentada e perturbadora: “Ficou ali por alguns minutos, como se estivesse absorto em algum pensamento torturante e como se o seu olhar seguisse uma visão fugaz, depois sacudiu o corpo e agitou o chapéu, murmurando: – Loucura!...” (CN, 117)

Na mesma noite, contrariando o seu comportamento costumeiro, O Corsário Negro estava nervoso e inquieto, andando de um lado para o outro; de repente parava bruscamente, “... dominado por uma forte agitação e por preocupações profundas”(CN, 119). Falava coisas sem sentido “... depois se aproximava de Morgan (...) como se fosse dizer alguma coisa, mas acabava virando de costas e voltava a caminhar em direção à popa. (...) Foi visto subindo ao tombadilho de popa três vezes para olhar o navio de combate, fazendo um gesto de impaciência (...)”(CN, 120). O Corsário Negro só se acalmou quando Moko e Carmaux trouxeram Honorata para jantar com ele.

O Corsário Negro também se apaixonou rapidamente por Honorata. Como a jovem foi feita refém da flibustaria, ela seria levada para Tortuga e lá ficaria até o pagamento do resgate. Na primeira noite após a tomada do navio, eles jantaram juntos. Cada vez mais Honorata percebia que a fama do terrível Corsário Negro não correspondia ao cavalheiro que conhecera no navio, e o Corsário demonstrava-se cada vez mais perturbado quando estava distante dela. Na manhã seguinte ficou claro que ambos estavam interessa-

dos um no outro. O Corsário estava na proa do seu navio e olhou em direção ao navio espanhol quando

Ele estremeceu e fez menção de ir embora, mas parou de repente, enquanto o seu rosto, antes tão anuviado, se iluminou, e a palidez se transformou em uma cor levemente rosada; cor que, no entanto, durou apenas um instante.

Viu na proa do navio espanhol uma figura branca apoiada no cabrestante. Era a jovem flamenga, envolta em um longo roupão branco e com os cabelos loiros soltos, caindo sobre os ombros em uma desordem pitoresca, que a brisa marinha desarrumava de vez em quando.

Ela estava com o rosto virado para a nave flibusteira e os olhos fixos na popa, ou melhor, no Corsário Negro. Mantinha uma imobilidade absoluta, com o queixo apoiado nas mãos, em uma posição pensativa.

O Corsário Negro não fez nenhum sinal, nem mesmo para cumprimentá-la. Ele agarrou a amurada com as duas mãos, como se estivesse com medo de ser arrancado de lá e manteve os olhos fixos nos da jovem.

Parecia estar fascinado por aquele olhar com lampejos de aço e nem conseguia respirar regularmente. Aquele fascínio, estranho para um homem com o temperamento do Corsário, durou um minuto (...) (CN, 128)

O Corsário já conhecia os seus sentimentos e conversou com Morgan, seu braço direito, sobre o assunto.

– Você acha que algumas mulheres podem ser fatais?...

– O que o senhor quer dizer com isso? – perguntou o lugar-tenente com espanto.

– Você seria capaz de amar uma mulher sem medo?

– E por que não?

– Não acha que uma bela jovem pode ser mais perigosa do que uma abordagem mais sangrenta?

– Às vezes pode. Mas sabe o que os bucaneiros e os flibusteiros da Tortuga dizem antes de escolher uma companheira entre as mulheres que os governos da França e da Inglaterra enviam para cá a fim de encontrar um marido?

– Nunca me ocupei dos casamentos dos nossos flibusteiros, nem dos bucaneiros.

– Eles dizem exatamente estas palavras: “Daquilo que você fez até agora, mulher, não peço contas nem a absolvo, mas deve me prestar contas de tudo o que fizer de agora em diante”, e batem no cano do fuzil, acrescentando “Este é o meu vingador e, se você falhar, ele não falhará”.

O Corsário Negro deu de ombros, dizendo:

– Ei! Eu estava falando de mulheres bem diferentes daquelas que os governos de além-mar mandam para cá.” (CN, 130)

Morgan não sabia que o Corsário estava se referindo a duquesa, e não às mulheres que os governos mandavam às colônias para casamento. Mesmo assim é interessante per-

ceber que os flibusteiros e bucaneiros controlavam suas mulheres através da ameaça e da violência.

O Corsário explicou a Morgan que Honorata o assustava porque “(...) uma cigana do meu país previu que a primeira mulher que eu me amasse seria fatal para mim.” (CN, 131) O Corsário temia porque aquela cigana já havia acertado as previsões sobre as mortes de seus irmãos. Em relação a ele, ela disse “(...) que vou ser morto no mar, longe da minha pátria, por causa da mulher amada.” (CN, 131)

Um trecho importante do livro mostra ao leitor a coragem de Honorata. Ante a ameaça de um grande temporal, o Corsário Negro decidiu trazer a jovem para a Folgore, garantindo sua segurança, porém ao invés da jovem ficar na cabine,

Uma mulher saíra do quadro e vinha subindo para o tombadilho de popa, agarrando o cabo da escada com toda a força para não ser derrubada pelos sacolejos desordenados da nave. Estava completamente envolta em um pesado vestido de tecido catalão, mas a cabeça estava descoberta e o vento revolia no ar os fantásticos cabelos loiros.

– Senhora! – gritou o Corsário, que logo percebeu que aquela mulher era a jovem flamenga. – Não está vendo que pode encontrar a morte aqui?

A duquesa não respondeu, apenas fez um gesto com a mão que parecia significar:

– Não estou com medo.

– Volte para o quadro, senhora – disse o corsário mais pálido do que de costume.

Em vez de obedecer, a corajosa flamenga se içou para o tombadilho de popa, o atravessou agarrada ao cabo da vela de carangueja e se agachou entre o costado e a popa da grande chalupa (...).

O Corsário fez um sinal para que ela se retirasse, mas como resposta obteve um energético aceno negativo da cabeça.

– Mas a morte está rondando por aqui!... – repetiu ele. – Volte para o quadro, senhora!

– Não! – respondeu a flamenga.

– Mas o que veio fazer aqui?

– Vim admirar o Corsário Negro.

– E ser carregada pelas ondas.

– O que isso importa ao senhor?...

– Eu não desejo a sua morte, a senhora está entendendo? – gritou o Corsário com um tom de voz no qual se sentia vibrar pela primeira vez um ímpeto apaixonado.

A jovem sorriu, mas não se mexeu. Encolhida naquele canto, com as mãos apertadas no seu pesado vestido, com os cabelos esvoaçantes, deixava que a água que invadia o tombadilho de popa a molhasse, sem tirar os olhos do Corsário.

Ele percebeu que era inútil insistir e até ficou contente por ver tão perto dele aquela jovem corajosa, que subiu até lá, desafiando a morte, para admirar a sua

ousadia, por isso não repetiu a ordem para que ela fosse embora do tombadilho de popa. Quando o temporal dava um minuto de trégua à nave, ele dirigia os olhos para a duquesa e, talvez involuntariamente, sorria para ela. Com certeza ambos estavam se admirando.

Todas as vezes que olhava para a jovem, os seus olhos se encontravam de repente nos dela, que haviam adquirido uma imobilidade quase vítrea, como naquela manhã, quando ela estava na proa do navio de combate.

Mas aqueles olhos, dos quais emanava um fascínio misterioso, causavam no intrépido flibusteiro uma perturbação que ele não conseguia explicar. Até quando não estava olhando, sentia que ela não o perdia de vista um só instante e experimentava um desejo irresistível de virar a cabeça para aquele canto da nave.

(...)

– Não fique olhando para mim assim, senhora!... Estamos arriscando a vida!...

Aquele fascínio inexplicável de repente cessou. A jovem tinha fechado os olhos e abaixado a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos”. (CN, 137-8)

Nesse trecho percebemos a ousadia e a coragem de Honorata de sair do seu quarto para assistir o Corsário Negro conduzir a Folgore. A jovem também demonstrou estar interessada no Corsário, que correspondia seus olhares com alegria. Acreditamos que a força da tempestade correspondia ao sentimento que estava se fortalecendo entre Honorata e o Corsário Negro.

A imagem da jovem agarrada às cordas, desafiando a sorte e arriscando a vida apenas para contemplar aquele homem era tão impressionante que serviu de tema para ilustração do interior da primeira edição do livro (Figura 10). Nela, o ilustrador Giuseppe Gamba destacou a beleza de Honorata nos traços de sua face, na cintura fina e marcada, e nos cabelos soltos, voando com o vento. Nessa imagem percebemos mais uma vez os traços típicos do ilustrador, presente na expressividade do desenho daqueles corpos na tempestade. Como o livro era direcionado aos jovens meninos, acreditamos que a ilustração iria agradá-los.

No final da tempestade, o Corsário e Honorata falaram um ao outro o quanto se admiravam. “– Venha comigo; eu também estava admirando a senhora e acho que nenhuma mulher teria enfrentado a morte, como acabou de fazer, para ver a minha Folgore lutar contra o temporal.” (CN, 140) A jovem respondeu sorrindo: “Pode ser que nenhuma mulher ousasse subir para a cobertura, mas posso dizer que eu sou a única que viu o Corsário Negro guiar a sua nave durante uma das tempestades mais assustadoras já vistas e pôde admirar a força e a audácia dele.” (CN, 140)



Figura 10



Ilustração interna da Primeira edição do livro “*Il Corsaro Nero*”, feita por Giuseppe Gamba, publicado em 1898 por Donath Editore.

Em Tortuga, o Corsário se aproximou cada vez mais de Honorata. Ele pagou seu resgate, deixou a jovem ficar em sua casa e sempre que podia, trocava a companhia de seus amigos flibusteiros pela da jovem. Ela decorou sua casa com flores e sempre espera-

va o Corsário para as refeições. A aproximação dos dois estava cada vez mais forte quando um dos flibusteiros comentou com o Corsário sobre a possibilidade de a jovem ser parente de Wan Guld, uma vez que ambos eram flamengos. O Corsário ficou extremamente preocupado por causa do seu juramento de matar não apenas Wan Guld como também todos os familiares dele. O flibusteiro Olonês perguntou:

- Você a ama muito?
- Com loucura.
- E ela o ama?
- Acho que sim.
- Mas que belo casal, pela minha fé!... O senhor de Roccanera só poderia mesmo se casar com uma senhora de alta classe! ... Esta é uma oportunidade rara na América, e muito mais rara ainda para um flibusteiro. Coragem, vamos esvaziar um copo à saúde da sua duquesa, amigo. (CN, 155)

Desde a primeira conversa entre Honorata e o Corsário Negro, a jovem já conhecia o seu projeto de vingança, que se resumia em matar o responsável pela morte dos seus três irmãos. Quando teve oportunidade, Honorata perguntou ao Corsário quem era o homem que ele odiava tanto. A revelação aconteceu no dia em que ele embarcou para Maracaibo, junto com todos os flibusteiros, para saquear a cidade e matar Wan Guld. Depois que combinou com os flibusteiros a melhor rota, foi para a cabine e reconheceu um perfume de flor. “– Mas que coisa estranha!... – exclamou ele, parando de súbito. – Se eu não tivesse certeza de que deixei a flamenga na Tortuga, poderia jurar que ela está aqui.” (CN, 170) Logo o Corsário descobriu que Honorata estava na sua cabine. Ele “(...) se precipitou para frente, deixando cair a misericórdia, e estendeu os braços para a duquesa, enquanto seus lábios tocavam de leve a renda da gola alta do vestido dela.” (CN, 170) Feliz e atordoado, queria saber como a jovem conseguiu ser levada até a Folgore sem ninguém saber.

- Bom... eu queria muito vir com o senhor.
- Então a senhora me ama?... Diga logo, isso é verdade, senhora?...
- É – murmurou ela em um fio de voz.
- Obrigado... Agora posso desafiar a morte sem medo.(CN, 170-1)



Depois da declaração, o Corsário transformou-se “(...) ela fixava o Corsário de pé diante dela, não mais pálido nem sombrio e pensativo, pois um sorriso de felicidade infinita se desenhava nos lábios daquele orgulhoso homem do mar.” (CN, 171) Os dois conversaram sobre como a jovem conseguiu entrar no navio escondida e sobre as preocupações do Corsário com a batalha futura, quando Honorata quis saber quais eram os motivos que o levavam a uma luta até a morte. Depois que ouviu a história, ela estranhou, pois “Na minha juventude acho que ouvi alguns soldados que serviam ao meu pai contam uma história parecida com essa que o senhor acabou de contar.” (CN, 175) Quando o Corsário disse o nome de Wan Guld, Honorata começou a passar mal e desmaiou, porém o Corsário não percebeu o fato, pois já tinha partido para o combate.

Apenas no final da obra, quando o Corsário retornou ao navio depois da captura de Gibraltar e a nova fuga de Wan Guld, ele teve a triste revelação de que Honorata era a filha de Wan Guld.

Um verdadeiro rugido saiu dos lábios do Corsário Negro ao ouvir aquela afirmação solene. Começou a se encolher lentamente, como se tivesse recebido um golpe de maça, quase até tocar a ponte, mas de repente se reergueu depressa, com um salto de tigre. Sua voz rouca ecoou entre os estrondos das ondas. – Na noite em que eu estava navegando estas águas, levando comigo o cadáver do Corsário Vermelho, fiz um juramento. Maldita seja aquela noite fatal que me obriga a matar a mulher que eu amo! (CN, 326)

Por mais que Honorata tentasse convencê-lo de que ela não deveria pagar com a própria vida pelo crime cometido por seu pai, o Corsário estava desequilibrado, alternando estados de ferocidade e violência, com lágrimas e desespero, a ponto de não distinguir mais o que era realidade e alucinação quando começou a ver os fantasmas dos seus irmãos se levantando do mar para cobrar seu juramento. Entre lágrimas e a desaprovação da sua tripulação o Corsário ordenou seus homens a prepararem um barco.

O mestre de tripulação saiu das fileiras, fazendo sinal a alguns homens para que o acompanhassem, e desceu para o mar uma chalupa, (...) colocando víveres lá dentro, tendo compreendido o que o Corsário estava querendo fazer com a filha infeliz de Wan Guld.

Mal havia terminado quando viram a jovem flamenga sair do quadro. Ainda estava vestida de branco, com os cabelos louros caindo pelas costas. A tripulação achou que ela parecia um fantasma.

A jovem atravessou a coberta da nave sem pronunciar uma palavra, como se mal estivesse tocando as tábuas do navio. No entanto, andava ereta, decidida, sem a menor hesitação. (...)

Olhou por alguns segundos o feroz inimigo do seu pai, que se mantinha ereto na ponte de comando, com os braços fortemente cruzados, fez um gesto de adeus com a mão, desceu depressa a escada e entrou na chalupa. (CN, 329)

No mar, enquanto a chalupa se afastava da Folgore, Honorata permanecia em pé, com os olhos em direção ao Corsário. “Um grito escapou dos lábios de toda a tripulação. – Salve-a!...” (CN, 329) O Corsário não reagiu, porém quando a chalupa não era mais vista, ele começou a chorar. Esta foi a última cena do livro.

O segundo livro da série dá mais destaque ao amor que o Corsário Negro sentia por Honorata. Isso se comprova no título, referência ao destino de Honorata, e nos motivos responsáveis pelo primeiro grande momento de ação da obra, quando o Corsário Negro invadiu a cidade de Puerto Limón para interrogar Don Pablo de Ribeira, o administrador do duque Wan Guld.

– Disseram que o senhor sabe de alguma coisa sobre Honorata Wan Guld?

Sua voz, naquele momento, tinha algo de dilacerante. Era como se um soluço tivesse se despedaçado no pito do orgulhoso homem do mar. (...)

– Fale – disse o Corsário (...) com voz sibilante. – É verdade que um pescador do Mar do Caribe disse ao senhor que viu uma chalupa sendo arrastada pelas ondas, com uma jovem mulher dentro dela?

– É verdade – respondeu o velho, com voz tão fraca que parecia um sopro.

– Onde estava a chalupa?

– Muito longe das costas venezuelanas.

– Em que lugar?

– Ao sul do litoral de Cuba, a cinquenta ou sessenta milhas da ponta de San Antonio, no canal de Yucatán.

– A uma distância tão grande da Venezuela! – exclamou o Corsário, ficando em pé de um salto. – Quando foi encontrada essa chalupa?

– Dois dias depois da partida das naves flibusteiras das praias de Maracaibo.

– E a moça ainda estava viva?...

– Estava, cavalheiro.

– E esse miserável não a recolheu?

– A tempestade estava ficando muito violenta, e a nave dele não estava mais em condições de resistir aos ataques das ondas.

Um grito dilacerado escapou dos lábios do Corsário. Ele apoiou a cabeça nas mãos e por alguns instantes o velho ouviu soluços surdos. (RC, 19-20)

Depois que conseguiu voltar ao seu navio e fugir de Puerto Limón, em uma conversa entre o Corsário Negro e Morgan, o leitor descobre que o Corsário Negro abandonara Honorata na chalupa há algum tempo.

– Já se passaram quatro anos – continuou o Corsário (...) – mas mesmo assim eu ainda a vejo vagando pelo mar tempestuoso do Caribe, à luz dos raios, entre os rugidos das ondas insistentes. Que noite fatal!... Nunca mais vou esquecê-la!... O juramento que fiz na noite em que o cadáver do Corsário Vermelho desceu para o fundo do mar destruiu a minha vida! (RC, 75)

O Corsário sempre se lembrava de Honorata. Na mesma noite, depois que conversou com Morgan, foi conhecer a história da jovem indígena que trouxera para o navio. Por um momento o Corsário Negro chegou a imaginar que Yara sabia do paradeiro da jovem. Nesse instante, confessou seu amor pela jovem flamenga e nem sequer ouviu a declaração de amor da indígena.

– Honorata está viva? Responda Yara, ela ainda está viva? – gritou o Corsário.  
– Ah! O senhor ainda a ama!... – exclamou a jovem indígena, com um soluço.  
– Amo – respondeu o Corsário. – O primeiro amor nunca morre, e Honorata Wan Guld foi a primeira mulher que amei sobre a terra. (RC, 83)

Poucos dias depois, o espetáculo do pôr do sol mais uma vez fez o Corsário lembrar-se de Honorata.

– Que tarde maravilhosa – murmurou o Corsário, como se falasse consigo mesmo. – Quantas recordações um pôr do sol como o de hoje me traz!... (...)  
– Você está pensando na flamenga, não é verdade? – perguntou ela. [Yara]  
– Estou, respondeu o Corsário com um suspiro. – Isso está me lembrando uma tarde em que ela ficou me esperando na minha vila, em Tortuga. Ah! Que felicidade senti naquela tarde!... Mas na época eu ainda não sabia que ela era filha do meu inimigo mortal. (...) – Naquela noite a minha sorte foi decidida, porque nunca antes havia sentido o coração bater tão forte, nem acreditei que uma jovem pudesse ser tão linda. Louco!... Eu tinha esquecido a profecia da cigana! ... Não quis acreditar nas palavras sinistras que aquela feiticeira me disse: a primeira mulher que você amar será fatal. E só eu sei o quanto ela me foi fatal! ... (RC, 91)

A marquesa de Bermejo aumentou a esperança do Corsário Negro de encontrar Honorata viva. Quem sabia das informações era um homem de confiança de Wan Guld.

“– Diego Sandorf me garantiu que a duquesa foi realmente recolhida por uma caravela espanhola que mais tarde naufragou nas praias da Flórida.” (RC, 183) A informação parecia mesmo ser real, pois a marquesa acreditava que Wan Guld fugira para a Flórida para encontrar sua filha. Quando o Corsário Negro encontrou-se com Diego Sandorf, obteve a confirmação dessa história.

– (...) Há uns dois meses eu estava em uma missão em Havana, quando um dia um marinheiro me procurou para dizer que tinha comunicações da máxima importância para me fazer. (...) Como ele ficou sabendo que eu era o homem de confiança do duque, decidiu vir encontrar comigo para me dar informações precisas sobre a jovem duquesa. Dessa forma, fiquei sabendo por ele que a tempestade que desabou na noite em que o Corsário Negro a abandonou em uma chalupa para se vingar de seu pai no final acabou poupando a pobre moça. A nave em que estava aquele marinheiro encontrou a jovem duquesa a sessenta milhas da costa do Marabaíbo e a recolheu, apesar da fúria das ondas. A caravela estava indo para a Flórida e a levou junto. Infelizmente estavam na época dos furacões. Quando chegaram perto da costa meridional da Flórida, a caravela naufragou nos arrecifes, e a tripulação foi massacrada pelos selvagens. Só o marinheiro que veio falar comigo conseguiu escapar miraculosamente da morte, ficando escondido entre os destroços da nave, ou melhor, não só ele. A jovem duquesa também foi poupada. Talvez impressionados com a beleza dela, em vez de trucidá-la, os selvagens demonstram sinais claros de um respeito extraordinário. Do seu esconderijo, o marinheiro viu aqueles ferozes antropófagos se ajoelhando diante da jovem duquesa, como se ela fosse alguma divindade dos mares, depois acomodá-la em um palanquim enfeitado de penas e pele de caimão e levá-la com eles. (RC, 196)

No último capítulo do livro, o Corsário Negro e seus amigos Moko, Carmaux e Wan Stiller encontram Honorata. Logo que foram capturados pelos indígenas, eles souberam que o “gênio do mar” os protegia e por isso nenhum indígena faria mal a eles. Passaram-se alguns dias até o Corsário descobrir que o gênio do mar era uma mulher que naufragou e que fora recolhida pelos indígenas se tornando a rainha da tribo. “– Uma mulher! ... Uma mulher!... – repetiu ele com voz alquebrada. – Que dúvida!... Será que é Honorata? ... Bom Deus!... Disseram que ela naufragou nestas praias!...” (RC, 299) No entardecer deste dia, depois que a rainha dos Caraíbas participou de um ritual ao lado dos caciques da tribo, o Corsário Negro finalmente conseguiu vê-la.

Uma forma humana, envolvida em um amplo manto de penas de jacamar verdes e douradas com listras fulgurantes e uma coroa de ouro na cabeça se destacou da parede oposta e avançou lentamente na direção do Corsário. Chegando

a três passos dele, abriu o manto, atirando para trás ao mesmo tempo, com um rápido movimento da cabeça, os opulentos cabelos louros que caíam sobre os ombros e o peito em uma desordem graciosa. Era uma criatura belíssima, de vinte ou vinte e dois anos, pele rosada, olhos enormes que emitiam lampejos vivos e uma boca minúscula que deixava entrever dentes pequenos com grãos de arroz e brilhantes como pérolas. O corpo estava envolvido por uma espécie de vestido de seda azul, preso nos quadris por um cinto de ouro, e os braços, carregados de braceletes de grande valor. No peito trazia o emblema do sol em prata maciça. (RC, 303)

Diante dela, o Corsário caiu de joelhos para pedir perdão:

A rainha dos antropófagos, ou melhor, a filha de Wan Guld, ficou imóvel diante dele. O seio, contudo, se elevava impetuosamente, enquanto soluços surdos morriam em seus lábios. (...)

– Eu já o perdoei... Na própria noite em que você me abandonou no mar do Caribe... você estava vingando os seus irmãos.

Em seguida, explodiu no choro, escondendo o belo rosto no peito do orgulhoso batedor dos mares.

– Cavaleiro – murmurou ela. – Eu ainda o amo! (RC, 303)

Os dois personagens se abraçaram, mas logo em seguida o Corsário Negro lembrou-se das tristes circunstâncias que os uniam.

– Ah! – exclamou ela. – Meu pai morreu!

– Morreu – disse o Corsário com voz fúnebre. – Ele está dormindo o sono eterno nos abismos do grande golfo, no mesmo túmulo em que repousam os meus irmãos.

– Você o matou! ... – soluçou a pobre jovem.

– Foi o destino que o matou – respondeu o Corsário. – ele afundou com o seu navio, enquanto tentava me atrair também para o grande túmulo de água, pon-do fogo na pólvora da minha nave.

– E você escapou da morte!

– Deus não permitiu que eu morresse sem antes de ver você de novo.

– Peço perdão por meu pai!

– As almas dos meus irmãos foram aplacadas – disse o Corsário com voz sombria.

– E a sua?

– A minha? ... O homem que eu odiava não está mais vivo, e a vingança não sobrevive para além do túmulo. Minha missão acabou.

– E o seu amor também acabou, cavaleiro? – soluçou Honorata. (RC, 303)

O Corsário Negro não respondeu, apenas levou Honorata para a praia com o objetivo de apresentá-la aos fantasmas de seus irmãos. Mais uma vez delirando, o Corsário Negro entrava na água a procura dos fantasmas, esperando encontrar a Folgore e o fantas-

ma de Wan Guld. Já com água na cintura, saiu do surto e avistou Honorata ao seu lado. “– A vida ou a morte? – perguntou ele.” – O seu amor – respondeu a jovem com um fio de voz.” (RC, 306)

Figura 11



Capa de Pipein Giuseppe Gamba para a primeira edição do livro “*La Regina dei Caraibi*”, publicado em 1901 por Donath Editore.

No grande final dessa história, Honorata e o Corsário Negro, livres da vingança e dos fantasmas do passado, abandonam seus pertences na praia para finalmente começarem uma vida nova. “No dia seguinte, Carmaux, Moko, Wan Stiller e os índios vasculharam a praia e encontraram na areia a coroa e o manto de penas da rainha e a misericórdia do Corsário. Depois de contarem as chalupas, descobriram que estava faltando uma.” (RC, 306)

Figura 12



Ilustração interna de Pipein Giuseppe Gamba para a primeira edição do livro “*La Regina dei Caraibi*”, publicado em 1901 por Donath Editore.

O encontro do Corsário Negro com Honorata foi retratado na capa (Figura 11) e ilustrou o miolo da primeira edição do livro *“La Regina dei Caraibi”* (Figura 12). Nas imagens, feita por Pempei Giuseppe Gamba, destacamos a presença de elementos exóticos de Honorata, adornada com um cocar, penas e flores no pescoço e no braço (na figura 11) e colares (na figura 12), e trajada com um vestido cujo padrão geométrico remete aos trajes dos indígenas norte-americanos. Nas duas imagens, Honorata e o Corsário Negro são retratados como um casal, confirmando o desfecho da história.

Na história do Corsário Negro, é importante destacar que Salgari manteve o formato tradicional do romance de aventura ao efetivar o relacionamento afetivo no final da narrativa, apenas depois que as motivações que levaram o personagem a perseguir a aventura fossem realizadas. Entretanto, inovou em relação à Honorata. Sua personagem, com personalidade e história bastante complexa, foi descrita com cuidado por Salgari. Esse é um dos motivos que fizeram com que ela, da mesma maneira que Marianna, ficasse famosa entre as leitoras que se identificaram com sua coragem de viver aventuras e se casar com o homem que amava, apesar dele ser um inimigo ferrenho de seu pai. Honorata, quando se encontrou sozinha ao sobreviver de um naufrágio, teve a sagacidade para tornar-se a rainha de uma tribo indígena antropófaga. Nesse sentido, Ann Lawson Lucas nos dá uma excelente análise da singularidade dessa personagem.

Salgari tanto desenvolve como moderniza os contos e mitos épicos tradicionais. Alguns dos seus naufrágios são do sexo feminino, como por exemplo Honorata no 'Ciclo dei corsari'. Como "La Regina dei Caraibi" (A Rainha dos Caraibas) na novela homônima de 1900, ela não é apenas uma "Senhora Crusoe", mas reúne os papéis míticos da Rainha branca entre selvagens e Deusa- Feiticeira viva que tem tanto poderes mágicos como políticos, sobre os homens. Ela é descendente de Circe, prima em segundo grau de Ayesha de Rider Haggard em "Ela" (1887), prima de Ayacanora de Charles Kingsley, em seu principal romance espanhol, "Westward Ho!" (1855), e, em seu disfarce como aristocrata europeia que virou nobre selvagem, ela é ainda uma precursora feminina de Cosimo de Calvino em "Il barone rampante" (1957) embora sob, ao invés de nas árvores. Esta duquesa branca, fora de seu ambiente normal entre os indígenas da Florida, não somente sobrevive fisicamente na natureza, mas treina e organiza os estranhos ao seu redor, desenvolvendo papel poderoso de figura reverenciada, do qual ela escapa, como interpretado por seus devotos, como que por mágica. (Lucas, 1995, 99)<sup>150</sup>

<sup>150</sup> "Salgari both elaborates on and modernizes the traditional epic tales and myths. Some of his castaways are female, as for example Honorata in the 'Ciclo dei corsari'. As "la Regina dei Caraibi" (the Queen of the



Para Paola Irene Galli Mastrodonato (2004), a trajetória de Honorata, jovem europeia que foi raptada pelo Corsário Negro na sua viagem de mudança à América Espanhola, cujo destino a levou, depois de sobreviver a um naufrágio, a adaptar-se para se tornar rainha de uma tribo de indígenas; representa o processo de criouldade.

Povos diferentes entre si na linguagem e visão de mundo – ameríndios, colonos europeus, enclaves africanos, imigrantes hindus, chineses, sírio-libaneses – depois de terem sido arrancados de suas terras, eles foram forçados a viver juntos. E eles conseguiram, mesmo em conflito e dor, criar uma nova identidade cultural. (...) Mas cuidado: a criouldade não é uma mestiçagem, nem uma síntese. É um mosaico de povos e valores que se interpenetram, que é rejeitar ou aceitar um ao outro de forma imprevisível. É, portanto, um estado de criouldade quando você está na confluência de diferentes raças, línguas e culturas. (Galli Mastrodonato, 2004, 482)<sup>151</sup>

A transformação cultural de Honorata acontece apenas no final do romance, quando o Corsário encontrou Honorata, não mais uma menina, mas já uma mulher que soube se adaptar para sobreviver.

O ponto crucial para o personagem de Honorata é representado na sua metamorfose em "rainha dos canibais", a conclusão de sua história de aventura: o Corsário, náufrago na costa de uma Flórida ainda espanhola e em grande parte inexplorada, a encontra como um "gênio do mar", divindade patrona de uma tribo de ferozes caraíbas. É evidentemente "tornou-se nativo" (...), e no espaço do Caribe, tornou-se crioula, se deparou com algo que a mudou profundamente, fazendo-se outra, portadora de valores diferentes diametralmente opostos à sua cultura de origem. (Galli Mastrodonato, 2004, 482)<sup>152</sup>

Caribbean) in the omonymous novel of 1900 she is not only a "Signora Crusoe" but combines with that the mythical roles of white Queen among savages and Living Goddess-Sorceress who has magical, as well as political, power over men. She is a descendent of Circe, second cousin to Rider Haggard's Ayesha in *She* (1887), first cousin to Charles Kingsley's Ayacanora in his romance of the Spanish Main, *Westward Ho!* (1855), and, in her guise as European aristocrat turned noble savage, she is even a female forerunner of Calvino's Cosimo, in *Il barone rampante* (1957) albeit under, rather than in, the trees.<sup>4</sup> This white duchess, out of her normal environment among the Florida Indians, not only survives physically in the wild but trains and organizes the strangers around her, developing a powerful role as revered figurehead, from which she escapes, as her devotees see it, as if by magic."

<sup>151</sup> "Popoli diversi tra loro per lingua e visione del mondo – amerindi, coloni europei, enclave africane, immigrati indù, cinesi, sirio-libanesi – dopo essere stati sradicati dalla loro terra, sono stati obbligati a vivere insieme. E sono riusciti, pur nel conflitto e nel dolore, a creare una nuova identità culturale. (...) Attenzione però: la creolità non è un *métissage*, né una sintesi. E' un mosaico di popoli e di valori che si compenetrano, che si ripudiano o si accettano in maniera imprevedibile. Si è quindi in uno stato di creolità quando ci si trova nel punto di confluenza di diverse razze, lingue e culture."

<sup>152</sup> "Lo snodo cruciale per il personaggio di Honorata è rappresentato dalla sua metamorfosi in "regina degli

A genialidade de Salgari está em retratar os encontros de diferentes culturas na América, dando espaço para que indígenas, através de Yara, participem ativamente da aventura, e em criar personagens femininas tão diferentes da literatura de aventura da época.

### 4.3. Relações raciais e de gênero na Itália colonialista

O imperialismo italiano é tradicionalmente dividido em três fases: a primeira, a partir de 1885, marca as primeiras conquistas coloniais de Massaua e Adua; a segunda inicia com a ocupação da Líbia em 1911; e a última começa, já no governo fascista, com a conquista da Etiópia em 1935-36. Os três períodos foram marcados pela difusão de uma propaganda colonial que defendia o direito e a necessidade da jovem nação italiana participar da “aventura colonial” ao lado das grandes nações europeias. Essa propaganda se sustentava em uma ideologia racista que defendia a superioridade racial branca e europeia em relação às outras raças, principalmente raça a negra, considerada a mais inferior entre todas. “É preciso dizer que a retórica, a propaganda, os tons épicos fizeram uma caixa de ressonância por todos os colonialismos do século XIX, permitindo ofuscar os verdadeiros e realistas motivos da conquista colonial e obter o consentimento de uma opinião pública muitas vezes habilmente conquistada por contos de lendas exóticas e feitos dos heróis.” (Grazia De, 2006, 132)<sup>153</sup> Em relação aos indivíduos negros e africanos, o imaginário italiano do final do século XIX e início do século XX, transmitia a propaganda ideológica que inferiorizava e aproximava essas pessoas da natureza, e eram vinculadas em livros, cartazes publicitários, imagens, fotografias, ilustrações,

---

antropofaghi” a conclusione della sua vicenda avventurosa: il Corsaro, naufragato sulle coste di una Florida allora spagnola ed ancora largamente inesplorata, la ritrova infatti come “genio del mare”, divinità protettrice di una tribù di feroci Caraibi. Essa è palesamente «gone native» (...), e, nello spazio caraibico, è divenuta creola, ha incontrato qualcosa che l’ha profondamente cambiata rendendola altra, diversa, portatrice di valori diametralmente opposti alla sua cultura di partenza.”

<sup>153</sup> “Va detto che la retorica, la propaganda, i toni da epopea hanno fatto da cassa di risonanza per tutti i colonialismi ottocenteschi, consentendo di mettere in ombra le vere, realistiche ragioni della conquista coloniale e di raccogliere il consenso di un’opinione pubblica spesso abilmente conquistata da racconti di leggende esotiche e gesta d’eroi.”

exposições coloniais, nos zoológicos humanos, feiras internacionais, museus, romances de viagens e trabalhos científicos.

Como consequência desse pensamento, todos os períodos do colonialismo italiano também foram marcados pelo abuso de poder e pelo uso da violência. Os povos nativos sofreram com os abusos dos agentes coloniais, manifestados em roubos, assaltos, apropriação de terras, vilas e aldeias queimadas, brigas, assassinatos; e com a violência ordenada pela administração colonial para manter o controle na região e conter a resistência local: torturas, deportações, prisões e envio para campos de concentração. As recentes pesquisas<sup>154</sup> sobre a violência nas colônias destacam a dificuldade de mapear essas informações porque os indivíduos que cometiam crimes eram membros do grupo que exercia o poder e o controle social. As informações sobre os crimes não foram divulgados nem durante o colonialismo, nem após o processo de descolonização; e apenas recentemente tornaram-se tema de pesquisa. Isso se dá

(...) tanto pela resistência ainda presente de renunciar a uma imagem positiva da colonização italiana, como pelo exato desejo de esconder o trabalho de repressão. Não só muitas fontes de arquivos ainda estão indisponíveis, mas também nos arquivos ministeriais e militares a documentação sobre muitos dos fatos indicados é fraca porque se falava e se escrevia o menos possível do assunto. Um ferrenho sistema de censura impedia a opinião pública italiana e internacional de saber o que era perpetrado nas colônias. (VOLPATO, 2009, 112)<sup>155</sup>

Em relação aos crimes cometidos contra as mulheres nativas das colônias, as informações são ainda mais escassas, pois muitas ações como o estupro (de crianças inclusive), a violência doméstica, a prostituição forçada, os casamentos sem valor legal, o não reconhecimento dos filhos e o abandono dos mesmos e das mulheres quando o homem voltava à Itália, dentre tantas outras ações, não eram interpretados como crime. Isso se deu porque, nas duas primeiras fases do colonialismo italiano, militares,

<sup>154</sup> Como o artigo de Volpato (2009), que elenca várias pesquisas sobre a violência e os processos criminais nas colônias italianas.

<sup>155</sup> “(...) per le resistenze ancora presenti a rinunciare a un’immagine positiva della colonizzazione italiana, sia per la precisa volontà di occultare l’opera di repressione. Non solo molte fonti archivistiche sono tuttora indisponibili, ma negli archivi ministeriali e militari la documentazione concernente molti dei fatti indicati è scarsa perché dell’argomento si parlava e si scriveva il meno possibile. Un ferreo sistema di censura impediva all’opinione pubblica italiana e internazionale di conoscere ciò che veniva perpetrato nelle colonie.”

missionários e trabalhadores foram incentivados a trabalhar nas colônias, dentre outras questões, com a vinculação de um discurso sobre sexualidade corrente naquele período, presente no imaginário italiano, o qual afirmava que as mulheres africanas eram extremamente sexualizadas; além disso os italianos que fossem trabalhar nas colônias sentiam-se livres para satisfazer seus desejos sexuais com elas.

(...) os estudos apontam que os italianos, pelo menos até a época da conquista da Etiópia, ficaram em linha com a "tradição porno-tropic", com base na metáfora da *Black Venus*, que reduzia a imagem da mulher africana a única dimensão do exotismo e do erotismo. A única identidade reconhecida da mulher negra era a sexual. Isto resultou em uma espécie de "harém colonial", que tinha a função de fazer desejável para os trabalhadores italianos a transferência às colônias. (VOLPATO, 2009, 112)<sup>156</sup>

Como consequência, grande parte delas foram utilizadas como escravas sexuais pelos colonizadores italianos, em um processo "(...) em que a posse do corpo dos súditos das colônias era interpretado como metáfora da posse territorial (...)" (VOLPATO, 2009, 112)<sup>157</sup>.

Michele Strazza nos mostra que, nas duas primeiras fases da colonização italiana, o relacionamento sexual entre italianos e mulheres africanas era permitido e até mesmo encorajado pelos comandantes e oficiais militares que, proibidos de trazerem suas esposas para as colônias, preferiam manter uma mulher exclusiva para si em casa à se relacionar com prostitutas, por questões sanitárias e para não compartilhar a mesma mulher com os seus subordinados. Surge, assim, o madamato, um fenômeno singular, característico exclusivamente do colonialismo italiano:

(...) no qual o branco mantinha junto de si, durante o período em que permanecia na colônia, uma coabitante-serva africana, que utilizava tanto para os serviços domésticos quanto sexuais. O termo *Madame* era, naturalmente,

<sup>156</sup> "(...) gli studi sottolineano come gli italiani, almeno fino al momento della conquista dell'Etiopia, fossero in linea con la "porno-tropics tradition", imperniata sulla metafora della Venere nera, che riduceva l'immagine della donna africana alle sole dimensioni dell'esotismo e dell'erotismo. Alla donna nera veniva riconosciuta come unica identità quella sessuale. Ne derivava una sorta di "harem coloniale" che aveva la funzione di rendere desiderabile ai lavoratori italiani il trasferimento nelle colonie."

<sup>157</sup> "(...) nel quale il possesso del corpo dei sudditi delle colonie era interpretato come metafora del possesso territoriale (...)"

usado em um sentido depreciativo, pois com esse se indicava, tanto na Itália quanto na França, a cafetina de um bordel. (Strazza, 2012, 113)<sup>158</sup>

Essas relações não possuíam valor legal e normalmente duravam o período em que os italianos permaneciam na colônia. Conforme Barrera (2002), nos primeiros anos da colonização italiana na Eritréia, eram poucos os italianos que lá habitavam, não superando mais de mil e quinhentos cidadãos até 1905. Desse grupo, em torno de 80% eram homens solteiros, e os casados estavam sem as esposas, resultando em um grande número de relações sexuais inter-raciais entre italianos e africanas. Essas relações sempre preocuparam o governo italiano, que não incentivava a efetivação desses relacionamentos, mas não impedia o reconhecimento dos filhos das uniões entre italianos e mulheres eritreias. “Na verdade, antes da Guerra da Etiópia, os homens italianos não só podiam, mas eram incentivados a reconhecer e manter as crianças que tiveram com mulheres africanas. Os filhos reconhecidos por um pai italiano adquiriram automaticamente a cidadania italiana (...)” (Barrera, 2002, 21)<sup>159</sup>. Como consequência, em 1931, apesar do grande número de abandonos de crianças, a população italiana colonial aumentou devido aos nascimentos de italo-eritreus naquela região.

(...) durante a maior parte do colonialismo italiano na Eritreia, a noção de que filhos de pai italiano eram italianos prevaleceu. Esta tendência, que, repito, da parte italiana coexistiu com preconceitos racistas generalizados contra mestiços, foi o resultado do que poderia ser chamado de "convergência patrilinear" entre colonizadores e colonizados, mesmo também para estes últimos, de fato, a linhagem paterna definia a identidade individual (Barrera, 2002, 22)<sup>160</sup>

<sup>158</sup> “(...) per cui il bianco teneva presso di sé, per il periodo in cui permaneva nella colonia, una convivente-serva africana, che utilizzava sia quale domestica che sessualmente. Il termine madama era, naturalmente, usato in senso dispregiativo in quanto con esso, sia in Italia che in Francia, si indicava la tenutaria di un bordello.”

<sup>159</sup> “Infatti, prima della guerra d’Etiopia gli uomini italiani non solo potevano, ma erano incoraggiati a riconoscere e mantenere i figli avuti da donne africane. I figli riconosciuti da padre italiano automaticamente acquisivano la cittadinanza italiana (...)”

<sup>160</sup> “(...) durante la maggior parte del colonialismo italiano in Eritrea, la nozione che i figli di padre italiano fossero italiani prevalse. Questa linea di tendenza che, ripeto, da parte italiana convisse con diffusi pregiudizi razzisti nei confronti dei meticci, fu il frutto di ciò che si potrebbe definire una «convergenza patrilineare» tra colonizzatori e colonizzati; anche per questi ultimi, infatti, la discendenza paterna definiva l’identità individuale.”

Entretanto, é importante destacar que, conforme Strazza (2012) e Barrera (2002), a tendência maior entre os pais italianos era a de abandonar aqueles filhos com suas mães, fruto dos relacionamentos inter-raciais. Uma das justificativas para isso era o fato de que italianos, baseados em preconceitos de raça e gênero, acreditarem ser difícil, se não impossível, ter certeza da paternidade das crianças, pois consideravam promíscuo o comportamento sexual das mulheres nativas.

Quando os italianos reconheciam seus filhos com mães africanas, auxiliavam financeiramente a mulher e os filhos, comprando casas ou deixando recursos financeiros no momento de partir. Outros, em número pouco maior que o interior, encaminhavam seus filhos para orfanatos e instituições de ensino católicas para que fossem educados com hábitos e costumes italianos. Nessas instituições, as crianças mestiças, registradas como italianas “filhas de pai italiano desconhecido” (Strazza, 2012, 118), não recebiam o reconhecimento legal de seus pais e, para receber educação italiana, eram completamente afastados das mães.

A partir de 1936, na terceira fase do colonialismo italiano, marcado pela proclamação do Império, a ideologia fascista de pureza de raça fez com que o governo comesse a reprimir as relações sexuais entre italianos e mulheres nativas, súditas do império. Dentre as maneiras encontradas para tal, destacamos a transformação da imagem das mulheres africanas, anteriormente associadas à valorização de seus atributos sexuais. Com o império, essa imagem agora associada a representações etnográficas, foi substituída pela depreciação física das mulheres africanas, tratadas então como sujas e portadoras de doenças sexualmente transmissíveis e características genéticas que poderiam ser transmitidas aos seus descendentes. Essa imagem, ao mesmo tempo que pretendia impedir as relações sexuais inter-raciais, valorizavam os atributos raciais europeus, considerados superiores e por isso destinados a civilizar aqueles grupos humanos. Assim, para que se mantivesse a pureza da raça italiana, os filhos italo-eritreus deixaram de ser reconhecidos como italianos e os homens que tivessem relações sexuais com mulheres africanas passaram a ser punidos legalmente, inclusive com prisão (Strazza, 2012, 121-122). Outra medida implantada pelo governo fascista foi limitar o reconhecimento da cidadania italiana das crianças mestiças, devido o seu elevado

número, principalmente de pais desconhecidos. A partir de 1933, foram sancionadas várias leis que determinavam critérios para o requerimento da cidadania italiana,

(...) estabelecendo a sua concessão apenas depois de passar pelo "teste da raça," um verdadeiro exame médico com base em medições morfológicas-antropométricas.

Na prática, os filhos de um pai desconhecido, nascido em Eritreia ou na Somália, poderiam solicitar a cidadania italiana com a idade de dezoito anos, mas apenas "quando as características físicas e outras indícios" faziam "fundamentalmente" crer que um dos pais fosse "da raça branca ". Foi necessário, então, ter "uma educação perfeitamente italiano", ter sido admitido no terceiro elementar, não ser polígamo, não ter condenações anteriores que envolveram a perda de direitos políticos. (Strazza, 2012, 119)<sup>161</sup>

O ponto máximo da legislação fascista em relação às restrições impostas aos filhos italo-eritreus aconteceu em 1940, quando o estado proibiu os italianos de registrarem e sustentarem os filhos que tiveram com africanas e retirou a cidadania de todos os italo-eritreus.

Com essas informações sobre a experiência colonial africana das relações raciais e de gênero, fica mais fácil compreender a revolta de Lorde James Guillonk, tio e único parente vivo de Marianna, ante a decisão da jovem casar-se com Sandokan. O lorde inglês fez tudo o que pôde para impedir o romance inter-racial entre ela e Sandokan, inclusive tentar matá-la. Para nós, o radicalismo de lorde James justifica-se na preocupação de ter um sobrinho-neto mestiço, situação considerada ruim naquele período, principalmente quando o pai não era europeu, pois acreditava-se que os filhos portariam as características intelectuais do pai. Nesse romance, é interessante perceber que Salgari colocou o posicionamento radicalmente contrário ao relacionamento inter-racial nas ações do antagonista da narrativa e, apesar de todas as suas tentativas, esse relacionamento se efetivou. O romance inter-racial deste livro apresenta uma visão completamente diferente do contexto do início da colonização italiana na África, pois

<sup>161</sup> "(...) stabilendo la sua concessione solo a seguito del superamento della "prova della razza", un vero e proprio esame medico basato su rilevazioni morfologiche-antropometriche. In pratica, i figli di padre ignoto, nati in Eritrea o Somalia, potevano chiedere la cittadinanza italiana al diciottesimo anno di età ma solo "quando i caratteri somatici e altri indizi" facevano "fondamentalmente" ritenere che uno dei genitori fosse "di razza bianca". Bisognava, poi, possedere "una educazione perfettamente italiana", essere stato ammesso alla terza elementare, non essere poligamo, non aver riportato condanne comportanti la perdita dei diritti politici."

naquele contexto os relacionamentos inter-raciais limitavam-se às experiências sexuais do homem branco com a nativa.

Ainda em relação ao colonialismo italiano, cabe comentar o silêncio de Salgari sobre esse assunto nas suas obras. O autor publicou apenas três romances que se passaram na África, e nenhum deles abordou esse tema ou se passou nas regiões onde a Itália estabeleceu colônias. Esse silêncio, segundo Antonella Marilungo (1992), justifica-se no interesse do autor em retratar o exotismo da Índia ou da Malásia, regiões desconhecidas e consideradas exóticas no universo literário italiano. Nas três obras africanas, que se passam no Marrocos, no Sudão e no Sahara, o autor escreveu sobre personagens muçulmanos, valorizando o exotismo dessas regiões. Mesmo quando Salgari escreveu sobre o Mahdi, grande líder islâmico que combateu o domínio inglês no Sudão, o autor não abordou os conflitos coloniais africanos quando contou a história de Fahtma, uma dançarina escrava de Mahdi que foge para se casar com o homem que ama.

Ainda em relação aos personagens femininos, concordamos com Ann Lawson Lucas, sobre a genialidade de Salgari estar presente em dois aspectos: o retrato das mulheres e das crianças.

Enquanto a escrita de Salgari pertence a uma grande tradição, ele é esteticamente, intelectual e moralmente mais progressista do que retrógrado ou conservador. Em nenhuma parte isso é mais evidente do que em seu tratamento das mulheres fictícias ou em suas atitudes para com as crianças reais. A emancipação das mulheres e crianças das limitações do passado é uma condição *sine qua non* de grande parte de sua obra. Nesses aspectos, também, ele prevê a direção que o século XX tomaria. Sua modernidade, ainda que não reconhecida, sem dúvida, ajudou a promover o pensamento progressista sobre o papel e as necessidades das mulheres e crianças. Sua defesa da mulher independente e ativa é fácil de ilustrar, mas em qualquer discussão sobre o conteúdo de seus livros o tema das crianças simplesmente quase não aparece. Para todos os efeitos, não há crianças em seus romances. Para ser exato, há um grumete em *I Robinson italiani* e há um rapaz na *I pescatori di trepang* (1896). Ambos publicados no mesmo ano, 1896, estes dois romances são quase únicos, e é precisamente esta falta de personagens infantis, novamente, que faz Salgari, como escritor de livros infantis, tanto original quanto progressivo. (Lucas, 1995, 102-103)<sup>162</sup>

<sup>162</sup> “While Salgari's writing belongs to a great tradition, he is aesthetically, intellectually and morally more progressive than retrogressive or conservative. Nowhere is this more evident than in his treatment of fictional women or in his attitudes to real children. The emancipation of women and children from the limitations of the past is a *sine qua non* of much of his work. In these respects, too, he forecasts the direction the twentieth-century was to take. His modernity, albeit unacknowledged, no doubt helped to



Emilio Salgari também foi original em relação à alteridade quando soube dar voz e participação nos seus romances para outros participantes incomuns. Destacamos os indígenas, que tiveram tanto participações simples, cuja função era servir de pano de fundo para a aventura do herói (tradicional na literatura de aventura), como ativo, principalmente na história de Yara, personagem que rompeu com o padrão dessa literatura por ser nativa de uma colônia que participa ativamente da aventura ao lado do herói. Em relação a personagens como Moko, as mulheres nativas que se casaram com os italianos no livro “*I Robinson Crusoe*” e os animais adestrados, Salgari mostrou diferentes possibilidades de acontecimentos nas relações entre europeus e não europeus na zona de contato: desde trabalhadores recrutados a força, passando por negros libertos que trabalhavam com europeus como guias nas florestas, até mulheres que se casaram com os colonizadores italianos. Seus leitores, imigrantes italianos ou não, puderam imaginar como seriam suas vidas diante de tais situações. O resultado entre os leitores, como nos mostra Felice Pozzo (2000) nas várias entrevistas a leitores de diferentes gerações, foi a construção de visão mais crítica sobre o imperialismo.

---

promote progressive thinking about the roles and needs of women and children. His championing of the independent, active woman is easy to illustrate, but in any discussion of the content of his books the subject of children simply scarcely arises. To all intents and purposes there are no children in his novels. To be exact, there is a cabin-boy in *I Robinson italiani* and there is a lad in *I pescatori di trepang* (1896). Both published in the same year, 1896, these two novels are almost unique, and precisely this lack of child characters again makes Salgari, as a children's writer, both original and progressive.”

## 5. Considerações finais

A principal questão abordada nesta tese trata da relação da aventura com o tempo e o espaço, observadas em duas questões que se aproximam: a primeira está no uso da palavra aventura como descrição de eventos relacionados à história da Europa e ao que ocorre fora dela, uma vez que a saída desse continente passou a ser representada como uma aventura; e a segunda está na análise de algumas obras de Emilio Salgari, modelo exemplar da literatura de aventura ficcional de ampla aceitação popular desde o século XIX até a atualidade. Na atualidade, destacamos que esse gênero literário ainda mantém as mesmas características ao substituir as regiões selvagens e exóticas terrestres pelo espaço sideral ou por outros planetas, satélites e sistemas solares, com o nascimento da ficção científica.

Desde o final do século XIX, a palavra aventura começou a ser utilizada como adjetivo para significar ações e eventos extraordinários. Nesse contexto, vários intelectuais e artistas começaram a utilizar a palavra aventura para classificar as ações de povos europeus em outros continentes, principalmente quando se referiam à conquista e domínio de outros territórios. Conforme demonstramos no primeiro capítulo, acreditamos ser tendencioso classificar os eventos históricos como aventura, pois tal atitude os associa ao valor da aventura, que é, basicamente, dar sentido e significado para acontecimentos e até para a vida de um indivíduo. Nesse sentido, ao associar a conquista da América ou o imperialismo, por exemplo, à aventura, é como se ela se tornasse o sentido das ações humanas, e por consequência, da própria História.

Essa questão se complica ainda mais quando verificamos as relações do imaginário da aventura (que abrange diversos bens culturais como a literatura, as artes plásticas e gráficas) ao imperialismo. Ao longo do século XIX e no início do século XX, a aventura engajou os indivíduos ao projeto político-econômico de dominação de outros povos, uma vez que valorizava as glórias da conquista, obra dos europeus.

Até hoje, encontramos diversos intelectuais das Ciências Humanas que associam a aventura com a Europa, reforçando o discurso eurocêntrico, sem se propor a questioná-lo. Isso é feito, como observamos na obra de Zygmunt Bauman e de outros intelectuais, através da interpretação do passado europeu (construído como se houvesse uma linha de continuidade desde a Grécia Antiga até a atualidade) como uma contínua aventura, capaz de inspirar os outros países do globo terrestre. O problema dessa interpretação do passado é que ela ignora ou minimiza as ações violentas dos europeus em outros continentes, principalmente as ações colonialistas e imperialistas que, desde a conquista da América, tornaram os outros espaços do globo como o seu local de apropriação, exploração e lazer. Nessa interpretação, os nativos não foram compreendidos, sofreram a violência dessas ações e foram classificados sempre em comparação com o europeu, como diferentes, inferiores, ou mesmo selvagens. Nesse julgamento de valor, o europeu construiu sua própria identidade: ele se interpretou como superior, mais capacitado, inteligente e, por isso, possuidor do direito e do dever de colonizar e levar a civilização europeia para o resto do planeta. Como consequência, a diversidade cultural e étnica da humanidade não foi valorizada e o resultado final foi transformar a Europa como o centro do mundo. Com exceção de pouquíssimos países, como os Estados Unidos, o resto do mundo tornou-se periferia. Todas essas classificações serviram para justificar a subjugação dessas populações, que apenas recentemente tiveram a oportunidade de darem voz e construírem o seu passado, questionando a ideia de uma História Universal e a dominação política, econômica, cultural e intelectual europeia.

A partir dessas considerações, não concordamos com a utilização da palavra aventura para classificar qualquer evento histórico, pois fazer isso pode, no mínimo, abrandar todas as formas de violência que foram utilizadas na conquista e dominação de outros povos e outros territórios, além de reforçar o eurocentrismo. No caso desta pesquisa, nos chama a atenção o fato de um autor reconhecido e bastante valorizado no meio intelectual nacional e internacional como Zygmunt Bauman, interpretar a história da Europa como uma grande aventura, abrandando um passado de desrespeito e violência cometida pelos europeus contra os outros povos. Como verificamos, o resultado de tal apontamento é construir uma versão da história europeia fantasiosa, branda e amena, cujo único erro

apontado pelo autor foi a prática do eurocentrismo. Ao interpretar o passado europeu como uma aventura inacabada, Bauman espera que a Europa continue a ser o centro do mundo ao tornar-se exemplo com a formação da União Europeia. Na sua interpretação da Europa, todos os outros foram ignorados: tanto os do passado, como a presença islâmica na Península Ibérica desde a Idade Média, até os atuais conflitos xenofóbicos em relação aos imigrantes oriundos das antigas colônias e de alguns países do Leste europeu.

A maior parte da literatura de aventura caminhou ao lado do eurocentrismo quando romanceou ações extraordinárias de europeus em outros continentes. Houve poucas exceções, e Emilio Salgari foi um dos autores que conseguiu separar, em algumas obras, a aventura do eurocentrismo. Da vasta obra salgariana, escolhemos trabalhar com romances que abordaram diferentes possibilidades de interação entre o espaço e a aventura. Encontramos três situações distintas: a primeira, presente no livro “*I Robinson Italiani*”, os personagens são náufragos italianos que ocupam e colonizam uma ilha desabitada. Nesse local, todas as ações classificadas como aventura se relacionam à sobrevivência, à ocupação do espaço e ao domínio da natureza. Na segunda situação, encontrada nos livros “O Corsário Negro” e “A Rainha dos Caraíbas”, o personagem principal, o Corsário Negro, teve como cenário para sua aventura a América espanhola, espaço que proporciona o maior contato entre grupos humanos distintos: europeus, africanos e indígenas. Nessas obras, a aventura está presente nas batalhas marítimas, nos naufrágios, na invasão de cidades portuárias, nos duelos e nos contatos com grupos indígenas, que ora auxiliavam, ora dificultavam as ações do herói em busca do seu grande inimigo, Wan Guld. Na terceira situação, encontrada no livro “Os Tigres de Mompracem”, Sandokan, o grande herói dessa obra, após o assassinato de sua família, foge de Bornéu, conquistada por oficiais ingleses. Já adulto, vive em Mompracem e se torna o terrível pirata que luta para reconquistar o seu trono e se vingar dos homens que destruíram seu lar e seu reino. Ele apaixona-se por Marianna, jovem ítalo-inglesa, órfã que vive com seu tio, lorde James Broke, oficial da marinha britânica. A singularidade dessa obra é o local da aventura, Mompracem, que se torna o meio para Sandokan e Marianna viverem a aventura.

A singularidade do livro “*I Robinson Italiani*” é mostrar uma visão positiva em relação à conquista de um território, por não usar violência contra a população nativa.

Como a ilha estava desocupada, os personagens italianos dominaram, aos poucos, a natureza selvagem e se apropriaram daquele território que se tornou uma colônia italiana produtiva.

A sequência de eventos desse livro impressiona pela velocidade dos acontecimentos. Isso se dá porque o predomínio da ação é uma das maiores características da narrativa salgariana, suas histórias são muito movimentadas. Como em um filme de ação, no qual não há tempo para descanso, os personagens enfrentam grandes dificuldades e lutam o tempo todo para sobreviver, característica comum em toda literatura de aventura. O texto é escrito para que a leitura seja ininterrupta e para que o leitor se envolva emocionalmente com a história. Por isso, a narrativa deve despertar emoções como o medo e a agonia e prender a atenção dos leitores. Porém, para que eles se interessem pelo texto, o autor deve acalmar os leitores resolvendo os problemas anteriormente apresentados para, em seguida, trazer novos problemas, que só serão resolvidos depois.

Na versão salgariana de Robinson Crusoe, encontramos uma valorização dos personagens italianos que sobreviveram na ilha graças ao esforço e o sacrifício de todos. A ilha se transformou no novo lar dos náufragos que, com sentimentos nacionalistas, fundaram uma colônia italiana. O herói, senhor Emilio Albani, homem correto, bondoso e sábio, foi o mentor dos jovens, que estavam em processo de transformação em adultos. Os ensinamentos do capitão abordaram técnicas de sobrevivência, conhecimentos gerais e boa moral. De todos os livros analisados, este é o que mais vinculou o mito de “italiano brava gente” através de personagens que trabalharam duro para construir uma colônia de modo pacífico, pois a terra estava desocupada. Como não havia nativos, os personagens encontraram animais que foram domesticados para auxiliá-los nos trabalhos pesados ou nas funções que requeriam o conhecimento local, como encontrar alimentos, caçar e pescar. Esse episódio, uma metáfora do sistema colonial, poderia treinar os futuros colonizadores italianos das colônias africanas. Entretanto, a relação de violência com os animais domesticados e a acolhida da família tagali, os náufragos que chegaram à ilha no final do romance, mostra-nos que os italianos desejavam controlar e exigir a obediência desses outros para a manutenção do domínio colonial.

Em relação à presença feminina na história, o livro “*I Robinson Italiani*” seguiu o padrão da literatura de aventura. As únicas mulheres aparecem no final do romance para os jovens italianos casarem-se e formarem família. As jovens tagali pertenciam a uma classe social abastada e não puderam opinar sobre seu casamento, uma vez que foi acertado entre os homens mais velhos.

Como não havia antagonista, as dificuldades foram apresentadas pela natureza e pelos animais selvagens. Porém, na medida em que os personagens venciam as dificuldades, a natureza deixou de ser representada como uma ameaça e passou a ser retratada como uma terra fértil que fornecia todos os produtos necessários para a boa sobrevivência dos italianos. Com o controle da natureza, o espaço selvagem foi substituído pela civilização. Como uma metáfora para a dominação europeia de outros territórios, os personagens realizaram a conquista daquele território através da denominação da ilha e dos acidentes geográficos. Encontramos, ainda, uma crítica à violência praticada pelos grandes impérios coloniais, pois estes, ao contrário dos personagens italianos, praticavam a violência no domínio dos seus territórios.

O exemplo da trajetória dos dois jovens marinheiros que se tornaram proprietários de terras poderia servir de inspiração para os milhares de emigrantes italianos que partiram para a América no final do século XIX e início do século XX. Esses emigrantes, diante de uma crise econômica e social no seu país natal, encontraram uma saída para a sobrevivência na emigração.

Diferente do romance anterior, a história de Sandokan e Marianna, descrita no livro “Os Tigres de Mompracem” rompe, em vários aspectos, com o padrão da literatura de aventura, a começar com o herói do romance, Sandokan, um ex-príncipe de Bornéu que se tornou pirata para combater o imperialismo inglês na Malásia. Apesar de ser educado na corte durante a infância e juventude, Sandokan possuía um lado impulsivo, desequilibrado, violento e passionai. Não media esforços nem poupava a vida dos seus homens para satisfazer os seus desejos. O personagem, em mais de uma passagem, bebeu álcool até perder os sentidos e, por mais que a bebida alcoólica pudesse indicar um sinal de virilidade, no caso de Sandokan ela também era um recurso para fugir dos problemas e demonstrava, devido aos delírios provocados pelo álcool, que ele sentia remorso pelos cri-

mes cometidos. Essas características, negativas para os leitores infanto-juvenis, não foram bem recebidas pelos pais e educadores italianos, que ressaltaram o perigo deste comportamento influenciar as crianças.

Quando não estava envolvido no saque de navios e nas batalhas contra seus inimigos, Sandokan demonstrava nobreza de caráter: era gentil com seus homens, auxiliava mulheres e viúvas, dava dinheiro ou presentes valiosos para os mercadores da região, não matava nem feria os soldados inimigos quando não havia motivos e sempre mantinha a sua palavra – mesmo quando era para poupar a vida de seu maior inimigo em gratidão por ele o ter acolhido em sua casa e cuidado dos seus ferimentos.

Sandokan, desde o início da história, luta contra os seus inimigos, os oficiais e soldados ingleses que habitavam Labuan e as regiões próximas. Na virada do século XIX para o século XX, momento em que a obra fora publicada em jornal e depois em livro, a Inglaterra era o maior império planetário e era quem detinha a maior produção de romances de aventura. Salgari rompeu com essa tradição literária ao criar um herói oriundo de um povo colonizado que combate o império britânico para reconquistar o seu reino, e ao transformar em antagonista Lorde James Guillonk, oficial da marinha britânica e tio de Marianna. Ele foi descrito como frio, calculista e obstinado, a ponto de preferir assassinar sua sobrinha a vê-la casada com o pirata que era o maior inimigo da coroa britânica na região, e oriundo de uma raça considerada por ele e pelos europeus da época como inferior. Essa atitude passional de Lorde James em relação ao casamento de sua sobrinha justificase no fato de os italianos, como praticamente todos os europeus, condenarem os casamentos entre italianos e nativos das colônias.

A outra singularidade desta obra está no romance impossível entre Marianna e Sandokan. A jovem ítalo-britânica, ainda criança, passou a viver com seu tio James Guillonk depois que seus pais morreram. Lorde James levou Marianna para o seu navio e por isso, diferente de outras jovens da sua idade, presenciou batalhas navais. Isso explica a coragem e o temperamento decidido da jovem, criada entre temporais, armas e soldados. Assim, que seu tio fixou residência em Labuan, a jovem assumiu a responsabilidade pela sua educação e aprendeu música e outros ofícios considerados importantes para uma mulher. Quando se apaixonou por Sandokan, Marianna, em nenhum momento, preocupou-se

com o fato dele não ser europeu. O seu único receio era o fato dele ser pirata e criminoso, mas essa preocupação acabou quando soube que Sandokan escolhera esse caminho para reconquistar o seu trono e vingar-se dos homens que destruíram seu reino e mataram sua família.

A jovem desejava casar-se com Sandokan com a condição dele abandonar a pirataria, Mompracem e seus homens, para viver onde não fossem reconhecidos por ninguém. Porém, quando percebeu a tristeza de seu amado por abandonar sua ilha e ouviu o apelo daqueles piratas para que ficasse, Marianna mudou de ideia, sendo proclamada a rainha de Mompracem. Em troca, a jovem exigiu que Sandokan abandonasse a pirataria e que lutasse apenas para proteger Mompracem, o seu novo lar.

A audácia de Salgari ao construir esse romance é sem precedentes, pois contraria vários valores da sociedade italiana em relação aos relacionamentos afetivos. Uma jovem europeia que se apaixona por um malásio, considerado na época como racialmente inferior, que rompe com a família e abandona todos os laços para se casar com um pirata e viver em uma ilha, distante de todos os valores da civilização europeia, impressionou e encantou leitores e leitoras que se apaixonaram pela ousadia da jovem.

A relação dos personagens principais com Mompracem é o aspecto mais importante desta obra, pois o local da aventura foi o fator determinante na transformação de Sandokan em um grande pirata. Depois do assassinato da sua família, Sandokan vagou pelos mares e pelas ilhas da região, até chegar a Mompracem, seu novo lar. Instalado, começou a recrutar os homens que passaram a lutar consigo e formou novos laços de amizade e afeto. A ilha também foi adotada por Marianna para ser o seu novo lar, posto que era órfã e não possuía residência fixa devido ao trabalho do tio. Em torno dessa ilha ocorreram grandes batalhas e invasões e a sua destruição, no final do livro, representou o fim da aventura. Sem lar, Sandokan, Marianna e seus homens mais fiéis terminam a história em busca de um novo local para habitarem.

A última história analisada está nos romances “O Corsário Negro” e “A Rainha dos Caraíbas”, e narra a história do Corsário Negro, um conde italiano que abandonou suas terras e fortuna na Itália e partiu para a América Espanhola para se vingar de Wan Guld, o homem que matou seus três irmãos. Das três histórias analisadas, consideramos



esta a mais complexa em relação a alteridade e o domínio europeu de outros povos e territórios, pois nela encontramos personagens europeus, negros e indígenas que, ao interagir com o herói, mostram a sua visão do colonialismo espanhol na América.

O grande herói da história, o Corsário Negro é um homem honesto, elegante e honrado que se tornou corsário por um motivo pessoal e não para enriquecer com o saque. Corajoso, nada temia nem hesitava em matar qualquer homem que impedisse seu caminho. Ele invadia cidades portuárias bem fortificadas e vencida todas as batalhas contra a grande armada espanhola, se tornando um dos grandes inimigos dessa Coroa. Quem tinha oportunidade de conhecê-lo, entretanto, encontrava outra faceta daquele nobre italiano: era um cavalheiro que preferia duelar a assassinar friamente seus inimigos. Bondoso e justo, sempre mantinha sua palavra, não fazia mal aos prisioneiros e não tirava a vida das pessoas sem “motivos”. Os nobres e soldados espanhóis, quando conheciam esse lado do terrível Corsário, mudavam sua opinião a respeito dele e da flibustaria. Seus homens também se afeioaram ao capitão do navio, que sempre lhes distribuía sua parte dos saques.

Em contraponto ao Corsário Negro, o antagonista da história, duque de Wan Guld, representava a traição, a corrupção e a desonestidade. Wan Guld traiu sua pátria em uma guerra para conseguir um cargo privilegiado na administração da América Espanhola. No novo continente, foi responsável pelo massacre de uma tribo indígena que o salvou de um naufrágio, para se apoderar das suas riquezas. Era cruel com os soldados espanhóis, que não gostavam dele. O duque flamengo também era desonrado, pois fugia dos duelos e preferiu matar vários homens inocentes e se matar a enfrentar o seu maior inimigo, superior na arte da esgrima. Wan Guld assassinou todos os irmãos do Corsário Negro, mas, para o herói, o pior era a traição à pátria. Esse fato aponta para a importância do nacionalismo na história. Em contrapartida a esse comportamento, os soldados e nobres espanhóis sempre demonstravam manifestações de amor à pátria. Vários deles preferiam morrer a assistir às cidades serem tomadas pelos flibusteiros e por isso recebiam a admiração do Corsário Negro. Os livros foram publicados alguns anos após a Unificação da Itália e, nesse contexto, era importante para a jovem nação construir e fortalecer o sentimento de amor à pátria. Esses personagens poderiam contribuir para esse

sentimento, uma vez que exemplificavam o nacionalismo.

Em relação ao espaço da aventura na América, Salgari soube trabalhar com a grande diversidade de elementos proporcionados pelo novo continente: os personagens passaram por temporais, batalhas marítimas, invasões e saques a cidades portuárias, percorreram florestas tropicais, pântanos e areias movediças, encontraram animais perigosos e grupos indígenas. Isso nos mostra como Salgari articulou as peculiaridades do continente americano já conhecidas pelos europeus, como a natureza exuberante, os nativos que viviam em tribos nas florestas, alguns deles canibais, e a colonização espanhola, presente nas vilas e nas cidades litorâneas. Outro destaque é a descrição dos massacres que os nativos sofreram quando os conquistadores europeus decidiram se apossar das riquezas das tribos. No livro “A Rainha dos Caraíbas”, o extermínio de uma tribo indígena foi narrado por Yara, única remanescente daquele grupo indígena. Através dela, o Corsário Negro e o leitor conheceram as atrocidades da conquista da América. Aliás, não apenas ela, mas outros grupos indígenas sempre destacavam o ódio que sentiam pelos espanhóis, sentimento compartilhado por Moko, o único personagem negro da obra. O passado de Moko não é revelado, mas o fato dele viver sozinho, escondido na floresta, aponta para a possibilidade dele ser ex-escravo fugitivo, ou filho de ex-escravos, que se escondeu na floresta. O mais importante em relação a Yara e Moko é o fato deles serem coadjuvantes da história e participarem da aventura, auxiliando o Corsário Negro com seus conhecimentos em busca de Wan Guld. Esse fato, entretanto, mais do que demonstrar uma possível igualdade racial na flibustaria, serve para valorizar ainda mais o Corsário Negro, homem que não possuía preconceitos ao acolher no seu grupo pessoal uma mulher indígena e um negro, indivíduos considerados inferiores naquele período.

A presença feminina nos livros sobre o Corsário Negro são bem interessantes. Honorata e Yara eram jovens fortes, decididas e corajosas que viveram a aventura na América. Yara atravessou florestas, enfrentou cercos e batalhas navais, auxiliou o Corsário a planejar a invasão de uma cidade e de uma casa para encontrar o homem responsável pelo assassinato de sua família. A própria jovem afirmou já haver tentado assassinar Wan Guld, porém sem sucesso. Yara apaixonou-se pelo Corsário Negro, mas o romance não se efetivou, pois ele já estava apaixonado por Honorata, filha do seu

inimigo. Como Yara, Honorata demonstrou grande coragem e sabedoria para lidar com a situação do naufrágio e do seu resgate, feito por uma tribo indígena antropófaga. A jovem tornou-se a rainha desse grupo e protegeu o Corsário e seus homens do assassinato, quando eles foram capturados pelos mesmos indígenas para serem devorados.

As três personagens femininas das obras analisadas, por participarem da aventura e viverem amores impossíveis, merecem destaque pela singularidade, quando comparadas com a presença feminina nos romances clássicos desse gênero literário. As jovens não se limitaram ao papel de companheira do aventureiro, elas tomaram decisões em relação ao seu destino e, o mais importante, viveram experiências extraordinárias em lugares exóticos, superando o medo e as dificuldades.

Os grandes antagonistas das histórias analisadas, o lorde inglês James Guillonk e o duque flamenco Wan Guld, eram europeus. Esses homens, oriundos de países que possuíam grandes impérios no século XIX, eram cruéis nas suas ações e envolveram-se em aventuras para conseguir riquezas ou privilégios na administração dos Grandes Impérios. Percebemos que Salgari valorizou seus personagens italianos em detrimento dos personagens britânicos e flamengos, que trabalhavam na manutenção dos impérios coloniais para adquirir riquezas pessoais. Nesse sentido, nas quatro obras analisadas, encontramos uma crítica de Salgari ao imperialismo inglês e holandês, e ao colonialismo espanhol, principalmente quando comparamos a ação desses personagens com a colonização italiana presente na história dos Robinsons italianos. Não apenas esses personagens italianos, mas também o Corsário Negro e Marianna, eram indivíduos honestos, corretos, nacionalistas conforme a ocasião e bondosos para com os não europeus. Em contrapartida, os personagens ingleses, holandeses e a ação descrita dos personagens espanhóis durante o processo de conquista da América, mostravam a violência da conquista de territórios ocupados e valorizavam o mito da colonização pacífica italiana.

É importante destacar ainda que os antagonistas, personagens de suma importância para o desenvolvimento da narrativa, eram europeus. Isso quer dizer que apenas os europeus eram capazes de causar grandes problemas e realmente dificultar a realização da aventura do herói.

A escolha da aventura como objeto de pesquisa tem como justificativa demonstrar sua estreita relação com a alteridade e a exploração e domínio de outros povos e outros territórios. Por mais que, na atualidade, a produção cultural relacionada à aventura evite transformar conflitos e explorações em entretenimento, ela ainda se inspira na literatura de aventura produzida na entre o final do século XIX e início do século XX. O perigo disso está em repetir discursos que exaltem o eurocentrismo (e o americanismo) e depreciem os povos e os bens culturais oriundos de outros locais.

A obra de Emilio Salgari nos mostra que existiram alternativas para a visão tradicional da literatura de aventura, a qual exaltava a dominação europeia em outros continentes. Embora não se possa assegurar se pessoalmente Emilio Salgari era a favor do imperialismo, o fato é que na sua obra encontramos críticas à conquista e ao domínio violento de outros povos, praticados pelos grandes impérios do período. Além disso, como romancista, ele mostrou possibilidades de mundo que encantaram e ainda encantam leitores de vários países.

Ao relacionarmos o contexto histórico da Itália, desde a sua Unificação até o momento de produção da obra salgariana, observamos que seus personagens contribuíram na construção da identidade nacional através da construção de personagens italianos honrados, honestos, contrários à violência na conquista e dominação de outros povos e que sempre valorizavam o nacionalismo. Os romances e personagens de Emilio Salgari criaram subjetividades e educaram sentimentos entre os seus jovens leitores, informando e ao mesmo formando agentes coloniais para trabalharem nas poucas colônias italianas na África. Ao mesmo tempo, entretanto, a leitura de suas obras também informou aos leitores os horrores do processo colonialista através dos personagens não europeus que denunciaram a violência sofrida no processo de conquista de suas terras.

## 6. Fontes e referências bibliográficas

### Fontes

BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

MOLINA, Alejandro Bancalari. El mito de Europa en los textos literarios clásicos. In: **Acta Literaria**. Cidade de Concepción, nº 43, II Sem. 2011, p. 95-109.

SALGARI, Emilio. **I Robinson Italiani**. Edição de 1896. Disponível em <http://www.emiliosalgari.it/testi/testionline.htm> Consultado em 19/06/2013.

SALGARI, Emilio. **Il Corsaro Nero**. Genova, Donath Editore, 1898. Disponível em <http://www.emiliosalgari.it/testi/testionline.htm> Consultado em 19/06/2013.

SALGARI, Emilio. **O Corsário Negro**. São Paulo, Iluminuras, 2010.

SALGARI, Emilio. **La Regina dei Caraibi**. Genova, Donath Editore, 1901. Disponível em <http://www.emiliosalgari.it/testi/testionline.htm> Consultado em 19/06/2013.

SALGARI, Emilio. **A Rainha dos Caraíbas**. São Paulo, Iluminuras, 2010.

SALGARI, Emilio. **Le tigri di Mompracem**. Genova, Donath Editore, 1900. Disponível em <http://www.emiliosalgari.it/testi/testionline.htm> Consultado em 19/06/2013.

SALGARI, Emilio. **Os Tigres de Mompracem**. São Paulo, Iluminuras, 2008.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. Palavras em Viagem: Um Estudo dos Relatos de Viagens Medievais Muçulmanos e Cristãos. **Afro-Ásia**, UFBA. Bahia, número 32, 2005, pp. 83-114. Consultado no dia 07/03/2012 em [http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/770/77003203/77003203\\_5.html](http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/770/77003203/77003203_5.html)

ANSELMINI, Valentina. La questione postcoloniale italiana nella letteratura della migrazione. **Kúma / Critica**. n. 17/ Dicembre 2009. Consultado em <http://www.disp.let.uniroma1.it/kuma/critica/kuma17anselmi.pdf>

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de. Os flamengos, os holandeses, a América – contribuições neerlandesas no novo mundo. Revista **Perspectivas Históricas de uma Mesma América**. ISBN:978-85-8067-002-8. Consultado no dia 06/08/13 em <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivas-historicas/indice.htm>

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.

ARMAS AYALA, Alfonso. La Aventura de America. **Revista Actual Investigación**. Mérida, Nº 3-4 septiembre-abril 1968-1969, p. 157-166, Consultado no dia 03/04/2012 em <http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/actualinvestigacion/article/viewArticle/1641>.

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo e História: problemas e alternativas. In: MATA, S. R.; MOLLO, H. M.; VARELLA, F. F. (Orgs.). **Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia**. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto, EdUFOP, 2008, pp. 1-9. Consultado em <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/mury.pdf>, no dia 27/11/2013.

BARRERA, Giulia. **Dangerous Liaisons: Colonial Concubinage in Eritrea, 1890-1941**. Program of African Studies, Northwestern University, 1996.

BARRERA, Giulia. Patrilinearità, Razza e Identità. L'educazione degli italo-eritrei durante il colonialismo italiano (1885-1934). **Quaderni Storici**. 1/Aprile 2002. ISSN: 0301-6307. p. 21-54. Consultado em <http://www.rivisteweb.it/doi/10.1408/7426>

BARRERA, Giulia. The Construction of Racial Hierarchies in Colonial Eritrea. The Liberal and Early Fascist Period (1897-1934). In. PALUMBO, Patrizia (Ed.). **A Place in the Sun**. Africa in Italian Colonial Culture from Post-Unification to the Present. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 2003, p. 81-115.

BACZKO, B. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2013.

BERTIZZOLO, Flora; PIETRANTONIO, Sílvia. A denied reality? Forced labour in Italian colonies in Northeast Africa. **Revista Africana Studia**. n. 7. Consultado em <http://www.africanos.eu/ceaup/index.php?p=k&type=AS&pub=78s=2>

BERTONHA, João Fábio. Um imperialismo dos pobres: o imperialismo italiano da Era Liberal ao Fascismo. In, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (coord.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro, Elsevier. 2009, p. 259-269.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo, Contexto, 2005.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. **Léguas & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana, UEFS, v. 4, nº 3, 2005, p. 186-202.

BORTOLUCI, José Henrique. Para além das múltiplas modernidades: eurocentrismo, modernidade e as sociedades periféricas. **Plural**, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, v. 16, n. 1, pp. 53-80, 2009.

BREPOHL de MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo**. Uberlândia, EDUFU, 2010.

BUGANZA, Jacob. La Otredad o Alteridad en el Descubrimiento de America y la Vigencia de la Utopia Lascasiana. **Razón y Palabra**. México, número 54, Diciembre 2006 - Enero 2007, s/p. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n54/jbuganza.html> Acessado em 03/04/2012.

CARVALHO, M. Geografia e imaginário na Idade Média. **RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, ano 1, vol. 1, n. 1, jul. 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/raega/article/view/17914/11691>. Acesso em: 09 Mar. 2012.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Lisboa, Difel, s/d.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 211-238.

**Collins Cobuild English Dictionary**. Collins Publishers, London and Glasgow, Collins, 1992.

COLLIGNON, Béatrice. Notes sur les fondements des *postcolonial studies*. **EchoGéo**. N° 1; 2007. Disponível em <http://echogeo.revues.org/2089> Acessado em 04/04/2012.

COLOMBERA, Claudia. Fine tragica di uno scrittore... leggendario. **Il Carabiniere**. Abril/2011. Consultado no dia 01/08/2013 em <http://www.carabinieri.it/Internet/Editoria/Carabiniere/2011/04-Aprile/Cultura/056-00.htm>

CORRÊA, Margarida Maria Da Silva. **Da Construção do Olhar Europeu sobre o Novo Mundo ao (re) Descobrimento do Reino Tropical**. Dissertação de Mestrado, UFGO, 1997.



D'ANGELO, Corinne. L'Italia e gli Italiani nelle opere di Emilio Salgari. **Belphegor**. Vol. V, nº. 2, mai 2006. Acessado em 10/10/08, em [http://etc.da.ca/belphegor/vol5\\_no2/articles/05\\_02\\_Pozzo\\_tante\\_fr.html](http://etc.da.ca/belphegor/vol5_no2/articles/05_02_Pozzo_tante_fr.html) s/p.

DE DECCA, Edgar S. Literatura, modernidade e História. **Rua**. Campinas, nº 1, pp. 7 – 35, 1995.

**Longman Dictionary of Contemporary English for Advanced Learners**, New Edition. Harlow, Longman Pearson Education Limited, 2009.

DIAS, Daise Lílian Fonseca. A ideologia imperialista na literatura colonial inglesa. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. **Mneme – Revista de Humanidades**. UFRN. Caicó (RN), v. 9, n. 24, Set/out. 2008.

DIONISI, Maria Gabriella. L'oscuro limite tra realtà e finzione: il caso de *Il tesoro del presidente del Paraguay*. In. GALLI MASTRODONATO, Paola I. Galli. (cura). **Il tesoro di Emilio: Omaggio a Salgari**. Bacchilega Editore, 2008. Disponível em [http://www.unitusdistu.net/index.php?option=com\\_docenti&view=scheda&id=17&Itemid=56&lang=it](http://www.unitusdistu.net/index.php?option=com_docenti&view=scheda&id=17&Itemid=56&lang=it)

**Dizionario Italiano**. Disponível em <http://www.dizionario-italiano.it/>

DO Ó, Alarcon Agra. Edward Said: Entre a Crítica Literária e a Operação Historiográfica. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa, n. 12, jan./ jun. 2005, p. 112-127.

DORÉ, Andréa. Diplomacia e relações comerciais entre o Oriente e o Ocidente: duas experiências do século XIII. **Tempo**. [en línea] 2000. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=167018242008>. ISSN 1413-7704 Acessado em 13/03/2012.

DRIVER, Felix. Geography's empire: histories of geographical knowledge. **Environment and Planning D: Society and Space**, 1992, volume 10. Consultado em 25/08/10. Acessado em <http://74.125.155.132/scholar?>

[q=cache:AGy3LCXmJqsJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as\\_sdt=2000&scioldt=2000.](http://www.jstor.org/stable/1512077)

EEDEN, Jeanne van. The Colonial Gaze: Imperialism, Myths, and South African Popular Culture. Published by: The MIT Press. **Design Issues**, Vol. 20, No. 2 (Spring, 2004), pp. 18-33. Consultado em <http://www.jstor.org/stable/1512077> Acessado em 20/10/2010.

FAETI, Antonio. La valle della luna. In BESEGGI, Emy. **La valle della luna: Avventura, esotismo, orientalismo nell'opera di Emilio Salgari**. Firenze, La Nuova Italia, 1992.

FERRETI, Regina Michelli. Em Demanda às Viagens Maravilhosas do Cavaleiro Medieval. **Anais da III Semana de Estudos Medievais. UFRJ**. Rio de Janeiro, 1995. p. 78-83. Disponível em <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AnaisIIISem.pdf#page=84> Acessado em 06/03/2012.

FOCHESATO, Walter. Avventure di pennini e pennelli. In: BOREO, Pino; FOUCHESATO, Walter; POZZO, Felice. **Il Corsaro Nero nel mondo di Emilio Salgari**. Milano, FrancoAngeli, 2011.

FONSECA, Pedro. Primeiros encontros com a antropofagia ameríndia.: De Colombo a Pigafetta. **Revista Iberoamericana**, LXI, 170-171 (enero-junio), p. 57-79.

FONTANA, Josep. **A Europa diante do espelho**. Bauru, Edusc, 2005.

GALLI MASTRODONATO, Paola I. Dal Corsaro Nero agli ultimi filibustieri: La creazione di un universo alternativo. In. GALLI MASTRODONATO, Paola I. (cura). **Il teroso di Emilio: Omaggio a Salgari**. Bacchilega Editore, 2008.

GALLI MASTRODONATO, Paola Irene, "Lo spazio caraibico: conflitti, schiavitù, avventura", in T. Agostini et al., (eds.). **Lo spazio della scrittura: Letterature comparate al femminile**, Atti del IV Convegno della Società Italiana delle Letterate, Padova: Il Poligrafo, 2004, 479-485 Consultado em <http://dspace.unitus.it/handle/2067/1682> .

GALLO, Claudio. **Piccola biografia di Emilio Salgari**. Bordeaux Edizioni. Consultado em <http://www.bordeauxedizioni.it/?p=1734> no dia 01/08/2013.

GETROST, Kara. **From Innocent Play to Imperial Survey: Adolescent Rites of Passage in the British and German Adventure Novels of Sub-Saharan Africa, 1870-1905**. Tese submetida ao Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade da Carolina do Norte. 2008.

GRAZIA DE, Michele. La storia dell'Africa e del colonialismo italiano nei manuali di storia in uso nelle scuole superiori. **I sentieri della ricerca**. Rivista di storia contemporanea. n. 3/ giugno 2006, p. 131-168. Consultado em <http://www.isrn.it/attivita.cfm?sezione=282&articolo=543>

GREEN, Martin Burgess. **Seven types of adventure tale: an etiology of a major genre**. Pennsylvania. The Pennsylvania State University Press, 1991.

GUALERZI, Giorgio. Salgari e il melodramma: analogie. **Il Nostro Tempo**. 10/07/2011. Consultado em [http://www.ilnostrotempo.it/archiviopdf/2011/tempo\\_26/ILNTEM-PO026G1K\\_021.pdf](http://www.ilnostrotempo.it/archiviopdf/2011/tempo_26/ILNTEM-PO026G1K_021.pdf) Acessado em 01/08/2013.

HERING, Fábio Adriano. **Helenismo e Imperialismo: A Imaginação Histórica Britânica e a Construção Moderna da Grécia Antiga**. Tese de doutorado. Departamento de História da Unicamp. 2006.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

**HOUAISS Eletrônico**. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva, 2009.

IGLÉSIAS, Francisco. Encontro de duas culturas: América e Europa. **Estudos Avançados**. vol. 6, no. 14. São Paulo, Jan./Apr. 1992, p. 23-37. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141992000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100003) Acessado em 03/03/2012.

IWAI, Marcia Miyuki. **O romance de aventura europeu e a construção do Outro:** Uma análise de *O mundo perdido* (1912), de Arthur Conan Doyle. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Ciências Sociais da PUC-SP, 2010.

IWAI, Marcia. Os papéis do Inglês, de Ruy Duarte de Carvalho, e a desconstrução do romance de aventura. **Aurora**. Revista de Arte, Mídia e Política. São Paulo, nº 6, 2009. Consultado no site <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/issue/view/307/showToc> no dia 20/07/2012.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

LABANCA, Nicola. **La politica del colonialismo italiano, i suoi miti e la sua memoria**. Consultado em [http://www.treccani.it/scuola/tesine/colonialismo\\_italiano/1.html](http://www.treccani.it/scuola/tesine/colonialismo_italiano/1.html) no dia 19/01/13.

LE HUENEN, Roland. Réflexions dans la marge: le pirate, de l'histoire au discours. In.: REQUEMORA, Sylvie, et LINON-CHIPON, Sophie (textes réunis). **Les tyrans de la mer**: pirates, corsaires et flibustiers. Paris, Presse de L'Université de Paris-Sorbonne, 2002, p. 403-412.

LETOURNEUX, Mathieu. “Alora tu l’ami quella visione”. Illustration et réception du cycle Indo-Malais d’Emilio Salgari. **Interval(les)s**. Liège, v. II, n. 3 (Été 2008). Disponível em <http://www.cipa.ulg.ac.be/intervalles3/letourneux.pdf> Consultado em 27/04/11.

LIMA, Vera. O Livro das Maravilhas: Um Mapa de Várias Encruzilhadas. **Anais da III Semana de Estudos Medievais**. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. p. 84-89. Disponível em <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AnaisIIISem.pdf#page=84> Acessado em 06 mar 2012.

LOYN, Henry. R. (org.) **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LUCAS, Ann Lawson. Decadence for kids: Salgari's *Corsaro Nero* in Context. In. MCGILLIS, Roderick.(ed,) **Children's Literature and the *Fin de Siècle***. Westport, Praeger Publishers, 2003, p. 81-2.

LUCAS, Ann Lawson. The archetypal adventures of Emilio Salgari: a panorama of his universe and cultural connections. Colchester, **New Comparison: A Journal of Comparative and General Literary Studies**. n. 20, Autumn 1995; p. 96-105.

LUZI, Alfredo. Emilio Salgari e *Il Re del Mare*. Un romanzo tra esotismo e tecnologia. In **Belphegor**. Vol. X, nº. 2, ago 2011. Acessado em 04/08/13, em [http://etc.dal.ca/belphegor/vol10\\_no2/articles/10\\_02\\_luzial\\_salgar\\_it.html](http://etc.dal.ca/belphegor/vol10_no2/articles/10_02_luzial_salgar_it.html).

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. Robinson Crusoé, o único livro de Emílio. **Revista Itinerários**, Araraquara, 17, 201-210, 2001. Consultado em <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/3460/3226> no dia 22/02/2013.

MAINKAS, Peter Johann. Os fundamentos da identidade europeia na antiguidade, na idade média e nos tempos modernos. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 33, n. 1, p. 57-69, 2011. Consultado no dia 07/04/2012 em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/13244>

MARILUNGO, Antonella. Impressioni d'Africa. In.: BESEGHI, Emy. **La valle della luna: Avventura, esotismo, orientalismo nell'opera di Emilio Salgari**. Firenze, La Nuova Italia, 1992, p. 77-103.

MARTINS, Marcel Alves. **O Eurocentrismo nos Programas Curriculares de História do Estado de São Paulo: 1942-2008**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

MONTROSE, Louis. The Work of Gender in the Discourse of Discovery. In. GREENBLATT, Stephen (Ed.). **New World Encounters**. Berkeley, Los Angeles, Oxford, University of California Press, s/d.

MORAES, Carla Denize. **Robinson Crusóe em Foe**: Coetzee lê Defoe com as lentes do pós-colonialismo. 2012. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2012. Consultado em <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1578> no dia 16/01/14.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900**. Perdizes, Boitempo Editorial, 2003.

MORGADO, Margarida. Concepções imaginárias e políticas de identidade sexual nas ficções de ‘rapariga’ no início do século XX em Inglaterra. In. MUÑOZ, Ángel Suárez; NUÑEZ, Eloy Martos. (Coord.) **Meeting of the National and Cultural Identity in Children's Literature and Media Grou**. Actas Seminario Internacional y Exposiciones de Literatural Infantil. Badajoz, Servicio de Publicacionez Disputación Provincial Badajoz, 2000. Consultado no dia 29/01/2011 em <http://www.alonsoquijano.org/cursos2004/animateca/recursos/Biblioteca%20virtual/C1.%20Tradiciones%20y%20Literatura%20Infantil/19.%20Margarida%20Morgado.pdf>

MOURA, Jean-Marc. **La littérature des lointains**. Histoire de l'exotisme européen au XXe siècle. Paris, Honoré Champion, 1998.

**Oxford Dictionairy**. Consultado em <http://oxforddictionaries.com/> .

PASTOR, Jaime. Identidad y Crisis de Europa. **Revista internacional de filosofía política**. Iztapalapa, Año 2008, n. 31. Consultado em 21/02/2012 Acessado em <http://e-spacio.uned.es:8080/fedora/get/bibliuned:filopoli-2008-30-28586183-E935-5C36-E4FC-C30933DD548D/PDF>.

PEDLEY, Mary Sponberg. O comércio de mapas na França e na Grã Bretanha durante o século XVIII. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37, pp. 15-29, Jan/Jun 2007.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre Histórias, Fotografias e Objetos**: imigração italiana e memórias de mulheres. Tese submentida ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PERRON, Jean-François. **Flibustiers, Corsaires et Pirates**: L'impact des leurs actions sur le déclin de l'empire espagnol d'Amérique au XVIIe siècle. Dissertação submetida ao Departamento de Estudos Regionais da Universidade do Quebec à Chicoutimi, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Em línea]**, Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006.

PICCININI, Giordana. Gli ultimi gentiluomini di Ventura. In.: BESEGHI, Emy. **La valle della luna**: Avventura, esotismo, orientalismo nell'opera di Emilio Salgari. Firenze, La Nuova Italia, 1992, p. 105-122.

POZZO, Felice. **Emilio Salgari e Dintorni**. Napoli, Linguori Editore, 2000.

POZZO, Felice. Il tempo perduto dei corsari gentiluomini. In: BOREO, Pino; FOCESATO, Walter; POZZO, Felice. **Il Corsaro Nero nel mondo di Emilio Salgari**. Milano, FrancoAngeli, 2011.

POZZO, Felice. Tante avventure, tante ristampe... ma non tanti soldi!! **Belphegor**. Vol. V, nº. 2, mai 2006. Acessado em 10/10/08, em [http://etc.da.ca/belphegor/vol5\\_no2/articles/05\\_02\\_Pozzo\\_tante\\_fr.html](http://etc.da.ca/belphegor/vol5_no2/articles/05_02_Pozzo_tante_fr.html)

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, EDUSC, 1999.

RAMSEY-PORTOLANO, Catherine. Fausta Cialente tra letteratura e giornalismo: un'attenzione costante al mondo femminile. **Cuadernos de Filología Italiana**. Madrid, 2012, vol. 19, p. 237-251. Consultado em <http://revistas.ucm.es/index.php/CFIT/issue/view/2356/showToc> no dia 29/072013.

RÊGO, Manuela, CASTELO-BRANCO, Miguel. **Antes das playstations**: 200 anos do romance de aventuras em Portugal. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.

RUGANTI, Nicola. La Perla di Labuan. A Duello con Salgari. **Rivista Gli Asini**. In. Minima&Moralia, 27/05/2011 Consultado em <http://www.minimaetmoralia.it/wp/la-perla-di-labuan-a-duello-con-salgari/> no dia 01/08/2013.

SAID, **Cultura e Imperialismo**. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

SAID. Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

SANNA, Angelo. Emilio Salgari – La tragedia di un uomo che rendeva avventurose le vite degli altri. **Amedit-Amici del Mediterraneo**, trimestrale di Storia, Arte, Cultura, Costume, Società. Pubblicato il 23 settembre 2012. Consultado em <http://amedit.wordpress.com/2012/09/23/emilio-salgari-la-tragedia-di-un-uomo-che-rendeva-avventurose-le-vite-degli-altri/> Acessado em 01/08/2013.

SATRAGNI, Simonetta Petruzzi. **Salgari e il Melodramma. Gli echi dell’Opera nell’opera di Salgari**. Roma, Il Cubo editore, 2011.

SHOWALTER, E. **Anarquia sexual – Sexo e cultura no Fin-de-siècle**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da Antiguidade. **História**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 98-118, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo, Contexto, 2009.

SILVA, Karla Janaína Alexandre da. Visões da América. Transformações culturais a partir do descobrimento. **Ao pé da letra**, n. 4, v.1, p. 79-85. 2002, p. 81. Consultado em [http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%204.1/Karla\\_Janaina\\_Alexandre\\_da\\_Silva--Visoes\\_da\\_America\\_Transformacoes\\_culturais\\_a\\_partir\\_do\\_descobrimento.pdf](http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%204.1/Karla_Janaina_Alexandre_da_Silva--Visoes_da_America_Transformacoes_culturais_a_partir_do_descobrimento.pdf) no dia



05/12/2013.

STRAZZA, Michele. Faccetta nera dell'Abissinia. Madame e meticci dopo la conquista dell'Etiopia. **Humanities**. Anno 1, numero 2, giugno 2012. p. 116-133. Consultado em <http://humanities.unime.it/riviste/2/Strazza.pdf> no dia 09/07/2013.

TADIÉ, Jean-Yves. **Le roman d'aventure**. Paris, PUF, 1982.

TAMAGNONE, Filippo. Emilio, le tigri e la penisola di Mompracem. Salgari cent'anni dopo. **Quaderni del Bobbio**: Rivista di approfondimento culturale dell'I.I.S. Norberto Bobbio di Carignano. n.3 anno 2011, p. 3. Consultado no dia 22/11/13 em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zCIR55SYDpgC&oi=fnd&pg=PA1&dq=%22roberto+antonetto+%2B+salgari%22&ots=ULO4l1IzY3&sig=mwVZsTlvi7Ii708p-74HqrTzr1w#v=onepage&q=%22roberto%20antonetto%20%2B%20salgari%22&f=false>

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **Nous et les autres**: la réflexion française sur la diversité humaine. Paris, Seuil, 1992.

TRIULZI, Alessandro. Ritorni di memoria nell'Italia Postcoloniale. In Bottoni, Riccardo ed., **L'impero fascista**. Italia ed Etiopia (1935-1941). Bologna: il mulino, 2008, pp. 573-598 Consultado em [http://docenti.unior.it/index2.php?content\\_id=20074&content\\_id\\_start=1](http://docenti.unior.it/index2.php?content_id=20074&content_id_start=1) No dia 09/07/2013

VENAYRE, Sylvain. **La gloire de l'aventure**: genèse d'une mystique moderne (1850-1940). Paris, Aubier, 2002a.

VENAYRE, Sylvain. **Rêves d'aventures. 1800-1940**. Paris, Éditions de la Martinière, 2006.

VENAYRE, Sylvain. Une histoire des représentations: l'aventure lointaine dans la France des années 1850-1940. **Cahiers d'Histoire. Revue d'Histoire Critique**, nº, 84, 2001, p. 93-112. Disponível em <http://chrhc.revues.org/index1856.html> Acessado em 12/03/2012.

VENAYRE, Sylvain. L'évènement de l'aventure. Les figures de l'aventure lointaine dans la France des années 1850-1940. Thèse pour le doctorat en histoire. **Revue d'histoire du XIX siècle**, nº 24, 2002b, p. 5. Consultado em <http://rh19.revues.org/409> no dia 07/12/2012.

VERDÚ, Jaime Pastor. Eurocentrismo, europeísmo y eurofobia. In **Conceptos y Fenómenos Fundamentales de Nuestro Tiempo**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, Marzo 2010. Consultado em <http://conceptos.sociales.unam.mx/> no dia 20/02/2012.

VERGÉS, Françoise. La memoria como resistencia. **Revista internacional de filosofía política**. Iztapalapa, Año 2008, n. 31, pp. 49-65. Consultado em 21/02/2012 Acessado em <http://e-spacio.uned.es:8080/fedora/get/bibliuned:filopoli-2008-30-28586183-E935-5C36-E4FC-C30933DD548D/PDF>

VISIOLI, Ivan. **Salgari dal giornale al libro**. Sviluppo delle strategie narrative salgariane (1883-1903). Tese submetida ao Departamento de Italianística da Universidade dos Estudos de Trieste. 2005-2006.

VOLPATO, Chiara. La violenza contro le donne nelle colonie italiane. Prospettive psicosociali di analisi. **DEP Deportate, esuli, profughe**. Rivista telematica di studi sulla memoria femminile. n. 10/2009. Consultado em <http://www.unive.it/media/allegato/dep/n10-2009/Ricerche/Volpato.pdf> no dia 07/08/2013.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo, Cosac Naify, 2012.